

CELSO REIS MACEDO

*Tratados Quadregesimais e da Páscoa*, de Antônio Feo:  
edição crítica dos seis últimos tratados da Semana Santa

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Linguística.

Área de Concentração: Linguística teórica e descritiva

Linha de Pesquisa: Estudo da Variação e Mudança Linguística.

Orientador: Prof. Dr. César Nardelli Cambraia

Belo Horizonte  
Faculdade de Letras da UFMG  
2009

## Ficha catalográfica

Dissertação defendida e \_\_\_\_\_ em Agosto de 2009, pela banca examinadora constituída pelos professores doutores:

---

Prof. Dr. César Nardelli Cambraia (UFMG) – Orientador

---

Prof. Dr. José Américo de Miranda Barros (UFMG)

---

Profa. Dra. Melânia Silva de Aguiar (PUC-MG)

*À minha esposa Débora e meus filhos Samuel e Rafael.*

## AGRADECIMENTOS

Ao Professor Dr. César Nardelli Cambraia, pela disponibilidade com que acolheu meu objeto de pesquisa, pela forma com que conduziu o processo de orientação e pela generosidade com que partilhou seu saber e experiências diante de minhas dúvidas.

À Professora. Dra. Maria do Carmo Viegas, pelo parecer favorável ao projeto que deu origem a este trabalho.

Ao Professor Dr. Cláudio Leitão, por ter me iniciado no fascinante mundo da pesquisa.

À Biblioteca de Mariana nas pessoas de Monsenhor Flávio, Luciana e Glória, por permitirem consulta seguida de reprodução digital e conferência da edição de 1612, em janeiro de 2008.

À amiga Luciene por ter intermediado os contatos junto à Biblioteca do Pregador de Mariana.

À Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro por ter permitido a reprodução em microfilme da edição de 1613.

Ao bibliotecário Luís Antônio e ao amigo Fernando, pela gentileza da liberação e por viabilizarem em tempo hábil a reprodução em microfilme da edição de 1613.

À Biblioteca da Universidade Federal de São João Del Rei, por ter permitido a reprodução digital e conferência da edição de 1609, em Novembro de 2008.

Aos bibliotecários da Universidade Federal de São João Del Rei (Elida, Celene e Ricardo), por tão gentilmente permitirem e acompanharem a consulta à edição de 1609 em Novembro de 2008.

Aos Professores Dr. Antônio Luiz Assunção e Dra. Eliana Tolentino, pela força, estímulo, através das boas conversas, e por sempre acreditarem no meu trabalho.

Ao Professor Ms. Geraldo Tibúrcio de Almeida e Silva, mestre e amigo, pela confiança que depositou em meus estudos.

Aos amigos Ilma Magalhães e Gilson pela partilha de suas experiências e por serem meu suporte nas horas de titubeio.

Aos amigos André, Carolina e Carla, companheiros que tornaram as viagens ainda mais agradáveis.

Aos amigos Edson, Edgar, Eduardo, Davi, Breno, pela generosidade com que me acolheram e pelos bons momentos em Belo Horizonte.

Aos Diretores e Professores do Colégio Revisão, pelas constantes mudanças e desdobramento de horário, quando do cumprimento das disciplinas.

À Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela concessão de três meses de bolsa de estudo (outubro a dezembro 2008).

Aos meus sogros, José Antero e Marina, por serem o suporte de minha casa, quando da minha ausência.

Ao meu pai Jaime, meu porto seguro, por ter feito o possível e impossível para que eu tivesse condições de estudar e com dignidade aspirar vôos mais altos.

Aos meus irmãos Goretti e Paulo César, colunas da minha existência: saibam que vencemos juntos.

À minha mãe, saudosa Luiza, que, com firmeza e docilidade dosadas, conduziu os primeiros momentos de minha história com as Letras e soube como mestra plantar a paixão pelos estudos.

À minha esposa Débora, por ter se desdobrado durante todo esse tempo na criação de nossos lindos Samuel e Rafael além de aceitar me dividir com a crítica textual; por comigo vibrar com cada fase cumprida e ser a razão maior de minhas conquistas.

A todos que direta e indiretamente torceram e participaram para que fosse possível a realização deste sonho.

A Deus, por me amar infinitamente e pela sua providência manifestada em todos e em tudo que tem tornado possível minha caminhada. Confesso, muito além de meu merecimento.

“Tudo posso Naquele que me fortalece.”  
Filipenses, 4:13

## SUMÁRIO

	Pág.
<b>RESUMO.....</b>	<b>09</b>
<b>ABSTRACT .....</b>	<b>10</b>
<b>LISTA DE ABREVIATURAS.....</b>	<b>11</b>
<b>LISTA DE QUADROS.....</b>	<b>11</b>
<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>12</b>
<b>CAPÍTULO 1 – FREI ANTÔNIO FEO: AUTOR E OBRA .....</b>	<b>13</b>
1.1 Autor .....	13
1.2 Obra .....	13
1.2.1 Conjunto da obra .....	14
1.2.2 Contexto histórico da obra.....	15
1.2.3 <i>Tratados Quadragesimais e da Páscoa</i> e os seis últimos tratados da Semana Santa.....	17
1.2.3.1 Doutrina dos seis últimos tratados da Semana Santa .....	19
1.2.3.2 Breve resumo dos tratados.....	21
1.2.3.3 Tradição da obra: estudo.....	23
1.2.3.3.1 Percurso histórico .....	23
1.2.3.3.2 Testemunhos.....	24
1.2.3.3.3 Estema .....	26
<b>CAPÍTULO 2 – EDIÇÃO CRÍTICA DOS SEIS ÚLTIMOS TRATADOS DA SEMANA SANTA .....</b>	<b>31</b>
2.1 Sigla das edições.....	31
2.2 Normas de edição.....	31
2.2.1 Texto-base.....	31
2.2.2 Transcrição.....	31
2.3 Texto e aparato crítico .....	34
<b>APÊNDICE: EDIÇÃO DIPLOMÁTICA DOS SEIS ÚLTIMOS TRATADOS DA SEMANA SANTA .....</b>	<b>132</b>
A1 Normas de edição: transcrição.....	132
A2 Texto da edição diplomática .....	133
<b>ANEXO A – Folha de rosto da edição A (1609).....</b>	<b>204</b>
<b>ANEXO B – Folha de rosto da edição B (1612) .....</b>	<b>205</b>
<b>ANEXO C – Folha de rosto da edição C (1613).....</b>	<b>206</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>207</b>

## RESUMO

Esta dissertação apresenta a edição crítica dos seis últimos tratados da Semana Santa, contidos nos *Tratados Quadragesimais e da Páscoa* de Frei Antônio Feo (1572-1627) da Ordem dos Pregadores. O fato desta obra em língua portuguesa estar completando 400 anos de sua primeira edição, somado à importância para os estudos de parenética, literatura dos conventos no século XVII e os estudos do gênero “tratado” justificam naturalmente diversos trabalhos a respeito. Este em particular apresenta-se dividido em quatro partes: a introdução justifica a edição dos seis últimos tratados da Semana Santa; o primeiro capítulo contém informações sobre o autor (Frei Antônio Feo) e sobre a tradição da obra como o contexto histórico em que a obra está inserida. Por se tratar de um texto religioso, disponibilizamos um breve estudo da doutrina abordada, seguido de um resumo dos tratados. Com base na bibliografia, apresentamos o percurso histórico, os testemunhos encontrados e o estema com a genealogia do texto; no segundo capítulo, apresentam-se as siglas das edições cotejadas, as normas de edição que foram adotadas no estabelecimento do texto crítico, o texto e o aparato crítico. Por fim, no apêndice, apresenta-se a edição diplomática da edição de 1612 com uma transcrição rigorosamente conservadora de todos os elementos presentes no modelo, com o intuito de facilitar a leitura, bem como um anexo com as folhas de rosto das edições consultadas.

## ABSTRACT

This dissertation presents a critical edition of the last six *Tratados da Semana Santa* enclosed in *Frei Antonio Feo's* (1572-1627) *Tratados Quadragesimais e da Páscoa da Ordem dos Pregadores*. Studies about this piece of work - written in the Portuguese language - are justified by the fact that it is now completing 400 years since its first edition, added to its importance to the studies of Holy Eloquence, literature of convents in the seventeenth century and studies of the genre 'treatises'. This research is divided into four parts: the introduction justifies the edition of the last six *Tratados da Semana Santa*; the first chapter brings information about the author (Frei Antonio Feo), as well as the tradition of the work – such as its historical context. As we are dealing with a religious text, a brief study of the adopted doctrine is also available. Based on the bibliography, we present the historical journey, the testimonies which were found and the stemma of the text. The second chapter presents the abbreviations of the collated editions, the editing norms adopted in the establishment of the critic text, the text itself and the critic apparatus. Finally, the appendices offer the diplomatic edition of the 1612 edition, along with a strictly conservative transcription of all the elements in the model, so as to facilitate the reading; as well as an appendix containing the cover sheets of the consulted editions.

## LISTA DE ABREVIATURAS

art. – artigo	n <sup>o</sup> - número
Bibl. – Biblioteca	nums. – números
BN – Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro	obl. – oblíquo
Cant. – Cântico	OP – Ordem dos Pregadores
cf. – conferir	P. – Padre
cap. – Capítulo	p. – página
conj. – Conjunção	perf. – perfeito do indicativo
D. – Dom	pret. – pretérito
eds. – Edições	pron. – pronome
f. – fôlio	r.- <i>recto</i>
FD – Faculdade de Direito	Séc. – Século
Fl(s). – Fólio(s)	set. – setembro
Fr. – Frei	UFSJ – Universidade Federal de São João del-Rei.
hom. - homilia	v. – <i>verso</i>

## LISTA DE QUADROS

	Pág.
Quadro 1 – Organização interna dos seis últimos tratados da Semana Santa .....	18
Quadro 2 – Lista de variantes relevantes entre os testemunhos .....	27
Quadro 3 – Representação da distribuição das variantes relevantes .....	29

---

## INTRODUÇÃO

---

O presente trabalho tem como objetivo apresentar uma edição crítica dos seis últimos tratados da Semana Santa que estão na obra *Tratados Quadragesimais e da Páscoa*, composta por Frei Antônio Feo (1572-1627), cuja primeira edição foi publicada em Lisboa no ano de 1609.

A importância da obra de Frei Antônio Feo O.P. para os estudos de parenética e literatura dos conventos no século XVII, por si só, seria argumento suficiente para justificar qualquer trabalho a respeito. Há, entretanto, motivos específicos que nos levaram a editar parte dos tratados da Semana Santa, de Antônio Feo.

Primeiramente, a edição dos tratados contribui para os estudos de crítica textual, porque se trata de uma obra impressa em um contexto de mudança de método de reprodução. Poder-se-ia pensar que na impressão de um texto, no passado, se eliminariam as alterações comuns de cópias de textos manuscritos, porém a complexidade do processo de impressão também tornava o texto suscetível a alterações. A presente edição contribuirá para as discussões sobre essa mobilidade dos textos no processo de impressão.

Em segundo lugar, a referida edição tem muito a acrescentar em relação à linguística histórica portuguesa, visto que os tratados de Frei Antônio Feo documentam o uso da língua do séc. XVII na modalidade escrita em um gênero específico (os tratados).

Em terceiro lugar, não podemos deixar de lembrar que a edição em questão também apresenta contributo para os estudos comparativos das línguas românicas, pois temos conhecimento de traduções dessa obra para o castelhano e francês em épocas muito próximas. Essas traduções, junto à presente edição, podem oferecer condição favorável à elaboração de estudos comparados, linguísticos e/ou literários.

Em quarto lugar, a presente edição facilita sua leitura e permite que estudiosos de diversas áreas, por exemplo os críticos literários, teólogos, entre outros, tenham acesso ao texto em questão, podendo realizar suas atividades e alcançar seus objetivos.

---

## CAPÍTULO 1

### FREI ANTÔNIO FEO: AUTOR E OBRA

---

#### 1.1 Autor

Segundo Silva (1858, p. 142), Frei Antônio Feo<sup>1</sup> nasceu em Lisboa em 1573<sup>2</sup>, filho de Pedro Fernandes de Gouvêa e Izabel Fea. Nasceu em uma família nobre e católica. Foi batizado na Sé em 10 de Novembro de 1573. Ingressa no Convento Dominicano<sup>3</sup> em Lisboa em 14 de Abril de 1589. Foi um dos mais célebres pregadores de sua idade sendo ouvido nos maiores púlpitos e com geral aclamação. Admiravam a veemência dos afetos e delicadeza dos pensamentos, corroborando os discursos com multiplicidade de textos da Escritura e abonações dos Padres da Igreja Latina e Grega. Foi confirmado Pregador Geral no Capítulo Geral celebrado em Paris no ano de 1611. Prior do Convento d’Azeitão, Reitor do Colégio de Coimbra e Examinador das três ordens militares. Faleceu sendo prior do Convento da Batalha em Lisboa em 1627, com 55 anos de idade<sup>4</sup>.

#### 1.2 Obra

O interesse pela obra partiu de um encontro fruto de uma busca, pois arduamente almejava-se um objeto onde pudessem ser aplicados os conhecimentos e técnicas da crítica textual. Assim, por várias vezes, nos debruçamos à busca de obras que pudessem atender a nosso propósito. Em uma dessas andanças deparamos-nos com um texto datado de 1609, primeira edição com a qual tivemos contato. A data nos chamou a

---

<sup>1</sup> Há uma variação do sobrenome do autor: foram encontradas as variantes para *Feo* como *Feyo*, *Fejo*.

<sup>2</sup> Até o momento não foi precisado nem o dia nem o ano exato do nascimento de Frei Antônio Feo. Encontramos o registro de anos diferentes para seu nascimento, 1572 e 1573. Adotamos 1573 com base nos dados dos autores mais renomados e mais próximos do tempo do autor.

<sup>3</sup> A Ordem dos Pregadores (*Ordo Prædicatorum*, O. P.), também conhecida por Ordem dos Dominicanos ou Ordem Dominicana, é uma ordem religiosa católica que tem como objetivo a pregação da mensagem de Jesus Cristo e a conversão ao cristianismo. Foi fundada in Toulouse, França, no ano de 1216 por São Domingos de Gusmão, sacerdote castelhano, o qual era originário de Caleruega.

<sup>4</sup> Muitos outros dados sobre a vida de Antônio Feo devem estar contidos na dissertação de mestrado de Fernando Augusto Andrade Parreira, *Fr. António Feo – Contribuição para o estudo do Homem e da Obra*, da Faculdade de Letras da Universidade do Porto (1999), a que não pudemos ter acesso por a legislação daquela localidade impedir reprodução.

atenção, pois tratava-se de um texto escrito há 400 anos exatos. Uma maneira de retribuir à generosidade desse encontro, nada mais pertinente que se debruçar sobre a reconstituição de parte desse texto e torná-lo conhecido.

### 1.2.1 Conjunto da obra

Apesar de, curiosamente, não figurar nos catálogos bibliográficos recentes da literatura portuguesa do séc. XVII (cf. LISBOA, 1985; RAMOS, 1963; REMEDIOS, 1921), Antônio Feo deixou um significativo rol bibliográfico comparado aos autores de sua época. Alguns de seus tratados foram registrados e puderam chegar até os nossos dias. Seus tratados mereceram impressão por multiplicadas vezes e tradução para castelhano e francês (MATOS, 1878, p. 235). Pela pesquisa bibliográfica realizada, sabe-se até o presente momento de pelo menos quatro grandes obras:

#### 1<sup>a</sup>) *Tratados Quadragesimais e da Páscoa*:

- 1609 – *Tratados Quadragesimais e da Páscoa*, publicados por Jorge Rodrigues em Lisboa;
- 1612 – 2<sup>a</sup> edição dos *Tratados Quadragesimais e da Páscoa*, publicados por Jorge Rodrigues em Lisboa;
- 1613 – 3<sup>a</sup> edição dos *Tratados Quadragesimais e da Páscoa*, publicada em português por Luís Manescal em Lérida (Espanha);
- 1614 – Tradução por Fr. Francisco Morago, Ordem dos Mercedários, para o castelhano dos *Tratados Quadragesimais e da Páscoa*, publicada sob o título de *Tratados Quadragesimales y de la Pascua em Valladolid* por Juan de Rueda e em Valencia por Pedro Patricio;
- 1618 – Tradução para o francês por Fr. Raymundo Hezecques Dominico dos *Tratados Quadragesimais e da Páscoa*, publicada sob o título *Doctes y Rares Sermons pour Tous Jours de la Quaresme* em Paris por Sebast. Cramoysi.

#### 2<sup>a</sup>) *Tratados das Festas e da Vida dos Santos*

- 1612 – *Tratados das Festas e da Vida dos Santos*, 1<sup>a</sup> parte publicada por Pedro Craesbeeck e 2<sup>a</sup> parte por Jorge Rodrigues, ambas em Lisboa;
- 1614 – 2<sup>a</sup> edição dos *Tratados das Festas e da Vida dos Santos*, publicada por Lourenço Déu em Barcelona;

3<sup>a</sup>) *Tratados das Festas da V. Senhora Nossa*

1615 – *Tratados das Festas da V. Senhora Nossa em Lisboa* (não consta impressor);

4<sup>a</sup>) *Sermão das Exequias que a Sancta See e Cidade de Coimbra*

1621 – *Sermão das Exequias que a Sancta See e Cidade de Coimbra de Cômũ Cõcordia Fizeraõ na Morte do Catolico Rey D. Felipe Nosso Senhor, Terceiro de Nome et Segundo Rey de Portugal em Lisboa* por Pedro Craesbeeck.

Identificou-se, também, uma publicação cujo vínculo com as demais não está claro, mas poderia estar relacionada, como indica o título, com o *Sermão* de 1621: trata-se da obra *Sermões*, publicada em 1617 em Baeza (não consta impressor).

## 1.2.2 Contexto histórico da obra

Em 1609, em Portugal, a produção literária mais abundante era a da edificação religiosa como podemos comprovar no grande número de sermões, hagiografias, tratados, dentre outros, talvez propiciada pelas circunstâncias que se iniciaram no séc. XVI e permaneceram até o séc. XVII como: importância numérica da população eclesiástica, controle dos meios de difusão da cultura pelas ordens religiosas, orientação escolástica das universidades, repressão inquisitorial e devoção popular. Percebe-se que a obra de Feo apresenta elementos que comprovam sua inserção neste contexto (SARAIVA & LOPES, 1975). Um exemplo é o fato de que a obra foi submetida aos rigorosos dispositivos de controle da Igreja da época, como podemos ver no texto tirado das páginas iniciais dos tratados.

Frei Inácio de Santo Domingo, mestre em santa Teologia conforme a comissão do muito reverendo padre nosso Frei João da Cruz provincial da ordem dos pregadores desta província de Portugal, passei este livro (...) o li com muita atenção sem nele achar coisa alguma contra nossa santa fé, doutrina dos padres e bons costumes. Antes todas as coisas dele são conforme as escrituras e santos. (FEO, 1609, f. 1)

No século XVII, houve um grande número de obras publicadas, propiciado pelo incremento da imprensa. Acredita-se que existiam 50 prelos em Lisboa, e em todo o território português um total de 70. Este grande número de prensas deve-se à associação do impressor com o editor e com o livreiro, além das três funções poderem ser exercidas

por única pessoa. Dessa maneira, surgiu um tipo comercial novo: o editor-impressor-livreiro que era patrono da obra, técnico da impressão e comerciante da obra, segundo afirma Souza (2007).

O século XVII, em Portugal, é marcado pelo domínio político da Espanha que durou seis décadas (1580-1640). Em 1609, Portugal e Espanha estavam sob a regência de Felipe III. Esta situação deixou também marcas na dimensão social, cultural e percebe-se que nem a religião conseguiu apaziguar os conflitos resultantes da disputa pela supremacia por parte da Espanha (SERRÃO, 1978). Isso fica evidente na edição de 1614, traduzida para o castelhano por Frei Francisco Morago, que diz na nota ao leitor:

Este livro em língua portuguesa, com título de Tratados quadragesimais e da Páscoa do Padre Frei Antônio Feo da ordem de São Domingo, vindo às minhas mãos e havendo-se lido com particular cuidado e consideração e causando-me admiração a doutrina e estilo tão solene e digno de crédito e sobre tudo seu espírito e erudição tão notável (coisas que poucas vezes sucedem andar juntas) deixando-se ler com mais gosto e servir-me mais facilmente de cântico tesouro, fui traduzindo pouco a pouco. Tendo-se já em nossa língua castelhana ( que pelo muito que se tem estendido pelo mundo, quase se há feito tão geral como a latina) foi crescendo minha aficção ao autor e ao mesmo passo a estimação de suas partes. (FEO, 1614. f. 6; tradução nossa)<sup>5</sup>.

Frei Antônio Feo dirige sua obra a Dom Afonso de Castel-Branco, bispo de Coimbra, Conde d'Arganil, senhor de Coja, do Conselho do Estado e diz o mesmo que os tratados foram impressos com seu favor e mercês. Assim faz-se necessário um breve histórico sobre quem foi Dom Afonso de Castel-Branco:

Para satisfazer os portugueses que se haviam sentido com a demissão de Cristóvão de Moura, contrário ao perdão geral dos hebreus, Filipe II escolheu para vice-rei um eclesiástico de bom nome. Tratava-se de D. Afonso Castelo-Branco, nascido em 1522 e filho natural de um antigo aldeão da sé de Lisboa. Era mestre em Artes (1557) e doutor em Teologia (1565) pela Universidade de Coimbra, o que por qualquer motivo revela estudos tardios. A proteção do Cardeal D. Henrique elevou-o a arcebispo de Penela, depois a seu esmoler e capelão-mor, passando de cônego magistral da sé de Coimbra a idêntica dignidade no arcebispado de Évora. Abraçou a causa dos Filipes subiu velozmente a escada das honrarias, como deputado da Mesa da Consciência e Ordens e comissário da Bula de Cruzada, sendo feito bispo de Algarve em 1581 e, quatro anos depois, bispo-conde de

---

<sup>5</sup> No original: “Este libro en lengua portuguesa, con título de Tratados Quadragesimales del Padre Fray Antônio Feo de la ordem de Santo Domingo, vino a mis manos, y avendose ley do con particular cuydado y consideração y causandome admiração a doutrina, y estilo tan grave y levantado, y sobre todo, seu espíritu y erudicion tan notable (cosas que pocas vezes sucedém andar juntas) deixando leerse con mas gusto, y valerme mas facilmente de cântico tesoro, se fui traduziendo poco a poco. Teniendose ya ém nuestra lengua Castelhana (que por lo mucho que se há estendido por el mundo, casi se há hecho tan general como la latina) fue creciendo mi aficiou al autor, y al mismo passo la estimacion de sus grandes partes.”

Coimbra. A sua ação pastoral suscitou no tempo os maiores ecômios, pela dignidade de que revestiu o seu múnus e pela vida esmoler de que deixou testemunho em Coimbra. Durante a peste de de 1599 fora de grande auxílio à população. Foi escolhido para o governo de Portugal tomando posse em 20 de agosto de 1603. em 02 de Janeiro de 1605 retorna para o Paço episcopal de Coimbra, liberto das obrigações civis. (SERRÃO, 1978, p. 61-62)

Os tratados de Antônio Feo inserem-se na II época da Era Clássica da literatura portuguesa, em que encontramos um ambiente espiritual que produziu alguns dos maiores valores da literatura em Portugal. A atmosfera moral dessa época é marcada pelo misticismo religioso, o profetismo sebastianista, o culteranismo literário, o filosofismo tomista, a cabala e o academicismo. O misticismo apresenta muitos e variados sermões além das obras impressas, que tinham como eixo temático a teologia mística, a edificação moral e religiosa e a catequese, segundo Figueiredo (1955, p.145). As obras impressas, por vezes, aparecem organizadas e denominadas “tratados”.

Os tratados religiosos são estudos formais e sistemáticos sobre determinado assunto de cunho religioso ou acadêmico-religioso. Apresentam uma teoria bem fundamentada, abrangente e aprofundada, sendo bem mais extensos do que sermões religiosos. Os tratados normalmente eram publicados em formato de livro, ou livros, ou ainda em formato de bibliotecas, os mais extensos.

### 1.2.3 *Tratados Quadragesimais e da Páscoa* e os seis últimos tratados da Semana Santa

A primeira das grandes obras de Frei Antônio Feo – *Tratados Quadragesimais e da Páscoa* – está dividida em duas partes, em todas as edições. Essas partes estão em um único volume, mas com a separação devidamente identificada.

Deve-se alertar para o fato de que essas duas partes não correspondem cada uma a um texto individual – a edição de 1612 contém 734 páginas: a primeira parte compreende 356 páginas; a segunda, 378 páginas. Os *Tratados Quadragesimais* estão distribuídos pelas 356 páginas da primeira parte e ainda se estendem pelas 171 páginas iniciais da segunda parte. Os seis últimos tratados da Semana Santa, onde estão inseridos os *Tratados da Páscoa*, estão distribuídos apenas por 108 páginas da segunda parte. Analisando a distribuição das páginas, têm-se até então 635 páginas; logo, restam 99 páginas que foram destinadas a dois outros pequenos tratados, *Tratados da Oitava* e *Sermão de Graças*, além de um índice que o autor denomina de *Index dos Lugares Comuns*.

Vê-se que, na edição de 1612, os seis últimos tratados da Semana Santa foram pregados na Quinta-feira Santa, denominada “Quinta-feira do Mandato,” Sexta-feira Santa, denominada “Sexta-feira da Paixão” e “Domingo da Ressurreição”. Eles representam apenas 12,26 % de páginas da obra impressa. O fato de os *Tratados Quadragesimais e da Páscoa* serem uma obra extensa (734 páginas, na edição de 1612) levou a propor aqui a edição apenas dos seis últimos tratados da Semana Santa. Essa escolha se deve, também, ao fato de estar contida, nestes seis últimos tratados da Semana Santa, a parte culminante da obra em que estão inseridos, pois todos os discursos anteriores convergem e levam a uma preparação para os fatos celebrados nesses dias, que são a paixão, morte e ressurreição de Jesus Cristo.

Os seis últimos tratados da Semana Santa apresentam várias subdivisões internas. Divide-se, primeiramente, em três *dias*. Cada um desses dias divide-se em unidades menores, os *tratados*; e esses tratados, por sua vez, dividem-se em unidades ainda menores, os *discursos*. Apresenta-se, no quadro 1 abaixo, a organização interna dos seis últimos tratados da Semana Santa em dias, tratados e discursos bem como a equivalência dos fólios iniciais e finais de cada discurso nas três edições consultadas:

**Quadro 1 – Organização interna dos seis últimos tratados da Semana Santa**

Dia	Tratado	Discurso	1609	1612	1613
Quinta-feira	Tratado primeiro	Discurso primeiro	105v – 108r	105v – 108r	291 – 298
		Discurso segundo	108r – 110v	108r – 110v	298 – 305
	Tratado segundo	Discurso primeiro	110v – 112v	110v – 112v	305 – 308
		Discurso segundo	112r – 113r	112r – 113r	308 – 312
		Discurso terceiro	113v – 115r	113v – 115r	312 – 317
		Discurso quarto	115r – 117v	115r – 117v	317 – 324
Sexta-feira	Tratado primeiro	Discurso primeiro	117v – 119v	117v – 119v	324 – 330
		Discurso segundo	120r – 123r	120r – 123r	330 – 339
	Tratado segundo	Discurso primeiro	123r – 124v	123r – 124v	339 – 342
		Discurso segundo	124v – 125r	124v – 125r	342 – 344
		Discurso terceiro	125r – 126v	125r – 126v	344 – 348
		Discurso quarto	126v – 127r	126v – 127r	348 – 356
Domingo da Páscoa	Tratado primeiro	Discurso primeiro	1r – 5r	127r – 130r	348 – 356
		Discurso segundo	5r – 7r	130r – 131v	356 – 360
		Discurso terceiro	7r – 8r	131v – 132v	360 – 363
		Discurso quarto	8v – 10r	132v – 134r	363 – 397
	Tratado segundo	Discurso primeiro	10v – 13r	134r – 136r	397 – 372
		Discurso segundo	13r – 18v	136r – 140r	372 – 383
		Discurso terceiro	18v – 19r	140r – 140v	383 – 385
		Discurso quarto	19r – 20v	140v – 141r	385 – 388

### 1.2.3.1 Doutrina dos seis últimos tratados da Semana Santa

O tema central dos discursos contidos nos seis últimos tratados da Semana Santa são os acontecimentos referentes aos últimos momentos da vida pública de Jesus.

A Semana Santa celebra o mistério pascal, que é considerado o fato primordial da fé católica e o centro de todas as celebrações litúrgicas.

Segundo Oliveira (1996 p.10), supõe-se que as comunidades celebravam o mistério pascal nos dias em que era celebrada a festa da Páscoa Judaica. Aos poucos, a data da celebração do mistério pascal pelos neotestamentários foi se desvinculando da data da celebração judaica. No séc. II, aparece a célebre controvérsia pascal, conforme vários testemunhos que confirmam a dificuldade de precisar a data da Páscoa nas comunidades.

A religião católica foi legalizada pelo Édito de Milão em 313, porém somente no Concílio Ecumênico de Nicéia, em 325, colocou-se fim às disputas sobre a data da Páscoa, prescrevendo que deveria ser celebrada no domingo depois da primeira lua cheia da primavera. Essa determinação evitou que a Páscoa Cristã fosse celebrada no mesmo dia da Páscoa Judaica. Assim, toda a semana que antecede esse dia recebeu a denominação: Semana Santa, portanto o período que vai do Domingo de Ramos até do Domingo da Páscoa.

O texto dos seis últimos tratados da Semana Santa é permeado por eloquente exortação, fazendo-nos classificá-lo como pertencente ao gênero parenético (ENCARNAÇÃO, 1866). Do vasto rol bibliográfico de pregações de tom parenético seiscentista em português ressaltam-se alguns autores que, cronológica ou literariamente, parecem mais representativos, porém pouco divulgados. Antônio Feo destaca-se por uma vultosa obra de tom essencialmente parenético, mas que, verdadeiramente, não oferece o texto de sermões realmente pregados, ainda que em muitos casos, deles possa partir (MAGALHÃES, 2005, p. 31). Não foram encontradas datas e locais exatos de quando e onde foram escritos os tratados. As licenças que antecedem o texto permitem-nos inferir que tenham sido escritos antes do mês de outubro do ano de 1607, por causa da data colocada na primeira licença de impressão (FEO, 1609, f. 3).

Embora os seis últimos tratados da Semana Santa constituam apenas uma modesta parcela do conjunto da obra de Frei Antônio Feo, eles apresentam grande número de citações, bíblicas ou não, que legitimam sua visão a respeito dos fatos;

assim, percebe-se grande detalhismo em sua exposição. Por exemplo, Antônio Feo, ao narrar o desencadeamento dos últimos momentos da vida pública de Jesus, procura permear o início dos textos, seus entremeios e suas conclusões pessoais com citações bíblicas, tanto do Novo quanto do Antigo Testamento, bem como utiliza os textos produzidos pelos autores patrísticos e escolásticos.

A obra de Feo apresenta grande presença da chamada *lectio divina*. As referências bíblicas estão representadas com passagens do Novo e Antigo Testamento, fato que revela profunda intimidade e destreza com o texto bíblico.

Outro aspecto considerado relevante nos tratados de Feo é a presença dos autores patrísticos e escolásticos. Patrística é o nome dado à filosofia cristã, pertencente aos primeiros séculos, elaborada pelos denominados “Padres da Igreja Católica”. Essa corrente consistia na elaboração doutrinal das verdades de fé do Cristianismo e na defesa da Igreja contra os ataques dos "pagãos" e contra as heresias da época:

É comum a afirmação de que o Cristianismo primitivo sofreu influências de vários setores da Filosofia Grega - de Platão, de Aristóteles, dos epicuristas e dos estóicos - sem que se determine claramente a amplitude e os limites de tais influências. Também é comum dizer que os filósofos convertidos ao Cristianismo buscaram dar à doutrina cristã um *status* filosófico, mas sem o cuidado de salientar as fontes das quais se serviram ou sem analisar os conceitos dos quais se apropriaram... (SPINELI, 2002, p.3).

Frei Antônio Feo cita vários autores que se ocuparam dessa tarefa. Foram teólogos e mestres doutrinários dos primeiros séculos do cristianismo e responsáveis em grande parte pela definição das doutrinas cristãs como as conhecemos hoje. Ao longo do período, os autores citados por Feo encaixam-se nos variados períodos da patrística.

Escolástica é uma linha dentro da filosofia medieval, de acentos notadamente cristãos, que surge da necessidade de responder às exigências da fé ensinada pela Igreja, considerada então como a guardiã dos valores espirituais e morais da Cristandade. O período escolástico vai do início do século IX até ao fim do século XVI, ou seja, até ao fim da Idade Média. Esse pensamento cristão tem seu nome motivado pelas artes ensinadas pelos escolásticos nas escolas medievais. Essas artes podiam ser divididas em trívio (gramática, retórica e dialéctica) ou quadrívio (aritmética, geometria, astronomia e música). A escolástica resulta essencialmente do aprofundamento da questão da conciliação de duas esferas: a fé e a razão. Os maiores representantes do pensamento

escolástico conseguiram sintetizar questões discutidas através de todo o período (HAMMAN, 1997).

Outros autores católicos ou não também são citados por Antônio Feo. São doutores, padres, teólogos e mestres doutrinários dos primeiros séculos do cristianismo, que, como os autores patrísticos e escolásticos, foram responsáveis em grande parte pela definição das doutrinas cristãs como se as conhecem hoje.<sup>6</sup>

### **1.2.3.2 Breve resumo dos tratados**

No tratado primeiro da Quinta-Feira, Antônio Feo discute aspectos relacionados ao momento em que Cristo ceou com seus apóstolos, seguindo a tradição judaica, já que, segundo esta, deveria cear-se um cordeiro puro; com o seu sangue, deveria ser marcada a porta em sinal de purificação; caso contrário, o anjo exterminador entraria na casa e mataria o primogênito dessa família (décima praga), segundo relatado no Livro do Êxodo. No final, compara Cristo como o cordeiro na nova aliança, em que todos os sacrifícios se encontram. No segundo tratado de Quinta-Feira, Feo comenta a cerimônia do Lava-Pés. Esse ritual da humildade, que precede à cerimônia da Ceia do Senhor, foi instituído por Cristo e prescrito à Igreja cristã (João, 13:1-17). Feo ressalta o objetivo dessa ordenança, percebe-a como obrigatória a todos os cristãos, exortando-os a examinar o próprio coração. Convida-os a ver as próprias raízes de amargura e outros defeitos de caráter, bem como a eliminar mal-entendidos entre os irmãos. Sugere que sejam aprendidos o amor fraternal, a humildade e igualdade.

Nos tratados da Sexta-feira da Paixão, Feo comenta o mistério da morte de Jesus na cruz. Convida a todos os pregadores a levar os fiéis ao pranto e a uma profunda reflexão acerca do caríssimo preço que Cristo pagou pela salvação de toda humanidade, oferecendo a própria vida. Comenta que, do alto da cruz, a redenção deixou de ser promessa e se tornou realidade. Segundo Feo, rompeu-se o bloqueio entre o céu e a terra. A comunhão com Deus, destruída pelo pecado, foi restabelecida pelo sangue derramado de Jesus. Ressalta que o sacrifício da cruz recuperou para todos o paraíso (eternidade), outrora perdido, por causa dos pecados. Conclui dizendo que a cruz que era considerada objeto de maldição (Gálatas, 3:13), tornou-se o trono da glória do Filho de Deus e instrumento de salvação. Lembra que a morte de Jesus na cruz revelou a

---

<sup>6</sup> Para uma lista completa de cada uma das citações, conferir a p. 133 do presente trabalho.

condição do homem pecador. Afirma que a humanidade sem Deus está condenada à morte. Destaca que Jesus sentiu a solidão da humanidade sem Deus, quando se tornou pecado por nós, citando: “Meu Deus, por que me abandonaste?” (Mc. 15:34). Fala também de José de Arimatéia e Nicodemos e da importância destes no momento do descendimento, que é o momento em que se retira o Cristo morto da cruz. Cita Maria, mãe de Jesus, comparando o momento em que ela embalou o corpo frágil do Menino Jesus, antes de recliná-lo no presépio, com o agora que o tem, frágil, maltratado, desfigurado, em seus braços, antes de entregá-lo à sepultura. Termina comentando os rituais de sepultamento fazendo um histórico para justificar todo o procedimento usado no sepultamento de Cristo.

Nos tratados do Domingo da Ressurreição, Feo analisa a ressurreição de Cristo, comentando o que foi relatado em Mateus 28:1,2,5-6, que diz:

No fim do sábado, quando já despontava o 1º dia da semana. Maria Madalena e a outra Maria foram ver o sepulcro. E eis que houvera um grande terremoto, porque o anjo do Senhor, descendo do céu, chegou, removendo a pedra, e sentou-se sobre ela. Mas o anjo respondendo, disse às mulheres: Não tendes medo, pois eu sei que buscais a Jesus, que foi crucificado. Ele não está aqui, porque já ressuscitou dos mortos.

Chama a atenção para o tempo em que os fatos aconteceram no fim do sábado, quando começava o primeiro dia da semana. Comenta o fato de não ter nenhuma informação sobre o momento da ressurreição, mas os relatos bíblicos só contam o fato acontecido após a ressurreição. Cita Lucas 24:1-3, onde conta que, quando as mulheres foram ao sepulcro, domingo muito cedo, de madrugada, a pedra já estava removida e, entrando, não encontraram o corpo do Senhor Jesus. Comenta que, em João, 20:1, nos fala que Maria Madalena foi ao sepulcro, muito de madrugada, e ainda estava escuro e a pedra já estava removida, e que Jesus também apareceu a ela naquela manhã (Marcos 16:1,2). Marcos também narra essa visita, evidentemente a mesma que é narrada por Lucas, ou seja, ao nascer do sol da manhã de domingo, e o anjo fala aos visitantes que Jesus não estava ali, Ele já havia ressuscitado. Destaca a aparição de Jesus à sua Mãe e à Maria Madalena. Assim, ressalta que as visitas foram feitas no domingo, mas que Jesus ressuscitou no fim do sábado. Relata que Jesus, ao ressuscitar no fim do sábado, cumpriu perfeitamente as profecias e o único sinal dado por Ele aos fariseus que se referia à sua morte, pois semelhante a Jonas, teria que ficar três dias e três noites no seio da terra, isto é, no sepulcro, além de comparar o sepulcro com o seio de sua mãe.

Os seis últimos tratados da Semana Santa relatam os sofrimentos de Jesus Cristo, desde o ato do Lava-Pés, passando pela última Ceia, paixão, agonia na cruz, morte, culminando com a ressurreição, mostrando com riqueza de detalhes e de referências a autores cristãos, como os patrísticos, escolásticos e doutores, bem como, apoiado nos textos bíblicos, como se deu a paixão, morte e ressurreição de Cristo.

### 1.2.3.3 Tradição da obra: estudo

#### 1.2.3.3.1 Percurso histórico

Os *Tratados Quadragesimais e da Páscoa* foram escritos em língua portuguesa e tiveram impressão em 1609 e 1612 em Lisboa. Em 1613, o texto é impresso na Espanha também em língua portuguesa. Nesse momento, os espanhóis têm contato com a obra de Antônio Feo e sua maneira doura de escrever parece fasciná-los. Consta, pelo levantamento bibliográfico, que sua obra, que recebeu versão para a língua castelhana, foi publicada por três impressores na Espanha, em curto espaço de tempo, a saber: em português, na cidade de Lérida, por Luiz Manescal em 1613; e traduzida para o castelhano por Fr. Francisco Morago Mercedario em Valladolid publicada por Juan de la Rueda em 1614; e também em espanhol em Valencia publicada por Pedro Patricio no ano de 1614. Também foi vertida para o francês por Fr. Raymundo Hezecques Dominico em Paris no ano de 1618. Após isso se faz menção aos tratados de Antônio Feo, não só em catálogos bibliográficos de autores do séc. XVII<sup>7</sup> e estudos sobre a literatura dos conventos do séc. XVII (PIRES, 2001) mas também em estudos sobre literatura portuguesa<sup>8</sup>.

Depois de publicada, a obra de Antônio Feo foi divulgada em vários países, além de Portugal, Espanha e França (países onde foram impressas), tais como Estados Unidos, Alemanha, Itália, Brasil, onde podemos encontrar exemplares e citações em catálogos impressos do séc. XIX ao séc. XXI.

<sup>7</sup> Denis (1826, p. 613); Grässe (1859, p. 808); Cácegas (1866, p. 406); Matos (1878, p. 246); Virgil (1884, P. 281); Moniz (vol. 2, 1896); Bell (1918, p. 77; 1922, p. 109 e 174); Bustamante y Urrutia (1967, p. 96); Dalgado & Piel (1982, p. 43); Soave (1985 p. 59-60); Camps (2001, p. 282); Torrent-Lenzen (1995, p. 126); Fajardo (2004, p. 511); Massini (2006 p. 10).

<sup>8</sup> Bell (1918, p. 77) relaciona um trecho da obra *Auto da Alma* de Gil Vicente a um trecho da obra de Feo: “Cf. Antonio Feo, *Tratados Quadragesimais* (1609), n, f. 23: assy na Cruz como no monte Oliueto chorou porque vio vir a quem ouuera de chorar.”.

### 1.2.3.3.2 Testemunhos

Após extenso levantamento bibliográfico, em que se procurou buscar todos os dados e testemunhos existentes em relação ao texto dos *Tratados Quadragesimais e da Páscoa*, pode-se analisar sua tradição. Antes, porém, apresentam-se uma lista de exemplares identificados e uma descrição dos três testemunhos em língua portuguesa (eds. de 1609, 1612 e 1613).

(a) Lista de exemplares identificados:

*Edições de 1609:*

1. São João Del Rei, Biblioteca da UFSJ, 12.
2. Rio de Janeiro, Biblioteca Nacional, 165, 3,5.
3. Lisboa, Biblioteca Nacional, R. 1856 V.
4. Madri, Biblioteca Nacional, 3/51179.
5. Lisboa, Biblioteca Universitária João Paulo II. MC-1273

*Edição de 1612:*

1. Mariana, Biblioteca do Pregador, 468.
2. São Paulo, Biblioteca da FD da USP, DBC/L4-31-4.
3. Rio de Janeiro, Biblioteca Nacional, 178, 03,11.
4. Lisboa, Biblioteca Nacional, R. 1921 V.
5. Madri, Biblioteca Nacional, 7/13962.
6. Lisboa, Biblioteca Universitária João Paulo II. MC-1272
7. Galiza, Biblioteca Patrimônio Bibliográfico. 25332

*Edição de 1613:*

1. Rio de Janeiro, Biblioteca Nacional, 116b, 4, 13.
2. Lisboa, Biblioteca Nacional, R. 23975 P.
3. Itália, Biblioteca Nacional. IT\ICCU\MODE\030156

(b) Descrição dos testemunhos em língua portuguesa utilizados para a presente edição<sup>9</sup>:

---

<sup>9</sup> Os exemplares descritos foram o da Biblioteca da UFSJ (ed. de 1609) [=A]; o da Biblioteca do Pregador (ed. de 1612) [=B] e o da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro (ed. 1613) [=C].

- *Descrição física da edição de 1609*

Cota do exemplar consultado: São João Del Rei, Biblioteca da UFSJ, acervo de obras raras, 12.

Folha de rosto: TRATADOS | QUADRAGESIMAIIS, | E DA PASCHOA. | Autor o P. Fr. Antônio Feo da Ordem dos Pregadores da Província de | Portugal examinador por Sua Majestade das três Ordens | Militares. | DIVIDIDOS em DUAS PARTES. | Dirigidos ao Ilustríssimo e Reverendíssimo senhor Dom Affonso de | Castel-branco, bispo de Coimbra, Conde d'Arganil, senhor de | Coja, do Conselho do Estado: e impressos com seu | favor e mercês. | COM PRIVILÉGIO. | Impresso com licença do santo Officio e do Ordinário em Lisboa | por Jorge Rodriguez. Anno de | 1609. [encontra-se dentro de uma caixa que ocupa mais da metade da folha de rosto o brasão de Dom Affonso ] [todo o texto e caixa contendo brasão dentro de uma esquadria com linha dupla em toda página ]; Colofão: em branco; suporte material: obra impressa em papel (*cartáceo*); Composição: [86] + 170 fol. + 126 fol. + 25. Organização da página: tamanho da página: 200x285mm, mancha 134x225mm, duas colunas com 38 linhas, numeração no *recto*, presença de reclamo na margem inferior direita; Capitulares ornamentadas no início dos tratados; Encadernação: original 210x290mm em pergaminho, sem texto e sem decoração, lombada possui 5 nervos e 6 florões. Possui 252 sermões. Ornamentação na guarda. Observações: O exemplar da biblioteca da UFSJ encontra-se sem as 13 folhas finais. Inocência estipula o preço de 1:200 a 1:600 réis para esta edição, quando bem conservada. Citado ainda por Bibl. Lusitana Data inicial: 1609 Data final: 1609 Local: Lisboa..

- *Descrição física da edição de 1612*

Cota do exemplar consultado: Mariana, Biblioteca do Pregador, 468.

Folha de rosto: TRATADOS | QUADRAGESIMAIIS, | E DA PASCHOA. | [Contém a anotação: Livraria Episcopal de Mariana] Autor o P. Fr. Antônio Feo, da Ordem dos Pregadores da Pro- | víncia de Portugal, Pregador geral examinador por | sua Majestade das três Ordens Militares. | DIVIDIDOS em DUAS PARTES | Dirigidos ao Ilustríssimo, Reverendíssimo senhor Dom Affonso de | Castel-branco, Bispo de Coimbra, Conde d'Arganil, | senhor de Coja, do Conselho do Estado: | em esta segunda impressão emendados. | COM PRIVILEGIO. | Impresso com licença do Santo Officio, Ordinário e Paço, | em Lisboa por Jorge Rodriguez. | Anno de 1612. | Está taxado este livro em 550. reis em papel. Colofão em branco; suporte material: obra impressa em

papel (*cartáceo*); Composição: 8 fls. prels., 170 fls., 157 fls. nums, 32 fls. não nums; Organização da página: tamanho da página: 200x285mm, mancha 134x225mm, duas colunas com 38 linhas, numeração no *recto*, presença de reclamo na margem inferior direita; Capitulares ornamentadas no início dos tratados; Encadernação: original 210x290mm em pergaminho, sem texto e sem decoração, lombada possui 5 nervos e 6 florões. Possui 252 sermões. Notas: Notas marginais impressas. Observação: O exemplar da Biblioteca do Pregador encontra-se sem três páginas: f. 86v, f.87r, f.87v.

- *Descrição física da edição de 1613*

Cota do exemplar consultado: Rio de Janeiro, Biblioteca Nacional, 116b, 4, 13.

Folha de rosto: Tratados | Quadragesimais e da Paschoa. | Autor o P. Fr. Antônio Feo da Ordem dos Pregadores da | Província de Portugal, Pregador geral examinador | por sua Magestade das três Ordens | Militares. | Divididos em duas partes. | Dirigidos ao Ilustríssimo, Reverendíssimo senhor Dom Affonso de | Castel-branco, Bispo de Coimbra, Conde d'Arganil, | senhor de Coja, do Conselho do Estado. | E em segunda impressão emendados. Ano 1613. | Con licença del Ordinario. | Impresso en Lerida, por Luiz Manescal. | Acosta de Miguel Manescal, mercador de libros. [Contém brasão na parte inferior com a figura de Cristo circulado pelos dizeres: *Ego sum viae, veritas et vita*]. Duas partes em 1. Composição: [24], 456; [56], 431, [38] p. 21. Organização da página: tamanho da página: 200x285mm, mancha 134x225mm, duas colunas com 38 linhas, numeração no *recto*, presença de reclamo na margem inferior direita; Capitulares ornamentadas no início dos tratados; Encadernação: original 210x290mm em pergaminho, sem texto e sem decoração, lombada possui título, 252 sermões. Observação: Erro de paginação. Marcas de restauração.

### 1.2.3.3 Estema

A construção do estema constitui a subfase em que se determina a relação genealógica entre os testemunhos de um texto. A realização de uma edição crítica exige do editor não só conhecimentos especializados de crítica textual, mas muito estudo e certa dose de intuição crítica (SPINA, 1994). Nessa subfase é primordial a eleição dos elementos básicos para o processo de escolha das variantes. Assim a identificação dos erros significativos proporciona maior segurança na elaboração do estema. Uma edição

crítica é denominada uma edição politemunhal, pois necessita de mais de um testemunho para o confronto (CAMBRAIA, 2005). Assim, usar-se-ão três edições impressas em português dos *Tratados Quadragesimais e da Páscoa*: a primeira, de 1609; a segunda, de 1612; e a terceira, de 1613.

Primeiramente apresenta-se um quadro com todas as 61 variantes pertinentes encontradas nos lugares-críticos localizados nas três edições analisadas<sup>10</sup>:

**Quadro 2 – Lista de variantes textuais<sup>11</sup> entre os testemunhos**

Lugar-crítico	A (1609)	B (1612)	C (1613)
I	ameaçando (f. 88r)	ameaçado (f. 88r)	ameaçado (p. 243)
II	mulher (f. 91v)	melhor (f. 91v)	melhor (p. 252)
III	revesandose (f. 92r)	revelandose (f. 92r)	revelandose (p. 255)
IV	se devotava (f. 92v)	se denotava (f. 92v)	se denotava (p. 256)
V	a mçar (f. 92v)	amçar (f. 92v)	amçar (p. 257)
VI	e o que os bezeros (f. 93r)	e que os bezeros (f. 93r)	e que os bezeros (p. 257)
VII	assy que rele (f. 93r)	assi que a rele (f. 93r)	assi que a rele (p. 257)
VIII	feitio (f. 93v)	feitio (f. 93v)	feito (p. 259)
IX	não se queria (f. 93v)	não se queira (f. 93v)	não se queira (p. 260)
X	com que avia (f. 98r)	como avia (f. 98r)	como avia (p. 271)
XI	Iua se visseis (f. 98r)	já se visseis (f. 98r)	já se visseis (p. 272)
XII	o podia (f. 102r)	o podia (f. 102r)	o pedia (p. 282)
XIII	proibia a (f. 104v)	prohibia a (f. 104v)	proibio a (p. 289)
XIV	d'entrar (f. 105r)	d'entrar (f. 105r)	d'estrar (p. 290)
XV	Quando o poderoso Deus (f. 105v)	Quando o poderoso Deos (f. 105v)	Quando Deos (p. 291)
XVI	dar ultima mão (f. 105v)	por ultima mão (f. 105v)	por ultima mão (p. 291)
XVII	hua certa noite (f. 105v)	hua certa noite (f. 105v)	hã noite (p. 291)
XVIII	de bem (fól. 106r)	se bem (fól. 106r)	se bem (p.295)
XIX	Deos lhes lera (f. 107r)	Deos lhe lera (f. 107r)	Deos lhe lera (p. 296)
XX	dandolovo (f. 107v)	dandovolo (f. 107v)	dandovolo (p. 296)
XXI	conversar (f. 109r)	conversar (f. 109r)	conversar (p. 301)
XXII	conversar (f. 109r)	conversar (f. 109r)	conversar (p. 301)
XXIII	possuir a Raquel (f. 109r)	possuir Raquel (f. 109r)	possuir Raquel (p. 301)
XXIV	no possuir (f. 109r)	do possuir (f. 109r)	do possuir (p. 301)
XXV	caducas (f. 111r)	caducos (f. 111r)	caducos (p. 369)
XXVI	parca a matéria (f. 111r)	parta o beneficio (f. 111r)	parta o beneficio (p. 369)
XXVII	Espírito Santo (f. 111v)	o Espírito Santo (f. 111v)	o Espírito Santo (p. 370)
XXVIII	Segundo (f.108 [=112r])	Primeiro (f. 112r)	Segundo (p.308)
XXIX	a Aristóteles (f. 112r)	Aristóteles (f. 108r [=112r])	Aristóteles (p. 308)
XXX	acreceto (f. 112r)	acreceta (f. 108r [=112r])	acrecenta (p. 309)
XXXI	d'outra (p. 122r)	d'oura (f. 108r [=112r])	d'oura (p.309)
XXXII	<i>distillabunt</i> (f. 112v)	<i>distillabunt</i> (f. 112v)	<i>distillabunt</i> (p. 310)
XXXIII	<i>Juda</i> (f. 112v)	<i>Juda</i> (f. 112v)	<i>Juda</i> (p. 310)
XXXIV	livrandoos (f. 116r)	livrandoos (f. 116r)	livrandos (p. 321)
XXXV	os mismos (f. 117r)	os mimos (f. 117r)	os mimos (p. 322)

<sup>10</sup> Embora a edição crítica a ser apresentada neste trabalho se restrinja aos seis últimos tratados da Semana Santa (fóls. 105v a 104v da ed. de 1612), levou-se em conta para a realização do presente estema um trecho mais amplo dos *Tratados Quadragesimais e da Páscoa* (fóls. 86v a 140v da ed. de 1612), a fim de se obter um conjunto mais rico de lugares-críticos.

<sup>11</sup> Não foram listadas aqui as variantes que constituem erro tipográfico óbvio (resultando em formas inexistentes na língua ou improváveis no contexto em que ocorrem) ou variantes de natureza puramente fônica sem repercussão no sentido do texto. Neste quadro foram sombreadas as formas consideradas não-genuínas.

<b>XXXVI</b>	verte (f. 117r)	adverte (f. 117r)	adverte (p. 322)
<b>XXXVII</b>	Espartanos desejosos (f. 117v)	certa nação desejosa (f. 117v)	certa nação desejosa (p. 324)
<b>XXXVIII</b>	aprontear (f. 118r)	aprãtear (f. 118r)	aprãtear (p. 325)
<b>XXXIX</b>	vir (f. 118r)	ver (f. 118r)	ver (p. 325)
<b>XL</b>	dado (f. 118r)	dado (f. 118r)	dado (p. 326)
<b>XLI</b>	mas ama (f. 118v)	mais ama (f. 118v)	mais ama (p. 326)
<b>XLII</b>	dizer de palavra (f. 120v)	dizer de palavra (f. 120v)	de palavra (p. 332)
<b>XLIII</b>	em me apertarem (f. 120v)	em me apertarem (f. 120v)	em apartarem (p. 332)
<b>XLIV</b>	desistirão (f. 120v)	desistirão (f. 120v)	desiderão (p. 332)
<b>XLV</b>	Dagon (f. 121r)	Dragão (f. 121r)	Dragão (p. 333)
<b>XLVI</b>	Escrevase (f. 121v)	Escrevase (f. 121v)	Escrevese (p. 334)
<b>XLVII</b>	mas do odio, que a Christo tinham: porque a que homem por culpado, que fos se, & condenado por esse, obrigarão nunca, que levasse a forca as costas, se não a Christo. (f. 122r)	(conforme ao costume que avia de o condenado levar as costas a cruz em que o havião de crucificar, como refere Iusto Lypsio) mas também do odio que a Christo tinham. (f. 122r)	(conforme ao costume que avia de o condenado levar as costas a cruz em que o havião de crucificar, como refere Iusto Lypsio) mas também do odio que a Christo tinham. (p. 336)
<b>XLVIII</b>	sendo isto (f. 122r)	sendo isto (f. 122r)	sentindo isto (p. 336)
<b>XLIX</b>	se se abrirão (f. 122v)	se se abrirão (f. 122v)	se abrirão (p. 338)
<b>L</b>	muitos fiéis (f. 1r)	muitos fiéis (f. 127r)	fiéis (p. 348)
<b>LI</b>	como Deus (f.1v)	com Deus (f. 127v)	com Deus (p. 349)
<b>LII</b>	Sol sahia (f. 5r)	Sol sahia (f. 130r)	Sol sahio (p. 357)
<b>LIII</b>	mostrarão (f.7v)	mostrarão (f.133r)	mostrão (p. 361)
<b>LIV</b>	fara (f. 8r)	fara (f. 132v)	fora (p. 363)
<b>LV</b>	Pessais (f. 9r)	Pessais (f. 133r)	Passais (p. 364)
<b>LVI</b>	não saíra morto (f.10v)	não saíra morto (134r)	não morto (p. 397)
<b>LVII</b>	corrôpesse (f.10v)	corrompesse (f. 134v)	corrompessem (p. 368)
<b>LVIII</b>	O vestido branco (f.11r)	O vestido branco (f. 134v)	O branco (p. 368)
<b>LVIX</b>	causas (f.13r)	cousas (f. 136r)	cousas (p. 372)
<b>LX</b>	concorerão (f.13r)	concorerão (f. 136r)	concorão (p. 372)
<b>LXI</b>	o Pay (f.16v)	o Pay (f. 138v)	Pay (p. 380)

Simplificando as ocorrências acima, tem-se o quadro 3 em que dividiram-se as formas em três blocos. Para indentificar as formas não-genuínas usou-se X e para as formas genuínas usou-se Y segundo Cambraia (2005):

**Quadro 3 – Representação da distribuição das variantes relevantes**

Bloco	Lugar-crítico	A (1609)	B (1612)	C (1613)
BLOCO 1	I, III, XIX, XXXI	Y	X	X
BLOCO 2	II, IV, V, VI, VII, IX, X, XI, XVI, XVIII, XX, XXIII, XXIV, XXV, XXVI, XXVII, XXIX, XXX, XXXV, XXXVI, XXXVII, XXXVIII, XXXIX, XLI, XLV, XLVII, LI, LVIX	X	Y	Y
BLOCO 3	VIII, XII, XIII, XIV, XV, XVII, XXXIV, XXXVIII, XLII, XLIII, XLIV, XLVI, XLVIII, XLIX, L, LII, LIII, LV, LVI, LVIII, LX, LXI	Y	Y	X
BLOCO 4	LVII	X	X	Y
BLOCO 5	XXVIII	Y	X	Y
BLOCO 6	XXI, XXII, XXXII, XXXIII, XL	X	X	X

No bloco 1, têm-se 4 erros conjuntivos de *B* e *C*, denotando a possibilidade de *C* ter sido copiado de *B* ou de que ambos derivem de um mesmo testemunho.

No bloco 2, têm-se 28 erros separativos de *A* contra *B* e *C*, havendo indício de que *B* e *C* não teriam sido copiados de *A*.

No bloco 3, têm-se 22 erros privativos de *C*, o que não permite afirmar nada quanto à sua relação com *A* e *B* (pela data de publicação, já se sabe que *C* não terá sido modelo para nenhum dos outros dois).

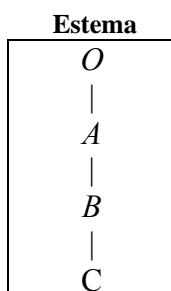
No bloco 4, tem-se 1 erro conjuntivo de *A* e *B*, denotando a possibilidade de *B* ter sido copiado de *A* ou de que ambos derivem de um mesmo testemunho.

No bloco 5, tem-se 1 erro separativo de *B* contra *C*, sugerindo que *C* não tenha sido copiado de *B*.

No bloco 6, têm-se 5 erros conjuntivos entre *A*, *B* e *C*, indicando que os três têm uma mesma origem.

É necessário levar em consideração, porém, o fato de que era costume os autores reverem e corrigirem as impressões e reimpressões de suas obras, o que faz pensar que a última edição preparada em vida do autor seria a que representa sua vontade última, devendo ser naturalmente eleita como texto-base para uma edição crítica. Esse tipo de procedimento de revisão pode ser observado na tradição em estudo, ainda que não haja nenhuma informação explícita fornecida pelo impressor de uma possível correção do

autor: a edição de 1612, por exemplo, apesar de conter erros (cf. blocos 1, 4 e 5), possui correções (cf. bloco 2) que tornam o texto mais coerente com as idéias do autor, pois algumas intervenções retomam formas recorrentes no texto o que induz a pensar que o próprio autor, ao seu estilo, aperfeiçoou seu texto antes da publicação desta segunda edição — cf. em especial a modificação no lugar-crítico XLI. Sendo assim, o fato de a primeira edição (de 1609) não possuir a lição interpretada como genuína frente às outras duas edições em diversos pontos (cf. bloco 2), ainda assim pode-se considerar que ela tenha dado origem à segunda (de 1612), que, por sua vez, em função de seus erros conjuntivos com a terceira (de 1613), terá dado origem a esta. Diante disso, propõe-se como hipótese mais coerente uma estema em que há apenas transmissão vertical. Assim, a primeira edição (*A*) foi revista antes da realização da segunda edição (*B*) e, desta forma, *B* é a que mais apresenta lições genuínas; já a terceira edição (*C*) terá sido realizada com base na segunda (pois apresenta os melhoramentos introduzidos pelo autor em 1612), mas, por ter sido realizada longe de residência, não terá passado por revisão antes de sua impressão, o que permitiu a ocorrências de erros (cf. bloco 3 do quadro 3). Assim, o estema seria:



---

---

## CAPÍTULO 2

### EDIÇÃO CRÍTICA DOS SEIS ÚLTIMOS TRATADOS DA SEMANA SANTA

---

---

#### 2.1 Sigla das edições

*A: Tratados Quadragesimais e da Páscoa*, publicados por Jorge Rodrigues em Lisboa em 1609;

*B: Tratados Quadragesimais e da Páscoa*, publicados por Jorge Rodrigues em Lisboa em 1612;

*C: Tratados Quadragesimais e da Páscoa*, publicados por Luís Manescal em Lérida (Espanha) em 1613.

#### 2.2 Normas de edição

##### 2.2.1 Texto-base

O texto adotado como base é o da edição de 1612, pois, como se explicou antes (cf. seção 1.2.3.2.3), possui modificações que provavelmente teriam sido feitas pelo próprio autor, uma vez que são compatíveis com seu estilo e suas idéias e foi realizada na cidade em que o autor viveu. Assim sustenta-se o que afirma Azevedo Filho, 1987, p.56, “que a lição de melhor códice é preferível”. Registram-se no aparato não só as variantes propriamente textuais (cf. quadro 2), mas também as que são erros tipográficos óbvios e as de natureza fônica. As variantes já aparecem no aparato com a regularização gráfica a ser adotada (cf. seção abaixo).

##### 2.2.2 Transcrição<sup>12</sup>

a) *Caracteres alfabéticos*: Transcreveram-se como caracteres romanos redondos. Mantiveram-se as diferenças de módulo segundo o sistema do texto, regularizando-

---

<sup>12</sup> Normas baseadas na proposta de Cambraia (2005, p. 131-132).

se lapsos da composição. Regularizaram-se os alógrafos contextuais segundo sua forma atual. Regularizou-se a representação gráfica segundo o sistema atual, com especial atenção aos seguintes casos:

- simplificaram-se os caracteres de valor consonantal duplos etimológicos ou não (exceto *rr* e *ss*);
  - regularizou-se a representação de nasalidade (atenção especial para os finais átonos regularizados em *-am* e tônicos regularizados em *-ão*);
  - regularizou-se o uso de *c* e *ç* para representação de consoantes sibilantes;
  - regularizou-se o uso de *c* e *qu* para representação de consoantes velares;
  - regularizou-se o uso de *g* e *j* para a representação de consoantes palatais ou velares;
  - regularizou-se o uso de *h*, segundo o sistema atual.
- b) *Sinais abreviativos*: Desenvolveram-se todos (inclusive o de conjunção aditiva) com base nas formas por extenso presentes no modelo, transcrevendo em tipos redondos os caracteres acrescentados em substituição ao sinal abreviativo<sup>13</sup>. Não foram desenvolvidas as formas *D.* > *Dom*<sup>14</sup> e *Cap.* > *Capítulo*. Não foram desenvolvidas abreviaturas cujos desdobramentos não foram identificados. As abreviaturas latinas *ca.* ou *c.* para *capítulo* foram regularizadas em *cap.*, e *nu.* ou *n.* para *numero* em *n.*
- c) *Diacríticos*: Regularizaram-se as formas e as funções de acordo com o sistema atual, respeitando as oscilações do original quanto à marca de nasalidade.
- d) *Sinais de pontuação*: Fez-se intervenção moderada, suprimindo ou acrescentando sinais para melhor intelecção do texto.
- e) *Caracteres de leitura duvidosa*: Informaram-se em nota.
- f) *Separação vocabular (intra- e interlinear)*: Regularizou-se segundo o sistema atual, baseado no vocábulo morfológico. Marcaram-se elisões com apóstrofo; e mesóclises e ênclises, com hífen.
- g) *Paragrafação*: Foi respeitada a original.
- h) *Inserções conjecturais*: Inseriram-se elementos por força do contexto e por desgaste do suporte, informando ambos os casos em nota.
- i) *Supressões conjecturais*: Suprimiu-se qualquer tipo de erro, informando em nota.

<sup>13</sup> *S.* foi desenvolvido como *São* ou *Santo*. Segundo Cunha (1982), *São* é forma proclítica apocopada de *Santo*. O padrão escrito atual usa *Santo* antes de nomes começados por vogal ou por H, e *São* antes dos nomes que iniciam por uma consoante. Nos seis últimos tratados da Semana Santa, encontram-se por extenso *São Cipriano*, *São Gregório Niceno*, *São João Crisóstomo*, *São Bernardo*, ao lado de *Santo Agostinho*, *Santo Antônio* e *Santo Ambrósio*.

<sup>14</sup> *Dom* já é a forma abreviada da palavra latina *Dominus* (senhor). Segundo a tradição católica, *Dom* estaria ligado à nobreza. Foi sobretudo nesta classe que, no início, se foram buscar candidatos ao Episcopado.

- j) *Mudança de fôlio e de face*: Informou-se (colocando uma barra reta no ponto de transição no próprio texto) na margem externa em caracteres itálicos e entre colchetes simples [ ].
- k) *Qualquer outra particularidade*: Informou-se em nota sempre que pertinente ao texto.
- l) *Numeração de linha*: Inseriu-se na margem externa, contando de 5 em 5, recomeçando a cada página.
- m) *Passagens latinas*: Transcreveram-se em itálico (tal como está no original) e foram traduzidas em nota, antecedidas das devidas referências. As abreviaturas de nomes em latim foram desenvolvidas segundo suas formas clássicas e, no caso de indicação de citação, segundo a forma utilizada na Bíblia (p. ex., *Ephe.* = [*Episula ad] Ephesios*).
- n) *Citações*: Todas as citações literais foram colocadas entre aspas (no caso das latinas, ficaram entre aspas e em itálico).
- o) *Indicação de citações*: Transcreveram-se em nota em itálico as que constavam explicitamente nos testemunhos (estivessem no corpo do texto ou na margem). Quando estavam incompletas, foram completadas segundo sistema atual (autor, capítulo: versículo), ficando o acréscimo (geralmente o número do versículo) em carácter regular. Quanto estavam no corpo do texto, foram colocadas entre parênteses. Nos casos em que não constavam explicitamente nos testemunhos, foram registradas em latim em caracteres regulares. Adotou-se como caso básico o genitivo, como sugerem as indicações que aparecem por extenso (p. ex., *Marci*).
- p) As notas de pé de página da edição terão a seguinte organização:
- (i) o aparato crítico<sup>15</sup> situa-se na parte de cima do pé de página (para diferenciar das notas da parte de baixo, colocou-se a letra *L* antes do número da linha a que se refere o lema do aparato, ambos em negrito);
  - (ii) as indicações de citação e traduções, na parte de baixo.

---

<sup>15</sup> Constam do aparato crítico não apenas as variantes relevantes listadas no quadro 2 (cf. p. 26 deste trabalho), mas também as gráficas com valor fônico (poucas, na verdade) e ainda os pontos de deterioração do suporte da edição de 1612 (texto-base), indicados pelo uso de colchetes na transcrição.



Mas se bem atentardes, vereis que então muitos foram a cooperar nesse remédio: um Anjo era o que passava matando, um cordeiro era o que se comia, os mortos eram os primogênitos dos Egípcios; porém no trânsito e liberdade do dia d'amenhã, em cujas esperanças hoje estamos, o mesmo Cristo, e só ele, foi o que passou, o morto e o  
 5 comido. Ele em pessoa, não Anjo, passou, não por Egipto, mas da morte à vida; não para matar, mas para nos merecer essa vida; ele, não cordeiro algum, foi comido; ele, não primogênito algum, foi morto. E consentindo que na liberdade temporal concorressem tantas cousas: Anjo, cordeiro, primogênitos; na espiritual quis ser só e só fazer tudo: ofício de Anjo em passar, de primogênito em morrer, de cordeiro em ser  
 10 comido, para que só a Ele ficássemos obrigados e devedores. Donde veo a dizer Santo Epifânio assi: “*Et erat ille agnus rationalis, qui sacrificabatur, ducens nos ad magnum illum agnum et caelestem pro nobis et pro toto mundo mactatum.*”<sup>18</sup>. Chama o Santo ao cordeiro Pascoal *cordeiro rational*; não porque o fosse, mas por misterioso, e diz que aquela Páscoa antiga era Páscoa pequena e temporal e não servia de mais que de nos ir  
 15 entretendo até chegar a Páscoa grande e celestial d'amenhã; e aquele cordeiro antigo pequeno era e temporal que nos guiava a este cordeiro grande e divino. *Magnum illum agnum et caelestem.*<sup>19</sup>. Era aquele cordeiro temporal, porque quando muito livrava a Hebreos amigos e a estes se dava somente a comer, mas matava inimigos, pelo mesmo caso que com o seu sangue não tinham assinaladas as casas. Porém, da lei da Graça  
 20 cordeiro tanto maior, que não somente se deu a comer a amigos, mas a um Judas traidor; e não só morreo para dar vida a amigos, mas a inimigos que desse sangue se quisessem aproveitar. E se a alguns inimigos destrue, não são homens, mas demônios e pecados; e estes à custa de seu sangue. Isto encarece São Paulo, escrevendo aos Colossenses, mostrando como a vitória de Cristo na Cruz fora diferente das vitórias do  
 25 mundo. *Exploians principatus et potestates traduxit confidenter palam triumphans illos in semetipso*<sup>20</sup>, *id est, in passione proprii corporis*<sup>21</sup>, explica Santo Anselmo. Os vencedores do mundo triunfam derramando o sangue dos inimigos, mas Cristo, diz São Paulo, triunfou dos demônios e dos pecados, morrendo ele e derramando seu próprio

---

**L1.** se bem] *A:* de bem; atentardes] *BC:* atendardes.

**L25.** *triumphans]* *B:* *triumphan.*

<sup>18</sup> *Epiphanius contra Haeresia, Liber I, Tomus I.* [Trad.: Era aquele cordeiro racional, que era sacrificado e por nós conduzido àquele cordeiro grande e celeste por nós e por todo o mundo imolado.]

<sup>19</sup> *Epiphanius contra Haeresia, Liber I, Tomus I.* [Trad.: Aquele cordeiro grande e celeste.]

<sup>20</sup> *Colossensium, 2:15.* [Trad.: na qual despojou os principados e potestades, os expôs ao ridículo, triunfando sobre eles na paixão em si próprio.]

<sup>21</sup> *Anselmi, super hunc locum.* [Trad.: No sofrimento do próprio corpo.]

sangue. Os vencedores da terra sujeitam aos inimigos, fazendo-os em pedaços; Cristo venceo, despedaçando-se a si mesmo.

Este argumento prosegue também o mesmo Apóstolo na carta que escreveo aos de Éfeso, dizendo: | “*Et reconciliet nos ambos in uno corpore Deo per crucem,* [106v]  
 5 *interficiens inimicitias in semetipso.*”<sup>22</sup>. Os medianeiros, diz o Apóstolo, de tal maneira são terceiros entre duas pessoas discordes para as unir que a união e amizade destes lhe não custa mais que o trabalho de os persuadir, e, se os compõe, é à custa dos mesmos divisos, acabando com eles que cada qual deles corte um pouco por si; mas Cristo de tal maneira foi medianeiro entre nós e Deos que à sua própria custa deu fim às inimizades  
 10 que entre nós e Deos em Adão tinham começado, e pondo-se em ãa Cruz e morrendo nela fez as pazes. Assi explicam este lugar São Crisóstomo e Santo Ambrósio o qual diz assi: “*Interfecit inimicitias in se, dum pro omnibus tam Judaeis quam gentibus mortuus est.*”<sup>23</sup>. Da mesma maneira explica Santo Anselmo o lugar, dizendo: “*Cum per crucem nos reconciliavit Deo, non fecit hoc per crucem quam alius passus sit.*”<sup>24</sup>. Falando Deos  
 15 com Moisés de como havia de permitir que Faraó perseguisse ao povo seu até se meter pelo mar no alcance dele e o havia d’afogar, a razão que para isto lhe deu foi: “*Et glorificabor in Pharaone et in omni exercitu eius, scientque Aegyptii quia ego sum Dominus.*”<sup>25</sup>. A poder de os afogar a todos me honrarei a mim e à sua custa aprenderão que sou Deos. Antiguamente honrava-se Deos destruindo, matando, afogando  
 20 inimigos; na lei da Graça tratou de se afamar e honrar cortando por si e morrendo e afogando-se no mar da Paxão. Antiguamente queria que o conhecessem por Deos matando na lei da Graça, quis que o conhecessem morrendo ele. Este modo de vitória pintou à letra Isaías, representando ao Messias, como se viesse de ãa batalha todo ensangoentado, ao modo que os vencedores saem das vitórias que alcançaram e  
 25 banhados no sangue dos inimigos. *Quis est iste qui venit de Edom, tinctis vestibus de Bosra?*

---

**L23.** Messias] A: Missias.

<sup>22</sup> *Ephesiorum*, 2:16. [Trad.: E reconciliá-los ambos com Deus, num só corpo por meio da cruz, na qual ele matou a inimizade.]

<sup>23</sup> *Chrysostomi, Homilia 4 in Cap. 2 Ephesiorum. Ambrosii, in hunc locum.* [Trad.: Acabou com as inimizades, morrendo por todos, tanto pelos judeus como pelos demais.]

<sup>24</sup> *Anselmi, ibidem.* [Trad.: Ainda que [Jesus] tenha nos reconciliado a Deus pela cruz, não o fez pela cruz propriamente, mas por aquilo que proporcionou.]

<sup>25</sup> *Exodus, 14: 4.* [Trad.: E triunfarei gloriosamente sobre o faraó e sobre todo o seu exército, e os egípcios saberão que eu sou o Senhor.]

*Iste formosus in stola sua, gradiens in multitudine fortitudinis suae.*<sup>26</sup>. A etimologia desta palavra *Edom* é significar “cor vermelha” e a da palavra *Bosra* é “ser o mesmo que vindima”. Diz, pois, Isaías: “Quem é este que vem como de batalha todo cheo de sangue que tão fora está de isso lhe tirar o vir formoso que antes lhe dá muita graça que antes logo parece que vem vencedor?”. “*Ego qui loquor justitiam et propugnator sum ad salvandum.*”<sup>27</sup>. Eu sou o Messias que vim à terra a cumprir a palavra que tinha dado de conquistar aos homens sua salvação. É isto um colóquio entre o Messias e os Anjos ou as almas dos justos, desejosos desta salvação; e a palavra, *Justiça*, neste lugar quer dizer “verdade e fidelidade”. “*Quare ergo rubrum est indumentum tuum et vestimenta tua sicut calcantium in torculari?*”<sup>28</sup>. Como vindes dessa maneira, Senhor, ao modo de homem que vem da vindima e de pisar as uvas aos pés no lagar e que traz o vestido cheo do mosto dele? “*Torcular calcavi solus et de gentibus non est vir mecum, calcavi eos in furore meo et conculcavi eos in ira mea; et aspersus est sanguis eorum super vestimenta mea et omnia indumenta mea inquinavi.*”<sup>29</sup>. Venho assi do lagar dos vícios, os quais pisei aos pés, e fiz pedaços e venho assi da vitória dos inimigos, com os quais só eu entrei em batalha e o venci sem ninguém me ajudar; e este sangue de que me vedes vir banhado é o sangue dos inimigos que matei. Quem foram os vencidos? Demônios e pecados. E pois estes tem sangue? Não. Que san|gue é logo esse? Dir-vo-lo-ei. Os [107r] vencedores do mundo vêm das vitórias cheos e banhados no sangue dos inimigos que venceram; eu venho banhado no sangue próprio, com o qual, derramado até morrer, os venci. Como dizeis logo que o sangue é dos inimigos que matastes e que dos corpos mortos vos saltou nos vestidos? Dir-vo-lo-ei. Destruí uns pecados que o eram de natureza humana, a qual estava a poder deles inimiga de Deos, e como dessa natureza humana tomei esta particular, de que me vedes vestido e trajado em derramar o meu próprio sangue, derramei um sangue da natureza inimiga, não enquanto estava em mim, que esta é impecável, mas enquanto convém com os homens na espécie.

---

**L1.** *formosus*] *AB: formosut.*

**L4.** *fermoso*] *A: formoso.*

**L6.** *Messias*] *A: Missias.*

**L7.** *Messias*] *A: Missias.*

<sup>26</sup> *Isaiae, 63:1. Ferrerius.* [Trad.: Quem é este que vem de Edom, de Bosra com as vestes fulgurantes, envolvido num traje magnífico, marchando na plenitude do seu vigor?]

<sup>27</sup> *Isaiae, 63:1.* [Trad.: Sou eu, que promovo a justiça e sou poderoso para salvar.]

<sup>28</sup> *Isaiae, 63:2.* [Trad.: Por que está vermelha a tua vestidura, como as daquele que pisa no lagar?]

<sup>29</sup> *Isaiae, 63:3.* [Trad.: Eu pisei sozinho o lagar, e ninguém estava comigo. Então eu os calquei com cólera, esmaguei-os com fúria; o sangue deles espirrou sobre meu vestuário, manchei todas as minhas roupas.]

Quero dizer: derramei um sangue humano, mas inocente, que era bem derramasse a natureza culpada.

Cordeiro por certo grande e celestial, que livrando dantes os homens do cativoiro temporal por meio daquele cordeiro pequeno, amenhã nos livrará do espiritual a poder do seu próprio. Isto querem dizer as palavras que hoje Cristo disse a seus discípulos dando-lhes o cálix de seu sangue a beber, como São Paulo refere na primeira carta que escreveo aos de Corinto: “*Hic calix novum testamentum est in meo sanguine.*”<sup>30</sup>. As quais palavras são tiradas de São Lucas, o qual acrescenta: “*Qui pro vobis efundetur*”<sup>31</sup>, onde a palavra *testamentum* é o mesmo que “pacto” e *testamento novo* quer dizer “pacto novo” à diferença de pacto antigo que Deos firmou com o seu povo na lei velha. Como se dissera: “este cálix que vos dou a beber está cheo de sangue do novo pacto e concerto, que convosco hei de fazer e o qual hei de firmar com o sangue que por vós derramarei”. Dous pactos fez Deos com os homens: um na lei velha, que se chamava testamento velho, no qual Deos prometia que, se fossem bons, lhes daria bens temporais, o qual pacto se confirmava com testemunhas e com sangue de animais, como Moisés fez por mandado de Deos. O qual descendo do monte com a lei que Deos lhe dera, que era o pacto que Deos fazia com o povo, lendo-a perante todos e aceitando a eles e prometendo de a guardar, mandou fazer sacrificios e parte do sangue dos animais mortos derramou sobre o altar. *Ille vero sumptum sanguinem respersit in populum et ait: “Hic est sanguis foederis, quod pepigit Dominus vobiscum super cunctis sermonibus his.”*<sup>32</sup>. E a outra parte espalhou por cima do povo, dizendo que aquele sangue era o com que firmava o concerto que com eles fazia, convém a saber, que, se fossem bons e guardassem aquela lei que da parte de Deos lhes lera, se lhes dariam grandes bens temporais. E já dantes era costume confirmarem os homens os pactos que faziam entre si com sangue de animais, como fizeram Jacob e seu sogro Labão, como diz o texto: “*Juravit ergo ei Jacob per timorem patris sui Isaac imolatisque victimis in monte vocavit fratres suos, ut ederent panem.*”<sup>33</sup>. Ao lugar do Êxodo aludio Isaías, quando falando do Messias diz: “*Iste asperget gentes multas*”<sup>34</sup>, querendo dizer que, com o sangue que

---

**L23.** Deos lhes lera] BC: Deos lhe lera.

<sup>30</sup> *I Corinthiorum, 11: 25.* [Trad.: Este cálice é a Nova Aliança no meu sangue.]

<sup>31</sup> *D. Thomas in Paulum. Lucae, 22:20.* [Trad.: Que é derramado por vós.]

<sup>32</sup> *Exodus, 24:8.* [Trad.: Moisés tomou o sangue para aspergir com ele o povo: “Eis, disse ele, o sangue da aliança que o Senhor fez convosco, conforme tudo o que foi dito.”.]

<sup>33</sup> *Genesis, 31:53.* [Trad.: E Jacó jurou pai de Isaac e ofereceu um sacrifício sobre a montanha e convidou seus parentes para comer o pão.]

<sup>34</sup> *Isaiae, 52:15.* [Trad.: Este aspergiu muitas gentes.]

derramaria por nós e sobre nossas almas, as purificaria; do que eram figuras as aspersões, que na lei velha se faziam. E este foi o segundo pacto e novo que Deus fez na lei da Graça, que se chama *testamento novo*, prometendo-nos bens espirituais, o qual consumou com seu próprio sangue: “*In meo sanguine.*”<sup>35</sup>. | Como se dissera: “Assi [107v] como o pacto antigo, em que se prometiam bens temporais, se confirmava com sangue de animais, parte do qual se lançava no altar e parte sobre o povo, assi eu amenhã farei convosco um pacto novo e eterno, em que vos prometeri o Céu, o qual confirmarei com meu sangue, o qual hoje por meio deste sacrifício derramo sobre vossas almas, dando-vo-lo a beber, antes que amenhã o derrame em preço vosso no altar da Cruz, para com ele derramado firmar o pacto de vossa salvação, que com o mundo determino fazer.”. Este argumento prosegue São Paulo, escrevendo aos Hebreos, aludindo ao lugar do Êxodo acima explicado, quando diz que, se Moisés, sendo homem, teve ordem de Deus para com o povo fazer pacto de bens temporais e este, firmado com sangue de brutos, o qual tinha tanta autoridade que, lançado sobre homens, dava firmeza às promessas, com quanta mais razão a Cristo, que era Pontífice vindo do Céu a fazer conosco pacto de bens eternos, devíamos dar mais crédito e ter nele melhores e mais firmes esperanças, pois firmava suas promessas com o seu próprio sangue. Seja, diz São Paulo, Moisés medianeiro de pacto antigo que se firmava com sangue de animais para bens temporais, mas Cristo seja medianeiro do novo pacto, firmado com sangue divino para bens espirituais e eternos. *Unde nec primum quidem sine sanguine dedicatum est. Lecto enim omni mandato legis a Moyse universo populo, accipiens sanguinem vitulorum et hircorum cum aqua, et lana coccinea, et hyssopo, ipsum quoque librum, et omnem populum aspersit dicens: “Hic sanguis testamenti quod mandavit ad vos Deus etc. Necessesse est ergo exemplaria quidem caelestium his mundari: ipsa autem caelestia melioribus hostiis quam istis”*.<sup>33</sup>. Moisés, parte do sangue dos bezerros, lançava no altar, parte sobre o povo, em confirmação dos bens temporais que só eram sombras dos do Céu. Cristo dá hoje a beber seu próprio sangue, que amenhã derramará no altar da

---

L9. dando-vo-lo] A: dando-lo-vo.

<sup>35</sup> I Corinthiorum, 11: 25. [Trad.: Meu próprio sangue.]

<sup>33</sup> *Hebraei*, 9: 18-23. [Trad.: Ora, nem mesmo a primeira aliança foi inaugurada sem sangue. Quando anunciou a todo o povo cada um dos mandamentos da Lei, Moisés tomou o sangue do novilhos e bodes, junto com água, lã vermelha e um hissopo. Em seguida, aspergiu primeiro o próprio livro e todo o povo, e disse: “Este é o sangue da aliança que Deus faz conosco etc. São necessários, pois, exemplos dos céus aos que são purificados: o mesmo céu, no entanto, às melhores vítimas [oferendas], como a estas.”.]

Cruz, em confirmação do pacto novo dos bens verdadeiros e celestiais. A isto aludio São Cipriano, quando disse: “*Ipse Christus pincerna porrexit hoc poculum, et docuit ut non tantum exterius hoc sanguine lintremur, sed et interius aspersione omnipotentis anima muniremur etc.*”<sup>37</sup>. Aquele cordeiro antigo, pequeno era, pois era irracional, nem sabia o que dele faziam quando o queriam matar; mas Cristo foi cordeiro grande 5 pola deliberação, alvoroço, gosto que hoje mostra: “*sciens quia venit hora eius*”<sup>38</sup>, que, sabendo o que daqui a poucas horas lhe há de acontecer, festeja as vésperas d’hoje com mostras de amor mais fervoroso que nunca, dando-se a comer, lavando pés. Tanto que, estando para fazer o dia d’amenhã um sacrifício de si na Cruz, nas vésperas d’hoje fez 10 outro de si mesmo em manjar, ou fez o mesmo sacrifício hoje que havia de fazer amenhã, inda que doutra maneira, como quem ao dia d’amenhã, como a dia de sua festa e Páscoa, e a dia do desposório conosco, dava hoje um banquete de si mesmo, para com ele festejar o dia d’amenhã. Depois que Salamão se desposou com a filha de Faraó e saíu com toda a pompa e acompanhamento real a dar mostras de si, levando consigo, na 15 liteira que com estranho artifício mandara fazer, a sua esposa, como se faz menção no 3 capítulo dos Cantares; no capítulo quinto se faz também menção de um convite que o mesmo Salamão fez à honra das vodas, ao qual chamou e convidou os seus privados e [108r] amigos, dizendo: “*Comedite, et bibite, et inebriamini carissimi*”<sup>39</sup>, das quais palavras diz São Gregório Niceno que foram figura das que Cristo disse a seus discípulos quando 20 os comungou: “*Accipite, et comedite: hoc est corpus meum, bibite ex hoc omnes*”<sup>40</sup> e que o convite e a causa dele foram profecias de como o verdadeiro Salamão da lei da Graça nos havia de dar a comer a si mesmo e a ocasião havia de ser para com este banquete festejar os desposórios principiados pela Encarnação e acabados de consumir na Cruz. E este convite, por ser das vésperas da morte, foi tanto mais festejado que os 25 demais que, sendo as graças dos outros convites rezadas, as deste dia foram cantadas para assi morrer cantando e mostrar o gosto com que morria, pois assi festejava as vésperas da morte como se o foram da vida. E fazer hoje de si sacrifício no santíssimo Sacramento, o qual é um memorial do sacrifício da Cruz d’amenhã, foi querer Cristo ter

<sup>37</sup> *Cypriani, Coena Domini*. [Trad.: O próprio Cristo estendeu as mãos a um copeiro daquele povo, e pediu que fôssemos banhados daquele sangue não apenas por fora, mas que em nosso interior também fôssemos munidos da alma onipotente etc.]

<sup>38</sup> Joannis, 13:1. [Trad.: Sabendo que sua hora chegou.]

<sup>39</sup> *Nissenii, Oratio 10 in Canticum Canticorum*, 5:1. [Trad.: Comei, bebei, inebriai-vos, ó caríssimos.]

<sup>40</sup> *Matthaei*, 26: 26-27. [Trad.: Tomai e comei: isto é meu corpo: bebei dele todos.]

desd'agora diante dos olhos o que amenhã havia de fazer de si, para que já que nós o  
havíamos de ver morto e crucificado, e ele se visse também crucificado no Sacramento,  
como em representativo da morte e Cruz; e hoje vivo se estivesse revendo em si  
crucificado. Custumais mandar-vos retratar para vos estardes vendo, senão que ninguém  
5 se manda retratar: não digo eu já morto, mas nem velho nem doente, mas quando mais  
moço, mais fermoso e na melhor disposição para que vós, quando velho, doente e  
acabado, vos estejais vendo na flor e melhor da vossa idade. Só Cristo, estando vivo, se  
manda retratar morto e crucificado; e, estando são, fermoso e com todas as suas forças,  
faz um retrato de si quando todo chagado, ferido e tal qual o representa Isaías. *Non est*  
10 *species ei, neque decor, et vidimus eum, et non erat aspectus, et desideravimus eum:*  
*Despectum et novissimum virorum, virum dolorum et scientem infirmitatem: et quasi*  
*absconditus vultus eius et despectus, unde nec reputamus eum.*<sup>41</sup>

### Discurso Segundo

15

*Sciens quia venit hora eius.*<sup>42</sup>

Do dia d'hoje e destas vésperas da morte se diz *sciens*, que, sabendo quanto lhe  
tinha custado o amar-nos, tão fora esteve de parar em nos amar que antes refinou mais o  
20 amor. Fino é o ladrão que, sabendo o hão d'enforçar amenhã, lhe não pesa hoje de haver  
furtado. Fino é o amante que, sabendo o querem matar porque ama, não deixa de querer  
bem; antes, nas vésperas da morte, faz maiores finezas de amor e extremos de afeição.  
Muitos principiarão amores, prometendo-se neles grandes gostos e comodidades, que,  
se cuidarão o contrário, não os começarão. Estes, quando vem riscos e perigos, tornam  
25 para trás e, se confessam amizade, | é até não terem contradição algũa; antes o tormento [108v]  
os faz negar amor. Cristo Senhor nosso confessa-se por amante nosso até morrer, e foi  
amigo a matar, e para morrer se fez homem sabendo mui bem o que lhe havíamos de  
custar, e que se havia de desposar conosco à custa de seu sangue, como Santo  
Agustinho diz: “*Sed ad hoc descendit: Christus in uterum virginis, ut exinde*

<sup>41</sup> *Isaiae, 53:2.* [Trad.: Não tinha graça nem beleza para atrair nossos olhares, e seu aspecto não podia seduzir-nos. Era desprezado, era a escória da humanidade, homem das dores, experimentado nos sofrimentos; como aqueles, diante dos quais se cobre o rosto, era amaldiçoado e não fazíamos caso dele.]

<sup>42</sup> Joannis, 13:1. [Trad.: Sabendo que sua hora chegou.]

*acciperet membra, quae traderet cruci, et mortem induceret antiquo draconi.*<sup>43</sup>. Se Deos se fez homem foi para que das entranhas da Virgem Mai sua tomasse ãs mãos, e uns pés que lhe pregassem na Cruz, um lado que lhe atravessassem, ãa cabeça que lhe coroassem de espinhas, um corpo que lhe açoutassem. Quando o Anjo quis matar a

5 Moisés, indo para Egipto com a embaxada de Deos, ou porque ia embaraçado com molher e filhos, ou porque, sendo legislador, não tinha inda circuncidado um filho que levava, o meio por onde escapou foi circuncidar logo Séfora, sua molher, ao filho com muita pressa, dizendo-lhe: “*Sponsus sanguinum tu mihi es*”<sup>44</sup>, como se lhe dissera que o não podera livrar da morte sem sangue ou que naquele dia se tornara a desposar com ele

10 a poder do sangue de seu filho, com o qual lhe comprara a vida; porque sem dúvida algũa o Anjo o matara, se ela não circuncidara seu filho Eleazaro; assi como costumais a dizer a um homem que escapou de algum grande perigo: “Senhor, hoje nacestes”, assi foi como se dissera a Séfora a Moisés: “Hoje vos desposastes comigo, e posso dizer que me custastes o sangue de meu filho com o qual vos livreis da morte”. Achou Séfora que

15 era grande encarecimento livrar da morte a seu marido com sangue alheo e que fora aquilo nacer de novo e de novo se desposar; com quanta mais razão podemos dizer de Cristo, que foi esposo nosso a matar, pois a poder do próprio sangue seu nos deu vida e no dia d’amenhã nacemos todos. E inda que já na Circuncisão se começou a desposar à custa de seu sangue, no dia d’amenhã se torna a desposar ou, para melhor dizer, acabou

20 de consumir seus desposórios conosco, como Santo Agustinho diz: “*Firmavit ascendendo conjugium.*”<sup>45</sup> O encarnar Deos foi desposar-se conosco, o morrer foi consumir o matrimônio espiritual que tinha contraído com nossas almas. Foi Séfora esposa e amiga de Moisés até ferir um filho e o circuncidar: Cristo tinha sido amigo nosso até se circuncidar a si, hoje o foi até morrer. Entrou Isaac em Geraris com sua

25 molher Rebeca, negando ser casado com ela e dizendo ser sua irmã, o que fez receoso de que por amor da fermosura de Rebeca o matassem, e perguntando el Rei Abimelec a causa por que negara ser sua molher, respondeo: “*Timui ne morerer propter eam*”<sup>46</sup>, temi que por ma tomarem, me tirassem a vida. E Clemente Alexandrino ponderando o lugar do Gênesis, quando diz: “*Vidit eum jocantem cum Rebecca, uxore sua*”<sup>47</sup>que

<sup>43</sup> *Augustini, Tomus 10, Sermo 10, De Nativitate Christi.* [Trad.: mas Cristo desceu até aqui, ao ventre da virgem, onde receberia os membros, os quais abandonaria na cruz, levando a morte ao velho dragão.]

<sup>44</sup> *Exodus, 4:25.* [Trad.: Tu és para mim um esposo de sangue].

<sup>45</sup> Augustini. [Trad.: Firmou o casamento, que deve ser elevado (consagrado).]

<sup>46</sup> *Genesis, 26:9.* [Trad.: Eu temia que me matassem por causa dela.]

<sup>47</sup> *Genesis, 26:8.* [Trad.: Viu Isaac que acariciava Rebeca, sua mulher.]

Abimelec vio a Isaac estar rindo e zombando com Rebeca, pergunta a causa deste riso e alegria e, dando a razão, diz: “*Risit autem ille a morte solutus judens et exultans cum sponsa.*”<sup>48</sup>. A matéria do riso e da alegria era escapar Isaac da morte por meio da negação de Rebeca, como se disseram entre si: “Quão bem fizemos, quão bem andamos, que bom conselho tomamos, que boa traça foi o negarmo-nos, para que nem a vós roubas|sem, nem a mim matassem”. Cristo, para morrer por nós, se desposou [109r] conosco e, se se deixou pregar na Cruz, foi para nela derramar sangue com que firmasse estes desposórios para sempre e, sobre certeza que por nos querer bem lhe haviam de tirar a vida, nos amou. E portanto as vésperas d’hoje podem competir com o dia d’amenhã, porque, inda que amenhã se celebre o benefício da redempção, hoje festejamos o amor com que se obrou.

E quanto ao que toca a chamar São João *hora* ao tempo da morte e Paxão de Cristo, bem me está que, sem embargo de parecerem aos homens as horas dos trabalhos ãas eternidades, e o tempo e horas de gosto brevíssimas por compridas que sejam, a Cristo parecesse breve o tempo da Paxão e morte, pois o era de seu gosto e amor, o qual tem mão para adoçar trabalhos e abreviar a duração deles, de maneira que pareça brevíssima, sendo comprida e vagarosa. Contudo, se são dias de ausência e horas de apartamento, com que licença lhes chama o Evangelhista *hora* que parece desfaz no amor de Cristo? Principalmente que nunca este Senhor à sua morte e Paxão chamou *morte*, mas *apartamento*: “*ut transeat, vado ad Deum. Nemo ex vobis interrogat me: Quo vadis?*”<sup>49</sup>, explicando a morte pelo que mais sentia nela, que era o apartar-se de nós e pelas saudades que dos seus levava. Ao que respondo que, como Cristo nos amava para bem nosso, e não seu, ao tempo de se absentar de nós pela morte teve per hora breve, porque nela tratava mais de nos merecer o Céu que de nos possuir e conservar na terra. O merecer padecendo e morrendo por nós era bem nosso, o conservar-nos era gosto seu: era tempo em que ou havia de merecer para nós, indo-se de nós, ou lograr-nos, ficando conosco; quis antes ir-se para nos merecer que ficar para nos possuir. De Jacob conta a Escritura que sete anos servio a Labão por Raquel e estes assaz custosos.

---

L5. para] B: p[ar]a.

L24. conservar] ABC: conversar.

L25. conservar] ABC: conversar.

<sup>48</sup> *Clementis Alexandrini, Liber I, Pedagogia, Cap. 5.* [Trad.: Ele ri por ter se livrado da morte, e comemora com sua esposa.]

<sup>49</sup> Joannis, 16:5. [Trad.: Vou para aquele que me enviou. Ninguém de vós me pergunta: ‘Para onde vais?’]

*Die noctuque aestu urebar et gelu fugiebatque; somnus ab oculis meis*<sup>50</sup>, e no meio de tanta dilação e trabalho, o amor que a Raquel tinha fazia com que sete anos parecessem poucos dias. *Videbantur illi dies pauci prae amoris magnitudine*.<sup>51</sup> No que noto ãa cousa não vulgar: Jacob, que consequência tem dizer-se de vós que o grande amor que

5 tñheis a Raquel fazia com que os muitos anos que por ela servíeis vos parecessem poucos dias? Não dáveis boa conta de vosso amor porque o contrário houvera de ser que as horas vos houveram de parecer dias, os dias somanas, as somanas meses, os meses

10 anos e cada ano milhares deles? Sabeis por que a Jacob os anos em que se dilatava a posse de Raquel pareciam breves dias, devendo de lhe parecerem os dias anos? Porque eram anos trabalhosos e Jacob não tanto tratava de possuir Raquel quanto de a merecer,

não de lograr mas de agradar, e como tinha grande opinião de Raquel, achava que muito mais merecia fazer-se por ela, e assi quanto mais se dilatava a posse mais contente vivia, porquanto trabalhando mais merecia mais; e para com ele muito mais ponderava o tempo do merecer do que lhe dava de pena a dilação do possuir. E esta era a razão por

15 que lhe pareciam breves dias os anos em que por seu respeito padecia e trabalhava, nem lhe pareciam compridos anos os em que se lhe di|latava o pussui-la. A Cristo Senhor [109v]

nosso o tempo que padece e está morto polos homens e sem os ver e conversar lhe parece hora, sendo assi que, por ser tempo de apartamento e de ausências e saudades, lhe houvera de parecer comprido, porquanto era tempo em que pretendia mais merecer-

20 nos que possuir-nos, mais grangear-nos o Céu que tratar-nos na terra como verdadeiro amigo, tratando do bem nosso à custa do gosto que teria de nos ver e conversar sempre, se podera ser.

Chamou São João ao tempo da Paxão *hora de Cristo*, porque era hora de seu desejo, pola qual andava suspirando para nela colher o prêmio de seu amor, que era

25 morrer por nós, e o fruto de sua morte, qual era nossa salvação. Nas palavras dos Cantares: “*messui myrrham meam cum aromatibus meis*”<sup>52</sup>, em sentido espiritual entendidas, se compara o Esposo de nossas almas, Cristo, a um lavrador, o qual todo o ano trabalha para no fim dele colher a novidade e a melhor hora que tem é a da sega, que, inda que o tempo seja calmoso, nele colhe esse lavrador o fruto de seus trabalhos.

30 E o Espírito Santo, pelo Profeta Isaías querendo encarecer o gosto que teriam os da lei

---

**L10.** Raquel] *A*: a Raquel.

**L14.** do possuir] *A*: no possuir.

<sup>50</sup> *Genesis*, 31:40. [Trad.: Eu era queimado de dia pelo calor, e de noite pelo frio, e o sono fugia dos meus olhos.]

<sup>51</sup> *Genesis*, 29:20. [Trad.: Anos, que lhe pareceram dias, tão grande era o amor que lhe tinha.]

<sup>52</sup> *Cantici Canticorum*, 5:1. [Trad.: Colho a minha mirra e o meu bálsamo.]

de Graça, vendo-se alumiados pelo Messias e libertados do cativeiro do demônio e dos pecados, compara-o com o do lavrador no tempo da sega, em que recolhe o fruto da lavoura: “*Laetabuntur coram te: sicut qui laetantur in messe*”<sup>53</sup>, como se dissera o Esposo: “A hora do meu gosto e descanso é o tempo da sega e vendima. Que vendimastes e segastes? Seguei mirra, que é símbolo da morte e dos trabalhos, porque morte e trabalhos semeiei para estes colher por meio das pregações, milagres, boas obras que fiz, e para que por estas me tirasse a vida a malícia humana, e toda a minha vida cansei por vir a descansar morrendo e a morte me ficar por prêmio de meus trabalhos e paga de meu amor.”. Assi lhe chama Santo Ambrósio, quando diz: “*Haec magni est corona certaminis, hoc praelarum munus spsalium Christi, sanguis eius et passio*.”<sup>54</sup>. Teve Cristo por bastantíssimo prêmio dos trabalhos que padeceu por nós o tirarem-lhe a vida para remédio nosso. O dote e as arras com que se contentou quando se desposou conosco foi o sangue com todo o seu preço que derramou por nós. *Cum aromatibus meis*.<sup>55</sup>. Também semeiei desejos da salvação dos homens e orações feitas por eles, as quais dão gosto e suave cheiro a Deos, e esta salvação quero que seja o fruto de minha morte, esta, o prêmio de meu amor. Assi o afirma Santo Ambrósio, dizendo: “*Hoc excelentissimum indicat praemium suae mortis, quo peccator absolvitur*.”<sup>56</sup>. Dá-se Cristo por honradíssima e bastantísimamente pago de sua morte com o fruto de nossa salvação. E bem se deixa ver esta verdade no Apóstolo São Paulo, o qual, falando do prêmio que se deu a Cristo por morrer por nós, diz que foi o ofício e nome de Salvador nosso: “*Humiliavit semetipsum factus obediens usque ad mortem, mortem autem crucis. Propter quod et Deus exalavit illum et donavit illi nomen quod est super omne nomen: ut in nomine Jesu omne genuflectatur etc*.”<sup>57</sup>. Nas quais palavras o que noto é que nos não obrigou Deos menos no prêmio que deu a seu Filho por nos salvar, que na mesma salvação que nos concedeo, pois lhe deu por prêmio de nos salvar o título e nome de *Salvador*, para que lhe ficasse por | ofício e obrigação o salvar-nos, já que se lhe dera o nome e título em paga da mesma obra da salvação. E inda que este nome se lhe deu na [110r]

<sup>53</sup> *Isaiae*, 9:2. [Trad.: Rejubilam-se diante de vós como na alegria da colheita, como exultam na partilha dos despojos.]

<sup>54</sup> *Ambrosii, Liber de Isaac, Cap. 4*. [Trad.: Estas coisas são a coroa de seus grandes esforços, a graça superior dos esponsais de Cristo, seu sangue e paixão.]

<sup>55</sup> *Cantici Canticorum*, 5:1. [Trad.: Com o meu bálsamo.]

<sup>56</sup> *Ambrosii, Liber 2, De Passionis, Cap. 7*. [Trad.: Proclame-se este excelentíssimo prêmio, pois o pecador é absolvido por sua morte.]

<sup>57</sup> *Philipensium*, 2:8. [Trad.: Humilhou-se ainda mais, tornando-se obediente até a morte, e morte de cruz. Por isso Deus o exaltou soberanamente e lhe outorgou o nome que está acima de todos os nomes para que ao nome de Jesus se dobre todo joelho etc.]

Circuncisão, contudo diz São Paulo que se lhe deu por amor da morte da Cruz e com atenção e olho nela, como quem lhe propunha primeiro o prêmio para que se animasse ao merecer perfeitamente, morrendo por nós, e o nome e ofício prometido de Salvador o animasse a nos salvar morrendo e nossa salvação ficasse sendo o fruto de sua morte, e o prêmio de seu amor.

Chama-se também *hora sua* porque nela havia de sair enfeitado e de gala como em dia de seus desposórios a os confirmar e consumir na Cruz. O lugar dos Cantares “*Egredimini filiae Sion et videte regem Salomonem in diademate, quo coronavit eum mater sua, in die desponsationis suae et in die laetitiae cordis suis*”<sup>58</sup> fala à letra do acompanhamento com que Salamão saíu no dia dos seus desposórios com a filha de Faraó; e conforme a São Bernardo, São Gregório, Santo Agostinho, Santo Ambrósio, foi profecia da saída que amenhã fez ao Calvário a se desposar conosco, indo vestido de festa e de gala com coroa de espinhos na cabeça, levando às costas por cetro a Cruz. O qual dia foi o de alegria de seu coração, inda que de tristeza para a carne, como ponderou o comentário dos três Padres, onde se diz: “*Laetatus est spiritu, licet carnis cruciatibus vexaretur*.”<sup>59</sup> A gala de que saíu vestido na Cruz foi o sangue que por nós derramou, o qual lhe não tirou ficar fermoso. O lugar do Gênesis “*Lavabit in vino vestem suam et in sanguine uva indumentum suum*”<sup>60</sup>, inda que a letra fosse prometer e prenotificar Jacob a seu filho Judas que a terra que lhe caía per forte seria fertilíssima e daria de tudo grandes novidades, principalmente de vinho, o qual seria tanto que poderia ter o uso da ágoa, a qual é lavarem-se nela os vestidos, por ser de ordinário muita em abundância, contudo foi profecia de Cristo e promessa que o Padre Eterno fez a seu Filho de ùa grande novidade de sangue, significado pelo vinho, com o qual sangue como com púrpura de Rei havia de sair enfeitado, e com coroa de espinhos na cabeça, e Cruz às costas. *Exivit ergo Jesus portans spineam coronam et purpureum vestimentum. Et baiulans sibi crucem exivit in eum, qui dicitur Calvariae, locum, hebraice autem*

<sup>58</sup> *Cantici Canticorum, 3. Bernardi, Sermo I, De Epiphania, et Sermo I, Ominium Sanctorum. Theodori, in hunc locum Richardi de Sancto Victore, Pag. 2, Cap. 13. Ambrosii, Liber de Isaac. Gregorii, in hunc locum.* [Trad.: Sai, ó filhas de Sião, contemplai o rei Salomão, ostentando o diadema recebido de sua mãe no dia de suas núpcias, no dia da alegria de seu coração.]

<sup>59</sup> *Commentarii Trium Patrum: Nysseni, Maximiliani, Nyssi.* [Trad.: O espírito está contente, ainda que a carne seja violentada na cruz.]

<sup>60</sup> *Genesis, 49:11.* [Trad.: Lava com o vinho suas vestes, com o sangue das uvas o seu manto.]

*Golgotha*.<sup>61</sup>. O que ponderando Clemente Alexandrino diz: “*Dicit in spiritu suo se ornaturum corpus verbi.*”<sup>62</sup>. O dizer Jacob em espírito que o Messias seria Senhor de ã grande novidade de sangue e tanto que nele poderia banhar os vestidos e purificá-los foi dizer que esse sangue lhe faria um trajo galante, e bem feito, e acabado, e bem  
5 guarnecido, com o qual poderia mui bem aparecer. “*Hoc est gloria Dei caro et Crux*”<sup>63</sup>, diz Teófilo. E tanto este sangue e morte de Cruz foi a gala de Cristo que o mandar Deos ao Santo Patriarca Abraão, “*Tole filium tuum unigenitum, quem diligis Isaac et vade in terram visionis, atque ibi oferes eum in holocaustum*”<sup>64</sup>, que lhe sacrificasse seu filho Isaac, cousa que ele despois havia de fazer ao seu próprio Filho por nós, foi querer o Pai  
10 Eterno ver em Abraão o como lhe estaria esta obra despois, e foi querer o Filho de Deos na lenha posta às costas de Isaac ver o como lhe estaria a Cruz, quando a levasse às costas até o Calvário, e como dizia nele o sacrificio, para despois se trajar dele e o pôr per | obra, tomada a semelhança de um capitão que manda fazer ãas armas fortes e [110v] lustrosas para com elas dar mostras de si; e elas feitas e acabadas, manda-as vestir às  
15 escondidas a um criado seu, para nele ver o como dizem e lhe estarão a ele, quando despois as vestir. E se lhe contentam, manda-as despir logo, nem consente que outrem as use, até ele sair em público com elas a primeira vez e as estrear primeiro. Não doutra maneira, mandar Deos a Abraão que em um lugar escondido e apartado provasse este sacrificio e Isaac na lenha às costas provasse a Cruz, e indo para degolar a Issac, ir-lhe à  
20 mão, dizendo: “*Non extendas manum tuam super puerum, neque facias illi quidquam*”<sup>65</sup>, foi parecer-lhe o sacrificio e trajo também que guardou e poupou o lanço para si. Abraão isso basta, não vades por diante, o mais fique para mim quando no Calvário entregar meu Filho à morte de Cruz por amor dos homens (como Nazianzeno diz, falando com Cristo: “*At ipsa te Patris benignitas cecidit*”<sup>66</sup>), nem quero que Isaac  
25 seja morto nem sacrificado, nem o seu sangue se derrame, porque guardo isso para meu Filho sair de gala na Cruz. O que ponderando Clemente Alexandrino diz: “*Jure Issac*

---

L2. Messias] A: Missias.

L23. Nazianzeno] B: Nazinnzeno.

<sup>61</sup> *Joannis, 19:5*. [Trad.: Apareceu então Jesus, trazendo a coroa de espinhos e o manto de púrpura. Ele próprio carregava a sua cruz para fora da cidade, em direção ao lugar chamado *Calvário*, em hebraico *Gólgota*.]

<sup>62</sup> *Clementis Alexandrini, Liber I, Pedagogia, Cap. 6*. [Trad.: Diz: em seu espírito há de ornar-se o corpo do verbo.]

<sup>63</sup> *Teophili in Cap. 17 Lucae*. [Trad.: Isto é a glória de Deus, a carne e a Cruz.]

<sup>64</sup> *Genesis, 22:2*. [Trad.: Toma teu filho, teu único filho a quem tanto amas, Isaac; e vai à terra de Moriá, onde tu o oferecerás em holocausto.]

<sup>65</sup> *Genesis, 22:12*. [Trad.: Não estendas a tua mão contra o menino, e não lhe faças nada.]

<sup>66</sup> *Nazianzeni in Tragediam Christi Passi*. [Trad.: Mas a própria bondade do Pai te fez sucumbir.]

*non passus est, qui primas passionis partes verbo cessit*”.<sup>67</sup> O não padecer Isaac foi respeito que se guardou a Cristo e se deu Isaac de seu direito por o dar ao Messias, para que fosse o primeiro que se vestisse deste traje e o estreasse. Fez Cristo honra de morrer por nós, para nos salvar; façamos nós honra de o amarmos e servirmos e de nos deixarmos salvar por meio da sua morte e Cruz.

---

L2. Messias] A: Missias.

---

<sup>67</sup> *Clementis Alexandrini, Liber I, Pedagogia, Cap. 5.* [Trad.: Por direito, Isaac – quem cessou pelo verbo as primeiras partes da paixão – não foi exposto.]

**TRATADO SEGUNDO DA MESMA QUINTA-FEIRA DO MANDATO**

**Discurso Primeiro**

5 *Cum dilexisset suos, qui erant in mundo, in finem dilexit eos.*  
*(Joannis, 13)*<sup>68</sup>

Ou por estes, a que Cristo chama *seus*, se hajam d'entender todos os homens ou em particular seus discípulos; o que nestas palavras noto é chamar São João a quanto  
 10 Cristo tinha feito polos homens amor: “*Cum dilexisset*”, e ao que hoje e amenhã fez maior amor: “*in finem dilexit eos*”. E com razão, porque o formal do benefício é o amor com que se faz; tanto que, se quantas mercês fez Deos ao mundo despois que o creou e quantas fez despois de se fazer homem até morrer, fora possível fazê-las Deos contra sua vontade, chamaram-se todas *dádivas*, mas não foram benefícios, pois lhes faltava o  
 15 amor que lhes dá o ser e a for|malidade. Esta é a razão por que, celebrando nós amenhã [111r] o benefício da redenção, hoje festejamos o amor com Cristo o obrou. E em matéria de fazer benefícios e recebê-los andamos tão errados que nem falar sabemos. Custumais a dizer: “Fulano me deu este officio, e houve este Bispado, esta honra, este dinheiro, devo-lhe muitos benefícios”. Não sabeis falar que nada disso é benefício, matéria do  
 20 benefício sim. Porque, se algũas destas cousas foram benefícios, como sejam temporais e caducos, que dependem do tempo e da fortuna, perdendo-as, perderá o benefício quem vo-lo fez e vós ficareis desobrigado; o que tão fora está de ser assi que sempre fica o benefício, por mais que se parta o benefício dele. Libertastes ao amigo dos ladrões, cativaram-no outros: perdestes o benefício ou ele ficou desobrigado? Não, que quando  
 25 muito foi privarem-no do uso do benefício, não da obrigação dele. Livrastes do incêndio ou do naufrágio ao amigo, ao qual despois levou a doença e a morte, nem por isso o benefício se perde, pois está em pé a boa vontade com que se vos fez esse bem, o qual não foi mais que ministro e matéria do benefício, pelo qual a boa vontade se declara.

Donde se infere que quem vos não dá a cousa com gosto, nem com vontade,  
 30 nada vos obriga e nenhum benefício vos faz. No livro do Gênesis temos que duas vezes abençoou Isaac seu filho Jacob, ãa no capítulo vinte e sete, quando cuidou que

---

L21. caducos] A: caducas

L23. parta o benefício] A: parca a matéria

---

<sup>68</sup> *Joannis, 13:1.* [Trad.: Como amasse os seus que estavam no mundo, até o fim os amou.]

abençoava a Esaú, e outra no capítulo vinte e oito, onde se diz: “*Vocavitque Isaac Jacob et benedixit eum*”<sup>69</sup>, e a razão de o abençoar segunda vez foi para na segunda bênção lhe dar a vontade que na primeira tinha faltado, quando cuidou que abençoara a Esaú e não a Jacob; que, inda que da primeira vez lhe deu bênção, não lhe fez benefício, pois lhe faltou o formal dele, qual é o amor; verdade é que o abençoou, mas não o obrigou, porém da segunda vez, ratificando a bênção primeira e passada, lhe deu a vontade que tinha faltado, para que a bênção ficasse benefício e Jacob obrigado. Esta é a razão por amor da qual, nas mercês que Deos nos faz, a primeira cousa que vai diante é o amor, para que os benefícios fiquem grandes, não só em si, mas por razão do grande amor com que se fazem. Porque ãa boa vontade dá grande preço e valia a pouquidades, e grandezas sem esta valem pouco ou nada. E daqui nace o que temos dito: que, se todos os bens quantos Deos nos tem feito fora possível fazê-los sem amor e contra sua vontade ou por qualquer outro respeito que não fora afeição foram dádivas, mas não foram benefícios, porque o dar toma todo o ser do respeito porque se dá. Se dais por força, é medo; se para que vos dê, é interesse; se por ostentação, é vaidade e soberba; se por amor, é benefício. Esta foi a razão por que São João aos bens que Deos nos fez pôs nome d’*amor*.

Mas o que muito encareceo o amor d’hoje é que, agradecendo nós tão mal o *cum dilexisset suos*<sup>70</sup>, quero dizer, as mercês passadas, acrecentasse Cristo o *in finem dilexit*, os benefícios do dia d’hoje e os do dia d’amenhã. O encarecimento do amor que David tinha a Saul e a Israel esteve em que, quando o tinham lançado de si e desagradecido os serviços honrosos que lhe tinha feito e ele se tinha acolhido para Áquis assi perseguido [111v] e desterrado, andasse conquistando terras ao ingrato Saul e Israel e lhes fizesse novos serviços, sem embargo de serem mal agradecidos os passados. *Et ascendit David et viri eius, et agebant praedas de Gessuri, et de Gerzi, et de Amalechitis.*<sup>71</sup>. Cristo então faz maiores mercês, quando nós mais indignos delas e quando de nós tinha experimentado maiores ingratidões; tanto que mais indigno estava o mundo da redenção de Cristo quando ele morreo para a consumir que quando naceo para lhe dar princípio. Porque, inda que quando Deos veo ao mundo houvesse muitos pecados, faltavam ainda

<sup>69</sup> *Genesis*, 28:1. [Trad.: Isaac chamou Jacó e o abençoou.]

<sup>70</sup> [Nota: na margem do impresso de 1612 consta a indicação de referência *I Regum 18*, mas não parece haver no texto trecho que corresponda a essa referência.]

<sup>71</sup> *I Samuelis*, 27:8. [Trad.: E subiu Davi e os seus homens e faziam incursões entre os gessureus, os gerezeus e os amalecitas.]

as ofensas feitas à pessoa de Cristo, as quais eram mais graves que todas, tirando as cometidas contra Deos imediatamente e com as quais se encheram as medidas dos pecados. Estava hoje Cristo em vésperas de receber os maiores agravos que nunca, quando faz maiores mercês do que té então fezera. E com tantas ofensas, tão fora de se

5 diminuir o amor que antes cresciam as mostras dele. Querendo o Espírito Santo encarecer a força do amor, diz que não haverá trabalhos que o possam acanhar. *Aquae multae non potuerunt extinguere caritatem, nec flumina obruent illam*.<sup>72</sup>. Tinha comparado o amor com o fogo e agora diz que inda que ágoa prevaleça contra o fogo, e o apague, contudo se o amor é verdadeiro, não há trabalhos nem contradições, por

10 muitas que sejam, significadas pelas ágoas e pelos rios delas que o possam vencer, antes ele a tudo vence e contra tudo prevalece. Mas não chegou o Espírito Santo a dizer que o amor creceria com essas contradições, que isto tinha o Espírito Santo guardado para o dizer de Cristo por São João. *In finem dilexit eos*.<sup>73</sup>. Foi o amor na despedida tão grande que com os agravos cresciam as mostras dele, nem as ofensas chegavam ao amor para

15 via de o poderem diminuir. Se as cheas são grandes, e as ágoas vivas, e o mar sae da madre, cobre edificios altos, soberbos, suntuosos; cheas houve de ingratidões e de pecados e ofensas feitas à pessoa de Cristo, mas nenhãs poderam subir tanto que encobrissem as mostras do amor deste Senhor. O Verbo de David “*In diluvio aquarum multarum ad eunt non aproximabunt, id est, in maximis aerumnis et calamitatibus*

20 *servabitur divinitas homo pius et justus, ne ab illis ledatur*”<sup>74</sup> fala da segurança do justo no meio das contradições que o mundo lhe faz, para não ser santo e diz que, por mais que o mundo se conjure contra ele, todo esse mundo junto e apostado lhe não estrovará o amor que tem a Deos. Isto em primeiro lugar compete ao justo dos justos Cristo Senhor nosso, de cujo amor e graça participaram todos os justos a fortaleza dos seus

25 amores, contra o qual nenhãs ofensas prevaleceram; que, inda que as ágoas das tribulações e da morte e Cruz afogaram a vida, como ele confessa, “*Intraverunt aquae usque ad animam meam*”<sup>75</sup>, contudo não afogaram ao amor, antes passou a nado este

---

**L11.** o Espírito Santo] A: Espírito Santo.

<sup>72</sup> *Cantici Canticorum, 8:7, Sotto Major* [Trad.: As torrentes não poderiam extinguir o amor, nem os rios o poderiam submergir.]

<sup>73</sup> Joannis, 13:1. [Trad.: Até o fim os amou.]

<sup>74</sup> *Psalmorum, 31:6, Genebrardus*. [Trad.: Quando transbordarem muitas águas, elas não chegarão até ele. Isto é, o homem pio e justo, mesmo em máximo sofrimento e calamidade, será preservado pelo poder divino, não sendo sequer violentado por eles.]

<sup>75</sup> *Psalmorum, 68:2*. [Trad.: As águas entraram em minha alma.]

divino amor pelo mar de nossas ingratidões, sem se afogar nelas. “*Quia torentem pertransit anima diligentis*”<sup>76</sup>, diz Santo Ambrósio. Este Senhor a poder do fogo de seu amor passou a nado o mar de nossas ingratidões, e as cheas dos males e das contradições que se chegaram à vida não chegaram ao amor, como Santo Ambrósio diz:

5 “*Sunt ergo fastigia pietatis*”<sup>77</sup> *sunt culmina caritatis.*”<sup>78</sup>. Tem o amor do Céu seus cumes [112r] tão altos que não lhe podem chegar todas as águas e cheas do mundo todo, para via de lhe fazerem dano algum.

### Discurso Segundo

10

*In finem dilexit eos.*<sup>79</sup>

Santo Tomás nosso padre diz que assi como no fogo material, conforme Aristóteles no primeiro livro da Metafísica, podemos considerar três graus: calor, fervor, ardor: princípio, meio e fim, e então se dá fogo perfeito, quando há ardor, porque

15 então se dá forma de fogo, assi no amor e fogo espiritual podemos considerar estas três diversidades: calor, fervor, ardor: princípio, meio e fim. *Calent incipientes, fervent proficientes, ardent perfecti.*<sup>80</sup>. Nos principiantes que começam servir a Deos, tem o amor razão de calor; nos que continuam e vão aproveitando na virtude, é o amor fervor;

20 mas nos perfeitos, é ardor. Entre os principiantes, cujo amor é calor, são numerados aqueles corações, diz Santo Tomás nosso padre, dos quais se entende o verso de David “*Concaluit cor meum intra me*”<sup>81</sup>: dos fervorosos se há d’entender o lugar de São Paulo, escrevendo aos Romanos, “*spiritu ferventes*”<sup>82</sup>: dos perfeitos e ardentes se há de entender a outra parte do verso acima dito, “*Et in meditatione mea exardescet ignis, id*

25 *est, exarsit zelus, qui est quidam ignis et fervor in interioribus meis praecupiditate*

---

**L9.** Segundo] *B*: Primeiro.

**L14.** Aristóteles] *A*: a Aristóteles.

<sup>76</sup> *Ambrosii, Liber de Jacob et Beata Vita, Cap. 7.* [Trad.: Porque a alma dos diligentes passeia pela torrente.]

<sup>77</sup> [Nota: Este fôlio foi numerado equivocadamente como 108, sendo na verdade o 112.]

<sup>78</sup> *Ambrosii in Psalmorum 118, Sermo 19.* [Trad.: São, portanto, os fastígios da piedade, são os cumes da caridade.]

<sup>79</sup> *Joannis, 13:1.* [Trad.: Até o fim os amou.]

<sup>80</sup> *D. Thomas, Opus 61. Dilectio Dei et Proximi, de 10 gradibus amoris in 9 gradibus.* [Trad.: Esquentam os iniciantes, fervem os proficientes, ardem os perfeitos.]

<sup>81</sup> *Psalmorum, 38:4.* [Trad.: Meu coração se abrasou dentro de mim.]

<sup>82</sup> *Romanorum 12:11. Psalmorum, 38, Genebrardus.* [Trad.: Os que se fervem em espírito.]

*loquendi*”<sup>83</sup>: destes foi a Santa Magdalena, da qual diz São Gregório Papa assi: “*Disce quo dolore ardet, quae flere inter epulas non erubescit*”. E acrescenta o Doutor Angélico: “*Pauci calentes, pauciores ferventes, paucissimi ardentes*”<sup>84</sup>. Os calorosos são os mais, inda que poucos; os ferventes menos, os ardentes raríssimos. Esta

5 diversidade podemos considerar no amor de Deos para conosco. Quando Deos no princípio do mundo se contentava com um Abel, com um Noé, com um Abraão, era seu amor calor, nas mostras entendo: quando despois escolheu povo, ao qual deu lei, cerimônias, profetas: mandou edificar templo, para ser honrado nele, podemos considerar amor de Deos já crecido e tornado fervor, mas quando na lei da Graça se fez

10 homem e creceram as mostras da afeição, ficou parecendo ardor e ardia Cristo em amor, e ardia não em pena, mas em glória. E se toda a vida de Cristo em comparação do tempo passado, antes de ser homem, foi ardor, o dia d’hoje e d’amenhá em comparação das obras de toda a vida passada, que seria? Digo que foi como se toda o esfera do fogo descera, e caíra sobre nós para tudo abrasar, e que desandaram todas as rodas do amor.

15 Choveo fogo e choveo amor, caí o Céu com fogo e com amor. Quando Deos quis destruir o mundo com o dilúvio de água, diz o texto: “*Rupti sunt fontes abyssi magne et cataractae caeli apertae sunt et facta est pluvia super terram.*”<sup>85</sup>. Desentranhou-se o Céu e a terra, e falaram-se para destruírem o mundo: lançou o Céu a água que tinha em si e a terra à sua, e tomaram o mundo no meio para o alagarem. Não doutra maneira | [112v]

20 para Deos alagar o mundo com misericórdia e o abrasar com fogo d’amor, se desentranhou o Céu e a terra, o amor divino e humano, e ambas as vontades: rompeo-se o peito de Cristo e lançou água e sangue, com cuja infinidade se purificou o mundo todo. Assi o diz o Profeta David em pessoa de Cristo: “*Sicut aqua effusus sum et dispersa sunt omnia ossa mea. Factum est cor meum tanquam cera liquescens in medio*

25 *ventris mei.*”<sup>86</sup>. Derramei-me todo sobre vós, diz Cristo, e espalhei sobre vós meos ossos, derramei meu sangue, derreti meu coração, espalhei as entranhas de minha

---

L2. acrescenta] A: acrescento.

L19. doutra] B: doura.

<sup>83</sup> Psalmodum, 38:4. [Trad.: E em minha meditação o fogo se inflamará, isto é, inflama-se o zelo, aquele fogo e fervor que devem se manifestar no interior da minha paixão.]

<sup>84</sup> Gregorii Papae, Homilia 33 in Evangelium. [Trad.: Descubra quanto arde a dor, uma vez que ela não enrubresce de verter lágrimas em seu repouso. (...) Os calorosos são poucos; os ferventes menos, os ardentes pouquíssimos.]

<sup>85</sup> Genesis, 7:11. [Trad.: Romperam-se naquele dia todas as fontes do grande abismo, e abriram-se as barreiras dos céus e fez-se chuva sobre a terra.]

<sup>86</sup> Psalmodum, 21:15. [Trad.: Derramei-me como água e todos os meus ossos se desconjuntaram; meu coração tornou-se como cera e derreteu-se no meu ventre.]

misericórdia. Grande devia de ser o fogo do amor que tanto derreteu. Vio Daniel ao filho de Deos assentado em figura de um homem velho e ancião vestido de branco e a cabeça toda chea de cans. *Thronus eius sicut flamae ignis: rotae eius ignis accensus. Fluvius igneus rapidusque, egrediebatur a facie eius.*<sup>87</sup>. A cadeira em que estava assentado era de fogo e de fogo estava cercado por todas as partes e por diante dele passava um rio de fogo. Bem sei que fala o Profeta do aparato com que Cristo virá a julgar, mas quem tem e traz tanto fogo para castigar cousa que é obra alhea de sua condição quanto mais fogo terá para amar e fazer bem, obra que é mais de sua inclinação quanto à manifestação. Que não fará quem tem tanto fogo dentro de si? Que nos resta se não esmorecermos com tanto amor? O primeiro dilúvio foi d'ágoa para acabar e esfriar o mundo; este segundo foi d'amor para o abrasar e converter a si. São Jerônimo explica do mistério da Redempção o lugar do Profeta Joel que diz: "*Et erit in illa die, stillabunt montes dulcedinem, et colles fluent lacte, et per omnes rivos Judae ibunt aquae, et fons de domo Domini egredietur et irrigabit torrentem spinarum.*"<sup>88</sup>.

15 Naquele tempo os montes e os outeiros distilaram doçura e serão uns lugares tão férteis e fartos que darão o preço de nossa redempção. O monte Olivete estará cheo do sangue, que suou; o Calvário, do que derramou das Chagas; o pretório, do sangue dos açoutes e das espinas com que o coroaram; as ruas, do sangue, que dele ia correndo; o torrente das espinhas também foi regado, qual foi, ou a casa onde o coroaram, ou os mesmos que

20 lhas poseram na cabeça. Esta divina fonte, que é a mesma de que fala Zacarias, quando diz: "*Erit sons patens domui Jacob*"<sup>89</sup>, aos mesmos inimigos regou, pedindo para eles perdão ao Pai, até regar a Judas, dando-se-lhe a comer. Era tão grande o fogo que até as espinhas convertia em si, abrasava as ágoas e fazia delas matéria de maiores mostras d'amor. Deste fogo do amor divino abrasador foi figura aquele fogo que veu do Céu

25 sobre o sacrificio de Elias, o qual de doze pedras em nome dos doze Tribus fez um altar com um cano de ágoa ao derredor e ãa cova no meio, concertou a lenha e sobre ela pôs um boi em quartos e sobre tudo mandou lançar por três vezes ágoa, quatro quartas de cada vez, e começou a orar até que veu fogo de Céu. *Cecidit autem ignis Domini et*

---

**L13.** *die stillabunt*] *ABC: distillabunt; Judae*] *ABC: Juda.*

<sup>87</sup> *Danielis*, 7:11. [Trad.: Seu trono era feito de chamas, com rodas de fogo ardente. Saído de diante dele, corria um rio de fogo.]

<sup>88</sup> *Hieronymi in Joel*, 3. [Nota: Na verdade, Joel, 4:18. Trad.: Naquele dia, as montanhas destilarão vinho, o leite manará das colinas; todas as torrentes de Judá jorrarão; uma fonte sairá do templo do Senhor para irrigar o vale das Acácias.]

<sup>89</sup> *Zachariae*, 13:1. [Trad.: Jorrará uma fonte para a casa de Jacó]

voravit holocaustum et ligna et lapides, pulverem quoque et aquam, quae erat in  
 aquaeductu lambens.<sup>90</sup>. Veo tão grande fogo de Céu que não só abrasou e consumio o  
 sacrificio e a lenha e as pedras e o pó, mas até a mesma água converteo em si. Figura do  
 divino amor d’hoje o qual até o torrente das espinhas, e abrasou com mercês: não só aos  
 5 justos e aos seus mimosos fez mercês, mas | inda aos próprios inimigos, e quanto mais [113r]  
 contradição havia da parte dos homens, mais se refinavam as mostras do amor, que  
 podemos dizer que até as águas abrasou, e converteo em si, e fez matéria de afeição.  
 Paguemos a este Senhor parte do muito que nos merece em ser ele todo o nosso bem por  
 vontade, pois o é em que nos muito pez. Já que o amor de Deos nos dá licença para que,  
 10 falando a nosso modo, podermos dizer que somos todos o seu bem, seja ele todo o bem  
 nosso. “*Quam pulchra es, et quam decora carissima, in deliciis*”<sup>91</sup>, diz o Esposo divino  
 a alma Santa, *id est, sic pulchra est et suavis: ut nulla re magis, quam caritate et amore  
 tuo delecter: atque pro magnis deliciis habeam amorem tuum mutuum, quo te  
 prosequor, vicissimque tu me prosequeris.*<sup>92</sup>. As minhas delícias, o meu gosto, alma  
 15 santa, é este amor mútuo e recíproco que há entre nós, e o quererdes-me vós bem a mim  
 e eu bem a vós; serdes vós meu bem e eu ser o bem vosso. Não diz que a alma é a sua  
 delícia, mas as suas delícias, porquanto é delícia para Deos amar-nos e é também para  
 ele delícia amarmo-lo-nos, “*Hoc est omnium maximum Christum amatum simul et  
 amatorem habere*”<sup>93</sup>, diz São João Crisóstomo. Se no mundo se tem por grande  
 20 felicidade encontrar com um bom amigo, que seja agradecido e vos responda com amor  
 e que vos queira assi como vós lhe quereis, que dita será ter a Deos por amante e  
 amado, querer-lhe bem e querer-vo-lo ele a vós? Disto se gabava a mesma esposa,  
 quando dizia que a maior bem-aventurança que tinha era ter por Esposo a um Senhor  
 com o qual se pagava mui bem no amor. *Dilectus meus mihi et ego illi. Ego dilecto meo,  
 25 et dilectus meus mihi. Ego dilecto meo et ad me conversio eius*<sup>94</sup>, *id est, Ego tota, quota  
 sum propensa sum ad solum dilectum meum et ille vicissim totus ad me*

<sup>90</sup> I Regum, 18:38. [Trad.: Então, subitamente, o fogo do Senhor baixou do céu e consumiu o holocausto, a lenha, as pedras, a poeira e até mesmo a água da valeta.]

<sup>91</sup> *Cantici Canticorum, 7:7, Sotto Major*. [Trad.: Como és bela e graciosa, ó meu amor, ó minhas delícias!]

<sup>92</sup> [Trad.: É, dessa maneira, bela e suave. Como anular tua tão grande caridade e amor que me atraem? E diante de tais grandes delícias tenho teu amor mútuo, pois te acompanho, e em troca tu me acompanhas.]

<sup>93</sup> *Chrysostomi, Homilia 64, Ad Populum*. [Trad.: Isto é ter o Cristo por completo, ao mesmo tempo amado e amante.]

<sup>94</sup> *Cantici Canticorum, 2:16 et 6:2. Cantici Canticorum, 7:10, Sotto Major*. [Trad.: O meu amado é meu, e eu dele. Eu sou do meu amado, e meu amado é meu. Eu sou do meu amado, e ele é para mim.]

*solum propensus est. Ego tota spondi mei sum et ille vicissim totus meus est et ex aequo mihi in amore respondet.*<sup>95</sup> Somos também casados eu e meu esposo, que eu toda camanha sou não sei gostar, nem querer bem se não a ele, nem ele camanho é tem

5 Isto convém mui bem, diz o Comentário dos três Padres, ao amar que há entre Deos e as  
almas santas, nem pode haver maior dita para ãa alma que ter a Deos por seu amado e  
por seu amante, ser Deos todo o seu bem, para que ela seja todo o bem de Deos:  
entregar-se e dedicar-se toda a seu Esposo divino, e não dar um passo sem ele, para que  
esse Senhor afeiçoado condescenda com ela, e se humane, e humilhe para a tratar de  
10 maneira que de invisível se faça visível e tratável; de impassivo mortal, de eterno  
temporal, de manjar dos Anjos mantimento dos homens; de adorado dos Espíritos  
celestiais. posto de giolhos diante dos homens para lhes lavar os pés.]

[113v]

### Discurso Terceiro

15

*Et coena facta, etc. Surgit a coena et ponit vestimenta sua. Et cum accepisset linteum praecinxit se, deinde misit aquam in peluim et caepit lavare pedes, etc.*<sup>96</sup>

Três ceas celebrou Cristo hoje: a legal, a comum e a Sacramental. Na primeira  
20 comeo o cordeiro Pascoal com seus discípulos. Desta cea se passou ao lavar dos pés a  
seus discípulos, para o qual desprio suas vestiduras e se cingio com ãa toalha, lançou  
ágoa em ãa bacia e começou a lavar os pés dos discípulos; e acabado o lavatório se  
assentou à mesa com eles, onde lhes praticou a cerca do que tinha feito e celebrou a cea  
comum, estando assentado com seus discípulos, na qual juntamente fez o incruento  
25 sacrificio e o admirável convite de si mesmo. O que bem se infere dos Evangelistas, dos  
quais São Mataus diz: “*Vespere autem facto discumbebat cum duodecim discipulis suis*”<sup>97</sup>, e São Marcos afirma: “*Et discumbentibus eis, et manducantibus*”<sup>98</sup>, e São Lucas diz: “*Et cum facta esset hora, discubuit, et duodecim Apostoli cum eo*”<sup>99</sup>. O que se deve  
d’entender da cea comum, polo qual disse Cristo: “*Qui intingit mecum manum in paropside,*

<sup>95</sup> [Trad.: Eu sou toda propensa só a meu amado e ele em troca ele é propenso só a mim. Eu sou do meu por inteira e ele em troca é todo meu e por isso corresponde gentilmente ao meu amor.]

<sup>96</sup> Joannis, 13:5. [Trad.: Durante a ceia levantou-se da mesa, depôs as suas vestes pegando numa toalha, cingiu-se com ela. Em seguida, deitou água numa bacia e começou a lavar os pés.]

<sup>97</sup> *Matthaei*, 26:20. [Trad.: Ao declinar da tarde, pôs-se Jesus à mesa com os doze discípulos.]

<sup>98</sup> *Marci*, 14:18. [Trad.: E enquanto estavam sentados à mesa e comiam.]

<sup>99</sup> *Lucae*, 22:14. [Trad.: Chegada que foi a hora, Jesus pôs-se à mesa, e com ele os apóstolos.]

*hic me tradet:*”<sup>100</sup>, porque como o meter Judas a mão no prato com Cristo fosse estando todos comendo assentados com Cristo, há-se d’entender da cea e manjar comum, ao que acrescentou Cristo a cea Sacramental e o manjar de seu corpo. E o lavar-lhe os pés primeiro que se lhes desse a comer foi insinar-nos a pureza das obras e dos pensamentos  
5 que este Sacramento havia mester para se receber frutuosa e dividamente.

E particularizando os segredos desta profunda humildade digo que, quando Deos quis crear o mundo, foi com poder e majestade, mas hoje, que o quis acabar de o reformar de novo, foi com baixeza e humildade. Este é o argumento do Salmo que começa “*Dominus regnavit, decorem indutus est: indutus est Dominus fortitudinem et*  
10 *praecinxit se*”<sup>101</sup>, onde fala David do Reino e Império que Deos tem no mundo e de como o creou e reformou. E isso como? *Decorem indutus est: indutus est Dominus fortitudinem et praecinxit se*<sup>102</sup>, vestindo-se de fermosura e poder, creou Deos o mundo de nada. *Induere aliquid est copiose possidere*<sup>103</sup>, conforme ao lugar de São Paulo “*Indutimini Dominum Jesum Christum*”<sup>104</sup>. Nas quais palavras São Paulo nos aconselha  
15 que nos vistamos de Cristo, quer dizer que tomemos dele posse e nos transformemos nele, imitando-o nas obras, porque assi como quem veste um vestido, o enche, e se senhorea, e toma dele posse, e o incorpora em si, não doutra maneira, o vestir-se ã alma de Cristo é retratá-lo e incorporar-lo todo. E o dizer David que Deos na criação e reformação do mundo se vestira de formosura e de poder e fortaleza foi como se  
20 dissera: “*Ad creandum et renovandum mundum induit se multo decore et maxima fortitudine*”<sup>105</sup>. Contudo esta grande formosura e fortaleza na criação foi diferente da formosura e fortaleza da reformação, porque o de que se vestio | para crear o mundo foi [114r] majestade, poder e formosura, mas a fortaleza de que se vestio para o reformar foi fraqueza, baixeza e humildade: “*Cum accepisset linteum, precinxit se*”<sup>106</sup>. Na criação  
25 cingio-se de poder; na reformação, de fraqueza. *Etenim firmavit orbem terrae, qui non comovebitur.*<sup>107</sup>. No Hebreo: “*Etenim correxit orbem terrae, qui non comovebitur.*”<sup>108</sup>.

---

**L8.** baixeza] A: baxeza.

**L24.** baixeza] A: baxeza.

<sup>100</sup> Matthaei, 26:23. [Trad.: Aquele que pôs comigo a mão no prato, esse me trairá.]

<sup>101</sup> *Psalmorum*, 93:1, *Genebrardus* [Trad.: Senhor reina, está vestido de majestade. O Senhor se revestiu, cingiu-se de fortaleza.]

<sup>102</sup> *Psalmorum*, 93:1. [Trad.: Está vestido de majestade. O Senhor se revestiu, cingiu-se de fortaleza.]

<sup>103</sup> [Trad.: Investir-se dele é possuí-lo em abundância.]

<sup>104</sup> *Romanorum*, 13:14. [Trad.: Revesti-vos do Senhor Jesus Cristo.]

<sup>105</sup> [Trad.: Na criação e renovação do mundo se vestira de formosura e máxima fortaleza.]

<sup>106</sup> *Joannis*, 13:5. [Trad.: Pegando duma toalha, cingiu-se com ela.]

<sup>107</sup> *Psalmorum*, 96:10. [Trad.: Firmou o mundo, de modo que não pode ser abalado.]

<sup>108</sup> *Psalmorum*, 96:10. [Trad.: Corrigiu o mundo, de modo que não pode ser abalado.]

Com majestade fez o mundo de dura, com humildade o reformou. E com razão porque para criar um mundo que dantes nenhum ser tinha, havia mister poder, mas, para reformar um mundo que se tinha levantado e ensoberbecido com esse ser que lhe tinham dado, era necessária humildade, para com ela se amezinhar essa soberba. Ouve-se Deos como médico perito, que cura um contrário com outro, como Santo Agustinho ponderou, dizendo: “*Sapientia Dei de morte medici periti usa est incurandis hominibus. Et quemadmodum medici cum aligant vulnera, non in composite, sed apte id faciunt, ut vinculi utilitatem quaedam pulcrito consequatur: sic medicina sapientiae per hominis susceptonem acomodata est vulneribus, de quibusdam contrariis curans et de quibusdam similibus.*”<sup>109</sup> Assi como o cirurgião no curar e atar das feridas não só aplica as mezinhas necessárias, curando um contrário com outro, o frio com o quente, e o quente com o frio, e o úmido com o seco, mas às vezes com cousas semelhantes, porque à ferida comprida aplica um pano comprido, à ferida redonda um pano redondo, à quadrada quadrado, e juntamente ao atar das feridas põe as ataduras com ordem e concerto, não sem ele, para que além do proveito principal que se pretende, qual é a saúde pareça o oficial concertado e atilado no curar, e a mezinha não só seja útil de dentro mas lustrosa de fora, assi a divina Sabiduria nos curou com ãas cousas semelhantes e com outras contrárias, servindo-nos o mesmo Filho de Deos de médico e de mezinha. Adoecemos de soberba, “*Humilitatem adbibuit ad sanandum*”<sup>110</sup>, diz o Santo. Fomos enganados em Eva com astúcia da serpente, sarou-nos Deos com a humildade do Evangelho, quanto ao parecer do mundo, sendo assi que era ele a Sabiduria do Céu. Usamos mal da imortalidade que em Adão se nos começava a conceder, donde naceo morrermos, vem Deos à terra faz-se homem mortal, para que usando bem dessa mortalidade, com ela nos merecesse a vida. *Exemplo virtutum eius vitia nostra curantur.*<sup>111</sup>. Com suas virtudes sarou os nossos vícios contrários a elas. Nem menos nos curou com remédios semelhantes, ãa morte sarou com outra, a nossa carne com a sua: ãa mulher foi causa de nossa perdição, por meio doutra nos reparou.

---

<sup>109</sup> *Augustini, Liber I, De Doctrina Christiana, et Sermo 3, De Annuntiatione, Tomus 10.* [Trad.: A sabedoria de Deus sobre a técnica dos médicos é aplicada aos que precisam da cura. Os médicos enfaixam a ferida, não de maneira bonita, mas de modo a fechá-la, e assim conseguem a beleza na cura, primando pela utilidade da atadura. Dessa forma, a medicina foi adaptada aos homens pela sabedoria para suportar as feridas, curando a partir do contrário e a partir do semelhante.]

<sup>110</sup> *Idem.* [Trad.: Bebeu da humildade para que fosse curar.]

<sup>111</sup> *Idem.* [Trad.: Com suas virtudes sarou os nossos vícios.]

E este era o melhor remédio para reformar um mundo soberbo, aplicando-lhe mezinha tão humilde como era lavar pés.

Prostrado Cristo de gíolhos diante de seus Discípulos, começaram aquelas divinas mãos a lavar os baixos e humildes pés, e a reformar, e purificar o homem, começando pelo mais ínfimo dele. Querendo São Paulo encarecer aos de Galácia o amor com que lhes escrevia e o desejo que tinha de lhes persuadir que era acabada a Circuncisão diz: “*Videte qualibus litteris scripsi vobis mea manu.*”<sup>112</sup>. O que ponderando São Crisóstomo<sup>113</sup> diz que o encarecimento esteve em que, escrevendo São Paulo aos outros povos por mão alheia | e assinando-se somente ao pé das cartas, como [114v] consta da que escreveo aos Romanos, onde diz: “*Saluto vos ego Tertius, qui scripsi epistolam in Domino*”<sup>114</sup>, contudo aos de Galácia escreveo toda a carta por sua própria mão. E a razão foi porque como levantavam a São Paulo que era judeo na realidade, mas que fingia não o ser, quis por sua própria mão escrever contra a Circuncisão, para que entre eles ficasse um testemunho de sua letra, como essa Circuncisão era acabada. Pois se São Paulo encareceu a matéria em que escrevia, em escrever sobre ela com sua própria mão, quão grande encarecimento assi de humildade como da importância de nossa salvação foi lavar Deos pés a homens com suas próprias mãos. Se na diferença d’escrever mostrou São Paulo a diferença do amor e quanto mais amava aos de Galácia que aos outros, quão grande foi o amor que mostrou a seus Discípulos em lhes lavar os pés com suas próprias mãos? Tanto maior foi este amor quanta diferença ia de escrever cartas a lavar pés e de Paulo que escrevia a Cristo que lavava. E acrescenta São Crisóstomo que o mandar São Paulo advertir para as letras da carta, dizendo: “*Videte qualibus litteris*”<sup>115</sup>, não foi mandar olhar para a bondade e grandeza das letras mas para a ruindade delas, porque, escrevendo São Paulo mal e fazendo ruim letra, por amor do qual escrevia por mão alheia, fazendo somente o seu sinal, contudo assi a necessidade da matéria, como o amor que tinha aos Gálatas o obrigara a escrever aquela carta por sua mão. Amava São Paulo a quem escrevia, mas não podia nele o amor fazer com que escrevesse boa letra e, ainda que as cousas eram boas, não tinha boa mão para escrever bem, mas o amor em Cristo tinha boa mão para lavar pés. Como os trataria e lavaria bem: quão bem lavados ficariam com mãos que tão boas letras faziam e também sabiam

---

**L4.** baixos] A: baxos.

<sup>112</sup> *Galatarum*, 6:11. [Trad.: Vede com que tamanho de letras vos escrevo, de próprio punho!]

<sup>113</sup> *Chrysostomi, in hunc locum, Tomus 4.*

<sup>114</sup> *Romanorum*, 16:22. [Trad.: Eu, Tércio, que escrevi esta carta, vos saúdo no Senhor.]

<sup>115</sup> *Chrysostomi, ibidem.* [Trad.: Vede que letras!]

lavar. Santo Anselmo diz que o mandar São Paulo que advertissem na carta e nas letras e palavras dela foi lembrar-lhes a importância da matéria em que lhes escrevia: “*Ut confiderent et intelligant quam profunda Sacramenta et quam rationabilia, vel utilia monita contineantur in litteris huius epistolae.*”. Como se dissera: “*Videte quali*  
 5 *epistola, quam spirituali, quam vera, quam rationabili scripsi vobis correctionem, manu propria.*”<sup>116</sup>. Peço-vos e encomendo-vos muito que considereis os mistérios e segredos que vão encerrados nesta carta, e quão proveitosos e cheos de razão são estes conselhos que nela vos dou, e pelo conseguinte com quão espiritual e verdadeira e racionável carta trato de reprender os vícios que achei em vós. Esta advertência pediu Cristo a seus  
 10 Discípulos da humildade e dos segredos e mistérios deste lavatório nas palavras que disse: “*Scitis quid fecerim vobis? si ergo ego lavi pedes vestros Dominus et Magister: et vos debitis alter alterius lavare pedes. Exemplum enim dedi vobis, ut quemadmodum ego feci, ita ut vos faciatis.*”<sup>117</sup>. Esta obra está cheia de exemplos, avisos e advertências divinas, de Santos segredos, mistérios sagrados, proveitosos conselhos, racionáveis  
 15 amoestações, o que tudo nos está pedindo um grande agradecimento. Nesta obra nos está insinuando este Senhor o amor e a caridade do qual uns com os outros devemos usar. Esta humildade está condenando | nossa soberba; sua mansidão, nossa aspereza; seu sofrimento, [115r] nossa impaciência.

Que lágrimas derramaria Cristo sobre os pés dos Discípulos, as quais serviriam  
 20 também de ágoa para os lavar. Ó lágrimas divinas sobre pés humanos e em obséquio deles empregadas! Querendo São João encarecer o mimo com que os Santos seriam tratados em entrando no Céu, diz que lhes enxugaria Deus as lágrimas dos olhos, achando que era grande encarecimento de amor enobrecer Deus tanto lágrimas de  
 25 homens que as tomasse nas mãos, mas agora vemos tudo trocado que dantes víamos lágrimas de homens nas mãos de Deus, hoje vemos lágrimas divinas derramadas sobre pés dos homens. Dariam estas lágrimas não só nos pés, mas nos corações dos bons discípulos e os enterneceria de maneira que também derramariam muitas que acompanhassem as de Cristo e as ajudassem a lavar. As de Judas faltaram, o qual tão duro estava como sempre. E imagino a este Senhor posto de giolhos diante dele,

<sup>116</sup> *Anselmi in Cap. 6, Ad Galatas.* [Trad.: Como confiassem e compreendessem o quão profundos eram os sacramentos e o quão eram razoáveis, talvez úteis profecias estivessem contidas nas letras daquelas epístolas. (...) Vede às quais letras, quão verdadeiras, quanta correção em vossos escritos razoáveis, feitos pelo próprio punho.]

<sup>117</sup> *Joannis 13:12,14-15.* [Trad.: Sabeis o que vos fiz? Logo, se eu, vosso Senhor e Mestre, vos lavei os pés, também vós deveis lavar-vos os pés uns aos outros. Dei-vos o exemplo para que, como eu vos fiz, assim façais também vós.]

beijando-lhe os pés, que tinha em suas mãos, e olhando para ele dizer-lhe que, já que o demônio tinha tomado posse de um coração que para bem houvera de ser seu, sequer aqueles pés lhe desse para os lavar e beijar.

5

### Discurso Quarto

*Coenantibus autem eis, accepit Jesus panem et benedixit, ac fregit, deditque discipulis suis et ait: "Accipite et comedite: hoc est corpus meum."*

(*Matthaei, Cap. 26*)<sup>118</sup>

10

Após o lavatório dos pés se seguiu a cea comum, como já dissemos e como se colige das palavras "*Caenantibus autem eis*", na qual instituiu Cristo a cea de seu corpo e sangue debaixo das espécies de pão e de vinho que na mesa havia, do que se aproveitou para a instituição deste Sacramento santíssimo de seu corpo. E pareceu-me bem seguindo a concórdia dos Evangelistas apontar as palavras nas quais se contém a instituição da Santíssima Eucaristia, porquanto dela em particular não faz menção o Evangelista São João, salvo se dissermos que falou nela quando tratou do amor de Cristo como de efeito em sua causa quando disse: "*in finem dilexit eos*"<sup>119</sup>. As quais palavras e em particular a palavra *in finem* como signifique "vitória" ou "triunfo" e seja muito usada nos títulos dos Salmos, em particular naqueles que contêm alguma abalisada vitória que por benefício de Deus se alcançasse ou fosse de inimigos espirituais ou corporais ou trabalhos, como se pode ver nos Salmos de David, o "*diligere in finem*"<sup>120</sup>, significa o triunfo que o amor de Cristo alcançou da mesma morte. Porque, inda que a morte venceu a Cristo e lhe tirou a vida, contudo a morte foi vencida do amor deste Senhor, o qual ordenou um Sacramento no qual ele mesmo morrendo ficasse vivo e inteiro, para dele nos lograrmos e o possuímos de feição, que, inda que a morte possesse termo à vida, o não possesse ao amor.

Receou Cristo que, morrendo ele, morressem em nós todas as | lembranças das [115v] obrigações em que lhes estávamos e nos persuadíssemos que, em ele morrer, se acabava toda a dependência que dele tínhamos, nem nos podia já ser bom: acode este Senhor

30

---

L13.debaixo] A: de baxo.

<sup>118</sup> *Matthaei, 26:26*. [Trad.: Durante a refeição, Jesus tomou o pão, benzeu-o, partiu-o e o deu aos discípulos, dizendo: Tomai e comei, isto é meu corpo.]

<sup>119</sup> *Joannis, 13:1*. [Trad.: Até o extremo os amou.]

<sup>120</sup> [Trad.: Amou no triunfo.]

com este sacrifício, como se dissera que não temessem, por mais que o vissem morrer, que inteiro e vivo ficava, nem perdiam servo nem amigo. É este pensamento de Guérico Abade quando diz: “*Ne verearis ex morte servi damna servitii eius patietiam comestus et bibitus manebo tibi integer et vivus, serviamque ut prius. Si in captivitatem ductus aut venundatus es, ecce vende me, teque precio mei, vel me ipso precio redime etc. Si infirmaris et mori times, ego moriar pro te, ut de sanguine meo tibi conficias medicamenta vitae.*”<sup>121</sup>. Não temais em me ver morrer, porque nada perdeis comigo morto de quanto interessáveis quando me tínheis vivo, porque tão bom vos hei de ser depois de morto como quando vivia entre vós, porque, inda que morto e quero que no Sacramento me comais, nele contudo fico vivo e inteiro para que vos sirvais de mim e vos aproveiteis como dantes. Se vos prenderem, ou cativarem, ou poserem em pregão, aí fico para preço de vosso resgate. Se adoecerdes e receardes a morte, neste Sacramento fico para dele tirardes mezinhas de vida. Se tiverdes fome, aí me deixo por manjar vosso. Não imagineis que, porque morro, deixo de prestar para vos servir, que inda que o mundo me estime em tão pouco que contrate sobre mim para me vender e comprar como a escravo, sempre darão por mim trinta dinheiros com os quais se compre um campo para sepultura vossa, para que entendais que, por mais que morra, não morro para vós, antes fico vivo para vos aproveitar. Joseph, quando morreo, mandou que o enterrassem em Egipto, não para que morto fizesse novos bens aos Egípcios, que mal os poderia fazer tal em estado, mas para que os mesmos Egípcios a seu corpo morto e aos seus ossos agradecessem as mercês recebidas, fazendo por amor dele bem aos Hebreos; e por mais que fez, não se pode deixar vivo no Egipto, mas morto, porém Cristo, morrendo, deixa-se no mundo morto e mais vivo: morto no sepulcro, vivo no Sacramento, não para que os homens lhe façam bem, mas para que ele faça bem a esses homens.

Chama Hubertino a este sacrifício: “*Memoriale suae fervidae caritatis.*”<sup>122</sup>. Conforme a peça que quem morre vos deixa, entendeis o quanto em vida vos amava: a peça que Cristo morrendo nos deixou foi a si mesmo em lembrança da fervorosa caridade com que nos amava. E Santo Urbano Papa, encarecendo esta liberalidade de

<sup>121</sup> *Guerrici Abbatis, Sermo I, Ramis Palmarum.* [Trad.: Que, em virtude da morte, tu não temas os danos de teu servo e dos serviços dele, mantenho-me alimentado e paciente, íntegro e vivo a ti, e servir-te-ei como antes. Se na escravidão és levado a me vender, vende-me pois, e redime-te de meu preço, ou a mim de meu próprio preço etc. Se temes enfraquecer e morrer, eu morrerei por ti, para que faças de meu sangue medicamento para tua vida.]

<sup>122</sup> *Humbertinis apud Guerricum, De Eucharistia.* [Trad.: Memorial da sua caridade fervente.]

que Cristo conosco usou, diz: “*Liberalitas singularis, ubi donator venit in donum*”.<sup>123</sup>. Admirável e singular liberalidade jamais vista foi a deste Senhor o qual até de si fez dádiva para nós. E a quem se deu? A quem se deixou? Aos Cristãos, aos quais São Cipriano chama os herdeiros do Crucificado, “*Crucifixi haeredes*”<sup>124</sup>. E Mateus, Bispo Vermacense, os nomes que põem a este santíssimo Sacramento são: “*Redemptionis memoriale, dulcissimum dignus haereditatis aeternae, futurae jocumditatis amabile praeludium, arra sponsae, jocale divinum caeletus ei donatum, Ecclesiae militantis cum triumphante suave glutinum, et unio fraterna: dum cadem dulcedinem, quam illa fruitur sine velamento, ista habet sub Sacramento. Veritas ibi revelata, hic paliata. Et si illa Je|rusalem caelestis habet Deum suum jocundius, ista militans in terra habet eum mirabilius.*”<sup>125</sup>. É este Sacramento um memorial de nossa redenção, penhor da herança da glória, uns ensaios da bem-aventurança. Ensaia-nos Deos nesta vida comendo-o, para lá o logarmos vendo-o e conhecendo-o. É mais este Sacramento ãas arras que Cristo deu a Igreja esposa sua. A diferença que há entre o penhor e a arra é que o penhor tornai-o a dar, quando vos tornam a dar o por que vos estava empenhado, mas a arra é parte do dote e sempre fica sem se tornar a quem a deu. Este Sacramento é parte do dote do Céu e da glória que Deos tem guardado à sua Igreja militante, para lho dar quando for triunfante. É ãa peça divina que o Esposo deixou a sua esposa para se entreter com ela e lhe servir de remédio das saudades. É o com que se unem a Igreja militante com a triunfante, porque o mesmo Deos que logram os Santos no Céu comemos nós cá na terra encuberto neste Sacramento, lá sem velame. No Céu possuem os bem-aventurados esta verdade clara; nós, cá na terra debaixo das espécies Sacramentais. A Igreja triunfante possui a Deos com mais abundância de gosto, pois o vê descoberto; a militante o logra de um modo mais espantoso debaixo das espécies de pão e vinho. E Drogo, Bispo Hostiense, diz que nos ficou este Sacramento para aumento e perfeição de nossa afeição e para remédio das saudades que as ausências de Deos nos causassem.

---

**L22.** debaixo] *A*: debaxo.

**L24.** debaixo] *A*: debaxo.

<sup>123</sup> *Urbani, ibidem.* [Trad.: Ó singular generosidade, quando o doador vem até o dono.]

<sup>124</sup> *Cypriani, De Coena Domini.* [Trad.: Herdeiros do crucificado.]

<sup>125</sup> *Cypriani, De Coena Domini.* [Trad.: Memorial da redenção, dulcíssimo digno de herança eterna, amável prelúdio de alegria futura, penhor do matrimônio, dádiva ao poder divino mais celestial, igreja e militares em triunfante junção, união fraterna: quando da queda dos doces frutos, enquanto aquela [a instituição militar] goza deles sem velamento, esta [a igreja] os tem sob sacramento. A verdade quando revelada é atenuada. Se aquela com a sagrada Jerusalém tem seu Deus contente, esta, militante na terra, tem seu Deus maravilhado.]

*Ecce sublatus es: amplius te non videbit tuus Eliseus: remansit tamen ei pallium tuum in memoriam tui, ut praesentia absentiae tuae dolorem eius serper augendo leviet, leviendo augeat: pallium tuum caro est.*<sup>126</sup>. Chama este Doutor nestas palavras a Cristo o nosso Elias, que se ausentou de nós, e a nós o Eliseo de Cristo, a quem deixou este Sacramento, assi como Elias deixou a sua capa a Eliseo, e falando com Cristo diz: “Ausentaste-vos, Senhor, do mundo com outro Elias, para que vós não visse mais o vosso Eliseo, que é a vossa Igreja, contudo deixaste-lhes vossa carne e sangue em Sacramento, para que, tendo-o consigo, se não esquecesse nunca de vós, antes no meio de tanta ausência vos tevesse sempre presente.”, e assi como a capa que a Eliseo ficou remedeava ãas saudades causando outras, assi a assistência vossa neste Sacramento, ficando vós presente às almas e ausente aos olhos, aleviam-se as saudades de vós não verem os olhos, causando outras maiores nas almas de vos irem ver ao Céu, e a vossa presença de tal maneira nos consolasse que também nos afliesse, inquietasse com o desejo de vos ver, e esta inquietação de desejo juntamente nos consolasse e aquietasse por ser por respeito vosso, porque só aquelas almas devem de viver quietas, que se inquietam por ver Deos. Este memorial nos está lembrando de contínuo as mercês de Deos e nossas obrigações; este Sacramento nos lembra que somos feitores de Deos, não senhores do mundo, e nos ensina o que nos releva crer e obrar. Com este milagre ficam todos os mais críveis e fáceis. Lembra-nos a humildade de Cristo, o qual todo se pôs em ãa pequena hóstia, e juntamente a caridade de Deos, que nunca neste Sacramento se nega por pecadores que sejamos: está-nos arguindo do pouco que o amamos e mostramos sua liberalidade e nossa escasseza. | Vemos finalmente neste Sacramento o [116v] contínuo desejo que Deos tem de nos purificar e fazer Santos.

E concludo esta matéria dizendo que é Sacramento de amor assi do que Cristo nos mostrou a nós como do que é bem que lhe nós tenhamos a ele, porquanto o instituiu, para com ele, como com um bocado, nos afeiçoar a si. Este é também o sentido das palavras do Profeta Oséas: “*In funiculis Adam traham eos, in vinculis caritatis*”<sup>127</sup>, as quais diz o Profeta no capítulo undécimo, o qual, inda que se entenda da liberdade do povo quando Deos o libertou do Egipto, contudo São Mateus o entende também da

<sup>126</sup> *Drogo Episcopi Hostiensis apud Guericum, De Eucharistia*. [Trad.: Eis que soberbo és: teu Elizeu não te verá de forma mais ampla: teu manto, no entanto, recaiu-lhe em tua memória. Como a presença sempre alivia a dor de tua ausência que há de aumentar, ela eleva o que há de ser aliviado: a carne é teu manto.]

<sup>127</sup> *Oseae, 11:4*. [Trad.: Trarei os homens a mim com as ataduras da caridade.]

liberdade espiritual dada por Cristo aos da lei da Graça quando entende as palavras “*Ex Egypto vocavi filium meum*”<sup>128</sup>, da estada do minino Jesu em Egipto, para onde o São Joseph o levou com sua benditíssima Mai per ordem e aviso do Céu, do qual Egipto foi outra vez levado para a terra de Israel por mandado de um Anjo que tornou aparecer ao

5 São Joseph depois de morto Herodes; e assim explica São Mateus o lugar do Profeta “*Ex Egypto vocavi filium meum*”<sup>129</sup>, quasi se haja d’entender de quando o minino foi tirado do Egipto para a terra de Israel. E falando Deos pelo mesmo Profeta Oséas de quão diferentemente seriam tratados os da lei da Graça que os da lei velha, sem embargo que a estes tratava ele como se fora seu Aio e pedagogo, e eles mininos e

10 crianças de colo, e quão diferentemente os da lei nova responderiam a suas obrigações, e se deixariam prender e render delas, sendo assi que o povo d’então nem o nome sabia às obrigações, nem estimavam a cura que neles fezera livrando-os das idolatrias, acrecenta: “*In funiculis Adam traham eos, in vinculis caritatis.*”<sup>130</sup>. Onde o nosso vulgar diz *Adão*, Símaco e Áquila<sup>131</sup> lêm *hominum*, porque no Hebreo *Adão* é o mesmo que

15 *homem*. Como se dissera Deos: “Trarei os homens a mim com as cordas dos homens, e afeiçoa-los-ei com as ataduras da caridade”. Per *homens* se entendem os “Étnicos e Gentios”, entre os quais os Israelitas estiveram cativos e dos quais aprenderam não só idolatrias mas feitiçarias e superstições, entre as quais ãa delas era que, quando queriam acabar com que ãa pessoa quisesse bem a outra, tomavam certos cordéis de seda ou de

20 lã, e estes de várias cores, e com eles cercavam o altar do Ídolo e, andando ao derredor com eles, os iam atando uns com os outros, dizendo certas palavras, para que assi se unissem os ânimos como os cordéis se atavam, os quais se chamavam *as ataduras de Vênus*. O qual costume havia também entre os Romanos e dele faz menção Virgílio nas suas Églogas, quando diz: “*Terna tibi haec primum triplici diversa colore Lycia circumdo, terque haec altaria circum Effigiem duco, numero Deus impare gaudet. Necte tribus nodis termos Amarilli colores. Neste Amarilli modo, et veneris, dic vincula necto.*”<sup>132</sup>.

---

**L12.** livrando-os] C: livrandos.

<sup>128</sup> *Matthaei*, 2:15. [Trad.: Do Egito chamei meu filho.]

<sup>129</sup> *Matthaei*, 2:15. [Trad.: Do Egito chamei meu filho.]

<sup>130</sup> *Oseae*, 11:4. [Trad.: Trarei os homens a mim com as ataduras da caridade.]

<sup>131</sup> *Symmachi*, *Aquila*.

<sup>132</sup> *Egloga* 8. [Trad.: “Com três liços te cerco tricolores, pelas aras três vezes tua efigie. Passeio: há deus que estime o número ímpar. Ata, Amarillis, em três nós três cores; Ata e diz: ‘De Vênus ato os fios.’”, tradução de Odorico Mendes.]

E por ventura que a este costume aludio Orígenes, quando, falando dos amigos de Job, os louva dos meios que tomaram para o consolarem, que foram boas palavras e razões, não supertições nem feitiçarias, dizendo: “*Non quaerentes maleficia, neque auguria, neque divinationes, neque phylacteria, neque lamellas, neque incantationes damnabiles*”<sup>134</sup>, onde a palavra *phylacteria* é nome Grego e na língua Latina é o mesmo que *conservato|rium*, que quer dizer “tudo aquilo que conserva alguma coisa”. E daqui [117r] vem que os pergaminhos ou táboas em que os Fariseos traziam a lei escrita se chamavam *Phylacteria*, *id est, Conservatoria*, porque conservavam a lei; e os cordéis com que estes purgaminhos estavam atados ou na cabeça, ou nos braços se chamavam também *Phylacteria*, como também todas os beberagens que se tomam para conservar a saúde ou preservar da doença; que a palavra *Phylacterium* nada disto significa de si, mas tudo aquilo com que alguma coisa se conserva; e Genebrardo, que foi o que acrescentou as obras de Orígenes, explicando que queira dizer *Phylacteria* naquele lugar de Orígenes, diz: “*Phylacteria erant ligaturae maleficiorum*”<sup>135</sup>, que *Phylacteria* eram certos cordéis com que se faziam feitiços. Diz, pois, Deos per Oséas, aludindo a este costume: Assi como livre o meu povo do cativo do Egipto, assi livrarei os homens do cativo dos pecados por meio de meu Filho, que também irá a Egipto e dele o mandarei tornar à terra de Israel, para nela obrar a redenção; e não terão comparação os mimos que fiz ao meu povo no deserto com os que farei aos homens na lei da Graça, porque se então usava com eles de providência de Aio, mandando vir Maná do Céu; na lei nova eu serei o seu Maná e o seu mantimento. “*Et ero eis quasi exaltans jugum super maxilas eorum: et declinavi ad eum, ut vesceretur, id est, declinavi ad cibos*”<sup>136</sup>, como adverte Símaco, e São Jerônimo diz: “*Dedi eis escam.*”<sup>137</sup>. Assi como ao boi, quando querem que trabalhe, lhe põem o jugo e o barbilho, assi aos homens porei um jugo com o qual os obrigarei a serem bons, o qual será que me farei homem e me acomodarei a sua necessidade de maneira que me farei seu próprio manjar, para que me comam, ou assi como o lavrador que ao seu boi trata com amor e não quer que sempre

---

**L18.** os mimos] A: os mesmos.

**L23.** adverte] A: verte.

<sup>134</sup> *Origenis, Liber 3 in Job.* [Trad.: Não malefícios inquisidores, nem augúrios, nem adivinhações, nem verborragia, nem lâminas, nem feitiçaria.]

<sup>135</sup> [Trad.: Filacteria eram certos cordéis de feitiço.]

<sup>136</sup> *Oseae, 11:4* [Trad.: Fui para eles como o que tira da boca uma rédea, e lhes dei alimento. E lhes dei sustento.]

<sup>137</sup> [Trad.: E lhes dei alimento.]

trabalhe, mas que, de quando em quando descanse, lhe tira o jugo do pescoço e o barbilho do rosto, assi tirarei o jugo ao meu povo e o barbilho com que o senhoreavam as outras nações e lhe oferecerei o mantimento, assi como o lavrador faz ao boi depois de tirado o jugo, que serei eu mesmo. *In funiculis hominum traham eos, in vinculis caritatis.*<sup>138</sup>. Estas serão as cordas e as invenções com que afeiçoarei os homens a mim, não com feitiçarias e supertições de que os Gentios usavam para afeiçoarem ãas pessoas a outras, mas usarei de ãa invenção melhor com a qual os enfeitiçarei de maneira que me queiram bem. *Et declinavi ad eum, ut vesceretur, id est, excantabo eos vi cibi, quem illis praebebo, qui linguam eorum fraenaturus est.*<sup>139</sup>. Desencantarei os homens para os afeiçoar a mim com um bocado que lhes darei, tomada a semelhança do vosso modo de falar quando dizeis que certa pessoa deu um bocado a outra para lhe querer bem. O bocado que eu der, diz Deos, terá força para refrear os homens de todos os males, e em particular da gula, em que nosso primeiro pai caíu como Teofilato explica, dizendo em pessoa de Deos: *“Et declinavi ad eum deferens caelum, ut cum eis habitarem: et assumpta hominis forma dedi eis escam corporis mei.”*<sup>140</sup>. Da mesma maneira explica Roperto Abade este lugar do diviníssimo Sacramento chamando a Deos feito homem e manjar nosso, cordas e ataduras de amor, para assi consigo mesmo, feito bocado nosso, remedear e refrear todos os vícios, e nos obrigar que o amássemos, pois o comíamos [117v] conforme ao lugar de São João, *“Ego sum panis vivus qui de caelo descendi.”*<sup>141</sup>. Nem é inconveniente que o Espírito Santo aluda a um costume mau e superticioso, pois vemos que nos Cantares usa o mesmo Espírito Santo da mesma alusão, quando, falando a Esposa com o seu Esposo, diz: *“Et dabo tibi poculum ex vino condito et mustum malorum granatorum meorum”*<sup>142</sup>. Nas quais palavras alude a Esposa ao costume dos amantes profanos, os quais, para conciliarem os ânimos das pessoas a que querem bem, lhes dão beberagens, tendo para si que com isto conciliam amor, e usam de feitiços para afeiçoarem as vontades; não que a Esposa determinasse nem desejasse de usar de semelhantes invenções para afeiçoar a si o seu Esposo, mas foi encarecimento no qual quis dizer, aludindo ao costume profano, que se vira a seu Esposo feito homem,

<sup>138</sup> Oseae, 11:4. [Trad.: Trarei os homens a mim com as ataduras da caridade.]

<sup>139</sup> Oseae, 11:4. [Trad.: E eu me curvei a ele, como ele os alimentasse. Isto é, eu os evocarei à força com comida, dar-lhes-ei de beber aquele que há de frear-lhes a língua.]

<sup>140</sup> *Theophylacti apud Glossam Ordinariam in Cap. 11 Oseae. Rupert Abbas in Oseam.* [Trad.: E declinei-me ao céu que se oferecia, como se o habitasse junto a eles: e tendo assumido a forma dos homens, dei-lhes o alimento de meu corpo.]

<sup>141</sup> Joannis, 6:51. [Trad.: Eu sou o pão vivo que desceu do céu.]

<sup>142</sup> *Cantici Canticorum, 8:2, Sotto Major.* [Trad.: E dar-te-ei uma taça de vinho misturado a um mosto de sementes daninhas.]

lhe houvera de fazer tantos mimos, favores e serviços que a poder deles o houvera de enfeitiçar e fazer com que lhe quisesse muito. Do mesmo modo de falar usa Deos por Oséas, quando diz: “*Propter hoc ecce lactabo eam, id est, decipiam blanditiis ad me alliciendo*”<sup>143</sup>. E se houvermos de explicar as palavras “*et dabo tibo poculum etc.*”<sup>144</sup> dos

5 amores d’alma com Deos ou da Igreja com Cristo, querem dizer que a poder de virtudes e boas obras havia de enfeitiçar e afeiçoar assi o seu Esposo e o seu Deos e obrigá-lo com serviços a que lhe tevesse muito amor, porquanto para Deos os melhores feitiços e beberagens são as santas virtudes, como Dionísio Areopagita diz<sup>145</sup>. O que tudo disse em confirmação do lugar de Oséas se haver d’entender da promessa do Sacramento do altar, o qual foi um bocado

10 que Deos nos deu para nos afeiçoar a si. A nossa conta e obrigação fica recebermos a este Senhor com tanta pureza e aparelho de virtudes e boas obras que se dê este Senhor por enfeitiçado de nós e obrigado a nos amar.

---

<sup>143</sup> *Oseae*, 2:14. [Trad.: Por causa disto, iludirei aquele que deve ser seduzido. (...) dar-te-ei uma bebida encantada etc.]

<sup>144</sup> *Cantici Canticorum*, 8:2, Sotto Major. [Trad.: E dar-te-ei uma taça de etc.]

<sup>145</sup> *Dionysii Areopagitae, Epistula*.

## TRATADO PRIMEIRO DA SEXTA-FEIRA DA PAIXÃO DO DESCENDIMENTO DA CRUZ

### Discurso Primeiro

5 *Cum ergo accepisset Jesus acetum, dixit: “Consumatum est.”.*

*Et inclinato capite tradidit spiritum.*

*(Joannis, 19)*<sup>146</sup>

10 Era antigamente também avaliado o governo dos Lacedemônios, que certa nação desejosa de se governarem pelas suas leis lhes mandaram um Embaixador pedindo-lhes por mercê lhas quisessem mandar mostrar, para se governarem por elas também. Tornando o Embaixador com a resposta, foi recebido com o alvoroço que a matéria pedia e, ao dia de se publicarem as leis, | se armou um teatro, ajuntou-se o [118r] Senado com todo o povo, esperando todos o por onde começaria no propor das leis, com

15 que palavras e encarecimentos trataria da importância e preço delas. Quando mais dele pendiam os olhos, os desejos e as esperanças, lançou no meio do teatro um cutelo, ãas cordas e uns azorragues, e sem falar palavra se saíu. Perguntado depois que novidade e termo fora aquele de que usara, respondeu que aquelas eram as leis dos Lacedemônios e que lhe parecera melhor mostrá-las aos olhos que praticá-las e encarecê-las, porque

20 praticadas podiam esquecer, mas não vistas. Este conselho dá São Crisóstomo aos pregadores, que são uns Embaixadores do Céu, explicando e ponderando a determinação que a enveja nos Pontífices e Fariseos tomou que Cristo morresse, porque fazia milagres: “*Fletus iam tempus est, et lacrimarum, et lamentationum.*”<sup>147</sup>. Em dia de tão injusta sentença dada pela enveja subam os pregadores ao púlpito, chorem, não

25 falem. E se soa sentença tão injusta merece tanto sentimento, a execução dela que hoje celebramos quantas lágrimas merecerá? É dia este de os pregadores subirem ao púlpito e não a falarem, mas a apontarem para Cristo crucificado e morto, e mostrarem suas chagas e cravos aos olhos, e começarem a chorar, e a saluçar, e aprantear no mais. Se a sentença merece lágrimas, a execução dela merece prantos. Quanto é para sentir ver que

---

**L9.** certa nação desejosa] A: Espartanos desejosos.

**L28.** aprantear] A: aprontear.

<sup>145</sup> *Joannis, 19: 30.* [Trad.: Havendo Jesus tomado do vinagre, disse: “Tudo está consumado”. Inclinou a cabeça e rendeu o espírito.]

<sup>147</sup> *Chrysostomi, Homilia 63 in Joannem.* [Trad.: O pranto agora é o tempo, de lágrimas, e de lamentações.]

tão injusta sentença não teve apelação nem agravo, nem foi possível retratar-se, porquanto a justiça da terra estava apaixonada contra Cristo e a do Céu tinha entregue a nossas sem razões, para que pagasse pelas culpas de todo o mundo. Bem merece este dia que calem as línguas e falem os olhos derramando lágrimas. “*Viae Sion lugent, eo quod non sint qui veniant ad solemnitatem*”<sup>148</sup>, diz Jeremias, falando da destruição de Jerusalém, onde representa aos caminhos que iam dar em Jerusalém, chorosos, porquanto, destruída Jerusalém, não havia quem por eles caminhasse como dantes a celebrar as festas. Como se dissera falando metafórica e hiperbolicamente: dous ofícios tem os olhos, ver e chorar, e negando a natureza às pedras das ruas olhos para verem, concedeu-lhos para chorarem. Pois se na destruição de ãa cidade as ruas estão tão sós e mal-assombradas que parece estão chorando, e na morte de Cristo os sepulcros se abrem, as pedras se quebram, a terra treme, o Sol se escurece e todas as criaturas fazem demonstrações de sentimento; nossas almas, por que não desabafarão com lágrimas? Veo o Sol a ver a Cristo crucificado e, não o podendo ver, eclipsou-se. E pois o eclipse não foi por odem da natureza, o eclipsar-se parece que foi ãa nuvem de lágrimas que cobriu um Sol que era um dos olhos do mundo. Desfazem-se as criaturas em pedaços e em prantos: como se compadece olharmos com olhos enxutos para um Cristo crucificado, o qual é a lei de nossa alma e o remédio de nossa vida.

Ao sentimento dos mistérios deste dia nos obriga o fazer-nos Deos Cristãos eternos, dando luz do Céu para nos discontentarmos das leis da carne e sangue e desejarmos outras se melhores Lacedemônios, quais são as do Céu para nos governarmos por elas. Estas são as desonras, afrontas, chag|gas, cravos e Cruz de Cristo, [118v] as quais assi são lei de nossa alma, que também são mezinha de nossa vida e quem de verdade estimar a cura que estas afrontas tem feito em nós infalivelmente viverá como elas nos estão merecendo. Porque as vistas daquelas chagas e cravos são brados vivos que este divino Legislador e médico nosso deu da cadeira da Cruz, que assi lhe chama Santo Augustinho, “*Cathedra Magistri docentis*”.<sup>149</sup>, e inda hoje brada nos corações dos seus escolhidos e mais pregou em breve espaço com as cinco chagas que em três anos, nem haverá olhos que em paz se levantem a vê-lo, que tornando sobre si não façam ãa grande mudança na vida. E quem mais vir e penetrar, mais mudanças fará; e quem

---

L14. ver] A: vir.

L20. dado] ABC: dando.

<sup>148</sup> *Threnoidiae*, 1:4. [Trad.: Estão de luto os caminhos de Sião, e ninguém mais vem às suas festas.]

<sup>149</sup> *Augustini, Tractatus 119 in Joannem*. [Trad.: Cadeira do mestre que ensina.]

nenhã mudança fizer em si, faça conta que nada vio. Os Serafins que Isaías vio diante do trono do Senhor bradavam muito, dizendo: “*Sanctus, Sanctus, Sanctus*”<sup>150</sup>, porque viam muito, que quem de Deos mais vê mais brada, mais ama e mais se espanta. E quem tiver muito do espírito do Senhor não trocará as vistas de suas afrontas polas de sua glória, porque inda que as aparências desta arguam nele maior majestade, as vistas das afrontas são para nós de maior misericórdia e consolação. E ainda que com a glória de Cristo se encham as medidas de nossas esperanças, com as suas injúrias se enxugam nossas lágrimas e aleviam nossas penas, porquanto nas de Cristo está a fonte de toda a consolação. E como não viviremos nós consolados, vendo que temos um Deos que trocou sua glória pola confusão de ãa Cruz que lhe mereceram nossos pecados. Com esta troca se reforma minha alma, lendo eu ao meu coração a lei de minha vida e a mezinha dela Cristo. Chama São Leão Papa a Cristo morto *lei e mezinha nossa*, dizendo: “*Legem ergo vivendi nobis remedia nostra sanxerunt et inde data est moribus forma, unde mortuis est impensa medicina.*”<sup>151</sup>. Donde nos naceo a mezinha de doença, daí nos procedeo a regra e a lei da vida. E este pacto fez o remédio que Cristo nos deu com a nossa necessidade, que, se quiséssemos que ele fosse saúde nossa, havia de ser também lei nossa. Porque mal se poderá aproveitar da saúde que na Cruz nos mereceo quem se não sujeitar a todas as condições e capitulações que esta saúde nos está pedindo e merecendo.

E inda que Cristo, em pondo os pés no mundo, logo começou a entender nesta saúde e liberdade nossa por meio do preço de suas obras, nunca esta salvação pareceo mais arriscada ao juízo humano que hoje que começou a arear com ela para a concluir, e a noite passada e amenhã d’hoje foi o tempo em que o mundo para bem houvera d’estar nas maiores agonias que nunca, polo grande cabedal que o demônio meteo, para que Cristo não moresse, como ponderou Santo Ignácio na carta que escreveo aos Filipenses, onde diz que tanto fez o demônio porque Cristo não morresse despois que o vio com o pé no estribo para a Cruz quanto dantes tinha feito por o chegar aquele estado, “*Nam et antequam esset crux, festinabat facere hoc et operari in filiis dissidentiae: operatus est autem invidia in Farisaeis, in Saducaeis, in senioribus, in invenibus, et in Sacerdotibus. Cum autem properaret, ut fieret, conturbabatur et postea*

---

**L3.** mais ama] *A:* mas ama.

<sup>150</sup> *Isaiae, 6:3.* [Trad.: Santo, santo, santo.]

<sup>151</sup> *Leonis Papae, Sermo 7 in Episcopum.* [Trad.: Nossos remédios se consagraram para nós a lei da vida, e daí deu-se a forma dos costumes, donde a medicina é feita a custa dos mortos.]

*desperationem imisit proditori et laqueum ostendit et suspendium cum docuit et mulieri imisit timorem in somo ipse, conturbans et compescere tentans patibulum crucis.*”<sup>152</sup>. O [119r]

demônio que dantes persuadiu aos Pontífices e Fariseos e aos Saduceos e as turbas que matassem a Cristo hoje fez todo o possível porque não morresse, porque, no fragante em que se aparelhava a Cruz para ser crucificado, andava o mesmo demônio afadigado e fazendo alterações e bandorias a fim d’estrovar a morte de Cristo, receando que 5 em que se aparelhava a Cruz para ser crucificado, andava o mesmo demônio afadigado e fazendo alterações e bandorias a fim d’estrovar a morte de Cristo, receando que naquela Cruz estivesse a sua total perdição. Esta foi a razão por que persuadiu a Judas que se arrependesse publicamente da venda e tornasse o dinheiro aos Pontífices e finalmente se enforcasse, para que assi os inimigos de Cristo desistissem de o matar. 10 Esta foi a razão por que inquietou por sonhos a mulher de Pilatos e a meteo por aderência a seu marido para que não condemnasse Cristo à morte, o que tudo fez temendo que este Senhor triunfasse dele na Cruz. O mesmo afirma Santo Atanásio, dizendo: “*Metuebat enim ne concendens altitudinem crucis captivam duceret captivitatem et dona caperet in hominibus*”: e mais abaixo diz: “*Metuebat sibi diabolus, ne funditus interiret et omnibus excuteretur*”<sup>153</sup>. O fazer o demônio com que os Judeos promettessem a Cristo que creriam nele se descresse da Cruz, e estes tratassem de meter em desconfiança a este Senhor de pouco poderoso, pois podia dar vida aos outros, e não a si, foram temores que teve de que Cristo na Cruz lhe tirasse das mãos toda a pressa que té então tinha ganhado e ficasse de todo destruído. 15

20 Assi que como dizia à menhã de hoje e a noite passada foi o tempo em que o mundo conforme ao parecer humano podera estar receoso de seu remédio, polo muito feitio que o demônio fez para que Cristo não morresse, mas já agora vendo nós a Cristo pregado e morto na Cruz, estejam seguras nossas esperanças<sup>154</sup> e tenham por certo o seu remédio, porquanto com Cristo pregado na Cruz está arrecadada nossa salvação e 25 feito tudo quanto é necessário para suficientemente aplacar a Deos. Isto querem dizer as

---

**L14.** abaixo] *A*: abaxo.

**L18.** a si] *ABC*: a assi.

<sup>152</sup> *D. Ignacii, Espistola ad Philipenses*. [Trad.: Pois antes da condenação à cruz, [o Diabo] apressava-se por levá-la a cabo, incitando os filhos à dissidência: provocou, pois, inveja nos fariseus, nos saduceus, nos senadores, nos jovens e nos sacerdotes. Uma vez que tinha se apressado e causado a crucificação, passou a atrapalhá-la, enviou desespero aos traidores, mostrou-lhes a corda, incentivou-os ao suicídio, enviou temor às mulheres durante o sono, conturbando e tentando conter o patíbulo da cruz.]

<sup>153</sup> *Atanasii, De Passione Domini*. [Trad.: O que mais temia era que a altura da cruz fosse concedida ao prisioneiro e que de lá ele salvasse os homens. O Diabo temia a si mesmo, temia que percesse completamente e que fosse expulso por todos.]

<sup>154</sup> Razão da fé cristã.

palavras “*consumatum est*”<sup>155</sup>, as quais montam tanto como se dissera Cristo que estava tudo perfeito e acabado quanto era necessário para aplacar ao Padre Eterno, e o fazer propício a nós por meio do sacrifício que ele como Sacerdote sumo fezera de si morrendo no altar da Cruz, como se dissera: “Homens, estai descansados e dai-vos por  
5 seguros, pois tenho feito tudo quanto era necessário para aplacar a meu Pai, e nesta Cruz como em altar do mundo todo, fazendo eu o ofício de sumo Sacerdote conforme a ordem de Melquisedec, não só me sacrifiquei, mas morrendo satisfarei por vós de rigor de justiça. Isto declarou São Paulo, quando escreveo aos Hebreos diz assi: “*Qui in diebus carnis suae preces, supplicationesque ad eum, qui possit illum salvum facere a*  
10 *morte, cum clamore valido, et lacrimis oferens exauditus est pro sua reverentia.*”<sup>157</sup>Nas quais palavras, como também no capítulo nono e décimo da mesma carta, mostra o Apóstolo como Cristo com suas lágrimas, oração, sangue e morte, fazendo sacrifício de si aplacou a Deos melhor do que Aron fazia polos filhos de Israel, e com diferente sacrifício dos que se faziam, não só no tempo da lei de Moisés, mas muito dantes, como  
15 foi o sacrifício de Abel, o qual aplacou a Deos, e alcançou dele o que desejava, que foi aplacar-se Deos da ira concebida contra Adão, conforme o que diz Áquila, como se | [119v] colige das palavras, “*Respexit Dominus ad Abel et ad munus eius*”<sup>158</sup>, ou como lê Teodocion: “*Inflamavit Dominus super Abelem et munera eius*”<sup>159</sup>, o que não aconteceu a Caim, o qual, inda que sacrificou, não aplacou a Deos, o que ele bem entendeu vendo  
20 que o fogo do Céu abrasara o sacrifício de Abel em sinal de aceitação e não ao seu, o qual fogo era o sinal de Deos aceitar os sacrifícios, tanto que já andava em provérbio que o fogo, abrasando a cousa oferecida, era sinal de Deos conceder o que lhe pediam, conforme ao lugar de terceiro livro dos Reis quando Elias disse aos cultores de Baal: “*Invocate nomina Deorum vestrorum et ego invocabo nomem Domini mei et Deus qui*  
25 *exaudierit per ignem, ipse sit nobis Deus*”<sup>160</sup>, invocai-vos aos vossos deoses e eu bradarei polo meu, e aquele que mandando fogo abrasar o sacrifício oferecido e mostrar que o aceita queimando-o seja adorado de todos por Deos. E que Deos por meio do fogo mostrasse que aceitava os sacrifícios consta por muitos lugares da Escritura, por ora

<sup>155</sup> Joannis, 19: 30. [Trad.: Tudo está consumado.]

<sup>156</sup> *Hebraei*, 5:7. [Trad.: Nos dias de sua vida mortal, dirigiu preces e súplicas, entre clamores e lágrimas,

<sup>157</sup> àquele que o podia salvar da morte, e foi atendido pela sua piedade.]

<sup>158</sup> *Genesis*, 4:4. [Trad.: E o Senhor olhou com agrado para Abel e para sua oblação.]

<sup>159</sup> [Trad.: O Senhor inflamou sobre Abel e sua oferta.]

<sup>160</sup> *III Regum* 18:24. [Trad.: Invocareis o nome de vosso deus, e eu invocarei o nome do Senhor. Aquele que responder pelo fogo, esse será reconhecido como o (verdadeiro) Deus.]

5     baste o do Levítico, que diz: “*Egressus ignis a Domino devoravit holocaustum*”<sup>161</sup>, e o  
 dos Juizes, “*Ascenditque ignis de petra, et carnes, azimosque panes consumpsit*”<sup>162</sup>.  
 Pois se pães, carnes e sangue de animais oferecidos de coração por Aron, puro homem,  
 e outros sacerdotes como ele podiam tanto com Deos que mereciam fogo vindo do Céu  
 em sinal de aceitação, os trabalhos, as lágrimas, a morte e sangue de Cristo Deos e  
 homem abrasado no fogo do amor dos homens, quanto mais mereciam a aceitação do  
 Pai em ordem à reconciliação nossa de rigor de justiça. O qual argumento faz São  
 Paulo, escrevendo aos Hebreos, quando diz: “*Si enim sanguis hircorum et taurorum et*  
 10 *cinis vitulae aspersus sanctificat ad emundationem carnis: quanto magis sanguis*  
*Christi, qui per Spiritum sanctum semetipsum obtulit imaculatum Deo, emundabit*  
*consentiam nostram ab operibus nostris ad serviendum Deo viventi?*”<sup>163</sup>. E portanto  
 não fica lugar aos hereges de ladrarem dizendo que basta a Paixão de Cristo para nos  
 salvar, sem nos pormos da nossa parte algũa cousa mais que a confiança de nos  
 salvarmos, sem aplicarmos a nós essa Paixão por meio das virtudes obradas por virtude  
 15 da divina graça, e aproveitando-nos dos Sacramentos, que são os instrumentos por onde  
 se nos aplicam os merecimentos de Cristo, os quais Sacramentos lhe sairão do lado. Nem  
 também lhes fica lugar de dizerem que, pois Cristo sacrificou por nós na Cruz, não há para  
 que mais se sacrifique, porquanto Cristo na Cruz nos salvou suficientemente e, para esta  
 suficiênciã ter eficácia em nós, é necessário que nos aproveitemos dela obrando bem  
 20 mediante o divino favor e a apliquemos a nós, porquanto seus merecimentos estão promptos  
 e prestos para quando deles nos quisermos aproveitar, assi como a mezinha virtude tem  
 para sarar, mas é necessário que se aplique à chaga e ferida, para que consiga o efeito que se  
 pretende. |<sup>164</sup>

[120r]

---

L21. assi] B: rssi.

<sup>161</sup> *Leviticus*, 9:24. [Trad.: Saiu um fogo de diante do Senhor que devorou no altar o holocausto.]

<sup>162</sup> *Judicum*, 6:21. [Trad.: Jorrou fogo da rocha que consumiu a carne e os pães sem fermento.]

<sup>163</sup> *Hebraei*, 9:13-14. [Trad.: Pois se o sangue de carneiros e de touros e a cinza de uma vaca, com que se aspergem os impuros, santificam e purificam pelo menos os corpos, quanto mais o sangue de Cristo, que pelo Espírito eterno se ofereceu como vítima sem mácula a Deus, purificará a nossa consciênciã das obras mortas para o serviço do Deus vivo?]

<sup>164</sup> [Nota: O fólio que se segue foi numerado equivocadamente como 115, sendo na verdade o 120]

## Discurso Segundo

*Unus militum lancea latus eius aperuit, et continuo exiuit sanguis et aqua.*<sup>165</sup>

5 Simão Metafrastes, como refere o Cardeal Barônio<sup>166</sup>, afirma que a Virgem Senhora nossa ao pé da Cruz com as outras santas mulheres estavam recolhendo o sanque e ágoa que do lado caía e lhes era possível. E acrecenta São Bernardo<sup>167</sup> que o dizer Cristo “*Consummatum est*”, primeiro que abaixasse a cabeça e espirasse, foi dar-nos escusa e razão por que morria. *Nihil restat implendum: jam nos est quod*  
 10 *expectem.*<sup>168</sup>. Morro porque não resta que fazer mais por vós em vida. A mesma razão dá Santo Agostinho para Cristo dizer “*Consummatum est* quando diz “*Deinde quia nihil remansera, quod antequam moreretur fieri oporteret.*”<sup>169</sup>. Como se dissera: “Se mais houvera que fazer em vida, mais vivera, mas acabô a vida, porque morto tenho que fazer por vós despois da morte, que tenho inda que lançar deste lado frio sangue em  
 15 preço e ágoa em Sacramento, para que vejais que, inda que este corpo esteja sem vida, não estará sem amor, antes correndo a par a vida e o amor parou a vida, não parou o amor. E tanto será isto assi que a este meu corpo morto não faltará que dar e mostrará que inda vos tem afeição, como ponderou Santo Ambrósio dizendo: “*Ut advertamus quia licet corporis eius fuerit natura mortalis, licet qualitas similis, dissimilis tamem*  
 20 *gratia. Nam utique post mortem sanquis in nostris corporibus congelascit. Ex illo autem, incorrupto licet corpore, sed defuncto, omnium vita manabat*”<sup>170</sup>. Chama o santo ao corpo de Cristo, corpo morto, mas incorruptível, não só porque se não desfez no sepulcro mas porque nele estava a Divindade, e estavam inda as paredes quentes da afeição e o divino amor fazia com que daquele lado manassem os Sacramentos e a  
 25 graça, que é a vida de nossa alma. Era corpo morto na vida, vivo no amor; morreo a

<sup>165</sup> *Joannis, 19: 34.* [Trad.: Um dos soldados abriu-lhe o lado com uma lança e, imediatamente, saiu sangue e água.]

<sup>166</sup> *Baronii, Tomus I, Ann., n.. 132.*

<sup>167</sup> *Bernardi, Sermo de Fer. 4, Hebd. Poenosae.*

<sup>168</sup> [Trad.: Nada resta a ser feito: desde então ele olha por nós.]

<sup>169</sup> *Augustini, Liber 9, Tractatus 119 in Joannem, Cap. 26.* [Trad.: Nada mais houvera que fazer em vida, tenho que fazer por vós despois da morte.]

<sup>170</sup> *Ambrosii, Liber 10. Lucae, Cap. 23.* [Trad.: Prestamos atenção, pois embora seu corpo fosse de natureza mortal, embora tivesse qualidade semelhante, era, no entanto, diferente. Pois após a morte, o sangue congela em nosso corpo. Dele, porém, ainda que o corpo fosse incorruptível, mas defunto, emanava vida por toda parte.]

vida, mas de novo naceo amor. O sangue que nos outros corpos mortos se congela com a falta da vida, no de Cristo o derretia o amor, o fazia correr. Morre o Filho de Deos para que depois de morto lhe atravessassem com ùa lança o seu lado e vejam os homens que não morre, para deixar de amar, mas para dar maiores sinais e mostras d'amor e  
 5 para que vejamos que, se naquele lado vivíamos quando ele tinha vida, não vivíamos menos quando sem ela, pois está este lado aberto para nós, e entendamos que quem assi morre nace para mais amar.

E portanto é dia este que nos está pedindo extremos de alegria e extremos de tristeza. É dia d'extremos e estes diferentes, pois Deos os fez por nós. Muito é para nos  
 10 consolar vermos que temos um Deos que tanto nos quis e tanto fez por nós; matéria é de grande confusão vermos que tal Deos como este poseram nossos pecados neste estado em que hoje se nos representa. E assi aqueles brados que David dá em pessoa de Cristo, quando diz: "*Deus, Deus meus, respice in me, quare me dereliquisti?*"<sup>171</sup>; diz Santo Ambrósio<sup>172</sup> que não foram | queixa mas deprecação que Cristo havia de fazer na Cruz, [120v]  
 15 quando dissesse: "*Deus, Deus meus, ut quid dereliquisti me?*"<sup>173</sup>. Como se dissera: "Deos meu e Pai meu, peço-vos que alumieis aos homens, para que entendam o porquê me desamparastes, e para que saibam que eles têm a culpa do que padeço e do estado em que estou, e seus pecados vos obrigam a me não perdoardes a vida, antes me deixardes matar. "*Haec autem dixit ut manifestaret propter nos se esse derelictum*"<sup>174</sup>,  
 20 diz o Santo. Quando o Rei de Judá e o de Israel e o de Edom se confederaram contra o Rei dos Moabitas, fizeram-no retirar a ùa cidade bem murada e nela lhe poseram tão grande cerco e o apertaram de maneira que, de apertado e desesperado, se pôs no alto do muro e à vista de todos sacrificou e matou a seu próprio filho. *Arripiensque filium suum primogenitum, qui regnaturus erat pro eo, obtulit holocaustum super murum: et facta*  
 25 *est indignatio magna in Israel: statimque recesserunt ab eo.*<sup>175</sup>. O matar o Rei de Moab a seu próprio filho foi dizer por obra o que podera dizer de palavra: vejamos se se dão meus inimigos por satisfeitos em me apertarem tanto que me obrigassem a matar um

---

**L26.** dizer de palavra] C: de palavra.

**L27.** em me apertarem] C: em apartarem.

<sup>171</sup> *Psalmorum*, 21:2. [Trad.: Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?]

<sup>172</sup> *Ambrosii, Sermo 3.*

<sup>173</sup> *Matthaei*, 27:46. [Trad.: Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste? ]

<sup>174</sup> *Ambrosii, Sermo 3.*

<sup>175</sup> *IV Regum*, 3:27, *Vatablus* [Trad.: Tomando então o seu filho primogênito, que deveria reinar depois dele, ofereceu-o em holocausto sobre a muralha. Isso provocou uma tal indignação entre os israelitas, que estes se retiraram.]

filho primogênito e herdeiro do meu Reino. Indignaram-se os de Israel tanto contra si mesmos de haverem sido tão importunos e pertinazes no cerco que obrigassem a um Rei a matar seu filho que logo se foram e desistiram de o cercarem mais. Estes fomos para Deos, pondo de cerco a esse Céu e a Deos e a seu amor com nossos pecados, obrigando-  
 5 o a sacrificar seu Filho no alto da Cruz, como o mesmo Deos afirma pelo Profeta Isaías: “*Propter scaelus populi mei percussi eum.*”<sup>176</sup>, e pois que fomos tão pertinazes em insistir e continuar com o cerco dos pecados, morto já o Filho de Deos polo amor que ele e o Pai nos tinha, sejamos fáceis em levantar esse cerco de nossas culpas, como os de Israel fizeram, vendo morto o filho de um Rei homem. Já que nossas ofensas o  
 10 poseram na Cruz, entendamos que, se ele consentio pregarem-no nela, foi para matar nossos pecados. Tão grande foi o ódio que Sansão teve aos Filisteos que não duvidou morrer a troco de os inimigos ficarem sem vida, e estando em ãa sala a qual se sustentava em duas columnas diante dos Príncipes dos Filisteos e grande multidão do povo, assi homens como molheres, dos quais estava a casa chea, ele, tomando uma  
 15 coluna com a mão direita e a outra com a esquerda, as abalou e tirou de seu lugar, dizendo: “*Moriatur anima mea cum Philistiim*”<sup>177</sup>, morra eu contanto que morram meos inimigos, e caindo a casa o matou a ele e a eles. Isto fez hoje Cristo, encosta-se à columna da Cruz e deixa-se pregar nela dizendo: “Pai meu, morra eu contanto que morram os pecados inimigos vossos e meos.”. Cristãos, morre Deos, morram com ele os  
 20 pecados que o mataram, não fiquem vivos.

O que tomara de vós é que já que Deos por nossa causa e pecados padece e morre, não perdesse conosco por assi morrer, antes quanto mais tiver de ferido, chagado, afrontado e despedaçado, mais o veneremos e amemos, pois por nossa causa está nesse estado. Poseram os Filisteos a Arca do Senhor que cativaram no templo junto  
 25 ao ídolo Dagon, o qual caíu no chão, e levantando-o e pondo-o segunda vez junto da Arca, | caíu outra vez e se fez em pedaços, ficando a cabeça a ãa parte, os pés e mãos a [121r] outra, o corpo e tronco a outra; contudo ao ídolo assi despedaçado e mal tratado veneraram tanto que nem os sacerdotes punham os pés onde tinham estado os pedaços. Gabo o zelo, não o efeito. Verdade é que erravam, mas suposto o tinham por seu deos,  
 30 bem faziam em o adorarem por mais despedaçado e afrontado que estevesse. Nós, já

---

L3. desistiram] C: desideram.

<sup>176</sup> *Isaiae*, 53:8. [Trad.: Por causa do meu povo me irritei um momento.]

<sup>177</sup> *Judicum*, 16: 30. [Trad.: Morra eu com os filisteus.]

que acertamos tanto em adorar a este Senhor por Deos, estimemo-lo se quer como os Filisteos ao seu Dragão. Vemo-lo morto, crucificado, não perca conosco por tal, já que nossos pecados, que são os nossos ídolos e aos quais pomos ombro com ombro com ele, e poseram naquela Cruz. Seja hoje assi morto na nossa estima e afeição (se pode ser)

5 mais Deos nosso, que nunca ponhamos a boca onde ele pôs os pés, já que o vemos todo abrasado em amor e dor de dentro e de afrontas de fora por nossa causa. Representa Jeremias a Jerusalém destruída e posta por terra por seus pecados, como se falara com os que passassem por ela e lhes pedisse advertência do estado em que estava e consideração das dores que padecia, tomada à semelhança de ãa mulher viúva que,

10 vendo-se dantes em prosperidade rica, honrada, servida, se visse no oposto de tudo isto e no extremo de toda a miséria e estevesse dizendo: “*O vos omnes qui transitis per viam attendite et videte si est dolor sicut dolor meus: quoniam vindimiavit me, ut locutus est Dominus, in die irae furores sui.*”<sup>178</sup>. Ora fala de Jerusalém debaixo da metáfora de ãa mulher viúva, ora de ãa vinha vindimada, dizendo e pedindo, a todos os que a viram

15 florente, e de presente a viam destruída e vendimada de todo o bem, que atentassem se havia dores semelhantes às que padecia, porquanto o Senhor assi a privara de todos os bens que se parecia com ãa vinha bem vendimada, sem lhe ficar um cacho em que pôr os olhos, e que fora vendimada esta que Deos nela fezera no dia da ira do seu furor. Tem Deos iras de amor para amigos que também os amigos se insinam contra os

20 amigos, quando lhes importa, e tem iras de furor para inimigos das quais usou no castigo que deu a Jerusalém pola morte injusta que dera a Cristo. Estas palavras atribuem os Santos a Cristo morto e crucificado na Cruz, e vendimado da vida e do alento e d’alma e da honra, usando o Pai do Céu com ele da ira do seu furor devido a nossos pecados, e com estas palavras e outras desta sorte com que Jeremias chora a

25 destruição de Jerusalém, celebra a Igreja as exéquias da morte e Paxão de Cristo, que foi a causa de serem destruídos os Judeos, querendo que no mesmo tempo se chore a destruição do povo judaico e a Paxão de Cristo, como se Cristo morto na Cruz estevesse dizendo: “Homens, atentai bem e vede se houve dores e afrontas semelhantes às que por vós padeci, considerai se houve amor igual ao que vos tive e mostrei.”

---

L2. Dragão] A: Dagon.

L13. debaixo] A: debaxo.

<sup>178</sup> *Jeremiae. Threnoidia, I:12.* [Trad.: Ó vós todos, que passais pelo caminho: olhai e julgai se existe dor igual à dor que me atormenta, a mim que o Senhor feriu no dia de sua ardente cólera.]

Pondera Santo Antônio de Pádua que em Cristo crucificado não havia mais que ver que de dentro dor e amor, e de fora feridas e afrontas. *Duc in Christo consireranda sunt ad lacrimas moventia, amor in corde, dolor in corpore. Unde dixit consumatum est, id est non restat in corpore meo membrum puniendum.*<sup>179</sup>. Está Cristo na Cruz todo escrito de dentro e de fora: De dentro escrito de dores e amores, e de fora escrito de [121v] chagas e afrontas; e o dizer Cristo que tudo estava consumado foi dizer aos homens que olhassem bem para ele e que veriam como nele não havia cousa sã, antes tudo estava chagado e ferido e todo escrito de dores e de feridas e chagas, sem haver lugar onde se pudesse escrever mais nem caber ãa ferida, pois a cabeça, o lado, pés e mãos e todo o mais corpo estava martirizado por nosso remédio. Neste sentido explica São Crisóstomo as palavras de São Paulo escritas aos de Galácia, quando repreendendo-os de se apartarem da Fé de Cristo crucificado, lhes lembrava o tempo passado em que assi estavam inteirados nos tormentos que este Senhor por eles padecera em Jerusalém, como se com os olhos o viram morrer e tão presentes estavam nas suas dores e chagas e afrontas e amores, como se os viram em Cristo escritos e pintados. *O insensati Galatae quis vos fascinavit? Quibus ante oculos Jesus Christus praescriptus est et in vobis crucifixus.*<sup>180</sup>. E o mesmo Santo lê também: “*Ante oculos prius depictus erat*”. E com razão porque as feridas e chagas de fora e o lado aberto eram ãa pintura e escritura pela qual se lia o amor e a dor que dentro estavam, como São Bernardo diz: “*Patent mihi viscera per vulnera*”<sup>181</sup>, pelas chagas de fora estou vendo as dores de dentro e o amor que as fez padecer. Escreva-se de fora no lado ãa lançada, para que por ela se veja a caridade, que dá sangue em preço e ágoa em Sacramento. E assi o sangue que do corpo de Cristo pregado estava manando foram também lágrimas, inda que de sangue que aquelas chagas choraram por nós: o derramar sangue foi chorar até polos mesmos que o poseram na Cruz, querendo-se eles aproveitar desse remédio. Neste sentido lê e explica Santo Ambrósio as palavras dos Cantares: “*Nardus Cypri consobrinus meus in vineis Engaddi.*”<sup>182</sup>. *Engaddi* quer dizer “tentação” e era um posto, no qual havia muitas árvores, das quais o bálsamo nace, e em as pungindo e ferindo lançavam de si ãas gotas

---

**L21.** Escreva-se] C: Escreve-se.

<sup>179</sup> *D. Antonii Paduae, Sermo in Coenam Domini.* [Trad.: O que há a considerar em Cristo, pelo rolar das lágrimas, é seu amor no coração e a dor no corpo. Onde ele nos diz “está consumado”, ou seja, não resta em meu corpo nenhum membro a ser punido.]

<sup>180</sup> *Chrysostomi in Espitula ad Galatas, Cap. 3.* [Trad.: Ó insensatos gálatas! Quem vos fascinou a vós, ante cujos olhos foi apresentada a imagem de Jesus Cristo crucificado? ]

<sup>181</sup> *Bernardi, Sermo in Canticum.* [Trad.: Pelas feridas mostram-se minhas vísceras.]

<sup>182</sup> *Ambrosii in Cap. I Cantici.* [Tra.d.: A nardo do Chipre, meu primo, nas vinhas de Engaddi.]

de bálsamo ao modo de lágrimas; ao qual aludia a esposa quando considerando a seu esposo Cristo na Cruz que foi o lugar da tentação, que lhe fizeram nossas culpas e engratidões o comparava à árvore que ferida dava suavíssimo bálsamo. *Nardus Cipri consobrinus meus im vineis Engaddi*. Desta maneira vos houvestes conosco o amado

5 Esposo, porque posto, e pregado na Cruz, e ferido, e chagado nela derramastes o bálsamo de vosso precioso sangue em preço e resgate até dos que vos crucificaram. *Sic Christus in illo tentacionis ligno crucifixus illacrimabat populum, ut peccata nostra dilveret et de visceribus misericordiae suae sundebat unquentum, dicens: Pater dimite illis, quia nesciunt, quid faciunt.*<sup>183</sup>. Na Cruz estavam em Cristo chorando, não só os

10 olhos, mas as mãos, e o lado, e os pés. As lágrimas eram o sangue que chorava sobre nossos pecados para os apagar; e como quer que hoje o derramar do sangue foi em tanta copia, as lágrimas ficaram sendo em maior abundância, e por isso se abriram não só os poros para suarem sangue, como no horto, mas fontes, e rios; quais foram as chagas, para que delas manassem arroios de lágrimas de sangue. [122r]

15 Esta foi a escritura de fora, qual fosse a de dentro, encareceo São Lucas, regulando-a pelo ódio e má vontade dos Judeos em o atormentarem, à qual Pilatos entregou a Cristo, quando diz: “*Jesum vero tradidit voluntati eorum*”<sup>184</sup>: nas quais palavras encareceo São Lucas mais a Paixão de Cristo, que nenhum outro Evangelista. E se não disse-me que julgador houve nunca tão injusto, nem tão apaixonado, que

20 entregasse o delinquente a seus próprios inimigos, senão Pilatos, o qual entregou Cristo aos mesmos acusadores, para que tivessem lugar de executarem nele todo o ódio que lhe tinham, ao qual São Lucas chamou ódio e má vontade dos mesmos Judeos. Por onde o levar Cristo a Cruz às costas, não foi execução de sentença, (conforme ao costume que havia de o condenado levar às costas a Cruz em que o haviam de crucificar, como refere

25 Justo Lípsio) mas também do ódio que a Cristo tinham. Da mesma maneira os cinco mil e tantos açoites foi ódio que passou os limites da condenação, quanto diz de quarenta açoites menos um até passarem de cinco mil. O Juiz taxa a pena ao culpado e a

**L19.** apaixonado] *A:* apaxonado.

**L23.** conforme ao costume...a Cristo tinham] *A:* mas do odio que a Christo tinham: porque a que homem por culpado, que fosse e condenado por esse, obrigarão nunca que levasse a forca as costas, se não a Cristo.

<sup>183</sup> *Ambrosii in Cap. 1 Cantici*. [Trad.: Assim Cristo, crucificado naquele mastro da tentação, derramava lágrimas sobre o povo, dissolvendo nossos pecados, e das vísceras, por sua misericórdia, transpirava unguento, dizendo: Pai, perdoai-os, eles não sabem o que fazem.]

<sup>184</sup> *Lucae, 23:25*. [Trad.: E entregou Jesus à vontade deles.]

execução dela comete ao algoz. Mas Pilatos quis que os próprios inimigos taixassem o castigo e eles, por meio das gentes, o executassem e fossem as partes e os algozes. São Jerônimo<sup>185</sup> afirma ser costume dos Judeos açoutarem primeiro os que haviam de padecer, dando-lhes quarenta açoutes menos um, mas isto se fazia depois de dada a

5 sentença de morte, mas Cristo foi açoutado antes por mandado de Pilatos, para ver se com isso podia aquietar os Judeos, quando não ficaria já açoutado e aparelhado para morrer. Açoutaram-no os soldados e estes incitados, e peitados dos Fariseos, e por ventura a instância destes, e sem ordem de Pilatos foi o Senhor coroado de espinhos pelos mesmos soldados. E isto foi o entregar a Presidente a Cristo depois de açoutado à

10 vontade de seus inimigos para que fizessem dele e mandassem fazer quanto quisessem, donde naceo ordenarem que os açoutes de Cristo fossem em tanto exceto, e lhe possessem coroa na cabeça, e Cruz às costas, cousa que se não costumava. E por aqui se podem coligir quaes seriam as dores, que de dentro estavam escritas.

Foram tão grandes e extraordinárias que só Cristo podera com elas, como São

15 Crisóstomo diz: “*Ut quanta esset patientia singularitatis, tanta esset singularitas passionis*”<sup>186</sup>. Houve por bem o amor que Cristo nos tinha, que as dores que padecesse, fossem tão grandes, que respondessem ao cabedal que a natureza humana enquanto unida à pessoa divina, tinha para as padecer e tantas quis sofrer quantas ele só podera soportar. Contudo sendo isto assi, atrevo-me a dizer que se compararmos todos os

20 tormentos de Cristo com seu amor inda que muito lhe devamos por tudo quanto padeceo por nós, muito mais lhe ficamos obrigados em nos amar de maneira, que tomasse essa Cruz e morte por alívio de amor, que nos tinha, como se diz no Comentário dos três Padres, *laetatus est spiritu, licet canis cruciatibus vexaretur*<sup>187</sup>. Mais alegrava a alma de Cristo o gosto de padecer por nós, do que o intristecia a dor, que lhe procedia dos

25 tormentos. Porque se Cristo somente pretendera socorrer à nossa necessidade, bastara qualquer das cousas, que obrou por nós. Mas o que | bastara para nosso remédio, não [122v] bastava para seu amor, nem o que nos remedeara a nós, satisfizera a ele, nem ficara satisfeito enquanto lhe ficasse gota de sangue por derramar em resgate nosso.

---

**L18.** quantas] *B*: quantas.

**L19.** sendo isto] *C*: sentindo isto.

**L21.** por nós] *B*: por nó.

<sup>185</sup> *Hieronymi in Cap. 27 Matthaei.*

<sup>186</sup> *Chrysostomi, Tomus 3, Sermo 4, De Caena Domini.* [Trad.: Quanta fosse singular a paciência, tanta era singular a paixão.]

<sup>187</sup> *Comentarii Trium Patrum apud Theodorum in Cap. Cantici.* [Trad.: O espírito está contente, ainda que a carne seja violentada na cruz.]

Considerai a Cristo na Cruz, na qual depois de pregado mais vivia do que padecia, que da vida que possuía, polo grande gosto com que penava. E se me perguntardes como era possível que Cristo depois de tantos tormentos estivesse horas vivo na Cruz sem morrer, respondo que estava Cristo na Cruz vivendo de suas penas, e não havendo já  
5 forças, nas quais a vida se conservasse, se sustentava na pena dela. Vivia estando na Cruz, não porque desejasse mais longa vida, mas prolongava a morte para que se não acabasse tão depressa a dor, e a pena dela. Vivia a vida, por não acabar a dor.

Atentemos para este Senhor e vê-lo-emos naquela Cruz tão esquecido de si e de suas dores; e tão lembrado de seus amados que éramos nós, que aquele inclinar a cabeça  
10 antes de espirar foi, diz São Bernardo: *ut oscula daret suis dilectis*<sup>188</sup>, abaixar-se quanto pode para na despida dar sinal de paz e amor aos seus. Não pode abaixar-se mais, por estar pregado, mas os homens lhe faltaram em se chegar a ele, que quanto da sua parte fez o que pôde, abaixando-se o mais que lhe foi possível. Tão esquecido estava de si e de suas dores, e tão lembrado dos que lhas causavam, para lhes procurar o perdão de  
15 suas culpas, que diz São Bernardo que na Cruz em Cristo andavam em competência as dores e as misericórdias. *Hinc multae miseriae corporis, hinc multae misericordiae cordis. Hinc dolores, hinc miserationes. Misericordiae Domini multae, sed et miseriae Domini multae. Vincent ne miseriae misericordias an misericordiae miserias superabunt: vincant misericordiae tuae antiquae Domine, vincat sapientia malitiam.*<sup>189</sup>  
20 Andavam em Cristo em demanda as dores e as misericórdias. As dores queriam fazer a Deos seu, o amor queriam nosso; as dores a doerem, as misericórdias a se compadecerem, mas venceu o amor à dor. As misericórdias preveleceram contra as misérias, a bondade venceu a malícia e mais pode o amor para se lembrar de nós, que a dor para tratar de si. E São Pedro Crisólogo representa a Cristo pregado na Cruz facilitar  
25 aos homens suas dores e penas para que não cuidassem que a Cruz, cravos, espinhos, lança, chagas estorvavam, ou deminuíam amor, antes o seguravam e acrescentavam, dizendo: “*Crux haec non meus, sed mortis est aculeus. Clavi isti non mihi insigunt dolorem, sed vestram mihi insigunt altius charitatem. Vulnera haec non educunt gemitus meos, sed magis vos meis visceribus introducunt. Extensio corporis mei vos*

**L25.** cuidassem] *B:* cudassem.

<sup>188</sup> [Trad.: De maneira que desse amor a seus amados.]

<sup>189</sup> *Bernardi, Sermo in Sermone 4. Hebd. Poenosa.* [Trad.: De um lado muita miséria do corpo, de outro muita misericórdia do coração. De um lado dores, de outro compaixão. Muita misericórdia do Senhor, mas também muita miséria do Senhor. Será a misericórdia vencida pela miséria ou a miséria superada pela misericórdia? Que seja o antigo Senhor vencido por tua misericórdia, que a sabedoria vença a malícia.]

*dilatata in gremium, non meam crescit in paenam: sanguis meus non mihi deperit, sed vestrum prorogatur in precium*".<sup>190</sup> Esta Cruz não tanto me mata a mim, quanto é matadora da vossa morte. Estes cravos não tanto me ferem, e lastiman, quanto pregam, e seguram em mim vosso amor. Estas chagas se se abriram, não foi para gemer com elas, mas para que por elas entrasseis em minhas entranhas. Este estenderem-me os braços para me encravarem, não me dá pena, antes me faz mais capaz de caberdes em mim. Este sangue que derramo, não o tenho por perdido, mas nunca melhor empregado, que quando derramado em preço e resgate vosso.

10 Ûa só queixa tenho neste dia por parte do amor deste Senhor, e é que já que o pregavam, não houve|ra de ser com cravos de ferro, mas de ouro, que é o símbolo da [123r] caridade em sinal que o amor era o que o tinha pregado na Cruz. Porque não tanto o tinham encravado os cravos de ferro, quanto os do amor significado pelo ouro. O verso de David, *Ad faciendam vindictam in nationibus, increpationes in populis, ad aligandos reges eorum in compedibus et nobiles eorum in manicis ferreis*<sup>191</sup>, ou fala conforme a Genebrardo dos castigos, que se darão aos pecadores no dia de Juízo, ou eles sejam de baixa, ou d'alta sorte, quando os santos assistirem com Cristo a julgar, ou conforme a São Crisóstomo entende da vitória que Cristo alcançaria do demônio, e dos pecados, e dos Judeus, e das gentes, cujos príncipes renderia com grilhões nos pés, e algemas nas mãos, quer dizer, com o temor, e ameaças dos castigos, levando por mal aos que se não rendessem por bem. O que ponderado Santo Agostinho, espanta-se de se tratarem, e prenderem com ferros os Reis, e nobres, aos quais se custuma dar menagem, mas responde que para com Deos o amor é o que dá os foros, não a nobreza do mundo. *Ferrea vincula sunt, quandiu timent, ament et aurea erunt*.<sup>192</sup> Quem serve e padece por temor, e por mais não poder esteja preso com cadeas de ferro, e se se quiser melhorar as cadeas de ouro, e a prisões honradas, ame. Donde infiro que pois Cristo padeceu por amor, que se ele quisera nunca morrer, houvera de ser encravado não com ferro, mas com ouro, pelo qual fosse significado o amor, com que morreo por nós.

---

L4. se se abriram] C: se abriram.

<sup>190</sup> [Trad.: Esta Cruz não tanto me mata a mim, quanto é matadora da vossa morte. Estes cravos não tanto me ferem, e lastiman, quanto pregam, e seguram em mim vosso amor. Estas chagas se se abriram, não foi para gemer com elas, mas para que por elas entrasseis em minhas entranhas. Este estenderem-me os braços para me encravarem, não me dá pena, antes me faz mais capaz de caberdes em mim. Este sangue que derramo, não o tenho por perdido, mas nunca melhor empregado, que quando derramado em preço e resgate vosso.]

<sup>191</sup> *Psalmorum, 149:7-8, Genebrardus*. [Trad.: para tirar vingança das nações pagãs, para lançar em ferros os seus reis, e pôr algemas em seus príncipes.]

<sup>192</sup> *Augustini, Tomus 8 in Psalmorum, 149*. [Trad.: São algemas de ferro. Enquanto temam e amem, serão de ouro.]

**TRATADO SEGUNDO DA MESMA SEXTA-FEIRA DA PAIXÃO DO DESCENDIMENTO DA CRUZ**

**Discurso Primeiro**

5 *Post haec autem rogavit Pilatum Joseph ab Arimataea, ut toleret corpus Jesus.*  
*Et promisit Pilatus. Venit ergo et tulit corpus Jesu.*  
*(Joannis,19)<sup>193</sup>*

Simeão Metafrastes<sup>194</sup>, como refere o cardeal Barônio, tem para si que José sem  
 10 embargo de ser discípulo oculto de Cristo por amor do medo dos judeus, contudo por  
 conselho e persuasão da Virgem empredeu ãa obra tão árdua e heróica, como foi pedir  
 a Pilatos o corpo de Cristo para o tirar da Cruz e o sepultar. E Santo Efrem representa  
 dizer e pedir a Virgem, à Cruz, que se abaxase para lhe ser possível fazer mimos às  
 chagas do seu Filho. *Recumbe crux sanctissima, lignum benedictum, ut plagas filii mei,|* [123v]  
 15 *et Dei mei deosculer.*<sup>195</sup> E o mesmo Metafrastes afirma que a Virgem, com suas  
 próprias mãos, ajudou a José e a Nicodemos para tirarem a Cristo da Cruz, e recolhia, e  
 guardava no seu feo os cravos, que das mãos e dos pés se tiravam<sup>196</sup>. Bem creio que o  
 amor de Cristo sofrera mal despregarem-no da Cruz, inda depois de morto, se não fora  
 ter que fazer por nós, como era ser sepultado para com sua sepultura curar, sarar e  
 20 honrar a nossa, como Nazianzeno diz: “*Sepultura adversus illum in terram reditum.*”<sup>197</sup>.  
 E imagino estar o amor deste Senhor dizendo aos homens que nunca consentira que  
 desta Cruz o tirassem, antes nela estivera sempre, se nos não relevava sepultarem-no  
 para resurgir. E assi entendêssemos que tanto nos era de honra e proveito depois de  
 morto, como quando estava vivo, e que se consentia que fosse enterrado em ãa horta e  
 25 jardim era enquanto figura do Paraíso, que em Adão perdemos, e doutro melhor o do  
 Céu, que na Cruz nos merecera, o qual morto nos estava quardando. E assi pedindo os  
 Judeos a Cristo, que descesse da Cruz vivo e que creiam nele, não quis descer senão  
 morto. Porém ao decer este concerto fez seu amor com nossa necessidade, e foi que já  
 que nos importava apartarem-no da sua Cruz e cravos, e espinhos, sequer com esses

<sup>193</sup> *Joannis, 19:38.* [Trad.: Depois disso José de Arimatéia rogou a Pilatos a autorização para tirar o corpo de Jesus. Pilatos permitiu. Foi, pois, e tirou o corpo de Jesus.]

<sup>194</sup> *Simeonis Metaphastis apud Baronium, I, n. 132.*

<sup>195</sup> *Ephrem.* [Trad.: Abaixa-te à santíssima cruz, o mastro bendito, para que eu beije as chagas de meu filho e meu Deus.]

<sup>196</sup> *Metaphratis apud Baronium, ibidem, numero eodem.*

<sup>197</sup> *Nazianzeni, Apol. 10.* [Trad.: A sepultura voltou-se contra ele na terra.]

instrumentos de sua Paxão o enterrassem para consolação de seu amor, querendo que o enterrassem com as insígnias, que o tinham armado em Salvador nosso. Quando morre um cavaleiro, enterrai-lo com o hábito de Cristo, ou de Santiago, ou de São Bento, com esporas calçadas, e com traçado na cinta, senão que estas são insígnias de honra. Mas

5 Cristo quis ser enterrado com instrumentos afrentosos, cravos, e coroa, e com nossas ingratições para consolação de seu amor, como notou o cardeal Barônio<sup>198</sup>, conforme a tradição dos Rabinos que dizem ser costume enterrarem-se os condenados com todos os instrumentos com que foram mortos. E por esta razão sepultaram a Cristo com os martírios que na cova cabiam, tirando a Cruz, que por ser grande e não caber na cova, a

10 enterraram em outra junto à de Cristo.

    Õa só consolação e descanso quis ter aquele corpo morto entre a Cruz e a sepultura, que foi parar no regaço da Virgem, à qual o entregaram os Santos José e Nicodemos, dos quais um despregou ao Senhor e o outro tinha mão no corpo para que não caísse enquanto o despregavam como afirma São Bernardo. Agasalhou-o a Senhora

15 no seu regaço com aquele sentimento e lágrimas que tal Filho merecia a tal Mai. *Flebet dicendo Fili mi, fili mi: vae mihi, vae mihi. Quis dabit ut ego moriar pro te fili mi? Trahe me ad te ipsum, ut et ego moriar tecum. Male solus moreris. Sine matre noli morere*<sup>199</sup>: Diz São Bernardo, que assi dizia a Virgem Senhora nossa. Muitas cousas diz o santo ia a Senhora para falar e dizer àquele corpo morto *Verba domabat amor*,<sup>200</sup> mas

20 o amor e a dor não deixava falar, mas choraram? Ali fez a Senhora a primeira obra de piedade como foi compor e fechar aqueles olhos defuntos. Porque assi como diz Plínio nas cousas viventes e animadas com o grão sensitivo a derradeira cousa que nace são os olhos, assi a derradeira cousa que morre e falta são esses mesmos; e a primeira cerimônia de piedade que a um defunto se faz é compor-lhe os olhos | mortos. Isto foi o [124r]

25 que Deos prometeo a Jacob, quando indo para Egipto, chamado de Faraó e de seu filho José, parou no poço do juramento até saber se era Deos servido daquela jornada e o Senhor lhe disse que fosse, que ele o acompanharia. *Joseph quoque ponet manus suas super oculos tuos*.<sup>201</sup> como se dissera no Egipto morrereis nos braços de vosso filho José e ele com suas próprias mãos vos compor os olhos defuntos. O que assi aconteceu como

30 a escritura diz, falando da morte de Jacob. *Quod cernens Joseph ruit super faciem patris*

<sup>198</sup> *Baronii, Tomus I, Ann., n. 136.*

<sup>199</sup> *Bernardi in Lamentationes Virginis.* [Trad.: Chorava enquanto dizia: meu Filho, meu Filho, ai de mim, ai de mim! Quem me concederá de morrer por ti, meu filho? Traz-me para junto de ti, e eu morrerei com contigo. Não convém que morras sozinho. Não queiras morrer sem tua mãe.]

<sup>200</sup> [Trad.: O amor domava as palavras]

<sup>201</sup> *Genesis, 46:4.* [Trad.: José pôs suas mãos sobre teus olhos.]

*flens et deosculans eum.*<sup>202</sup> O mesmo aconteceu a Santo Agostinho na morte de sua mãe Santa Mônica, como ele afirma nas suas confissões: *Praemebam oculos eius et constuebat em praecordia mea maestitudo ingens et transflebat in lacrimas*<sup>203</sup>. Não morreo Cristo nos braços da Virgem, mas da Cruz, os quais como não serviam para  
 5 mais que para fazerem penar, o fechar; e compor os olhos ficou para as mãos da Virgem, e para isto pediu esta Senhora a José e a Nicodemos lhe largassem o corpo morto de seu filho, como São Bernardo diz: “*Expectans corpus deponi plorabat dicens: reddite vel saltem nunc maestissimae matri extinctum filium*”<sup>204</sup>. Estava a Senhora com os olhos longos esperando, que desencravassem da Cruz o corpo de Cristo  
 10 morto para pedir que se quer defunto lho dessem.

Quam grande fosse o desamparo da Virgem e quam penosas fossem as saudades, que de seu filho tinha, podemos inferir das que Noemi tinha de dous filhos que lhe morreram. A qual entrando em Betlém, donde era natural, e da qual se saíra com seu marido Elimelech e dous filhos: Mahalon e Cheliom, os moradores vendo-a tornar sem  
 15 marido, e sem filhos e só com as noras, diziam: *haec est illa Noemi*<sup>205</sup>. Esta é Noemi antiga, que daqui se foi há tanto tempo: aos quais ela respondia: *ne vocetis me Noemi ( id est pulcram) Sed vocare me Mara ( id est amaram) quia amaritudine valde replevit me omnipotens. Egressa sum plena et vacuam reduxit me Dominus. Cur ergo vocatis me Noemi, cá Dominus humiliavit et afflixit omnipotens*<sup>206</sup>. Ninguém chame Noemi, que  
 20 quer dizer fermosa, mas Mara que significa amargo[as], a ãa molher como eu, a qual Deos foi servido dar tantos desgostos, depois que desta terra se saíu marido levava, quando daqui me aparteí, chea de filhos ia, agora torno sem filhos e sem marido. Não merece nome de fermosa ãa molher tão mosina como eu, a qual Deos com todo o seu poder humilhou e afligio tanto. Que tinha de ver a perda de Noemi com a da Virgem  
 25 Senhora nossa? Que semelhança tinha um desamparo com o outro? Que tinham de ver o marido e filhos de Noemi com o unigênito Filho de Deos e da Virgem? Diferentes deviam de ser as comodidades de um Filho Deos, das de um marido e filhos homens.

<sup>202</sup> *Genesis, 50:1.* [Trad.: José atirou-se então sobre o rosto de seu pai e o beijou chorando].

<sup>203</sup> *Augustini, Liber 9 conformis Cap. 12.* [Trad.: Compunham-se os olhos e, em prantos, meu ingênuo sofrimento colocava-se para fora, esvaindo-se em lágrimas.]

<sup>204</sup> *Bernardi, ibidem ut supra.* [Trad.: Aquele que via o corpo ser pranteado, diz: ao menos entregai agora o corpo defunto a essa tão sofrida mãe.]

<sup>205</sup> [Trad.: Esta é Noemi.]

<sup>206</sup> *Ruth, 1:20-21.* [Trad.: Não me chameis mais Noemi, replicou ela, mas chamai-me Mara; porque o Todo-poderoso me encheu de amargura. Parti com as mãos cheias, e o Senhor fez-me voltar com as mãos vazias. Por que me chamais Noemi, se o Senhor se declarou contra mim e o Onipotente me inundou de aflição?]

Pois de Noemi achava que não merecia nome de formosa, mas de mosina em perder filhos homens, e que fora grande perseguição, e desemparo o tornar a Betlém sem o marido, e sem os filhos que dela levava. Achar-se a Virgem sem um Filho Deos, que de seu tinha e que era todo seu bem e emparo, quantas saudades e lágrimas merecia? E se  
 5 Ana mai de Samuel, antes de o gerar, tanto sentia não ter um filho que dizia de si: “*Mulier infelix ego sum*”<sup>207</sup>, ou como lê Filo: “*Mulier dies dura ego sum*”<sup>208</sup>, achando que era a mais desditosa molher, que havia no mun|do e lhe seria a vida intolerável, pois [124v] carecia de um filho, que desejava. Quanto para sentir seria perder a Virgem um que tinha, o qual era mais para estimar que todos e com o qual todos os filhos juntos de  
 10 todas as outras mães não tinham comparação.

### Discurso Segundo

*Venit autem et Nicodemus ferens mixturam mirrae et aloes quasi libras centum:*  
 15 *Acceperunt ergo corpus Jesu et ligaverunt illud in linteis cum aromatibus, sicut mos est judaeis sepelire*<sup>209</sup>.

As cerimônias de que os Hebreos usavam no enterrar dos seus defuntos foram tomadas dos Egípcios desdo tempo que José os governou, conforme ao lugar do  
 20 Gênesis, onde se diz: “*Praecipitque servuis medicis, ut aromatibus com dirent patrem*”<sup>210</sup>. Por médicos se entendem certos homens, que tinham por officio aparelharem os corpos mortos, para serem sepultados. E havia nisso tal ordem, que os homens aparelhavam os corpos dos homens, e as molheres os das molheres. A primeira benfeitoria, que se lhes fazia, era compor-lhes os olhos e a boca conforme ao lugar do  
 25 Gênesis, quando Deos a Jacob disse: “*Ponetque manum super oculos tuos.*”<sup>211</sup>. Após isto lavavam os corpos, para que limpos fossem à sepultura. Daqui veo que Sócrate, estando condenado à morte, antes de beber a peçonha, pedio lincença para ir ao banho a se lavar, para que depois de morto não fosse necessário lavarem-no. Atavam-lhe também os pés e as mãos com ãas fitas, ou faxas e o rosto cobriam com um lenço,

<sup>207</sup> *I Regum, 1:15.* [Trad.: mulher infeliz eu sou.]

<sup>208</sup> *Phil., Liber de Temulent.* [Trad.: Sou uma mulher nestes dias duros.]

<sup>209</sup> Joannis, 19:39-40. [Trad.: Acompanhou-o Nicodemos (aquele que anteriormente fora de noite ter com Jesus), levando umas cem libras de uma mistura de mirra e aloés. Tomaram o corpo de Jesus e envolveram-no em panos com os aromas, como os judeus costumam sepultar.]

<sup>210</sup> *Genesis, 50:2.* [Trad.: Ordenou depois aos médicos que o serviam, que embalsamassem seu pai.]

<sup>211</sup> *Genesis, 46: 4.* [Trad.: Pondo suas mãos sobre teus olhos.]

conforme ao que se diz de Lázaro: “*Ligatus pedes et manus institis: facies illius sudario erat ligata.*”<sup>212</sup>. Além disto trusquiavam-lhe os cabelos da cabeça em prova do qual conta Sozomeno que desta maneira foi achado o corpo de Zacarias com a cabeça trusquiada no tempo de Honório Emperador. E a este costume aludio Vergílio, quando  
5 disse no livro quarto dos Aeneidos que Dido não acabara de morrer, até que a deosa Luno lhe não mandou cortar os cabelos pela deosa Íris.

A qual cerimônia se fazia não só em sinal de tristeza pola vida perdida, mas como ãa protestação da resurreição futura. Porque assi como os cabelos se cortam para nacerem outra vez, inda que não nos mortos, assi nós morremos, para resurgirmos.  
10 Porque assi como a Águia deixa a pena velha para se renovar tomando outra melhor, assi cortar os cabelos, de tal maneira é sinal de tristeza, que também se cortam com esperança certa de nacerem outros; e nos mortos, cujos cabelos se trusquiavam, era ãa confiança da resurreição. Esta cerimônia se não fez em Cristo como adverte Barônio<sup>213</sup> por não ser costume cortarem-se os cabelos aos que morriam condenados por justiça.

A outra cousa que se fazia aos corpos mortos era perfumarem-nos com cousas cheirosas, para que não cheirassem mal, antes bem e | após isto os untavam com mirra e [125r] aloes por espaço de quarenta dias, para que durassem muito tempo, sem se corromperem, como afirma Brixiano<sup>214</sup>. Aloe é ãa erva amargosíssima, a qual tem virtude para resistir aos bichos e à podridão. O mesmo efeito faz a mirra. E de ãa e de  
20 outra trouxe Nicodemos grande quantidade para ungir o corpo de Cristo. E advirtio Barônio<sup>215</sup> que entre os Judeos chegou a haver tantas demasias nos gastos, que se faziam nas sepulturas, assi nas espécies aromáticas, que se gastavam, como nos trajos que levavam, que muitos deixavam os corpos mortos por sepultar e se iam por não poderem fazer tantos gastos. E no mesmo sepulcro de Zacarias se achou o corpo de  
25 filho do Rei Joas com coroa na cabeça, e calçado d’ouro nos pés, e com púrpura de Rei. E duraram estas demasias até, que Gamaliel, pela muita autoridade que tinha no povo, as moderou, madando que dali por diante niguém, inda que fosse Rei, passasse de se enterrar em um lençol, quando muito; e ele desta maneira se mandou sepultar. O que depois se quardou inviolavelmente. Esta foi a razão, porque Cristo depois de ser  
30 unguido com unguentos preciosos, foi envolto em um lençol. Em ordem a este costume de se ungirem e perfumarem muitas vezes os corpos mortos, foram as Marias ao

<sup>212</sup> *Joannis*, 11:44. [Trad.: Tendo os pés e as mãos ligados com faixas, e o rosto coberto por um sudário.]

<sup>213</sup> *Baronii*, *Tomus 10*, *Ann.*, n. 136.

<sup>214</sup> *Brixani in Cap. Genesis* 50.

<sup>215</sup> *Baronii*, *ibidem.*, n. 136.

sepulcro com os seus unguentos preciosos. E de Cristo unguindo explica Orígenes o lugar dos Cantares: “*Dum esset rex in acubitu suo, nardus mea dedit odorem suum, id est cum esset sponsus meus in sepulcro, unguentum, quo unxi eum, dedit odorem suum.*”<sup>216</sup> Como se dissera: “Estou vendo um tempo no qual estará o meu esposo no  
5 sepulcro, e eu o ungirei com um unguento precioso e cheiroso.”. *Fasciculus mirrae dilectus meus mihi, inter ubera mea comorabitur.*<sup>217</sup>. Ficarà o corpo do meu amado tão recendente, que mais parecerá um ramalhete leve e cheiroso, que corpo morto. E acrescenta Orígenes<sup>218</sup> que assi o lençol, como o sudário e ataduras, com as quais ataram e a mortalharam a Cristo, foram os cordéis com que se atou este ramalhete de mirra,  
10 para que se não perdesse, nem desfizesse.

### Discurso Terceiro

*Erat autem in loco, ubi crucifixus est, hortus: et in horto monumentum nouum, in quo  
15 nondum quisquam positus fuerat.*<sup>219</sup>

Nota Barônio<sup>220</sup> ser tradição dos Rabinos que os corpos dos que morriam condenados se não podiam enterrar nas sepuluras comuns, onde os outros se enterravam, mas em particulares e afastadas, e esta foi a razão, porque sepultaram a  
20 Cristo em sepulcro novo e apartado. Além disto era costume dos Judeos abrirem as sepulturas em pedras e desta maneira era a do Senhor. Santo Ambrósio compara este [125v] sepulcro com o ventre da Virgem, no qual andou encerrado, e diz que um e outro guardaram o corpo de Cristo: as entranhas o guardaram puro, a sepultura incorruptível, e ambos foram puros e Virgens. E acrescenta o santo que o sepulcro foi ãas entranhas  
25 das quais saíu Cristo vivo, como das da Mãe quando naceo. E d’ambos saíu a pregar, senão que mais gloriosa foi a nacença d’hoje, que a d’então; porque a d’hoje gerou Cristo imortal e a primeira o deus ao mundo passível. Depois da primeira nacença foi Cristo inda ao limbo, mas depois desta segunda subiu ao Céu. O ventre puríssimo da Virgem tardou nove meses em dar ao mundo a sua esperança, Cristo. A sepultura d’hoje

<sup>216</sup> *Origenis, Liber Duar. Ho. Homilia 1 et 2.* [Trad.: Enquanto o rei era deitado, minha nardo deu-lhe seu aroma, isto é, como estivesse o meu esposo no sepulcro, o unguento, com que o ungi, deu-lhe seu odor.]

<sup>217</sup> [Trad.: Como um ramalhete de mirra, meu amado demorar-se-á entre meus seios.]

<sup>218</sup> *Origenis, ibidem.*

<sup>219</sup> Joannis, 19: 41. [Trad.: No lugar em que ele foi crucificado havia um jardim, e no jardim um sepulcro novo, em que ninguém ainda fora depositado.]

<sup>220</sup> *Baronii, ibidem., n. 134.*

foi tão apressada nos dar remédio, que em três dias no-lo entregou resuscitado. E acrescenta o santo que não menos deve ser comparado a São José, que sepultou a Cristo com a Virgem, que o gerou. Porque se a Senhora concebeo a Deus em seu ventre, José fez o mesmo no seu coração. A Virgem envolveo a Cristo em cueiros, quando naceo,  
 5 José em um lençol, quando morreo. Senão que a Virgem para conceber a Deos foi avisada por um Anjo, mas José só da compaixão foi persuadido ao sepultar.

Convenientíssima cousa foi ser a sepultura alhea, não própria, porque assi como os pecados, porque padecia, não eram próprios, mas alheos; assi era razão, que a sepultura o fosse<sup>221</sup>. E juntamente era conveniente que o sepulcro fosse novo e a  
 10 primeira vez que se estresse fosse com o corpo de Cristo para que se não dissesse que outrem e não Cristo dele resurgira. Sepulcro com razão novo, pois fazia tantas novidades, que abria outros sepulcros e dava vida aos mortos, que tinham dentro em si. Aconselha-nos, neste dia, São Gregório Nazianzeno, que já que corporalmente não podemos despregar a Cristo da Cruz, sequer espiritualmente celebremos este  
 15 descendimento com o amor e compaixão e o agasalhemos em nossos corações. *Crucem alacres ascendamus*.<sup>222</sup>. Subam nossas almas com a consideração à Cruz, que inda hoje não faltam a Cristo Cruzes, quais são as consciências cheas de culpas; e então destas Cruzes o despregamos quando com elas acabarmos, que Deus não seja ofendido. Então decentemente o sepultaremos, quando em lugar de vícios, sucederem as santas virtudes,  
 20 que são as espécies aromáticas, com as quais Deos se conserva em nossas almas e fica sendo de dura nelas. *Si Joseph ab Arimatæa es, ab eo, qui in Crucem sustulit, corpus pete: tuum fiat mundi placulum. Si Nicodemus es, nocturnus ille Dei cultor, funebribus unquentis illum unge*.<sup>223</sup>. Se há em nós aquele amor e respeito a Cristo que havia no coração de José peçamos para nós o seu corpo morto, como ele fez. Se somos amigos de  
 25 Cristo escondido declaremo-nos já por seus públicos a apaxonados. Unjamos ao Senhor com os santos unguentos da contemplação e choremos com as devotas Marias. O lençol novo seja a consciência pura, o sepulcro novo o sejam nossos corações. *Fasciculus myrrhæ dilectus meus mihi, inter ubera mea commorabitur*<sup>224</sup>, dizia a esposa do seu divino Esposo; o que alegorizando Orígenes e Teodoreto | por ramallete de mirra [126r]  
 30 entendem a Cristo e sepultado, e unguido com mirra, e mais unguentos, como se dissera a

<sup>221</sup> *Ambrosii, Liber 13, De Vir.*

<sup>222</sup> [Trad.: Subamos com ardor à Cruz.]

<sup>223</sup> [Trad.: Se és José de Arimatéia, quem o ergueu na cruz, pede para ti o corpo: que a tua vontade seja a de todos. Se és Nicodemos, aquele noturno cultor de Deus, unge-o com unguento fúnebre.]

<sup>224</sup> *Cantici Canticorum, 1:13.* [Trad.: Meu bem-amado é para mim um saquitel de mirra, que repousa entre os meus seios.]

esposa, que lhe parecia seu esposo assi unguído com um ramalhete de mirra, o qual determinava enterrar no seu coração. *Inter ubera mea commorabitur*<sup>225</sup>. E um corpo morto enterra-se em coração? Si que é corpo de um Deos, que morreo por mim, e a sepultura, em que o hei d'enterrar, há de ser esta alma, para que tendo-o nela sepultado, não tenha coração para mais o ofender. *Certum est quia ubi mors Christi animo circumfertur, non potest reganare peccatum. Est enim tantavis Crucis Christi, ut si ante oculos ponatur et in mente fideliter retineatur, ita ut in ipsum mortem Christi intentis oculus mentis inspiciatur, nula concupiscentia, nula libido, nulus furor, nula superare possit invidia, sed continuo ad eius praesentiam totus ille peccati et carnis fugatur exercitus*<sup>226</sup>, diz Orígenes. Estes são os interesses de sepultarmos a Deos em nós. E bem nos merece este Senhor habilitarmo-nos para que se consiga em nós o fruto de sua sepultura.

De Codro Rei dos Atenienses, conta Justino histórico, que fazendo os Darienses guerra aos seus Atenienses e tendo reposta do oráculo que sairiam vencedores se Codro não fosse morto na batalha, mandaram ter grande vigia sobre o Rei dos inimigos, não acertassem de o matar por erro. Contudo foi Codro tão bom Senhor e desejoso de ficarem os seus vencedores, que mudou o trajo real, e se vestio do vestido de um lavrador rústico, e com uma foice na mão, e fexe de lenha às costas, se foi ao arraial dos inimigos, e travando briga com um soldado, fez com que o matassem, para assi libertar os seus. Ao que os Atenienses não acharam outro gênero de agradecimento maior que dar, senão ordenarem que não tivessem jamais outro Rei, mas Codro fosse o último, que pois não podia haver quem chegasse a mostrar semelhante amor à patria, não havia quem enchesse aquele lugar e o merecesse. Isto fez Deos por nós em matéria de mais importância, porque estando nós não em risco de sermos vencidos, mas já cativos do demônio e de nossos pecados, dos quais não podíamos ser liberados, suposto a determinação divina, sem Deos morrer por nós, este Senhor se disfarçou mudando o trajo, e fazendo-se homem e vestindo-se de nossa natureza, para que o podessem matar. A nossa obrigação é que pois será impossível acharmos quem nos tenha tão grande amor, qual foi o de Cristo, lhe paquemos com ser ele só o nosso Deos e todo o nosso

<sup>225</sup> *Cantici Canticorum, 1:12.* [Trad.: que repousa entre os meus seios.]

<sup>226</sup> *Origenis in Cap. 6, Epistola ad Romanos.* [Trad.: É certo que, quando o morto é envolvido pela alma de Cristo, o pecado não pode reinar. É, pois, tão grande a força da Cruz de Cristo, que uma vez posta diante dos olhos, fica guardada na mente, e assim os olhos da mente se vêem no intento de Cristo em sua própria morte, sem concupiscência, sem desejo nem furor, sem que a inveja possa superar, mas coesos à sua presença e a salvo do exército do pecado e da carne.]

bem para que ninguém ocupe nossos corações senão um Senhor, que morreo para lhes dar vida. Os Romanos ao cidadão, que livrava a outro da morte, honravam, como refere Plínio Júnior, comum a coroa, que chamavam “Civilis”, tecida de flores e folhas de carvalhos. E a razão era, porque antes que se achasse o trigo, os homens viviam e se sustentavam do fruto desta árvore mostrando que pois esta árvore antigamente dava vida aos homens, era bem que com ela se honrasse o cidadão, que dava vida a outro. O Filho de Deos, Cristo, perdendo a vida a deu não a um só homem, mas ao mundo todo. A coroa cível sejamos nós mesmos. Sejam nossos orações reformados, que nesta conta tinha São Paulo aos que con|vertia e trazia ao conhecimento da verdade, quando [126v] escrevendo aos Filipenses dizia: *“Itaque fratres mei carissimi et desideratissimi, gaudium meum et corona mea: sic state in Domino, charissimi”*<sup>227</sup>. Pede-lhes São Paulo, como a irmãos caríssimos, que perseverem no que lhes tinha ensinado e lembra-lhes que a sua emenda é o fruto, e o prêmio de seus trabalhos, e a coroa de seu Reinado, e que na hora, que pejavam na Fé e na vida não permanecendo na sua doutrina, com que os tinha informado, não perdia menos, do que se lhe tiraram da cabeça a coroa. Coroemos a Deos com a reformação de nossas almas, a qual há de fazer em nós a divina graça. [127r]

---

<sup>227</sup> *Philipensium, 4:1*. [Trad.: Portanto, meus muito amados e saudosos irmãos, alegria e coroa minha, continuei assim firmes no Senhor, caríssimos.]

## TRATADO PRIMEIRO DO SANTO DIA DA PÁSCOA DA RESURREIÇÃO

### Discurso Primeiro

5 *Maria Magdalene, et Maria Jacobi et Salome emerunt aromata.*

*Ut venientes ungerent Jesum.*

*(Marci, 16)*<sup>228</sup>

O Salmo que começa “*Confitemini Domino quoniam bonus*”<sup>229</sup> tem por  
 10 argumento dar David em nome da Igreja graças ao Senhor da vitória, que daria aos fiéis  
 na lei da Graça, de todos seus inimigos, mundo, demônio, carne e vícios, ordenando que  
 em que pez aos Judeos edificadores, saísse Cristo pedra angular, para que nele se  
 fundasse o edificio da Igreja. Isto quer dizer: “*Lapidem quem reprobaverunt*  
*aedificantes, hic factus est in caput anguli.*”<sup>230</sup>. Assi como a pedra angular une e ajunta  
 15 os dous cantos do edificio, assi Cristo resurgindo, unio os dous povos Judaico e  
 Gentílico em um corpo e tornando da morte à vida ficou cabeça da Igreja e reinou nos  
 corações dos fiéis. *A Domino factum est istud et est mirabile in oculis nostris.*<sup>231</sup> Foi  
 maravilha esta, que excedia a todos os nossos desejos e pensamentos, e foi mercê, que  
 só Deos no-la poderá fazer. Porque mal poderá a força humana a um crucificado entre  
 20 dous ladrões como culpado e malfeitor levantar tanto, que fosse de todos adorado por  
 Salvador, e que a tragédia da Cruz, e paixão parasse na glória da Resurreição, e o seu  
 Reino d’hoje por diante tivesse tal propriedade, que tanto mais crescesse, quanto mais  
 encontrado fosse; tanto que se lhe tirassem a vida a um seu vassalo, a morte de um só  
 fundada nos merecimentos de sua Cruz fructificasse muitos, como Tertuliano diz:  
 25 “*Sanguis Martirum semen est Christianorum*”<sup>232</sup>. O sangue dos Mártires é semente de  
 Cristãos; e de cada gota de sangue, que um Mártir derrama, nacam muitos fiéis de novo  
 convertidos. Isto mesmo encareceo São Leão Papa dizendo: “*Neculo crudelitatis genere*  
*destrui potist Sacramento Crucis Christi fundata religio. Non minuitur persecutionibus*  
*Eclesia, sed augetur: et semper Dominicus ager segete ditiori vestitur, dum grana, quae*

**L26.** muitos fiéis] C: fiéis.

<sup>228</sup> *Marci, 16: 1.* [Trad.: Maria Madalena, Maria, mãe de Tiago, e Salomé compraram aromas para ungir Jesus]

<sup>229</sup> *Psalmorum, 117:1, Genebradus.* [Trad.: Dai graças ao Senhor porque ele é bom.]

<sup>230</sup> *Marci, 12: 10.* [Trad.: A pedra que os construtores rejeitaram veio a tornar-se pedra angular.]

<sup>231</sup> *Psalmorum, 117: 23.* [Trad.: Isto foi obra do Senhor, é um prodígio aos nossos olhos.]

<sup>232</sup> *Tertuliani, Apologia contra Gentes.* [Trad.: O sangue dos mártires é semente dos cristãos.]

*singula cadunt, multiplicata nascuntur*”.<sup>233</sup> Contra Reino fundado na Cruz de Cristo e estabelecido com sua Ressurreição não há traças, nem invenções, nem tiranias, que prevaleçam, antes essas o fortalecem mais, e fazem mais permanente, e com que o campo da Igreja floreja, e fertilize em maior abundância, e de cada grão, que cae morto, nação muitos mais.

5 *Haec dies, quam fecit Dominus*<sup>234</sup>. Não teve o mundo, nem terá dia tão ditoso e alegre, como este em que Cristo resurgio glorioso e triunfante de seus inimigos. E tal dia | só Deos o poderá fazer para no-lo dar, pois foi dia de perfeita salvação, como Santo [127v] Agostinho diz: “*In quo mihi salutem dedit*”<sup>235</sup>. De três dias notáveis se faz menção na  
10 escritura: o primeiro foi natural, que Deos como autor da natureza fez, quando creou o mundo e foi o primeiro dia de todos os dias, no qual se creou a luz comum a bons e maos. O segundo dia foi o do pecado, o qual não fez Deos, mas o homem comendo o pomo proibido e foi para si autor da culpa e da pena; dia ao qual amaldiçoou o São Job, dizendo: “*Pereat dies, in quae natus sum et nox, in quae dictum est: conceptus est*  
15 *homo*”<sup>236</sup>. Nas quais palavras o São Job amaldiçoou o dia em que foi concebido e naceo: não tanto pola nacença, e conceição, quanto pola culpa em que fora concebido, a qual se dirivou deste dia segundo, que Adão pecando, fez. O terceiro dia foi o da graça e da glória, digno de ser de todos festejado e abençoado, o qual Deos fez não com a palavra e como querer somente, como o primeiro, mas a poder de muitos trabalhos e  
20 com sangue e morte de Cruz.

E São João Crisóstomo<sup>237</sup> diz que pelo dia, que o Senhor fez, se não entende a duração do tempo, nem o curso do Sol, mas as maravilhas e milagres, que neste dia obrou: as quais fizeram este dia formoso e resplandecente, como foram reconciliar-nos com Deos, acabar-se a guerra campal dos vícios e de cada dia; a terra tornar-se Céu, os  
25 homens indignos desta vida mortal ficarem merecedores da eterna, acabarem-se as forças da morte, demônio, inferno e pecado. E assi chama o mesmo Santo a este dia, *Pacis argumentum, reconciliationis internitio, mortis dissolutio, diaboli calamitas,*

---

**L24.** com Deos] A: como Deos

<sup>233</sup> *Leonis Papae, Sermo 1, De Petro et Paulo*. [Trad.: Por nenhum tipo de crueldade pode ser destruído o Sacramento da Cruz de Cristo fundado na religião. Que a Igreja não seja diminuída pela perseguição, mas engrandecida: e que o campo do Senhor esteja sempre coberto da mais rica seara; enquanto caem simples grãos, nascem outros muitos.]

<sup>234</sup> *Psalmorum*, 117:24. [Trad.: Este é o dia que o Senhor fez.]

<sup>235</sup> *Augustini in Psalmorum*, 117. [Trad.: No qual [dia] me deu saúde.]

<sup>236</sup> *Job*, 3:3. [Trad.: Perea o dia em que nasci e a noite em que foi dito: uma criança masculina foi concebida!]

<sup>237</sup> *Chrysostomi, Tomus I, in Psalmorum*, 117.

*totius mundi piaculum*. E acrescenta o Santo que neste dia, *diaboli tiranis eversa est, inferni victoria ab sorta, mortis vincula soluta*<sup>238</sup>. E não somente ficou a morte destruída, mas até o nome de morte perdeu, porque d'hoje por diante se não chama senão sono. Antes deste dia, se chamava a morte e o apartamento da vida, inferno, conforme ao lugar de Gênesis<sup>239</sup>, quando Jacob aos filhos deu, por razão, para lhes não largar Benjamin, o temer, que lhe acontecesse algum desastre ele morresse de tristeza, e desconsolação, dizendo-lhes: “*Si quid ei adversitatis aciderit in terra, ad quam pergitis deducetis canos meos cum dolore ad inferos* e na tresladação Tigurina está: *Deduceretis senium meum cum dolore in foveam, id est eficeretis, ut ego senex maerore et tristitia morerer*”<sup>240</sup>. Nas quais palavras Jacob chama à morte inferno. E este é o mesmo sentido do verso de David: “*Et vita mea inferno appropinquavit, id est, morti, quasi dicat: sepulcrum vel uti digito setigi et quase pedem alterum habui in sepulcro.*”<sup>241</sup>. Mas no dia da Ressurreição de Cristo se acabaram os nomes de morte e inferno. “*Novam et externam politiam in vitam induxit*”<sup>242</sup>, diz mais São Crisóstomo. Cristo resurgido introduziu no mundo ã nova polícia e um novo modo de falar: do morrer fez adormecer, à morte chamou sono, como aconteceu na morte de Lázaro, quando disse: “*Lazarus amicus noster dormit, sed vado, ut a sono excitem eum.*”<sup>243</sup> O qual nome merecia já a morte de Lázaro em virtude da Ressurreição de Cristo, figurada na sua, a qual o Senhor em Lázaro obrara em ordem a facilitar a crença e Fé de sua própria Ressurreição, como os Santos dizem, para que vendo os homens, que ele resuscitava um morto| de quatro dias, tivessem por possível poder resuscitar um morto de três e esses [128r] não perfeitos, o qual havia de ser ele mesmo.

“*Exultemus et laetemur in ea*”<sup>244</sup>, acrescenta David, falando deste dia: no qual é razão se alegrem as almas e o festejem os corpos, pois é festa para corpos e para almas. É dia de se alegrar a terra e o Céu, diz São João Damasceno, pois a alegria dos

<sup>238</sup> [Trad.: É o argumento da paz, o cintilar da reconciliação, a dissolução da morte, a desgraça do diabo, o piáculo de todo o mundo, a varredura da tirania do diabo, é a vitória do inferno posta à sorte, o vínculo da morte desfeito.]

<sup>239</sup> *Genesis*, 42.

<sup>240</sup> *Tigurini, Vatablus*. [Trad.: Caso se aproxime àquela adversidade na terra, para a qual caminhais, mandareis meus cabelos brancos com dor para o inferno. Mandeis minha velhice com dor para a fossa, isto é, acabeis comigo, como eu velho morra de sofrimento e tristeza.]

<sup>241</sup> *Psalmorum*, 117, *Genebradus*. [Trad.: E minha vida aproximou-se do inferno, isto é, da morte, como se dissesse: [cheguei perto] do sepulcro, ou melhor, tive os dedos e quase o pé dentro do sepulcro.]

<sup>242</sup> *Chrysostomi, ibidem*. [Trad.: Trouxe uma nova e externa polícia à vida.]

<sup>243</sup> *Joannis*, 11:11. [Nota: na margem consta *Joannis*, 15. Trad.: Lázaro, nosso amigo, dorme, mas vou despertá-lo.]

<sup>244</sup> *Psalmorum*, 117: 24. [Trad.: Alegremos e nele exultemos.]

moradores dessa terra e desse Céu, *ad vitam reddit*,<sup>245</sup> estando morta tornou a viver, estando sepultada resucitou. "*Agunt in caelestibus haec Paschalia gaudia ipsi Angelici spiritus et resurgentis Domini gloriam admirantur, laetantur est delectantur in eo, quod forma, servi reversa sit in formam Dei et exinanitio humiliatis ad depositae altitudinis redierit dignitatem*"<sup>246</sup>, diz São Cipriano. Se os anjos no Céu tanto se alegraram com as nossas Páscoas, festejaram a nossa melhoria e não cabiam em si de prazer, vendo que a nossa baixaza em Cristo se veste de glória divina e que aquela divindade, que vinda do Céu se vestio, e encobrio com nossa humanidade. No dia d'hoje se pareceo mais consigo, que conosco, que chegaram a aparecer as Marias e aos discípulos na manhã d'hoje vestidos de festa e de branco para mostrarem, diz São João Crisóstomo<sup>247</sup> que vinham do Céu à terra a nos ajudarem a festejar e celebrar esta solenidade. Nós, cujas almas e corpos são tão interessados neste bem, porque o não festejaremos com todo o bom, e melhor d'alma, e do corpo. E acrescenta São Gregório Nisseno que mandarmos Deos alegrar, *Opus non est grave, nec difficile effectu*,<sup>248</sup> nos não manda algũa cousa árdua, nem dificultosa, mas fácil e bem asombrada, como é, *Exultemus et laetemur in ea. O mandata praeclara, o dulcem constitutionem. Quis sine mora, atque procrastinatione talibus praeceptis non obtemperabit? Imo quis non indanno ponet vel exiguum inssorum dilationem? Delevit enim et erasit omnem penitus memoriam contra nos factae condemnationis*<sup>249</sup>. Quem se não alvoroçará para cumprir também asombrada obediência? Quem deixará de cumprir à risca tão honrados e proveitosos mandamentos? Quem se não terá por ditoso em se ver de posse de um dia de vida e de glória, no qual se perdeo até o nome ao castigo e à condenação?

Porém há se de advertir que ainda que o alegrarmos-nos neste dia seja fácil, contudo é cousa muito dificultosa ter razão e fundamento de alegria. Porquanto só aqueles tem razão de viverem contentes, que para o mundo forem tristes e se inabilitarem para todos os gostos desordenados da vida, porque os que hoje houverem de resurgir com Cristo têm obrigação de viverem daqui por diante crucificados, como

<sup>245</sup> *Damasceni, De Resurrectione*. [Trad.: Retornou à vida]

<sup>246</sup> *Cypriani, De Resurrectione Christi*. [Trad.: Os próprios espíritos angelicais, nos céus, manifestaram estas alegrias Pascais. Eles admiram-se, alegram-se e encantam-se com isso, por causa da forma, seja pelo retorno dos escravos na forma de Deus ou porque a purgação dos humilhados restituia a dignidade às alturas.]

<sup>247</sup> *Chrysostomi, ibidem*.

<sup>248</sup> [Trad.: Não nos manda trabalho árduo, nem difícil.]

<sup>249</sup> *Nysseni, Oratio de Sancto et Salutari Festo Paschae*. [Trad.: Exultemos e alegremo-nos com estas coisas. Oh ordens notáveis, oh doce constituição. Quem, sem demora nem procrastinação, não obedecerá a tais preceitos? Quem há pô-los em risco ou adia-los? Pois [Ele] destruiu e apagou completamente toda memória de feitos condenáveis contra nós.]

ele morreo. Morreo Cristo na Cruz, diz Guérico Abade, *Ut redemptionis sacramentum justificationis fieret exemplum*<sup>250</sup>, para que entendamos que ninguém poderá ser participante da Resurreição, que por meio da Cruz mereceu, se se não determinar a viver crucificado, como ele morreo. E esta foi a razão, porque o Anjo que hoje apareceu às

5 Santas Marias, em dia de tanta glória de Cristo, o não nomeou, senão pelo Crucificado, *Jesum quaeritis crucifixum?*<sup>251</sup> porquanto não há alcançar glória, sem Cruz, nem Resurreição sem morte, nem tem direito à glória presente, senão que se conformou com a paixão passada e a quem pareceu bem Cristo crucificado, como diz São Cipriano: "*Ut qui glo|riati sunt in cruce, cum Crucifixo regnantes beatae fierent peremnitatis* [128v]

10 *participes*"<sup>252</sup>. Este argumento prosegue Nazianzeno, quando diz: "*Heri cum Christo in crucem agebar, suffigebam, hodie simul glorificor: Heri comoriebar, hodie simul vivificor: Heri consepeliebar, hodie simul resurgo*".<sup>253</sup> Senhor, aqueles somente tem direito e aução a serem vivificados, glorificados e resurgirem convosco, que em vossa companhia foram crucificados, mortos e sepultados, quando menos per amor e

15 compaixão. Este direito à glória do dia d'hoje alega por si em nome dos justos São João Damasceno, dizendo: "*Heri, o Christe, tecum inumabar, hodie te advitam redeunte, simul resurgo: heri in crucem ferebar, tu me in regno tuo tecum glória afice*"<sup>254</sup>, Senhor, se aqueles tem aução à vida imortal e gloriosa, a que hoje resurgistes, que convosco foram crucificados e sepultados; lembre-vos o como com o ânimo e

20 compaixão vos acompanhe, para me dardes a glória, que vos mereço.

Este dia se chama dia do Senhor, *Dies Dominica*<sup>255</sup>, sem embargo de todo o proveito ser nosso e ele não ter necessidade de morrer, nem de resurgir porquanto a honra de tão heróica obra, como era destruir o pecado, a morte e o demônio, autor dela, a ele se havia de refirir, dando-se-lhe as graças de tamanha mercê a nós feita, por razão

25 da qual, como Santo Agostinho diz, houve no inferno grande pranto e os demônios se lamentaram e deram por destruídos e perdidos. E que os principais interesses deste dia sejam nossos, bem se deixa ver, pois torna a viver um amigo, que morreo por nós: e

<sup>250</sup> *Guerrici Abbatis, Sermo 2, Ramis Palmarum*. [Trad.: Como desse o sacramento da redenção um exemplo de justificação.]

<sup>251</sup> [Trad.: Quereis Jesus crucificado?]

<sup>252</sup> *Cypriani, De Resurrectione*. [Trad.: Como aqueles que se glorificaram na cruz, assim as beatas reinantes, com o Crucifixo, se fazem participantes da perenidade.]

<sup>253</sup> *Nazianzeni, Oratio I, De Pascoa*. [Trad.: Ontem sou colocado e pregado com Cristo na cruz, hoje sou junto a Ele glorificado: Ontem morro com Ele, hoje sou junto a Ele vivificado: Ontem sou enterrado, hoje junto a Ele ressuro.]

<sup>254</sup> *Damaceni, De Resurrectionis*. [Trad.: Ontem, oh Cristo, padeço contigo, hoje, ao voltares à vida, ressuro contigo: ontem eu era levado à cruz, hoje leva-me contigo à glória de teu reino.]

<sup>255</sup> [Trad.: Dia do Senhor.]

nem a morte nos privou de tal amigo, matando-o. O amigo não pode chegar a mais, que a morrer por vós: e pouco vai nos amigos do mundo, que o são até morrerem eles, ou morrerdes vós, mas Cristo morreo por nós e tornou a viver para nós: e foi amigo, ainda depois de morto. Porque o ser sepultado em ãa horta figura do Paraíso do Céu, foi  
 5 mostrar, diz São Gregório Nisseno, que morto no-lo estava guardando. *Sane enim ipse verus et imotalis agricola paradisi erat en horto monumenti, sicut in paradiso mulherem, quae Adamum primum hortulanum per encredulitatem deceperat, lapsam corrigens, atque emendas*<sup>256</sup>. Isto diz o Santo a propósito da Magdalena, à qual Cristo apareceu em figura de hortelão: porquanto o querer este Senhor ser sepultado em ãa  
 10 horta foi querer ali fazer o ofício de agricultor de nossas almas e as beneficiar de maneira, que fossem capazes desse transplantarem-no jardim do Céu.

Nós somos tão ditosos, que temos por amigo a um Senhor, ao qual nosso amor matou e por amor de nós vive, como São Paulo diz: *“Mortuus est propter delicta nostra, Resurrex propter justificationem nostram”*.<sup>257</sup> Morreo e resurgio, quando mais nos  
 15 relevava a nós: morto e vivo é nosso e para nós. Morreo para nos livrar dos males, padecendo-os, resurgio para nos comunicar bens, aceitando-os como São Máximo diz: *“Omnium revixit saluti, qui pro omnium peccatis addictus morti”*<sup>258</sup>. Nossos males o pregaram em ãa Cruz, nossos bens o resuscitaram. E sendo nós obrigados a ou vivos, ou mortos sermos de Deos e para Deos, como São Paulo diz: *“Sive ergo vivimus, sive morimur, Domini sumus,”*<sup>259</sup> tomou ele também esta obrigação sobre si, e morto, e vivo foi nosso, e para nós. Baste-nos Deos morto, para que morram em nós os pecados: baste-nos Deos vivo, | para que vivam em nós as virtudes. Se nos bastar Deos, tudo nos [129r]  
 sobejará e nele teremos ãa vara de condão, para quanto nos for necessário: a nossa morte, nele terá vida, a nossa tristeza, nele achará consolação, nossa baixaza, nele interessará glória. Quando a Jacob deram novas, que seu filho José era vivo e que reinava no Egipto, respondeo: *“Sussicit mihi, si filius meus vinit”*<sup>260</sup>: no Hebreo lê Caetano: *“Multum est, id est, abunde sufficit mihi pro longi maeroris mei consolatione et*

---

**L24.** baixaza] A: baxeza.

<sup>256</sup> Nysseni, Oratio 2, De Resurrectione Christi.

<sup>257</sup> Romanorum, 4:25. [Trad.: Morto por nossos pecados e ressuscitado para a nossa justificação.]

<sup>258</sup> D. Maximiliani, Homilia 3, De Resurrectione. [Trad.: Reviveu para a salvação de todos, quem pelos pecados de todos, entregou-se à morte.]

<sup>259</sup> Romanorum, 14: 8. [Trad.: Quer vivamos quer morramos, pertencemos ao Senhor.]

<sup>260</sup> [Trad.: Suficiente para mim se meu filho vier.]

*gaudium maius non cupio.*”<sup>261</sup>. Se novas de um filho vivo que nunca morreo alegram tanto que as alegrias d’alma trespordam e se dá um coração não só por bastante, mas sobejamente contente, novas e certezas de servo um amigo Deos, que por nós morreo, porque não serão bastantes a alegrar nossas almas de maneira, que não tornem jamais a serem tristes pola culpa? Temos obrigação todos a dizer, como afirma Guérrico Abbade: “*Suficit mihi, si Jesus vivit. O vocem fidelem et plane dignam amicis Jesus, o castissimum affectum, qui sic loquitur: suficit mihi, si Jesus vivit. Si vivit, vivo, cum de ipso pendeat anima mea, imo ipse sit vita mea, ipse sufficientia mea. Quid enim mihi de esse poterit, si Jesus vivit? Imo define omnia alia, nihil interest mea, dumodo Jesus vivat. Ipse ego si placet ei, desim mihi: suficit mihi, dumodo vivat ipse vel sibi.*”<sup>262</sup>. Devem nossas almas amar a este Senhor tão pura e desinteressadamente, que tenham por bastante prêmio de seu amor, a vida do seu amado e amigo Jesu, porque a alma, que mereceo servi-lo e amá-lo, assi deve depender dele na vida, honra, gosto e no interesse, que só este Senhor de tudo isto lhe sirva: e assi então viva, quando ele vive, então morra, quando ele morre; então seja afrontada, ou honrada, quando ele o for: então se tenha por rica e abastada, quando o tiver por fazenda sua: de maneira que nada lhe falte, por mais que perca, enquanto o não perder; finalmente antes se falte a si, que faltar a Deos.

E pois este Senhor para nós morreo e para nós viveo, à nossa conta fica vivermos, como quem tem um Deos não morto, mas resurgido, e vivo, e que nos vê. Entre os poços, que a Abraão de seu teve, foi um, que estava no deserto, e caminho que ia dar em Sur, ao qual Agar fez mais célebre com o nome que lhe pôs, indo ter a ele da primeira vez, quando fugio de sua senhora, e o anjo lhe apareceo, como foi, *puteum viventis et videntis me*<sup>263</sup>, poço de um Deos, que vive e que me vê. No caminho deste poço e junto dele andava Isaac meditando, quando vio vir Rebeca. E despois da morte de Abraão, diz o texto: “*Benedixitque Deus Isaac filio eius, qui habitabat juxta puteum nomine viventis et videntis*”<sup>264</sup>, que abendiçoou Deos a seu filho Isaac, o qual fez sua

<sup>261</sup> *Genesis, 4, Caetanus.* [Trad.: É imenso, isto é, foi mais que suficiente para a consolação de minha aflição e não desejo alegria maior.]

<sup>262</sup> *Guerrici, Sermo 1, De Resurrectione.* [Trad.: Para mim basta, se Jesus está vivo. Oh voz fiel e obviamente digna, oh castíssimo afeto o daquele que assim diz aos amigos de Jesus: para mim basta, se Jesus está vivo. Se Ele vive, eu vivo, como Dele próprio dependa minha alma, como Ele mesmo seja minha vida, minha suficiência. O que poderá ser de mim, pois, se Jesus vive? O fim de todas as outras coisas, nada me interessa, contanto que Jesus esteja vivo. Eu mesmo, se lhe agradar, deixo de existir: para mim basta, contanto que Ele viva.]

<sup>263</sup> *Genesis, 24:62.* [Nota: Trad.: Poço de um Deos que vive e que me vê.]

<sup>264</sup> *Genesis, 25:11.* [Trad.: Abendiçoou Deos a seu filho Isaac, o qual fez sua habitação junto do poço, que se intitulava: que vivia, e que via.]

habitação junto do poço, que se intitulava por de Deos, que vivia e que via. E com razão, porque a melhor paragem, que aquela alma justa podia escolher, para fazer sua vivenda, era aquela, que de contínuo lhe lembrasse, que tinha um Deos não morto, mas vivo; não cego, mas que via: porque esta persuasão é o melhor meio, que há para se  
 5 viver pela regra e medida, que Deos vivo, quer e ordena: porquanto vive e vê para nos pedir residência do contrário disto. Que quem doutra maneira procede por obra mostra cuidar que tem um Deos morto, que não sabe o que passa, nem vê, nem houve o que vai [129v] no mundo. E então aqueles parece que vivem persuadidos de que Deos vivo os vê, quando se resolvem a viver de maneira, que pareçam gente, que tem sua morada na  
 10 paragem dos olhos divinos. E daqui como de merecimento procederam todas as mercês, que Deos fez a Isaac; porque não só vivia este Patriarca junto ao poço do vidente, e vivente, quanto na lembrança das obrigações em que tão bom Senhorio e vizinho tinham posto: e esta memória o fazia viver de maneira, que fizesse boa vizinhança a Deos, cujo o poço principalmente era.

15 E assi ãa das cousas, que nas Santas Marias é muito para louvar e agradecer, é que tão vivo estava nelas o amor a Cristo e a lembrança das mercês recebidas e de todas as obrigações, quando ele morto; como quando vivo, como São Gregório Papa notou: *“Ei, quem viventem dilexerant et mortuo studio pietatis obsequuntur”*<sup>265</sup>. Tão vivo estava para estas santas mulheres Cristo quando sem vida, como quando com ela. O  
 20 amor, que lhe mostravam na vida, lhe mostravam na morte, porque se quando vivo o seguiam e ministravam o necessário de suas fazendas, na Cruz lhe assistiram, na morte o choraram, seguiram ao sepulcro e se falaram para comprarem unguentos para o ungirem, como na verdade compraram; e se não chegaram a o ungir, não foi por ficar por elas, mas por acharem a Cristo resurgido. Tanto foi este Senhor pedra de cevar para  
 25 as levar após si, quando morto, como quando vivo. Não menos bem cheirou as Santas Marias sua morte e sepultura, para que movidas desta suavidade corressem após Cristo morto, do que lhe cheiravam os milagres, que fazia para o seguirem, quando vivo. Explicando Orígenes as palavras dos Cantares ditas pela esposa a seu divino Esposo: *“Oleum efussum nomen tuum, ideo adolescentulae dilexerunt te nimis.”*<sup>266</sup>: pelo nome  
 30 do esposo, comparado com o unguento derramado, entende a fama, que Cristo alcançou

<sup>265</sup> D. Gregorii Papae, *Homilia 21 in Evangelium*. [Trad.: A Ele, aqueles que o haviam estimado em vida, estando morto, seguem com o estudo da piedade.]

<sup>266</sup> Origenis, *Liber 4, Homilia in Canticum Canticorum, Homilia 1. Cantici Canticorum 1*. [Trad.: Teu nome é como óleo derramado, e por isso as jovens te amaram tanto.]

não somente pela doutrina, e milagres que fez, mas pela morte e Cruz que padeceu: quasi que tanto, ou mais cheirosas, e suaves fossem as afrontas, que por amor de nós padeceu, que os milagres, que por nós obrou; e tanto rendessem e lavassem as almas após si às baixezas de Cristo, que as suas glórias. Como se dissera: Senhor, as almas, que quando vós vivo, se rendiam com a vista de vossas maravilhas, e com as novas delas, não se deixavam levar menos de verem, ou ouvirem dizer, que morreréis por seu amor. *Trahe me post te, curremus*: dizia mais a esposa. *Id est, nunquam a tua praesentia divellar, sive salias in montibus, sive transilias colles*.<sup>267</sup> Senhor levai-me a mim após vós, que minhas companheiras me seguirão e todas correremos após vós, quer vades pelo altos dos montes, quer caminheis pelo baixo dos vales. E tanto nos parecereis bem, e para ser seguido, quando vos virmos abatido, desprezado, morto, crucificado e sepultado, como quando glorioso, honrado e resuscitado. Teodoreto explica as palavras da mesma esposa, *Fasciculus mirrae dilectus meus mihi, inter uhera mea comorabitur*<sup>268</sup>, de Cristo sepultado e ungido com mirra. Como se dissera a alma Santa a este Senhor, que tanto lhe queria morto, como quando vivo; e que tão bem lhe cheirava sem vida, como com ela; e que o coração em que quando vivo o agasalhava, [130 r ] estava prestes para o receber morto. E acrescenta São Gregório Nisseno que foi alusão ao trajar das donzelas, as quais, se são coriosas em se enfeitar, não só tratam de vestidos ricos, mas cheirosos, trazendo por debaixo deles dependuradas ao pescoço cousas de cheiro: quasi dissesse à esposa que o com que se enfeitava e as cousas cheirosas, com que pretendia fazer que os vestidos recendessem, para assi se fazer querida e amada de todos, era Cristo morto por seu amor e feito um ramalhete de mirra, porque senão presava-me menos dele morto que vivo, como verdadeira esposa e amiga. Porque como diz o Sábio: *Omni tempore diligit qui amicus est*<sup>269</sup>, o verdadeiro amigo em todo o tempo o é, assi na adversidade, como na prosperidade.

<sup>267</sup> *Cantici Cantorum, 1:4, Sotto Major*. [Trad.: Arrasta-me após ti; corramos. (...) Isto é, nunca serei separada de tua presença, quer saias para os montes, quer caminhe pelos vales.]

<sup>268</sup> *Theodori in Cap. 1 Cantici Cantorum*. [Trad.: Como um ramalhete de mirra, meu amado demorar-se-á entre meus seios.]

<sup>269</sup> [Trad.: O verdadeiro amigo em todo o tempo o é.]

## Discurso Segundo

*Et valde mane una Sabbatorum veniunt ad monumentum, orto iam Sole.*<sup>270</sup>

5           Para que saibamos o tempo em que as Santas Marias foram ao sepulcro, onde  
acharam as novas de como Cristo resurgira, digamos brevemente em concórdia dos  
sagrados Evangelistas assi. Espirou Cristo, vida nossa por nossos pecados na Cruz à  
hora nona, que era as três horas depois do meio dia, falando do dia natural, que  
começava, quando o Sol saía, e tantas eram as horas de dia, quantas havia de Sol saído:  
10 foi tirado da Cruz, e sepultado antes de começar o Sábado, que era dia de festa e o  
último da semana, para que nele não ficasse Cristo na Cruz pregado, parecendo aos do  
governo, que ficaria a festa desairosa, e pouco solenizada, ficando nela os crucificados.  
E por ventura que neste tempo, antes do Sábado começar, mercaram as santas molheres  
parte do unquento, e parte depois de passado o dia Santo, ou todo então, como alguns  
15 dizem, o qual depois levaram ao sepulcro, onde na sexta feira à tarde acompanharam a  
Cristo até o verem enterrar, e em particular Maria Magdalena, e outra Maria, notaram o  
lugar em que o poseram e vindas do sepulcro se falaram e concertaram para depois do  
Sábado passado tornarem ao ungir, e em todo o dia Santo pararam sem fazerem algum  
obséquio, nem serviço ao corpo de Cristo por razão do dia, no qual todo o trabalho era  
20 proibido.

Passado o dia Santo mercaram mais unguentos, por não serem bastantes, os que  
tinham comprado, como já dissemos, e os aparelharam, e determinaram o tempo, e a  
hora em que juntas haviam de ir, que foi passada a meia noite, muito de madrugada. E se  
de Betânia foram ao sepulcro, como tem para si São Boaventura<sup>271</sup>, somente eram duas  
25 legoas, e por mais que madrugaram, e foram depressa, não poderam chegar se não | [130v]  
depois do Sol saído. Se de Jerusalém partiram e madrugando não chegaram, senão  
depois de saído o Sol, digamos que a causa seria, irem as Santas Marias correndo todos  
os passos e lugares, por onde Cristo no tempo da paixão andou, meditando e  
considerando elas cada qual por si e em cada um chorando muitas lágrimas, dando  
30 muitos suspiros, com os quais se lhe dobravam as saudades, que de seu Mestre tinham.

---

**L9.** Sol saía] C: Sol saído.

<sup>270</sup> Marci, 16: 2. [Trad.: E no primeiro dia da semana, foram muito cedo ao sepulcro, mal o sol havia despontado.]

<sup>271</sup> D. Bonaventurae, *Liber de Meditatione Vitae Christi*.

Porque se a consideração destes mistérios nas almas, que os não viram, mas somente imaginavam, causava tanta devação, como o São Jerônimo afirma de Santa Paula, que faria nestas Santas, que havia tão pouco tinham visto tudo, o que na paixão acontecera? Não há que espantar de se deterem tanto nestes santos lugares. Da devação com que São

5 Paulo corria estas estâncias sagradas diz São Jerônimo assi: “*Et cuncta locca tanto ardore et studio circumivit, ut nisi ad reliqua festinaret, aprimis non posset abduci, prostrataque ante crucem, quasi pendentem Dominum cerneret, adorabat. Ingressa sepulcrum resurrectionis osculabatur lapidem, quem ab ostio monumenti amoverat Angelus et ipsum corporis locum, in quo Dominus iacuerat. quase sitiens desideratas a*

10 *quas fidelioe lambebat. Quid ibi lacrimarum, quantum gemituum, quid doloris esfuderit, testis est cuncta Jerosolima, testis ipse Dominus, quem regabat.*”<sup>272</sup>. Nas quais palavras encarece São Jerônimo o espírito e fervor com que esta Santa corria os lugares da sagrada paixão e o desejo com que os buscava, compara a ãa sede grande, porque assi se arrojava a adorá-los e beijá-los, como quando um homem todo morto de

15 sede arremete a ágoa para a beber. As lágrimas, os suspiros, as dores foram tantas, que só Deos, por quem ela chorava e os que a virão chorar, podem dar disso testemnuho. Com tanto fervor e espírito adorou o lugar da Cruz, como se com seus olhos estivera vendo a Cristo crucificado nela: tanto se detinha em cada lugar destes, como se cada qual deles somente buscara e de cada um deles se não apartara, se não houvera outros,

20 que buscar e visitar também. Nesta Santa estão representadas as santas mulheres d’hoje e a causa de tardarem, devia de ser o deterem-se pelas estâncias, que o Senhor correo. Aqui se detinham, ali gemiam, acolá se postravam, n’outra parte derramavam lágrimas, considerando o que Cristo em cada qual destas partes padecera, onde ajoelhara, a paragem onde o Simão Cireneo o começara a ajudar a levar a Cruz, o lugar onde aquela

25 piedosa mulher lhe saíra ao encontro, a lhe alimpar aquele benditíssimo rosto, banhado em sangue, que da coroa de espinhos corria, o Santo Monte Calvário, onde se aperfeiçoou a redenção: e de cada qual destas partes se não apartaram, se não fora o sagrado sepulcro, para onde principalmente caminhavam.

Não falta quem tenha para si, que a causa de deterem e tardarem foi, que indo ao

30 sepulcro, no caminho ouviram o terremoto, e cheas de medo pararam, e se esconderam e

---

<sup>272</sup> D. Hieronymi, *Ad Eucharistia, Espistola 27*. [Trad.: Percorreu todos os lugares com ardor e dedicação. Como se apressasse senão junto aos restantes, e não pudesse ser levada aos primeiros, prostrada diante da cruz, discernindo o Senhor ali suspenso, adorava-o. Ao entrar no sepulcro da ressurreição, beijava a lápide, que o Anjo retirara da entrada da sepultura, e o mesmo local do corpo, no qual o Senhor jazera. Aquela que lhe fora mais fiel, sedenta, lambia suas partes degeneradas. Do que ali foi derramado de lágrimas e gemidos é testemunha toda Jerusalém, é testemunha o próprio Senhor, quem ela rogava.]

não tornaram em si, senão ele acabado, depois do qual, assi medrosas começaram a caminhar e por isso madrugando tão cedo, chegaram tarde, que era o Sol saído não perfeita, mas imperfeitamente. Nem se encontram os Evangelistas em dizer São Marcos, que vieram, *orto jam sole*<sup>273</sup>, e São João, que chegaram *cum adhuc tenebrae essent*.<sup>274</sup>

5 porquanto por Sol nacido se entendem com | Teofilato, os raios que esse Sol na [131r] madrugada e no crepusculado da manhã lança de si, ainda quando para nós está escondido. E Eutimio por *valde mane*<sup>275</sup>, entende o princípio da madrugada que então propriamente nace o Sol, ainda que nos não apareça, porquanto neste tempo anda ainda nas partes remotas e extremas do Oriente. Ainda que São Pedro Crisólogo<sup>276</sup> vai por

10 outra via e diz que as Marias chegaram ao sepulcro sendo ainda trevas per respeito a nacença natural do Sol, o qual se nacera, quando o curso da natureza o pedia, inda fora tempo de as haver: mas que chegaram nacido já o Sol per respeito a aceleração sobrenatural desse Sol, o qual naquele dia se apresssou a nacer, para que Cristo mais depressa resurgisse, sem se diminuir na verdade dos três dias e três noites do sepulcro,

15 resurgindo ao terceiro dia, como é Fé Católica, que resurgio. E acrecenta o Santo que como na morte de Cristo mingou o dia as três horas, que o eclipse durou e outras tantas acreceram à noite, era conveniente que no dia da Ressurreição se abreviasse a noite e crecesse o dia, e a este se fizesse restituição do tempo, que a noite lhe roubara. E deste dia diz Santo Ambrósio que nele apareceo o Sol mais claro e resplandecente. *In*

20 *Resurrectione Domini omnia elementa gloriantur: Solem arbitror in hoc die solito clariorem: necesse est enim ut sol in eius Resurrectione gaudeat, incuius passione condoluit*.<sup>277</sup>. Conveniente cousa foi, que os elementos que na paixão de Cristo se perturbaram, com a sua glória e Ressurreição se gloriassem: e em particular o Sol, que pois na morte do Senhor se anojou e vestio de luto, razão era que no dia de seu triunfo

25 se vestisse de ãa nova luz. Eclipsar-se o Sol foi negar a claridade a maldade tamanha, como foi crucificar a Cristo e vingar-se a poder de trevas dos Judeos, para que estivessem cegos de fora, como o estavam de dentro; nem tivesse luz do Céu, quem extinguiu a luz de sua alma. E o esclarecer este dia foi festejar tão grande bem, para que de todos fosse visto e estimado.

<sup>273</sup> *Marci, 16:2*. [Trad.: mal o sol havia despontado.]

<sup>274</sup> *Joannis, 20:1*. [Trad.: quando ainda estava escuro.]

<sup>275</sup> [Trad.: Muito cedo.]

<sup>276</sup> *Chrysologi, Sermo 82*.

<sup>277</sup> *Ambrosii, Sermo 52*. [Trad.: Na Ressurreição do Senhor todos os elementos se glorificam: observo neste dia o sol mais claro que de habitual: é necessário, pois, assim como o sol se alegra em sua Ressurreição, ter-se condoído em sua paixão.]

E tornando as Marias, em chegando elas ao sepulcro, viram a pedra tirada dele para ãa parte; o que vendo a Magdalena, como mais solícita de Cristo, imaginou ser o corpo do Senhor furtado e deixando as duas companheiras no sepulcro, foi ter com São Pedro e com São João dizendo que o corpo do Senhor era roubado e que nem ela, nem  
5 as duas companheiras sabiam dele parte. Enquanto a Magdalena veio dar estas novas, às duas, que ficaram, apareceu o Anjo assentado sobre a pedra, como conta São Mateos, o qual lhes disse que não temessem, porque o Crucificado, que buscavam, resurgira e que já não estava no sepulcro, que podiam ver, se quisessem, o lugar onde fora sepultado; e que fossem logo dar novas aos discípulos, do que viram e como o Senhor os ia esperar a  
10 Galilea. Então entraram as Marias no sepulcro, como conta São Marcos, e viram estar assentado um Anjo na parte direita, vestido de branco que também lhes disse o mesmo que o primeiro. E estar o Anjo assentado, foi argumento da Ressurreição, porque estar o servo assentado era evidente sinal de não estar já ali o Senhor. Saindo as Marias do sepulcro cheas de medo, e vindo-se já, toparam com São Pedro e São João, e com a  
15 Magdalena, que vinham correndo, | aos quais de temor não poderam dizer nada, do que viram. E tornando todos, nada acharam, tirando o lançol e o sudário. Os dous discípulos se tornaram logo com medo dos judeos, no qual tempo ficaram as duas Marias um pouco afastadas do sepulcro, cheas de medo e só a Magdalena ficou junto dele, onde lhe apareceram os anjos, os quais não vira, porquanto fora dar novas aos dous discípulos,  
20 onde lhe apareceu Cristo em figura de hortelão e foi a primeira que o viu e conhecendo-o, tornou dar novas aos discípulos e as duas, que ficaram cheas de medo, apareceram dous anjos, dizendo-lhes que para que buscavam entre os mortos um Senhor que era vivo; nem tinham para que buscar em sepulcro quem já resurgira, como ele lhes tinha dito estando em Galilea. E acrescenta o evangelista que então se lembraram das palavras  
25 do Senhor. E tornando em parte medrosas e em parte alegres, a dar novas aos demais companheiros, no caminho lhes apareceu Cristo. Contudo os discípulos assi as novas das duas Marias, como as da Magdalena tiveram por despropósitos. [131v]

### Discurso Terceiro

*Et dicebant ad invicem: Quis revoluet nobis lapidem ab ostio monumenti.*<sup>278</sup>

5 Não há de duvidar, senão, que a primeira, que isto diria, devia de ser a Santa  
Magdalena, a qual entre todas era a principal e a primeira no amor e no fervor e como  
tal chamou as demais e levada do amor deste Senhor, foi a pedra de cevar, que levou  
após si as outras. *Trahe via post te, curremus.*<sup>279</sup> Senhor, levai-me após vós e dai-me  
virtude para levar após mim as companheiras, que eu vos prometo que nenhuma fique  
10 atrás sem vos seguir. Da pedra de cevar diz Platão<sup>280</sup> que não somente a natureza lhe  
deu virtude para trazer a si um anel, ou manilha de ferro, mas levando-os após si, lhes  
dá virtude, para que tragam também outros anéis e manilhas após si, até se fazer ãa  
cadea grande de anéis e manilhas, ãas pegadas nas outras. E no evangelho temos  
exemplos semelhantes, os quais São João refere, convém a saber, quando Santo André  
15 alumiado de Cristo e trazido a ele, como por pedra de cevar, trouxe a São Pedro ao  
mesmo conhecimento e São Filipe trazido a Cristo trouxe a Natanael. E assi esposa,  
quando dizia *trahe me*, também lhe prometia, *o post te curremus*, que dando lhe ele seu  
favor e ajuda seria pedra de cevar das companheiras. E nesta jornada e romaria d'hoje  
disto servio a santa Magdalena as outras Marias; ela chamou Maria Jacobi, a ambas se  
20 ajuntou Maria Salomé, a todas três se ajuntaram outras e se não foi desta vez, foi doutra.

Mas nestas santas molheres é mais para louvar o ânimo, o valor, o esforço, que  
mostraram, porque que quando os discípulos estavam escondidos e fechados com medo  
Ju|deos e os homens tornados molheres, as molheres estavam tornadas homens na [132r]  
fortaleza e magnanimidade, não temendo, nem receando o irem de noite estando o  
25 sepulcro fechado e selado como selo de Pilatos e quebrá-lo era crime gravíssimo.  
Havendo gente de guarda, que o estava defendendo estando de por meio as ameaças,  
que os judeos tinham feito a quem de Cristo tratasse, as excomunhões fulminadas, um  
corpo morto de si horrendo e que na lei se proibia o tocá-lo. Contudo só duvidam da  
pedra, que per fracas não podiam levantar e este lhe parecia o maior inconveniente, que

---

L22. mostraram] C: mostram.

<sup>278</sup> Marci, 16: 3. [Trad.: E diziam entre si: Quem nos há de remover a pedra da entrada do sepulcro?]

<sup>279</sup> Cantici Canticorum, 1:4. [Trad.: Arrasta-me após ti; corramos.]

<sup>280</sup> *Platonis, Liber de 10 vel De furore poetico.*

era o menor para o seu amor e o maior para as suas forças. E o amor do Senhor, que nelas ardia, lhes fazia tudo fácil e tinha convertido em si todas as demais paixões, como são medo, receo, covardia, fraqueza, o que é propriedade do amor, como Santo Agostinho “*Amor ubi veneris, caeteros in se omnes traducit et captivat affectus*”<sup>281</sup>. O amor, onde chega, faz o que quer e cativa todos os mais afectos e paixões e as converte em si. Do temor faz ousadia, do receo magnanimidade, a fraqueza converte em constância, a covardia muda em valor e tudo faz em ordem a amar melhor, sem haver cousa que o estorve. Molher era a esposa e por natureza fraca e covarde e para pouco, e contudo o amor que a seu esposo<sup>282</sup> tinha, da fraqueza tirou forças e acabou com ela que se levantasse do leito, de noite, corresse toda a cidade, até o achar. De Cleopatra rainha do Egipto conta Plutarco<sup>283</sup>, que de noite em trajos de escrava seguia a Marco Antônio, a quem amava, mas como nela o amor era profano, todas essas valentias nasciam de fraqueza e o eram; e só as que procedem do amor divino e casto merecem nome de esforços e não há ninguém, por fraco e molher que seja, a quem este amor divino não inflame, se nele se acende, como Platão afirma: “*Nec quisquam ad eo ignanus est, quem amor non inflamet et ad virtutem divinum redat, ut vivo fortissimo par avadat.*”<sup>284</sup>. E o mesmo Platão<sup>285</sup> afirma que este nome, amor no grego, se tomou do nome fortaleza, ou veemência, pondo-se-lhe o nome conforme aos efeitos, que faz nos corações fazendo os fortes e veementes.

Por onde o sepulcro fechado e selado, os soldados postos em guarda, as ameaças dos fariseos eram de pouca consideração para as santas Marias cheas do amor de Cristo. Porque como diz Cícero, *nihil difficile amanti*<sup>286</sup>. E de os fariseos tinham posto lei, que ninguém tratasse de Cristo, o amor tinha posta outra lei mais forçosa a estas molheres, que o buscassem. *Quis legem dat amantibus? Maior lex amor est sibi*<sup>287</sup>, disse Boetio. Todas as leis têm réplica e resposta, a réplica que tem as leis do amor são obedecer-lhe sem ela. E Eurípidés ao amor chamou *tiranum virorum*<sup>288</sup>, tirano dos corações dos homens: porque faz deles o que quer. Os outros tiranos são no dos corpos: o amor é o

<sup>281</sup> *Augustini in Manua*. [Trad.: O amor quando chega, converte para si todos os demais sentimentos e cativa o afeto.]

<sup>282</sup> *Cantici Cantorum*, 3.

<sup>283</sup> *Plutarci in Vitam Marci Antonii*.

<sup>284</sup> *Platonis in Symposium*. [Trad.: Não se conhece alguém, que o amor não inflame e converta à virtude divina, tornando-o muito forte em vida.]

<sup>285</sup> *Platonis in Phaedrum*.

<sup>286</sup> [Trad.: Nada é difícil para quem ama.]

<sup>287</sup> *Boetii, Liber 2, Met. 12*. [Trad.: Quem impõe lei àqueles que amam? A maior lei é o amor.]

<sup>288</sup> *Euripidis in Hyppolitum*. [Trad.: Tirano dos homens.]

das vontades. E Nazianzeno lhe chamou tirano suave, por quando sem vos dar pena, antes gosto, faz de vós quanto quer. E Plauto<sup>289</sup> dizia que antes lutaria com a serpente, que se chama Hidra, ou Excetra, a qual fingiam os antigos ser de sete cabeças, ou com Anteo, de quem se afirma que então podia mais, quando davam com ele no chão, porque então cobrava maiores forças, que com o amor: “*Cum Excetra, cum | Anteo* [ 132 v ]  
*luctari malim, quam cum Amore*”.<sup>290</sup> E se o amor mundano é este, que fará o divino nos corações onde entrar? De mulheres fracas e covardes por natureza fará homens no valor e na constância a poder de graça.

## 10 **Discurso Quarto**

*Et respicientes viderunt revolutum lapidem.*<sup>291</sup>

A quem faz o que está em si e na sua mão, supre Deos o mais e manda tirar a  
 15 pedra por um Anjo. E quem estima e ama tanto a Deos morto, que se não presa dele nesse estado menos, que quando vivo; para esse tal não poderá esse Senhor estar muito tempo morto, sem que lhe mande dar sinais e novas, que é resurgido. E se lhe mostre glorioso e resplandecente, como a estas Santas mulheres aconteceu pola pressa, piedade e devação, com que morto o buscaram. E assi como os pastores na noite da nacença  
 20 deste Senhor com a sua vigilância e simplicidade alcançaram seremos primeiros, que o vissem nacido, assi estas com a sua devota e piadosa pressa o serem as primeiras, que o vissem resucitado. E a conveniência que para isto houve, foi para que assi como a mulher fora ao homem autora da culpa, assi fosse a primeira, que lhe desse novas do remédio dela, como São Ambrósio Ponderou, falando da Magdalena em particular:  
 25 “*Sicut enim in principio mulier auctor culpae viro fuit, vir executor erroris: ita nunc quae mortem prior gustaverat, Resurrectionem prior vidit, culpae ordine, remédio prior. Et ne perpetui reatus apud viros aprobrum sustineret, quae culpam viro transfuderat, transfudit et gratiam veterisque lapsus compensat arumnam*

---

L7. fará] C: fora.

---

<sup>289</sup> *Plauti in Pers.*

<sup>290</sup> [Trad.: Prefiro antes lutar com Excetra ou com Anteo, do que com o Amor.]

<sup>291</sup> Marci, 16:4. [Trad.: Levantando os olhos, elas viram removida a pedra.]

*Resurrectionis indicio.*”. E mais abaixo, “*ut pluribus suadeat, quae unum ante decepera.*”<sup>292</sup>. Conveniente cousa foi que na Lei da graça se guardasse a mesma ordem, que no estado da culpa; que assi como a molher foi a primeira no pecado, o fosse em encontrar como remédio dele. E já que a princípio persuadindo a Adão, que comesse, foi autora da morte e o homem executor dela; na Lei da graça fosse a primeira, que desse as novas da vida, e com elas recompensasse a ocasião que dera da perdição, para que não fosse sempre tida na conta, que a princípio merecera, antes fizesse da culpa passada ãa restituição tão abundante, que instruisse a muitos na Fé da Ressurreição, por um só a que persuadio, que comendo pecasse. Este mesmo pensamento foi o de Crisólogo, quando diz: “*Quae de paradiso perfidiam sumpserat, festinat fidem sumere de sepulcro: contendit rapere de morte vitam, quae de vita rapuerat at mortem*”. E mais abaixo: “*ut quam deceperat arboris visus, visus repararet sepulcri.*”<sup>293</sup> Ganhou-se no sepulcro a molher, que no Paraíso se perdeo. Tirou vida da morte, havendo dantes tirado morte da vida. Alumiu a um sepulcro triste, escuro e mal-asombrado, havendo a dantes cegado ãa árvore fresca e formosa. Aparecem anjos, a quem dantes aparecera ãa serpente.

E acrescenta São Gregório Nazianzeno: “*Si Maria quaedam sis, si alia Maria, si Salome, si Ioana diluculo lacrimas profunde. Fac prima sublatum lapidem, Angelos etiam fortasse, atque adeo Jesum ipsum videas etc. Novit enim a quibus primum conspiciendus sit. Resurrectionis encanium celebra eva succurre primae lapsae, prima Christum salutans, ac discipulis indicans.*”<sup>294</sup>. Quer dizer, como explica Nicetas<sup>295</sup>: Se vos parecerdes com a Magdalena, e com ela vos virdes livre dos pecados todos por virtude da pregação Evangélica, e fordes semelhante a ela na contemplação; se com Cristo fordes aparentado, não no sangue, mas pela observância dos mandamentos, como a Virgem foi (tem Nicetas para si ser opinião de Nazianzeno que a Virgem foi com a

<sup>292</sup> *Ambrosii, Liber 10, Lucam, 24.* [Trad.: Do mesmo modo que, no princípio, a mulher foi a autora da culpa no homem, o homem foi o executor do erro: assim, ela que provará da morte anteriormente, viu antes a Ressurreição, e antes também conheceu o remédio para a culpa. E para que não permanecesse no estado de culpa pela desgraça do homem, ela agora retira a culpa que transmitira ao homem, compensando assim a aflição com o indicio da Ressurreição.” E mais abaixo, “como assim ela persuada a muitos outros mais, do que aquele único [Adão] que antes iludira.]

<sup>293</sup> *Chrysologi, Sermo 74.* [Trad.: Aquela que no paraíso assumira a perfídia, apressou-se em assumir a fé no sepulcro: esforçou-se para tirar da morte a vida, aquela que da vida arrebatara a morte.” E mais abaixo: “como fantasiara aquela imagem da árvore, agora repara a imagem do sepulcro.]

<sup>294</sup> *Nazianzeni, Oratio 2, De Paschae.* [Trad.: Se fores aquela Maria, se fores a outra Maria, se fores Salomé ou Joana, derrama lágrimas em profusão ao raiar do dia. Faz-te a primeira a erguer a lápide, e também os anjos decerto, de tal forma que vejas a Jesus. Ele conheceu, pois, àquelas que primeiro houvesse de ver. Celebra a consagração da Ressurreição, Eva, socorre às primeiras quedas, sê a primeira a saudar Cristo, a primeira a anunciá-lo aos discípulos.]

<sup>295</sup> *Nicetae in Nazianzenum.*

Magdalena da primeira vez ao sepulcro a fazer-se certa da Ressurreição, mas menos bem, porquanto a Virgem estava certíssima de seu filho haver de resurgir), se fordes dado à vida activa e contemplativa, significadas pelas outras duas Marias; se vossa alma viver quieta, e pacífica de todas as perturbações e inquietações, que os pecados  
 5 costumam causar; se estiver em vós a carne sojeita ao espírito, para que este sem impedimento se possa ocupar na consideração das cousas celestiaes, parecendo-vos nisto com Salomé, que significa paz: se vos parecerdes com a Santa Joana, que quer dizer pomba, pela qual é significada a alma pura, e limpa de todo o vício, e fecunda para todas as virtudes; se chorardes, e derramardes ãas lágrimas devotas, e apressadas, com  
 10 as quais pessais ao Senhor, que vos insine o que convém à vossa salvação, vereis Anjos, um posto à cabeceira do sepulcro, que vos instrua na Divindade de Cristo, significada pela cabeça, outro ao pé do sepulcro, que vos insine o que convém a sua humanidade, significada pelos pés, e os movimentos de vossa alma, significados pelos Anjos, que em vós para todo o bem estavam mortos, apareceram de novo e mostraram haver em vós os  
 15 efeitos de Cristo resurgido; finalmente vereis ao mesmo Senhor, não em figuras, nem em sombras, mas claramente para cumprir à risca todos os vossos desejos. Quando isto fezerdes, emendareis e remedeareis os erros de Eva, curando um contrário com outro, para que assi como ela deu novas a Adão do engano do demônio e Maria aos Apóstolos fez sabedores da salvação, vós façais o officio de Maria, insinuando aos ignorantes e não  
 20 o de Eva, pervertendo sábios.

Quando dizemos, que a Magdalena foi a primeira, que vio a Cristo, sempre fica exceptuada a Virgem Mai sua, a qual foi a que primeiro o vio glorioso, como afirma São Ambrósio dizendo: “*Vidit ergo Maria resurrectionem Domini et prima vidit e credidit. Vidit et prima vidit et credidit. Vidit et Maria Magdalene, quamuis nutaret*”<sup>296</sup>. E  
 25 acrescenta São Bernardo que O vio a Senhora não para crer, o que dantes não cria, que de haver de resurgir estava certa, mas para sua consolação, *Ideo et prima Dominum vidit in forma gloriosa et non ad confirmationem dubii, sed as consolationem gaudii: unde et evangelista cam non recenset.*<sup>297</sup> E acrescenta o Santo a razão, porque os Evangelistas não fizeram menção da aparição feita à Senhora, convém a saber, porque o intento deles

---

**L10.** pessais] C: passais.

<sup>296</sup> *Ambrosii, Liber 3, De Virginibus.* [Trad.: Maria viu, portanto, a ressurreição do Senhor, e primeiro viu e acreditou. Viu e primeiro viu e acreditou. E Maria Madalena viu, ainda que duvidasse.]

<sup>297</sup> [Trad.: Foi a primeira a ter visto o Senhor naquela forma gloriosa, e não o fez para uma confirmação de dúvida, mas para uma consolação de alegria: é por isso que os evangelistas não contam essa passagem.]

foi escreverem somente | aquelas, que serviram de confirmar a fé e como este efeito se [133v] não pretendesse na aparição feita à Virgem, se não fez dela menção. O mesmo tem para si Santo Anselmo<sup>298</sup>, afirmando que o mesmo ouvira dizer a outro padre mais antigo, o qual perguntado por ele lhe dissera que a razão fora, porque como na escritura, se não  
 5 ponha cousa algũa senão com muito fundamento, se se dissera que Cristo aparecera a sua Mãe e que a instruíra em a fé de sua ressurreição cuidadara-se que tinha tanta necessidade de fé, como tinham os demais, aos quais apareceu. E em se não dizer, se mostra que a razão de lhe aparecer fora diferente da razão que houvera para aparecer aos outros, aos quais se revelou para neles causar fé, mas à Mãe para lhe dar gosto. O  
 10 mesmo tem para si São Vicente Ferreira<sup>299</sup>, o qual afirma que a São Gregório fora revelado, como Cristo pelo anjo São Gabriel, mandara as novas de ser resurgido a sua Mãe e após o Anjo fora o mesmo Senhor a lhe aparecer. Esta mesma opinião tem Nicéforo Calixto dizendo: “*Primum quidem à matre et reliquis conspectus est mulieribus*”<sup>300</sup>. E nas revelações de Santa Brisida, se conta ãa em que a Virgem lhe  
 15 apareceu dizendo: “*Multi etiam in Hierusalem sancti mortui resurrexerunt, quos vidimus, quorum anima ascenderunt cum filio meo, sed corpora expectant cum filio meo, sed corpora expectant cum aliis inditium et resurrectionem. Mihi vero quae sum mater Dei, cum post mortem eius incomprehensibili dolore maests essem, aparvit ide filius meus priusquam aliis: et palpabilem se ostendit mihi, consolans me et*  
 20 *comemorans se in caelum visibiliter ascensurum. Et quanvis hoc non est scriptum propter humilitatem meam, tamen ista rei veritas est, quod filius meus resurgens primo mihi aparuit, quam alicui alii.*”<sup>301</sup>.

Algũas razões há para isto ser assi, que ajudam a autoridade dos Santos, que afirmam ser a Virgem a primeira, que vio a Cristo glorioso. Primeiramente, se Deos  
 25 aparece a quem tem nele fé e O não tenta, como se diz no livro da Sabiduria<sup>302</sup> e se manifesta e insina aos que o amam, como por São João afirma dizendo: “*Qui diligit me,*

<sup>298</sup> *Anselmi, Liber de Excel. Virg.*

<sup>299</sup> *B. Vicens Ferrerii, Sermo 1, In Die Paschae.*

<sup>300</sup> *Nicephori, Liber 1, Schol. Hi., Cap. 32.* [Trad.: Em verdade foi primeiro visto pela mãe e pelo restante das mulheres.]

<sup>301</sup> *B. Brigidae, Liber 6, Cap. 94.* [Trad.: Muitos santos mortos também ressuscitaram em Jerusalém. Nós os vimos. Suas almas ascenderam como meu filho. Mas os corpos se fazem ver, como meu filho, mas os corpos se fazem ver para dar aos demais a evidência e a ressurreição. Para mim que sou a verdadeira mãe de Deus, como estivesse abatida pela dor após sua morte incompreensível, meu filho apareceu antes que aos demais: e se mostrou palpável a mim, consolando-me e comemorando visivelmente sua ascensão aos céus. E ainda que minha humildade não esteja propriamente registrada nos livros, é esta a verdade das coisas, porque meu filho ao ressurgir primeiro apareceu a mim, do que a qualquer outro.]

<sup>302</sup> *Sapientiae, 1.*

*diligetur a Patre meo: et ego diligam eum et manifestabo ei me ipsum*<sup>303</sup>: e aos que por Ele choram e são afligidos, assiste para os consolar, pois a Virgem teve maior fé, que todos e essa excelente (que como alguns Padres tem para si, só nela ficou a fé explícita da ressurreição) e amou a Cristo mais que todos e as dores de o ver crucificado foram tão grande, que com Ele estava crucificada na Cruz per compaixão, razão era que já que apareceu aos que de tudo isto tiveram menos, aparecesse a quem de tudo teve mais e melhor. Além disto era conveniente, diz Simão de Cássia<sup>304</sup> que já que a Senhora foi a própria que vio e adorou a Cristo nacido, fosse a primeira, que o visse renacido e resucitado. Confirma-se isto em convir a Cristo em razão de filho, que honrasse e consolasse tão honrada Mãe e lhe mostrasse particulares finais d'amor, com os quais crescessem nela a fé, a esperança e caridade. Acrescenta se a isto, que se Cristo não aparecera primeiro a sua santíssima Mãe, quando o Anjo disse às Marias, que dessem novas do que viram a São Pedro e aos discípulos, também lhes mandara que dessem novas à Virgem, mas escusou avisá-las disso, porquanto sabia que já lhe tinha Cristo [134r] aparecido. Contudo não se faz disto menção no Evangelho, porquanto só se faz menção daquelas aparições feitas às pessoas, que haviam de servir de testemunhas da Ressurreição, da qual a Virgem não convinha testemunhar por ser Mãe, porque o tal testemunho ficava suspeito por ser acerca de filho. Apareceu-lhe logo para a honrar e lhe mostrar amor.

---

<sup>303</sup> *Joannis, 14:21.* [Trad.: E aquele que me ama será amado por meu Pai, e eu o amarei e manifestar-me-ei a ele.]

<sup>304</sup> *Cassiae, Liber 14, De Resurrectione.*

## TRATADO SEGUNDO DO MESMO SANTO DIA DA PÁSCOA DA RESURREIÇÃO

### Discurso Primeiro

5 *Jesum quaeritis Nazaraenum, crucifixum: surrexit, non est hic.*  
*(Marci, 16)*<sup>305</sup>

Celebra hoje a Igreja o principal artigo de nossa Fé, a Ressurreição de Cristo (a qual como define Santo Tomás, Nosso Padre, foi causa de nossa ressurreição) quando  
 10 depois d'estar sua diviníssima alma apartada do corpo, em o limbo, e esse corpo no sepulcro por espaço de três noites e três dias, não inteiros, mas parte deles, na madrugada do Domingo, acordou do sono da morte resurgido, e glorioso, depois que do lado lhe saíu a Igreja Esposa sua, e Dele manaram os Sacramentos, assi como da costa de Adão (estando dormindo) foi formada Eva. Saíu o Senhor vivo e inteiro da  
 15 morte, sepulcro e inferno, como outro Jonas do ventre da baleia; e como outro Daniel do lago dos Leões, pera ser adorado dos homens, como o Profeta o foi dos Caldeos. Solino conta que em Egipto há ãa fonte, onde as candeas, que nela se metem acesas, se apagam, e as apagadas saem acesas. Que homem vivo estivera três dias em um sepulcro, que não saíra morto dele? Cristo entrou na sepultura morto e sae vivo; e do  
 20 lugar donde o vivo saíra morto, o morto saíu vivo. A vara de Moisés sendo seca e não havendo tempo para reverdecer floreceo. Cristo floreceo e tornou com vida do sepulcro, sendo lançado nele sem ela. Mas contudo, foi o Senhor sepultado sobre certeza de florescer, como o Espírito Santo diz, pelo Profeta David em nome do Messias: "*Benedicam Dominum, qui tribuit mihi intellectum, insuper et caro mea requiescet in spe: Resurrectionis et glorificationis scilicet. Quoniam non dereliques animam meam in inferno, nec dabis sanctum tuum videre corruptionem.*"<sup>306</sup>. Não era razão, diz o Messias, falando com o Padre Eterno, que Vós Senhor vos descuidásseis duma alma

---

**L19.** não saíra morto] C: não morto.

**L23.** Messias] A: Missias.

**L27.** Messias] A: Missias.

<sup>305</sup> *Marci, 16:6.* [Trad.: Buscais Jesus de Nazaré, que foi crucificado. Ele ressuscitou, já não está aqui.]

<sup>306</sup> *Psalmorum, 15: 7-10.* [Trad.: Bendigo o Senhor porque me deu conselho, porque mesmo de noite o coração me exorta. Ponho sempre o Senhor diante dos olhos, pois ele está à minha direita; não vacilarei. Por isso meu coração se alegra e minha alma exulta, até meu corpo descansará seguro, porque vós não abandonareis minha alma na habitação dos mortos, nem permitireis que vosso Santo conheça a corrupção.]

unida à Divindade e a deixásseis estar mais tempo no limbo, nem era bem que consentísseis que um corpo, que Vós | santificastes se corrompesse, mas quando muito visse o sepulcro e estivesse nele quanto bastasse para mostrar que verdadeiramente morrera; e no inferno entrasse, *ut victor, non ut debitor*<sup>307</sup>, não como culpado e devedor, [134v]

5 mas como vencedor e senhor, e dele saísse triunfante. E em sinal de vitória aparecesse um Anjo vestido de branco, o qual traje era de glória e semelhante ao em que Cristo apareceu na transfiguração e usado dos Romanos entre os quais os que triunfavam, iam vestidos de branco, e o cavalo em que iam, e os animais que ofereciam eram da mesma cor, como faz menção Virgílio<sup>308</sup>, no livro segundo das suas Geórgicas.

10 E no Apocalipse, dos que triunfarem com Cristo, se diz que serão vestidos de vestiduras brancas. *Sed habes pauca nomina in Sardis, qui non inquit naverunt vestimenta sua: e ambulabunt mecum in albis quia digni sunt. Qui vicerit, sic vestietur vestimentis albis*<sup>309</sup>. O vestido branco do Anjo foi traje, que significava o triunfo, que Cristo alcançara da morte, inferno, demônio, pecado e dos Judeus. Entre os Romanos

15 havia ãa Lei, que ninguém fosse admitido a triunfo sem vencer cinco batalhas e nelas matar ao derredor de cinco mil homens, ficando salva a maior parte do seu exército e sem sojeitar primeiro ao Império Romano algũa grande província. E na conta das vitórias não entravam as civis, polas quais se não dava triunfo. Não faltaram ao triunfo d'hoje semelhantes vitórias, antes mais afamadas, ficando salvo e melhorado tudo

20 aquilo com que aos inimigos venceo, convém a saber: a Divindade, a alma, o corpo, as virtudes e graças com que sojigou a seu Império', não se ãa província, mas todo o mundo. E isto com novo modo de peleja sem sangue, nem morte alhea, mas própria; repartindo por nós todos os despojos da vitória, contra o costume do mundo, que os

25 Emperador. Não faltaram a este triunfo cativos, quais foram as almas dos Padres, que do limbo tirou, e os que com ele resurgiram, para com ele sobirem ao Céu. Porque se na paixão esteve Cristo tão liberal, que salvou um ladrão estando encravado, preso e vencido; quando vitorioso, como não libertaria aos seus amigos e servos, como Santo

---

L2. corrompesse] C: corrompessem.

L13. O vestido branco] C: O branco.

<sup>307</sup> [Trad.: Como vencedor, não como devedor.]

<sup>308</sup> *Virgílii, Liber 2, Geogícae.*

<sup>309</sup> *Apocalypsis, 3:4.* [Trad.: Todavia, tens em Sardes algumas pessoas que não contaminaram suas vestes; andarão comigo vestidas de branco.]

Ambrósio diz: “*Largior ad praestandum solet esse laeta victoria quam adicta captivitas*”<sup>310</sup>. A vitória é alegre é muito mais liberal sem comparação, que o cativo triste e forçado.

E neste sentido explica Santo Agostinho as palavras do Profeta Oséas: *Ero mors sua omors: morsus tuus o inferne*<sup>311</sup>: quase nelas se profetisasse o como Cristo estando no limbo depois de morto ameaçaria a morte e inferno dizendo: “*Ero morsus tuus, o inferne, qui sublatiis meis in parte retransfigo. Ero mors tua o mors: quia in electis meis te fundit perimo.*”<sup>312</sup> Quem morde tira um bocado e deixa outro. Mordeo pois Cristo a morte, fazendo com que os justos a não temessem, pois haviam de resurgir como ele e com que a mesma morte perdesse as forças matando-o, conforme ao lugar que São Paulo refere: *Absorta est mors em victoria, id est, vires amisit*<sup>313</sup>, como São Cirilo explica. O que considerando Santo Atanásio diz: “*Non enim morte superari potuit, sed potius aculeum suum amisit.*” E mais abaixo: “*In deglutitione mors fuit, postquam invaleuit*”<sup>314</sup>. O morder Cristo a morte esteve, diz Santo Atanásio, em que tão fora ficou a morte de ser vencedora, porque Cristo morreo, que pelo mesmo caso ficou vencida, morrendo o Senhor para resurgir e sendo vencido por pouco tempo, para ficar para sempre vencedor e como outro Sansão, o qual morto venceo, e matou muito mais, que quando vivo. Santo Hilário Arelatense<sup>315</sup> refere a fábula de Anteo, do qual finge os antigos que no pelejar tinha tal virtude, que quando lutava, então saía vencedor, quando o inimigo dava com ele no chão até tocar na terra, porque então se abraçava com ela, da qual como mãe sua, tomava novas forças, com que prevalecia, nem tinha outro remédio para ser vencedor, se não cair. *Ac sic delectio postrati occasio fiebat triumphi. Dabat enim quodammodo infirmitas fortitudinem, lapsus, palmam ruina victoriam.*<sup>316</sup>. O cair na terra era ocasião da vitória: porque parece que a fraqueza dava forças, a morte dava triunfo, a queda dava vencimento. O que tudo vemos na verdade cumprido no divino Anteo da lei da Graça Cristo.

<sup>310</sup> [Trad.: A vitória alegre é muito mais liberal, que o cativo triste e forçado.]

<sup>311</sup> *Augustini, Sermo 137.* [Trad.: Ó morte, serei a tua morte, e a tua destruição seri, ó inferno.]

<sup>312</sup> *Oseeae, 14:13.* [Trad.: Onde estão tuas calamidades, ó Morte? Região dos mortos, onde está o teu flagelo destruidor? Não vejo arrependimento.] *Os, 14,13.*

<sup>313</sup> [Trad.: A morte é absorta na vitória, isto é, perdeu a força.]

<sup>314</sup> *Atanasii, De Passione et Cruce.* [Trad.: Não pôde, pois, ser superado pela morte, mas ela antes deixou-lhe seu ferrão. A morte se foi em deglutição, depois que ganhara força.]

<sup>315</sup> *Hilarii Arelatensis, Homilia 6, De Paschae.*

<sup>316</sup> [Trad.: O cair na terra era ocasião da vitória: porque parece que a fraqueza dava forças, a morte dava triunfo, a queda dava vencimento.]

E tornando ao lugar de Santo Agostinho<sup>317</sup>, digo que mordeo Cristo ao inferno, porquanto lhe tirou todos aqueles, que com sua morte se haviam de salvar. E representa o Santo haver grandes prantos no inferno, e os demônios se lamentarem de se verem roubados, e com tanta presa de menos, e virem-se todos ter como seu Príncipe: “*Illas tuas divitias, quas acquisieras per paradisi amissioem, nunc perdidisti per crucem*”<sup>318</sup>.  
 5 Cristo crucificado foi a destruição do vosso Império, houvereis de ver primeiro a quem matáveis, porque hoje perdestes na Cruz quanto com o pecado de Adão cometido no Paraíso ganhastes, *atenderes causam, requireres culpam*<sup>319</sup>. Houvéreis de atentar a causa, que havia para crucificar, e a que a culpa, que havia para tirar a vida, porque em  
 10 entrar no inferno um livre e inocente, se deu liberdade a muitos cativos. Falando a escritura de como Jonas saíu do ventre da balea diz: “*Et dixit Dominus pisci et evomit lonam in aridam*”<sup>320</sup>. Mandou Deos ao peixe que vomitasse a Jonas e logo o vomitou. O que ponderando São Jerônimo<sup>321</sup> diz que da própria maneira mandou Deos ao inferno que desse ao mundo o seu Salvador, o qual resuscitado trouxe consigo muitos. O que o  
 15 Santo explica com a comparação do que come algum manjar, o qual lhe desconcerta o estômago e o faz enjoar de maneira, que lança quanto no estômago tinha; não só o que ao presente comera, mas o que tinha comido. Assi Cristo, diz o Santo, foi bocado, que o inferno pela morte comeo e com o qual se desconcertou e enjoou de maneira, que o lançou fora de si, e com ele todas as almas dos Santos Padres, que havia muito  
 20 esperavam esta vinda do Senhor. E isto foi o que o Espírito Santo quis dizer por São Pedro, como refere São Lucas nos Actos dos apóstolos, quando falando da Ressurreição de Cristo diz: “*Quem Deus suscitavit solutis doloribus inferni*”<sup>322</sup>. Aonde chama dores do inferno as vascas e enjoamentos, que falando metaforicamente o inferno teve, quando dele Cristo saíu; tomada a semelhança das vascas e enjoamentos, que costumam  
 25 ter, os que vomitam. *Et vomit autem non in mare iterum, non iterum passurum: sed in terra in aridam ultra fluctus passionum et immortalitatis*<sup>323</sup>, diz o mesmo São Jerônimo. Foi Jonas figura de Cristo, não somente no sair da balea, mas no lugar onde caíu, *In aridam*. Saíu, não no mar, nem nas ondas e tormentas dele, | mas na praia e na terra [135v] seca, onde não havia mares, nem tempestades: para nos mostrar, qual seria a

<sup>317</sup> Augustini, *ibidem*.

<sup>318</sup> [Trad.: Aquelas tuas riquezas, as quais adquiriras pelos paraísos perdidos, agora perdeste pela cruz.]

<sup>319</sup> [Trad.: Como atendesses a causa, requeresses a culpa.]

<sup>320</sup> *Jonae*, 2:11. [Trad.: Então o Senhor ordenou ao peixe, e este vomitou Jonas na praia. ]

<sup>321</sup> *Hieronymi, in Cap. 2 Jonae*.

<sup>322</sup> *Actuum*, 2: 24. [Trad.: Quem Deus o ressuscitou, rompendo os grillhões do inferno.]

<sup>323</sup> *Hieronymi, ibidem*. [Trad.: E lança outra vez, no entanto, não ao mar, não aos pársaros: mas à terra, à árida onda da paixão e da imortalidade.]

Resurreição de Cristo e quão gloriosa; e que não tornaria a viver para outra vez morrer, nem menos para ficar sujeito às misérias e penalidades antigas e tormentas passadas.

*Ascende Domine Jesu cum spoliato Inferne, redde iam laetitiam mundo*<sup>324</sup>. Para bem vos seja Senhor vossa glória e a vitória, com que alegrastes o mundo, ditosa a  
 5 presa, que trouxestes, bemaventurados os que libertastes, para convosco resurgirem, diz mais Santo Agostinho. Contudo há duas opiniões acerca da resurreição destes Santos, se resurgirão para mais não morrerem e não ficarem sujeitos às misérias dantes, ou se foram resuscitados para outra vez morrerem e ficarem sujeitos às necessidades primeiras. Na qual matéria ãa cousa temos por cerca e é que esta diferença houve entre os mortos,  
 10 que Elias e Eliseo resuscitaram; e os três, que Cristo resucitou, de ãa parte e entre Cristo resuscitado da outra, que os outros, como diz nosso Padre Santo Tomás<sup>325</sup>. Resurgiram para morrerem outra vez e ficaram sujeitos às misérias da vida, o que bem se vio na resurreição de Lázaro, cujo sepulcro se abriu primeiro e ficou aberto, como que a sepultura esperava outra vez por ele e saíu atado de pés e de mãos e com o rosto cuberto  
 15 com o sudário, para mostrar que resurgia atado e sujeito às mesmas penalidades que dantes. E a esta resurreição chama nosso Padre Santo Tomás imperfeita, porquanto inda que por então ficassem, os assi resuscitados, livres da morte actual, não ficavam isentos das necessidades da vida, nem impossibilitados para morrer outra vez. Porém a Resurreição de Cristo foi perfeita, pois resurgio a ãa vida imortal e gloriosa ficando  
 20 impossibilitado para mais padecer, nem morrer, como São Paulo diz: “*Christus resurgens ex mortuis, iam non moritur: mors ille ultra non dominabitur*”<sup>326</sup>. O que bem mostrou em resurgir, ficando o sepulcro fechado (inda que depois o Anjo o abriu) para mostrar que o sepulcro não esperava por ele mais. Além disto em deixar Cristo, diz São Gregório Nisseno, o sudário e o lençol e as ataduras na cova, mostrou que resurgia para  
 25 não ter mais necessidade de vestido, nem do mais que é necessário para o uso da vida, pois estava vestido de glória. *Caeterum quod nudus Jesus absque linteaminibus Resurrexit, significat eum nequaquam post haec potus, cibive, aut indumentorum gestaminis, atque operimento egentem in carne cognitum iri*<sup>327</sup>. O que tudo Cristo

<sup>324</sup> *Augustini, ibidem*. [Trad.: Ascende ao Senhor Jesus uma vez que despojado do Inferno, e restitui, pois, a alegria ao mundo.]

<sup>325</sup> *D. Thomas, 3, p.q. 53, art. 3.*

<sup>326</sup> *Romanorum, 6:9*. [Trad.: Cristo, tendo ressurgido dos mortos, já não morre, nem a morte terá mais domínio sobre ele.]

<sup>327</sup> *D. Gregorii, Cruc. 2, De Resurrectione Christi*. [Trad.: Além disso, Jesus ressuscitou nu e sem lençóis, o que não significa de forma alguma que por trás da bebida, das comidas ou das indumentárias, mesmo sem nenhuma coberta, há de ser reconhecido na carne.]

confirmou em não conversar, comer, beber, vestir, como dantes. E nisto consistia o ser este Senhor as primícias dos mortos, convém a saber, em resurgir para não morrer mais, nem viver como dantes.

Porém falando dos que com Cristo resurgiram, que também foram a matéria do triunfo, que alcançou do inferno e da morte, parece opinião mais conveniente à razão, a que tem para si nosso Padre Santo Tomás,<sup>328</sup> que resurgiram para não morrerem mais; e como também tẽ para si São Jerônimo<sup>329</sup> no sermão da Assumpção da Virgem Senhora nossa, ou São Sofônio se o sermão é seu. Aonde o Santo diz ser opinião esta de alguns Doutores. E a razão que dava era, que doutra maneira não foram bastantes testemunhas da Resurreição de Cristo, que foi o intento para que resurgiram, por[que se outra vez [136r] morreram, cuidara-se que também Cristo resurgira para outra vez morer. Acresenta-se a isto que se resurgiram para outra vez padecer e morrer, não fora a resurreição benefício, mas pena e castigo. Da mesma opinião é o Cardeal Caetano<sup>330</sup> dando por razão, que como o homem seja animal sociável e como tal folge com companhia de outros homens, era conveniente, que Cristo levasse consigo alguns Santos ao Céu, com os quais enquanto homem conversasse, para que assi à bem-aventurança de Cristo nada faltasse. Isto quanto ao que toca ao triunfo e vitória, que hoje Cristo alcançou do mundo, demônio, morte e inferno.

20

### Discurso Segundo

*Surrexit, non est hic.*<sup>331</sup>

Quatro cousas podemos considerar, além da moral, que concorreram na Resurreição de Cristo: final, material, formal e eficiente. E começando por esta última, toda a Santíssima Trindade, foi a que eficientemente concorreu para Cristo resurgir, porquanto as acções divinas exteriores se atribuem a todas as três pessoas. Foi Cristo resuscitado do Pai, conforme ao lugar dos Actos dos Apóstolos onde se diz: “*Quem Deus*

---

L24. cousas] A: causas; concorreram] C: concorram.

<sup>328</sup> D. Thomas in 4 Discursum 43. et in addit. questio 77, articulus 1 et 3. p. questio. 33, articulus 3.

<sup>329</sup> D. Hieronymi sive Siphronii, Sermone in Assumptionem, Tomus 9.

<sup>330</sup> Caetani in Cap. 27 Matthaei.

<sup>331</sup> Marci, 16: 6. [Trad.: Ressuscitou, não está aqui. ]

*suscitavit solutis doloribus inferni,*”<sup>332</sup> foi resuscitado enquanto homem por si mesmo, enquanto Deus conforme ao lugar do Salmo: “*Ego dormini et sporatus sum et exurrexi*”<sup>333</sup> o qual conforme a Santo Agostinho e Justino Mártir e Arnóbio se entende da Ressurreição de Cristo, cuja figura faz David, naquele Salmo. Foi resuscitado do Espírito Santo conforme ao lugar de São Paulo escrevendo aos Romanos: “*Si Spiritus eius, qui suscitavit Jesum a mortis etc.*”<sup>334</sup>. E se Deus alguma hora comunicou a alguns Santos, virtude para resuscitarem alguém, não foi dando-lhes poder para tocarem o efeito da ressurreição, que para isso é necessária virtude infinita, a qual só a Deus compete, mas orando eles e pedindo a ressurreição de alguns, Deus ouvia sua oração e via a confiança com que pediam, que também viera do Céu e então o mesmo Deus resuscitava.

A esta Ressurreição d’hoje concorreram os Anjos, como ministros d’algumas cousas acidentaria, e extrínsecas, e subsequentes a ela, como foi fazendo o terremoto, tirando a pedra do sepulcro, fazendo medo e pondo terror e espanto aos soldados, que o guardavam, dando novas às Marias, de como o Senhor resurgira, mostrando o lugar vazio, despondo os corações para a perfeita Fé da Ressurreição. Alguns tem para si que assi como os Anjos ministraram na ressurreição última e universal, chamando os homens, como com som de trombeta ao juízo e ajuntando as cinzas dos mortos, conforme ao lugar da São Paulo escrevendo aos Tessalonicenses: “*Quoniam ipse Dominus iniussu et invoce Arcangeli et in tuba Dei descendet de caelo*”<sup>335</sup>, assi os Anjos ministraram na Ressurreição de Cristo, ajuntando o sangue derramado e as mais cousas, que pertenciam, para que o Senhor | resurgisse inteiro e perfeito. O que ainda, [ 136 v ] que bem se pode dizer sem temeridade, contudo a melhor e mais grave opinião é que tudo isto fez e obrou a mesma alma de Cristo com sua virtude.

A causa meritória desta Ressurreição foi o mesmo Cristo enquanto homem, o qual com sua humildade e obediência a mereceu, conforme ao que São Paulo diz, escrevendo aos Filipenses: “*Humiliavit semetipsum factus obediens usque ad mortem: mortem autem crucis. Propter quod et Deus exaltavit illum etc.*”<sup>336</sup>. A qual Ressurreição pediu Cristo a seu Pai, fundado nos merecimentos da obediência e humildade, que

<sup>332</sup> [Trad.: Quem Deus o ressuscitou, rompendo os grilhões do inferno.]

<sup>333</sup> *Psalmorum, 4. Augustini, Justini, Arnobii apud Genebrardum.* [Trad.: Eu adormeci, mas sou esperado, e assim me levantei.]

<sup>334</sup> *Romanorum, 8:11.* [Trad.: Se o Espírito daquele que ressuscitou Jesus dos mortos.]

<sup>335</sup> *I Tessalonicensium, 4:16.* [Trad.: Quando for dado o sinal, à voz do arcanjo e ao som da trombeta de Deus, o mesmo Senhor descenderá do céu.]

<sup>336</sup> *Philipensium, 2: 8-9.* [Trad.: Humilhou-se ainda mais, tornando-se obediente até a morte, e morte de cruz. Por isso Deus o exaltou.]

mostrou na morte da Cruz conforme ao lugar do Salmo: “*Tu autem Domine miserere mei, resuscitame et retribuas eis.*”<sup>337</sup>. O qual lugar Santo Agostinho<sup>338</sup> explica da oração, que Cristo fez, pedindo ao Pai que o resuscitasse. E também os Santos concorreram nesta Ressurreição, pedindo-a, inda que não merecendo-a, assi, e da  
 5 maneira que concorreram na encarnação, a qual somente pediram e desejaram, porque a predestinação dela não excluía as boas obras, os fervorosos desejos e devotas orações dos antigos padres. E de crer é que as almas dos Santos, que no limbo estavam acompanhando a de Cristo em todo aquele tempo, lhe pediram que resuscitasse aquele corpo, que fora o instrumento da vitória, que dos demônios, pecados e judeus alcançara  
 10 para que resuscitado, recebesse a glória devida e merecida por Filho tão humilde e obediente, para que dela participasse também o corpo, que fora companheiro nos trabalhos. Foi Cristo ouvido do Pai, como era razão, e os desejos, e orações dos Santos não foram frustradas, antes a alma deste Senhor, que estava unida à Divindade, se unio ao corpo com a mesma Divindade unido, tomando tanta copia de sangue, quanta era  
 15 necessária para a devida proporção, e formosura de um corpo glorioso, ao qual a alma comunicou toda a glória, de que ele era capaz, com todos os dotes de corpo glorioso. E ficou o corpo de Cristo perspicuo, e claro, como cristal, semelhante a ãa nuvem, em que dando o Sol, fica resplandecente, como se o fora<sup>339</sup> e juntamente corado, para poder terminar a vista e lançar espécies visivas de si, quando quisesse.

20 Três dotes há d’alma e quatro do corpo: os d’alma são visão, compreensão e gozo. A visão responde à Fé, a compreensão à Esperança, o gozo à Caridade. E estes três dotes se não distinguem da bem-aventurança, se não pela obra do entendimento, o qual, tendo fundamento na realidade, concebe cada dote destes distinto dos outros. Os dotes do corpo são quatro, impassibilidade, sutileza, agilidade e claridade; os quais  
 25 dotes respondem às quatro virtudes cardeaes. A impassibilidade responde à justiça, da qual como seja próprio conservar a República em paz, dando a cada um o seu, merece título de imortal. A temperança responde à sutileza, porquanto é próprio da temperança atenuar o corpo. A fortaleza responde a agilidade e a prudência à claridade. E chamam-se dotes, porquanto são ãs does, que Deos dá aos justos, que entram no Céu a se  
 30 desposarem com ele perfeitamente, tomado o nome e semelhança do dote, que se dá à esposa, quando se casa e recebe. Por onde a Graça, Fé, Esperança e Caridade, nesta vida

<sup>337</sup> *Psalmorum*, 41:11. [Trad.: Senhor, tende piedade de mim; erguei-me, para eu lhes dar a paga que merecem.]

<sup>338</sup> *Augustini apud Genebrardum in Psalmorum*, 41.

<sup>339</sup> [Nota: Após esta palavra existe um fechamento de parêntese em *B*. Não foi encontrado seu início.]

não são | odores, inda que se dêm às almas desposadas nesta vida com Deos, pela Graça. [137r]  
 Porquanto dote diz perpetuidade e perseverança, o que estas virtudes não incluem em si,  
 enquanto vivemos, pois podemos descair da graça de Deos e soltar-se pela culpa, o  
 vínculo dos desposórios espirituais. Com estes dotes enriquece Deos os justos, que  
 5 entram no Céu a se desposar com ele, não para com eles se aleviarem alguns encargos,  
 que na glória haja, que nenhuns há, bem assi nos matrimônios da terra; mas porque assi  
 convém ao estado e decência da glória, na qual os corpos gloriosos não tem necessidade  
 de mais perfeições. E inda que estas qualidades, impassibilidade, sutileza, agilidade e  
 claridade se achem nos Anjos, não tem neles razão, nem nome de dotes, porquanto os  
 10 Anjos não são esposas de Cristo, porque não são da mesma natureza que ele; e entre o  
 esposo e esposa é necessario haver semelhança nas naturezas.

O efeito que nos corpos causa o dote da impassibilidade é que não possam  
 padecer força algũa de nenhuma gente natural, salvo se Deos lhe negasse o seu  
 concurso. Este dote mostrou Cristo de passagem, quando querendo-o os Judeos  
 15 apedrejar e outra vez lançá-lo de um lugar alto, o Senhor se fez invisível e se saíu por  
 entre eles. Chamasse este dote impassibilidade, não imortalidade, porquanto nesta  
 convem os corpos dos condenados com os corpos gloriosos. A sutileza faz com que o  
 corpo penetre tudo sem perder a quantidade, nem se tornar indivisível, nem se fazer  
 mais raro, antes faz com que as operações do corpo fiquem sojeitas à alma para que  
 20 penetre os corpos, assi como o azeite penetra o vaso em que está. Este dote mostrou  
 Cristo, quando no parto penetrou as entranhas da Mãe sem as corromper e a campa da  
 sepultura sem a quebrar; e quando às portas fechadas entrou onde os discípulos estavam  
 fechados e cheos de medo. A agilidade é uma qualidade, mediante a qual o corpo está  
 sojeito à alma, quanto ao movimento, para que esteja onde essa alma quiser. E  
 25 movendo-se em tempo, seja isso imperceptivelmente e o movimento, querendo o bem-  
 aventurado, não seja orgânico, mas todas as partes sejam movidas d'alma juntamente. A  
 qual agilidade serve de tirar ao corpo toda a gravidade, e peso desnecessário, e  
 supérfluo, e o impedimento de todas as juntas, e membros. Esta mostrou Cristo andando  
 sobre as águas e depois de resurgido, aparecendo ora a sua Mãe em Jerusalém, ora à  
 30 Magdalena estando chorando no sepulcro, ora aos de Emaús, ora a todos em Galilea. A  
 claridade de um dote mediante o qual o bem-aventurado se pode esconder a nós, se  
 quiser, como o Senhor fez aos dous discípulos, que iam para Emaús, o que não podem  
 fazer uns bem-aventurados aos outros. Esta claridade é ãa qualidade interior e  
 perfeitíssima, a qual faz aos corpos formosos, transparentes, lúcidos e diáfanos em toda

a sua profundidade, na carne, nos ossos e em todos os mais membros, para que todos se possam ver e penetrar, como São Gregório diz: *“Patebit corporalibus oculis ipsa etiam corporis harmonia. Sicque unusquisque erit conspicabilis alteri, sicut nunc esse non porest conspicabilis sibi”*.<sup>340</sup> O mesmo tem para si Santo Agostinho dizendo: *“Quia omnes illi, qui nunc latent harmoniae corporalis numeri, tunc non la|rebunt intrinsecus [ 137 v ] e extrinsecus”*<sup>341</sup>. A matéria da Ressurreição foi o mesmo corpo de Cristo morto, o qual resurgiu vivo e unido à alma imortal, como Santo Tomás<sup>342</sup> nosso Padre define. Porque doutra maneira não fora verdadeira Ressurreição de Cristo, porquanto, como diz São João Damasceno, alegado pelo mesmo Doutor Angélico, *“Illud resurgere dicitur, quod cecidit”*<sup>343</sup>, aquilo se diz com verdade, que resurgiu, que foi o que pela morte caíu, porque o cair o corpo pela morte, é apartar-se dele ãa alma, que é toda a sua perfeição; e para verdadeiramente resurgir, é necessario unir-se esse corpo outra vez à alma, da qual se apartou. E inda que isto seja impossível per respeito à virtude creada e finita, não o é per respeito ao poder infinito e divino, que nesta Ressurreição não faltou. E em Cristo resurgir o mesmo, ficamos nós certos de resurgirmos também na mesma carne em que morremos. Porque não era razão, que merecendo nós e padecendo em uma carne, em outra fôssemos glorificados e pecando em um corpo, n’outro fôssemos castigados. Esta verdade confessou Eutices, tendo-a negado d’antes. O qual tomando com ãa mão a pele do outro braço e levantando-a, disse: *“Exemplo capitis nostri Jesu Christi, qui veram carnis mortem accepit, tertiaque die própria virtute suscitatus a sepulcro Resurrexit, confitemur ver a fide Resurrectionem carnis omnium mortuorum, nec in aerem, vel qualibet alia carne, ut quidam delirant, Resurrecturos nos credimus, sed in ista, qua vivimus, consistimus e movemur”*.<sup>344</sup>

A causa formal e exemplar da Ressurreição do Senhor, não foi algũa forma

<sup>340</sup> *Gregorii, Liber 18, Mor. Cap.* [Trad.: A própria harmonia do corpo mostrar-se-á aos olhos do corpo. E assim cada qual será visível ao outro, do mesmo modo que agora não pode ser visível a si.]

<sup>341</sup> [Trad.: Que em todos aqueles que a harmonia do corpo será visível ao outro, não pode ser visível a si.]

<sup>342</sup> *D. Thomas 3. p. questio 54, articulus 1.*

<sup>343</sup> *Damasceni apud D. Thomas, ibidem.* [Trad.: Ele se disse ressurgir, porque caiu.]

<sup>344</sup> *In Conci. Tol. 11. in Prae.* [Trad.: Tomais o exemplo de nosso Jesus Cristo, que na morte experimentou a verdade da carne, e Ressuscitou no sepulcro ao terceiro dia suscitado pela própria virtude. Confiamos com verdadeira fê na Ressurreição da carne de todos os mortos, não no ar, ou em qualquer outra carne, como aqueles que deliram, mas nesta, a qual vivemos, consistimos e pela qual somos movidos.]

creada, para a qual Deos olhasse e a imitasse, quando resucitava seu Filho, mas a sua mesma idea e exemplar, que tinha dentro em si, com a qual creou o mundo e ordenou todos os mistérios da redenção, que se haviam de obrar na carne de seu Filho, feito homem, a qual se havia de pregar na Cruz, para ser glorificada pela Resurreição e levantada ao Céu pela Ascensão. Porquanto determinava resucitar seu Filho a ãa vida imortal e orná-lo dos quatro dotes de corpo glorioso e isto permanentemente, já que na vida os não mostrara senão de passagem. Da nossa resurreição é causa principal a divina justiça, e a secundária, e instrumental a Resurreição de Cristo, como instrumento da Divindade; e juntamente causa exemplar, enquanto é ãa Resurreição perfeitíssima e como tal é o modelo e o exemplar da nossa, que não é tão perfeita. Não, porque Deos que resucita, tenha necessidade de exemplar para a obra, que faz, mas é necessário da parte dos resucitados, aos quais releva conformarem-se e assemelharem-se à Resurreição perfeitíssima de Cristo, conforme ao que São Paulo diz: “*Reformabit corpus humilitatis nostrae configuratum corpori claritatis suae.*”<sup>345</sup>. E inda que a eficácia da Resurreição de Cristo se estenda a resurreição dos bons e dos maos, contudo a razão que tem de exemplar não abrange senão aos bons somente, porque só estes são conformes na vida à imagem do Filho de Deos, como Santo Tomás<sup>346</sup>, nosso Padre, afirma.

A causa final e próxima de Cristo resurgir foi honrar Deos muito um Filho, que lhe fora tão obediente, que chegara até morrer em ãa Cruz. E pertencia, diz Nosso Padre Santo Tomás<sup>347</sup>, ao crédito da divina justiça que se levantasse quem por amor de Deos se tinha humilhado, conforme ao lugar do Salmo: “*Tu cognovisti sessionem meam et resurrectionem meam, id est, mortem et glorificationem*”<sup>348</sup>, como explica a Glossa. E era razão que se tornassem outra vez a unir em um todo a alma e o corpo, que apartando-se, deixaram de ser Cristo, enquanto a alma esteve no limbo e o corpo na sepultura. Nem era bem se corrompesse um corpo tão puro, que nem quando foi concebido tomara cousa algũa de Adão quanto à culpa e tinha sido intrumento da Divindade, para mediante ele fazer milagres e padecer afrontas. Além disto redundava em crédito dos Anjos resurgir um Senhor, a quem tinham dado obediência, vendo-o feito homem, e servido, e ministrado; não se dissesse deles, que sendo Anjos tinham

<sup>345</sup> Philipensium, 3: 21. [Trad.: Transformará nosso mísero corpo, tornando-o semelhante ao seu corpo glorioso.]

<sup>346</sup> D. Thomas, 3 p. questio 56, articulus 1.

<sup>347</sup> D. Thomas, 3 p. questio 53, articulus 1.

<sup>348</sup> Psalmorum, 138:2, Glossa. [Trad.: Sabeis tudo de mim, quando me sento ou me levanto.]

5 dado obediência a um homem, que não passava de ser mortal. Depois disto era razão satisfazer-se aos desejos e esperanças dos Padres, que desejavam ver em Cristo o fruto de sua salvação; e principalmente aos desejos, que a Virgem tinha de ver a seu filho resurgido. Acrescenta-se a isto ser necessário animarem-se com esta Ressurreição uns discípulos, que com a paixão ficaram escandalizados e fracos. Que doutra maneira ficaram baldados os milagres de Cristo, suas obras heróicas, exemplos raros e suas diviníssimas pregações; e o Príncipe dos demônios com todos os seus ministros, que foram causa de sua morte, por meio dos judeos, ficaram por vencer e confundir.

10 Da nossa parte foi ordenada por Deos a Ressurreição de seu Filho para nos confirmar na Fé, melhorar nossa Esperança, segurar nosso amor. E quanto ao primeiro, pela Ressurreição ficamos certificados de ser Cristo verdadeiro Deos e acabamos de entender as escrituras, as quais atiraram a este dia, porquanto foi artigo este em que houve mais dúvidas, que em nenhum outro. E primeiramente os Saduceos, como consta dos Actos dos Apóstolos<sup>349</sup>, negavam a Ressurreição, e Anjos, e almas; e depois

15 Himeneo e Fileto no tempo de São Paulo, como ele faz menção, escrevendo a Timóteo<sup>350</sup>. O qual erro teve também Simão Mago, como afirma Santo Agostinho<sup>351</sup>. E falando Tertuliano<sup>352</sup> deste erro no livro, que fez das heregias, diz que o autor dele foi Balides, e depois Carpocrates, e Valentino. E o herege Apeles disse que Cristo resurgira sem carne e sem ela sobira ao Céu. O que o Senhor muito dantes confutou

20 dizendo, como São Lucas refere: *“Palpate et videte, quoniam spiritus carnem et ossa non habet: sicut me videtis habere”*<sup>353</sup>. E em confirmação d’haver resurgido na própria carne, lhe ficaram os sinais das chagas em testemunho e confirmação de ser o mesmo que resurgira. E o herege Corinto negava ser a Ressurreição de Cristo já passada e afirmava estar por vir. E quão grande desatino fosse afirmar isto, consta das escrituras

25 claramente: nem convinha que Cristo dilatasse sua Ressurreição mais dos três dias e três noites, como ele mesmo tinha dito por São Mateus: *“Et tertia die resurget.”*<sup>354</sup>. O que já também estava profetizado por Oséas, quando disse: *“Vivificabit nos post duos dies et in*

---

<sup>349</sup> *Actuum, 23.*

<sup>350</sup> *2 Timothei, 2.*

<sup>351</sup> *Augustini, Tomus 6, in Catal. Haers., n. 1.*

<sup>352</sup> *Tertulliani, Liber de Haeresibus.*

<sup>353</sup> *Lucae, 24:39.* [Trad.: Apalpai e vede: um espírito não tem carne nem ossos, como vedes que tenho.]

<sup>354</sup> *Matthaei, 16: 21.* [Trad.: Ressuscitaria ao terceiro dia.]

*tertia suscitabit nos et vivemus in conspectu eius.*<sup>355</sup> As quais palavras São Jerônimo, neste lugar, e Galatino no livro oitavo contra os Judeos, e Tertuliano contra os mesmos, e Orígenes na homília quinta sobre o Êxodo, e Santo Agostinho<sup>356</sup>, no livro dezoito | da Cidade de Deos no capitulo vinte e oito, Doroteo Mártir na sua Sinopsi, Santo Anselmo, 5 São Bernardo e nosso Padre Santo Tomás<sup>357</sup>, explicam da Ressurreição de Cristo, feita ao terceiro dia. E acrescenta São Doroteo que a este lugar alude São Paulo, quando escrevendo aos de Corinto, diz: “*Et quia resurrexit tertia die secundum Scripturas.*”<sup>358</sup>. E pelo primeiro dia, de que fala Oséas, se pode entender aquele, em que orou no horto, e suou sangue, e depois foi preso, no qual dia começou o mistério de nossa salvação. E o 10 segundo foi a sexta feira, em que Cristo foi crucificado e espirou, ao qual dia atribue o Profeta a nossa justificação, a que Oséas chama vivificação, enquanto a paixão de Cristo foi causa meritória e eficiente instrumental de nossa justificação e ressurreição; e a mesma paixão de Cristo, enquanto tem razão de causa exemplar, é destruidora da nossa morte e do pecado, como Santo Tomás Nosso Padre<sup>359</sup> diz. E dizer o Profeta que o 15 Messias com sua Ressurreição, que foi ao terceiro dia, nos resuscitaria a nós, fundou-se em ser a Ressurreição de Cristo causa eficiente, e instrumental da nossa, e exemplar enquanto foi primeira, que ela no tempo e dignidade, porquanto aquilo, que no seu gênero é perfeitíssimo é causa exemplar do mais, que há no mesmo gênero. E esta é a razão, porque São Paulo nos chama com resuscitados com Cristo. E Santo Ambrósio 20 disse: “*Resurgente Christo omnia necessario cum eo sua viscera surrexerunt.*”<sup>360</sup>. E por esta causa revelou que Cristo, como primicias, que era dos dormientes e o primogênito dos mortos, não dilatasse sua Ressurreição, como o ímpio herege Corito afirmava; antes fosse primeiro em resurgir, assi no tempo, como na dignidade. Porque doutra maneira perecerá nossa Fé e Esperança, parecendo-nos, que tardava Cristo em resurgir e nesta 25 tardança triunfaram os demônios e os Iudeos. E como os três dias bastavam para confirmarem ser verdadeira morte a do Senhor, e para que o Pai se desse por

---

**L15.** Messias] A: Missias.

**L26.** o Pai] C: Pai.

<sup>355</sup> *Oseeae*, 6: 2. [Trad.: Dar-nos-á de novo a vida em dois dias; ao terceiro dia levantar-nos-á, e viveremos em sua presença.]

<sup>356</sup> *Hieronymi, Galatini, Tertulliani, Cypriani, Origenis, Augustini.*

<sup>357</sup> *Dorothei, Anselmi, Bernardi, D. Thomas.*

<sup>358</sup> I Corinthiorum, 15:4. [Trad.: E que resuscitaria no terceiro dia segundo as escrituras.]

<sup>359</sup> *D. Thomas*, 3 p. *questio* 56, *articulus* 1.

<sup>360</sup> *Ambrosii*, *Sermo* 53. [Trad.: Ao resurgir Cristo, todas as suas vísceras necessariamente resurgiram com Ele.]

reconciliado, não havia para que dilatar mais o resurgir. Principalmente, que a Ressurreição de Cristo havia de servir de testemunho de nos havermos de sarar perfeitamente e se ele tardara, que restava senão darmos-nos por doentes, como dantes e diminuir-se em nós à Fé cada vez mais.

5 Além disto resurgio Cristo, diz nosso Padre Santo Tomás para que insinado-nos que há outra melhor, que esta, tirássemos as nossas esperanças da terra e as melhorássemos, pondo-as no Céu, como São Pedro diz: “*Regeneravit nos in spem vivam per resurrectionem Jesu Christi ex mortuis.*”<sup>361</sup>. O que explicando Nosso Padre Santo Tomás diz assi: “*Regeneravit nos ad vitam spiritualem redimendo, qui prius genuit ad*  
10 *vitam naturalem creando.*”<sup>362</sup>. Assi como Deos pela criação nos deu ser para possuímos ãa vida natural, não doutra maneira pela redenção nos regenerou para vivermos ãa vida espiritual. E isto diz mais o Santo: “*In spem vivam, id est, ut spe viva speraremus habere vitam aeternam.*”<sup>363</sup>. Para que tevéssemos uma esperança viva de alcançarmos a vida eterna. E chama-se esta esperança viva à diferença da esperança mal  
15 fundada e soberba e chea de presunção, não de boas obras, que são o fundamento de bem esperar. E chama-se mais esperança viva à diferença da esperança morta, qual é a daqueles, que esperam cousas ca|ducas e transitórias, conforme ao que diz o Sábio: [139r] “*Vacua est spes illorum.*”<sup>364</sup>. Mas esta esperança viva alcança-se, *Per Resurrectionem, id est, per fidem Resurrectionis, quae dat nobis firmam spem, quod resurgemus*<sup>365</sup>, pela  
20 Fé da Ressurreição de Cristo, a qual causa em nós ãa esperança certíssima, que havemos de resurgir, como ele resurgio, como diz a Glossa: “*Mortuus est, ne moreremur: Resurrexit, ut Resurrectionem speraremus.*”<sup>366</sup>. Morreo, para que não morréssemos: resurgio para que esperássemos de resurgir. *In haereditatem incorruptibilem et incontaminatam et imarsibilem conservatam in caelis*. Continua São Paulo em declarar  
25 qual seja o fim da esperança causada pela Fé da ressurreição e diz que é ãa herança, não temporal, nem transitória, mas perpétua, que jamais se há de acabar. Herança, que nos vem do pai do Céu a nós filhos seus, a qual não vem, diz nosso Padre Santo Tomás, não

<sup>361</sup> *I Petri, 1:3*. [Trad.: Nos fez renascer pela ressurreição de Jesus Cristo dentre os mortos, para uma viva esperança.]

<sup>362</sup> *D. Thomas, in hunc locum*. [Trad.: Regenerou-nos à vida espiritual, ao redimir-nos, aquele que primeiro nos gerou à vida natural, ao criar-nos.]

<sup>363</sup> [Trad.: Em esperança viva, isto é, como esperança viva esperaremos ter vida eterna.]

<sup>364</sup> *Sapientiae, 3:11*. [Nota: Na margem consta *Sapientiae 1*. Trad.: vão é a esperança deles.]

<sup>365</sup> [Trad.: Pela Ressurreição, isto é, pela fê na Ressurreição que nos dá esperança sólida, de que ressuscitaremos.]

<sup>366</sup> *Glossae apud D. Thomas, ibidem*. [Trad.: Morreo, para que não morréssemos: resurgio para que esperássemos de resurgir.]

dividida, mas inteira. Desta diz São Gregório Papa assi: “*Haereditas illa est omnibus ùa et singulis tota.*”<sup>367</sup>. A herança do Céu assi é para todos, como se fora para um só, porque não cabe menos a cada um por mais, que sejam muitos, os que tem direito a ela. E São Bernardo acrecenta dizendo: “*O praeclara haereditas non decessu patrum et*  
 5 *sucessu filiorum abtinenda. Non inter fratres et favores dividenda: non angustior*  
*multitudine haeredum: quia participatio eius in edipsum non insuficiens, sed omnibus*  
*bonis repleta*”<sup>368</sup>. É esta herança honrada, nova e extraordinária, a qual se alcança não morrendo o Pai do Céu, mas morrendo os filhos na terra, porque então vão lograr a Deos na glória. Nesta herança não entram à partilha irmãos, nem parentes quanto à  
 10 carne e sangue, que por este se não governa Deos, nem por semelhantes respeitos, como os homens costumam, mas os parentados na virtude e observância da lei. Nem por serem muitos os pretendentes cabe menos a cada um deles, porquanto é um bem a que nada falta e a quem tudo sobeja. *Incorruptililem*<sup>369</sup>. É herança, que não envelhece, nem adoece, nem está sujeita a desconto algum. *Et incontaminatam*<sup>370</sup>. É herança, que  
 15 ninguém pode contaminar, nem profanar, porquanto na glória não pode entrar algũa cousa imunda. *Et imarcecibilem*. É bem, que nunca se há de murchar, nem secar; nem quanto ao gosto, nem quanto à estima, o que não tem os bens da terra, que logo enfadam e enfatiam. *Conservatam in caelis*. É ùa herança, que se nos não dá logo, mas está certa e quardada, para se nos dar, quando mais convém. Estes são os bens à que se termina a  
 20 esperança nacida da Fé da Ressurreição, a qual nos insina e certifica, que havemos de resurgir assi como vemos, que Cristo resurgio, seguindo-o nós a ele como São Paulo argumenta, escrevendo aos de Corinto: *Si antem Christus praedicatur, quod Resurrexit a mortuis; quomodo quidam dicunt in vobis: quia Resurrectio mortuorum non est? Si autem Resurrexit a mortuorum non est neque Christus Resurrexit*<sup>371</sup>. Em matéria de  
 25 resurgir, diz São Paulo, quis Deos que corréssemos parelha com seu Filho. E quanto à verdade, e substância da ressurreição fôssemos tão bons como ele, e ele não fosse melhor, que nós; de feição que tanta verdade fosse ser Cristo resurgido, como havemos

<sup>367</sup> *Gregorii apud D. Thomas*. [Trad.: A herança do Céu assim é para todos, como se fora para um só.]

<sup>368</sup> *Bernardi apud D. Thomas, ibidem*. [Trad.: Tal notável herança não deve ser obtida pelo decesso do pai e sucesso dos filhos. Não deve ser dívida entre parentes e favores: sem mais angústia aos muitos herdeiros: porque a participação dele não é insuficiente, mas abundante para todos os homens de bem.]

<sup>369</sup> [Trad.: Não envelhece.]

<sup>370</sup> [Trad.: Não pode contaminar.]

<sup>371</sup> *I Corinthiorum, 15: 12-13*. [Trad.: Ora, se se prega que Jesus ressuscitou dentre os mortos, como dizem alguns de vós que não há ressurreição de mortos? Se não há ressurreição dos mortos, nem Cristo ressuscitou.]

nós de resurgir, e que quem negasse a nossa ressurreição, negasse também a sua e quem esta concedesse de força, admitisse a nossa.

5 Acrecenta-se a isto outro interesse grande, que se seguiu de Cristo resurgir, qual foi causar-se em | nós o amor do Céu e o já creado augmentar-se mais, vindo nós o [139v] prêmio, que se dava no outro mundo a quem morria e padecia neste. O que visto não restava, senão emendar a vida, reformar os costumes e levantar os corações ao Céu, pois sabíamos que há outra vida afora esta, na qual há castigo para maos e prêmio para bons, e os bens são de dura, o que esta vida e os bens dela não tem. Porque havendo isto em nós, haveria também fugirmos aos vícios e seguir as virtudes, que são a vida nova, a que nos obriga Cristo resurgido e com que Deos fica honrado, como São Paulo diz, escrevendo aos Romanos: “*Ut quomodo Christus surrexit a mortuis per gloriam Patris, ita et nos in novitate vitae ambulemus.*”<sup>372</sup>. Assi como o Pai do Céu ficou honrado com a Ressurreição de seu Filho, assi o com que nós honramos mais a Deos, é melhorando, e inovando a vida, e resurgindo dos pecados, como explica Primásio<sup>373</sup>. E mais abaixo 15 acrecenta São Paulo: “*Scientes quia Christus resurgens ex mortuis, tam non moritur, mors illi ultra non dominabitur etc. Ita et vos existimate, vos mortuos quidem esse Pecato: viventes autem Deo in Christo Jesu*”<sup>374</sup>. Faça, diz o apóstolo, em nós a ressurreição, o efeito, quanto aos costumes, que em Cristo fez, quanto à morte, pois resurgio para mais não morrer, nem inda a morte primeira. Nós resucitemos de maneira 20 dos pecados, que não encorramos mais na morte segunda da culpa. Morreo Cristo para tornar a viver e viveo para não morrer mais, nós morramos aos pecados, para vivermos as virtudes. Nestas permaneçamos de maneira, que não tornemos a morrer outra vez pela culpa.

25 Pareça-se a nossa ressurreição com a de Cristo em ser verdadeira, não fantástica e então será semelhante a deste Senhor, quando preceder em nós o terremoto da contrição, que ponha medo aos demônios, que são os que estão em guarda de nossos pecados, e dos pecadores, que não se convertam. Cristo, depois de resurgir, fez obras de vivo e resurgido, aparecendo a seus discípulos, comendo com eles, deixando-se apalpar deles. Nós assi devemos de resurgir com tantas evidências e demonstrações de resurgidos, que

---

**L14.** abaixo] A: abaxo.

<sup>372</sup> *Romanorum*, 6:4. [Trad.: Como Cristo ressurgiu dos mortos pela glória do Pai, assim nós também vivamos uma vida nova.]

<sup>373</sup> *Primasii in Paulum*.

<sup>374</sup> [Trad.: Sabemos que Cristo ressurgiu dos mortos, não está morto, a morte não pôde dominá-lo. Mortos estão vossos pecados. Vivamos as virtudes em Cristo Jesus.]

seja a nossa ressurreição palpável. O Senhor ressurgiu cedo e depressa, insinuando-nos nisto, que não sejamos vagarosos em nos converter a ele. A Ressurreição de Cristo foi inteira, não houve nele cousa, que não ressurgisse; carne, ossos e tudo o mais, para nos amoestar, que a nossa conversão seja inteira e perfeita, não de meas e nos convertamos

5 ao Senhor de todo o coração. Haja em nós ressurreição de carne, pela qual carne se entende a desconfiança própria, pois somos tão fracos. E haja em nós ressurreição de ossos, pelos quais é significada a confiança em Deos e assi vivamos como homens, que fiam muito pouco em si e confiam muito em Deos. Este Senhor ressurgiu a ùa vida imortal para mais não tornar a vida passível, nos convertamo-nos de maneira, que nem

10 com a obra, nem com o coração tornemos ao Egipto da culpa. Além disto este Senhor não ressurgiu só, mas acompanhado de muitos, para nos amoestar, que a nossa ressurreição deve ser exemplar, para que traga muitos após si a Deos, como já dissemos, que David prometia ao mesmo Senhor, dizendo: “*Docebo iniquos vias tuas et impii ad te | convertentur*”<sup>375</sup>. Ressurgiu Cristo com os quatro dotes, nós devemos de ressurgir com [140r]

15 propriedades de corpo glorioso; com claridade, para conhecermos as obrigações, em que a Deos estamos e nos conhecermos a nós mesmos; com impassibilidade, para que não demos, nem recebamos escândalo algum e nem as cousas prósperas nos ensoberbeçam, nem as adversas nos acanhem; com sutileza, para penetrarmos os divinos mistérios com o entendimento e os pormos em execução pela obra e juntamente a divina palavra nos

20 penetre a alma e o coração, em ordem a devida execução dela; com agilidade, para que com pressa fuçamos os vícios e com diligência sigamos as virtudes.

### Discurso Terceiro

25 *Surrexit, non est hic.*<sup>376</sup>

O modo com que Cristo ressurgiu e o como aquela gloriosíssima alma entrou no corpo morto e o animou e ornou dos dotes gloriosos, passou pela pedra, é cousa a nós escondida. Querendo Deos que não soubéssemos mais, senão que ressurgira e que estas

30 cousas aconteceram na realidade, porém o modo reservou para si. O mesmo vemos na

---

L19. pormos] B: [po]rmos.

L27. ressurgio] B: re[sur]gio.

<sup>375</sup> *Psalmorum*, 50:15. [Trad.: Então aos maus ensinarei vossos caminhos, e voltarão a vós os pecadores.]

<sup>376</sup> Marci, 16:6. [Trad.: Ressuscitou, não está aqui.]

encarnação de Deos nas puríssimas entranhas da Virgem, de cujo modo, nem o Arcanjo soube dar razão, perguntando-lhe a Senhora, o como aquilo havia de ser. Ao que respondeo dizendo: “*Spiritus Sanctus superveniet inte et virtus altissimi obumbrabit tibi*”<sup>377</sup>. O mesmo ponderou São Pedro<sup>378</sup> escrevendo a São Clemente acerca da criação do mundo dizendo que as escrituras nos insinão, que Deos creou o mundo, mas não o modo, que teve em o crear, porquanto nos não relevava sabê-lo, pois não estava a nossa conta crear algum mundo de novo. E assi a inconpreensibilidade do modo, que teve em resurgir foi a causa entre outras, porque não quis que nenhum discípulo seu se achasse presente a sua Resurreição, para mostrar que era tão incompreensível, que nem amigos a podiam ver, nem Anjos a sabiam explicar, nem podiam dizer mais senão que resurgia, e que já não estava ali, mostrando o lugar vazio e quando muito um lençol, um sudário, ãas ataduras.

Outras razões houve, para nenhum dos discípulos assistirem no sepulcro até a Resurreição, ãa delas foi que nem as guardas os consentiriam, como também por não fazerem suspeitosa a Resurreição e se não dissesse, que não resurgira, mas que fora o corpo roubado. Porque, se não se achando os discípulos presentes, antes fugindo todos e estando escondidos e fechados de medo, se disse deles que tinham furtado o corpo do Senhor, que fora se estiveram sempre presentes? Acrescenta-se a isto que se assistiram no sepulcro com os guardas, lhes acontecera, que vendo tirar, a pedra e ouvindo o terremoto, teriam grande pavor e ficariam como mortos, quais ficaram os sol|dados. E o [140v] que também foi muito para ponderar, é a modéstia grande de Cristo, porque consentindo que amigos e inimigos, e estes segundos inumeráveis, o vissem padecer e morrer, não quis que se achassem presentes à glória da Resurreição.

Resurgio pois o Senhor imortal e glorioso, o qual com os quatro dotes, de que já tratamos, e cercado de glória, e vencedor se pôs sobre o sepulcro e se deixou ver e adorar dos Santos, que com ele resucitaram. E como é pia consideração d’alguns acompanhado dos Santos Padres foi Cristo visitar logo a sua Cruz e se abraçou com ela, mostrando, ao modo do vencedor, o lugar, as armas com que vencera aos demônios, seus inimigos capitais e obrara a nossa salvação, insinando-nos nisto a veneração, que devemos à Santa Cruz. E daqui mandou dar novas à Virgem de sua Resurreição pelo mesmo embaixador, pelo qual mandou tratar com ela o Mistério da Encarnação, que foi

<sup>377</sup> Lucae, 1:35. [Trad.: O Espírito Santo descera sobre ti, e a força do Altíssimo te envolverá com a sua sombra.]

<sup>378</sup> *Ad Clementem, Liber 3, Recognit.*

o Anjo São Gabriel. E após ele foi a lhe aparecer e mandou outros Anjos, que fossem dar as novas às Santas Marias. Isto me pareceo bem tratar deste mistério da Ressurreição, ao qual Nazianzeno chama recapitulação de todas as mais mercês. Porque se Deos naceo, morreo e se nos deu a si mesmo em manjar foi para que podéssemos resurgir.

5 “*Tale est festum, quod hodierno die agitas, talibus epulis, tum natalitiis, tum funeribus te pascit, qui tua causa et passus et natus est*”<sup>379</sup>, diz o Santo. É festa tão grande esta, que não escusava menores aparelhos, que nacer e morrer Deos, enquanto homem e tão grande solenidade não escusava banquete menos realengo e divino, que o do Santíssimo Sacramento do Altar. E assi podemos dizer que nos leva Deos a este dia a poder de sua  
10 nacença, morte e de seu corpo, feito nosso manjar, para assi da terra nos levar ao Céu.



---

<sup>379</sup> *Nazianzeni, Oratio 2, Paschae.* [Trad.: Tal é a festa, que vives no dia de hoje, a tais banquetes, quando do nascimento, quando te alimentou com o funeral. Ele o fez por tua causa, e assim foi revelado e nascido.]

## APÊNDICE: EDIÇÃO DIPLOMÁTICA DOS SEIS ÚLTIMOS TRATADOS DA SEMANA SANTA (1612)

### A1 Normas de edição: transcrição<sup>380</sup>

- a) *Caracteres alfabéticos*: Transcreveram-se como caracteres romanos redondos, reproduzindo-se as diferenças de módulo como no modelo. Capitulares foram diferenciadas na transcrição.
- b) *Sinais abreviativos*: Transcreveram-se fielmente como no original.
- c) *Diacríticos*: Transcreveram-se fielmente como no original.
- d) *Sinais de pontuação*: Transcreveram-se fielmente como no original.
- e) *Caracteres de leitura duvidosa*: Transcreveram-se entre parênteses redondos simples ( ).
- f) *Caracteres de leitura impossível*: Transcreveram-se como pontos dentro de colchetes precedidos por cruz (o número de pontos é o de caracteres não legíveis).
- g) *Separação vocabular (intra- e interlinear)*: Reproduziu-se fielmente como no original.
- h) *Paragrafação*: Reproduziu-se fielmente como no original.
- i) *Inserções conjecturais*: Não se realizou nenhuma.
- j) *Supressões conjecturais*: Não se realizou nenhuma.
- l) *Mudança de fôlio e face*: Informou-se na margem de cabeça em itálico e entre colchetes simples [ ].
- m) *Qualquer outra particularidade*: Informou-se em nota.
- n) *Numeração de linha*: Inseriu-se na margem externa, contando de 5 em 5, recomeçando a cada página.

---

<sup>380</sup> Normas baseadas na proposta de Cambraia (2005, p. 128-129).

[105v]

TRATTADO PRIMEIRO  
DA QUINTA FEIRA  
DO MANDATO.  
DISCURSO PRIMEIRO.

5 *Ante diem festũ Paschae sciens Iesus, quia venit hora eius.*  
*Ionannis. 13.*

30

10 QVando o pode-  
roso Deos deter-  
minou por vlti-  
ma mão, & re-  
solução à liber-  
15 dade do seu po-  
uo, que no E-  
gypto estaua catiuo, por meyo  
da morte dos primogenitos, ven-  
do que as pragas passadas não  
20 tinham bastado, mandou que em  
hũa certa noite cada familia dos  
Hebreos mattasse hum cordeiro,  
& que cõ certas ceremonias o co-  
messem, & com o sangue vntassem  
25 as hobreiras das portas, & q̃ em  
quãto o comião passaria por Egy-  
pto hum Anjo em seu nome, o qual  
iria mattãdo todos os primogeni-  
tos dos Egypcios, sem fazer nojo a

Exo.12.

nenhũ dos seus, por razão do san-  
gue, com o qual as suas casas esta-  
35 uão assinaladas: o que vêdo os E-  
gypcios os largarião logo : o que  
tudo assi aconteeo. Mandou mais  
que em cada hum anno se celle-  
brasse aquella cerimonia do cor-  
40 deiro morto, & comido, não só  
em lembrança da merce recebida,  
mas como em figura, & penhor  
da liberdade futura, que Deos na  
ley da graça auia de obrar, li-  
45 urandonos d'outro cattiveiro de  
peyor Egypto, qual era o demo-  
nio, & o peccado: & isto não por  
meyo de morte de primogenitos  
de homens, mas do mesmo Vnigeni  
50 to Filho seu: não a poder de sangue  
de animais, mas diuino, como en-  
carece São Chrysostomo, dizêdo:

[106r]

*timuit illū sanginē Angelus, sciebat enim cuius erat typus; horruit, Dominicam mortem ineligenz, propterea postes non tetigit.*

*Chry.to  
4.ho.27.  
in cap.11  
Hebr.*

Se o Anjo reuerenciou aquelle sangue, sendo de hum bruto, só por ser figura do sangue de Christo, & se representar nelle a morte do Vnigenito Filho de Deos: quão maior medo cobrarião os demonios, e os peccados ao sangue de Christo, vêdoo derramado por nós. E esta era a festa da Paschoa, que quer dizer transito, na qual se celebraua o trãnsito de Deos por Egypto, figura d'outro que o Filho de Deos em carne auia de fazer na ley de Graça, passando da vida à morte, para nos leuar da morte á vida.

Mas se bem atendardeis, vereis, que então muytos forão a cooperar nesse remedio, hum Anjo era o ã passaua mattãdo: hum cordeiro era o ã se comia: os mortos erão os primogenitos dos Egypticos: porẽ no transito, & liberdade do dia d'ãmenham, em cujas esperãças hoje estamos, o mesmo Christo, e sò elle foy o que passou, o morto, & o comido. Elle em pessoa, não Anjo pas sou, não por Egypto, mas da morte à vida, não para mattar, mas para nos merecer essa vida: elle não cordeiro algum foy comido: elle não primogenito algum foy morto. E consentindo, que na liberdade temporal concorressem tâtas cousas: Anjo, cordeiro, primogenitos; na espiritual quis ser só & só fazer tudo: officio de Anjo em passar, de primogenito em morrer, de cordeiro em ser comido; para que só a elle ficássemos obrigados, & deuedo res. D'onde veo a dizer S. Epiphãnio assi: *& erat ille agnus rationalis, qui sacrificabatur ducens nos ad magnum illū agnum, & caelestem, pro nobis, & pro toto mundo mactatum.* Chama o Santo ao

*Epiph. cõ  
tra haeres  
lib.1.to.1*

Cordeiro Paschoal, cordeiro rational; não porque o fosse, mas por mysterioso, & diz que aquella Paschoa antiga era Paschoa peqwenã, & tẽporal, & não seruia de mais que de nos ir entretendo até chegar a Paschoa grande, & celestial d'ãmenham; & aquelle cordeiro antigo pequeno era, & temporal que nos quiaua a este cordeiro grãde, & diuino. *Magnum illum agnum, & caellestem.* Era aquelle cordeiro temporal, porque quãdo muyto liuraua a Hebreos amigos, & a estes se daua somente a comer: mas mattaua inimigos, pello mesmo caso ã com o seu sangue não tinhão assinaladas as casas. Porem da ley da Graça cordeiro tanto mayor, que não somente se deu a comer a amigos, mas a hum Iudas traydor: & não só morreo para dar vida a amigos; mas a inimigos que d'esse sangue se quisessem aproueitar. E se a alguns inimigos destrue, não são homens, mas demonios, & peccados; & estes à custa de seu sangue. Isto encarece S. Paulo, escreuẽdo aos Colossenses, mostrando como a vittoria de Christo na Cruz fora differente das vittorias do mundo. *Exploliãz principatus, & potestates traduxit confidenter palam triumphan illos in semetipso, idest, in passione proprij coporis,* explica S. Anselmo. Os vencedores do mundo triumphão derramãdo o sangue dos inimigos: mas Christo, diz São Paulo, triumphou dos demonios, & dos peccados, morrendo elle, & derramando seu proprio sangue. Os vẽcedores da terra sugẽitão aos inimigos, fazẽdoos em pedaços: Christo venceo despedaçãdo a si mesmo.

*Coloss.2.*

*Ansel. Su  
per hunc  
locum.*

Este argumento prosegue tambem o mesmo Apostolo na carta, ã escreueo aos de Epheso, dizẽdo:

[106v]

Efs. 2.

& recõciliet nos ambos in vno corpore Deo per crucem, interficiens inimicitias in semetipso. Os medianeiros, diz o Apóstolo, de tal maneira são terceiros  
 5 entre duas pessoas discordes para as vnir, que a vnião, & amisade d'estes lhe não custa mais que o trabalho de os persuadir, & se os cõpõe he à custa dos mesmos diuinos  
 10 acabando com elles que cada qual d'elles corte hũ pouco por si: mas Christo de tal maneira foy medianeiro entre nõs, & Deos, que á sua propria custa deu fim ás inimizades  
 15 que entre nõs, & Deos em Adão tinhão começado; & pondose em hũa Cruz, & morrendo nella fez as pazes. Assi explicação este lugar São Chrysostomo, & S. Ambros. o qual  
 20 diz assi: *interfecit inimicitias in se, dum pro omnibus tã Iudaeis, quã gentibus mortuus est.* Da mesma maneira explica S. Anselmo o lugar, dizendo: *cum per crucem nos reconciliauit Deo, non fecit*  
 25 *hoc per crucem, quam alius passus sit.* Fallando Deos com Moyses de como auia de permitir que Pharaõ perseguisse ao pouo seu, até se metter pello mar no alcance d'elle, & o  
 30 avia d'afogar, a razão que para isto lhe deu foy: *Et glorificabor in Pharaone, & in omni exercitu eius, sciẽtque Aegyptij quia ego sum Dominus,* a poder de os afogar a todos me honrarei a mym  
 35 & á sua custa aprenderão, que sou Deos. Antiguamente honrauase Deos destruindo, mattando, afogãdo inimigos; na ley da Graça tratou de se afamar, & honrar cortãdo por si, & morrendo, & afogandose no mar da Paxão. Antiguamẽte queria, ã o conhecessẽ por Deos  
 40 mattando na ley da Graça, quiz q o conhecessem morrẽdo elle Este modo de vittoria pintou á letra  
 45 Isaias, representando ao Messias, como se viesse de hũa batalha todo

Chry ho.  
 4. in c. 2.  
 Epb.  
 Amb in hũc  
 locum  
 Ans. Ibi.  
 Exod. 14.

Isa. 63.  
 Fererius.

ensangoentado, ao modo que os vencedores saem das vittorias que  
 50 alcançarão, & banhados no sangue dos inimigos. *Quis est iste qui venit de Edom, tinctis vestibibus de Bosra? Iste formosus in stola sua, gradiens in multitudine fortitudinis suae.* A ethimologia d'esta palavra, *Edom*, he significar cor vermelha, & a da palavra, *Bosra*, he ser o mesmo que vindima. Diz pois Isaias, quem he este que vẽ como de batalha todo cheo de sangue,  
 60 que tão fora está de isso lhe tirar o vir fermoso que antes lhe da muyta graça; que antes logo parece que vem vencedor? *Ego qui loquor iustitiã, & propugnator sum ad saluãdum.* Eu sou  
 65 o Messias que vim á terra a cumprir a palavra que tinha dado de conquistar aos homens sua saluação. He isto hum colloquio entre o Messias, & os Anjos, ou as almas  
 70 dos justos, desejosos d'esta saluação; & a palavra, Iustiça, neste lugar quer dizer verdade; & fidelidade. *Quare ergo rubum est indumentum tuum, & vestimenta tua sicut calcantium*  
 75 *in torculari?* Como vindes d'essa maneira, Senhor, ao modo de homem que ven da vindima, & de pisar as vuas aos pès no lagar, & que traz o vestido cheo do mosto d'elle? *Torcular calcaui solus, & de gentibus non est vir mecum: calcaui eos in furore meo, & conculcaui eos in ira mea: & aspersus est sanguis eorum super vestimenta mea, & omnia indumẽta mea inquinavi.* Venho as  
 85 si do lagar dos vícios, os quais pizeei aos pès, & fiz pedaços, & venho assi da vittoria dos inimigos, com os quais só eu entrey em batalha, & o venci sem ninguem me ajudar: & este sangue de que me vedes vir banhado he o sangue dos inimigos que mattei. Quem forão os vécidos? Demonios, & pecados. E pois estes tẽ sãgue? Não. Que sã-

que he logo esse? Diruolohei. Os v̄  
cedores do mundo v̄ das vittorias  
cheos, & banhados no sangue dos  
inimigos que vencerão: eu venho  
5 banhado no sangue proprio, com  
o qual derramado até morrer, os  
venci. Como dizeis logo que o san  
gue he dos inimigos que mattastes  
& q̄ dos corpos mortos vos faltou  
10 nos vestidos? Diruolohei, destrui  
huns peccados que o erão da natu  
reza humana, a qual estaua a po  
der d'elles inimiga de Deos, & co  
mo d'essa natureza humana tomei  
15 esta particular, de que mevedes ve  
stido, e trajado em derramar o meu  
proprio sangue, derramei hũ san  
gue da natureza inimiga: não em  
quanto estaua em mym, que esta  
20 he impeccauel, mas em quanto cõ  
uem com os homens na especie.  
Quero dizer, derramei hum san  
gue humano, mas innocente, q̄ era  
bem derramasse a natureza culpa  
25 da.

Cordeiro por certo grande, & ce  
lestial, que liurando d'antes os ho  
mens do cativo temporal por  
meyo d'aquelle cordeiro pequeno:  
30 àmenham nos liurará do espirital  
a poder do seu proprio. Isto que  
rem dizer as palauras q̄ hoje Chri  
sto disse a seus discípulos dãdolhes  
o calix de seu sangue a beber, como  
35 São Paulo refere na primeira car  
ta que escreueo aos de Corintho.  
*hic calix nouum testamentũ est in meo san  
guine.* As quais palauras são tiradas  
de S. Lucas, o qual acrecêta, *qui pro*  
40 *vobis effundetur:* onde a palaura, *testa  
mentum*, he o mesmo que pacto, &  
testamento nouo quer dizer pacto  
nouo á differença de pacto antigo  
que Deos firmou com o seu pouo  
45 na ley velha. Como se dissera, este  
calix q̄ vos dou a beber está cheo  
de sangue do nouo pacto, & cõcer  
to, que com vosco hey de fazer, &

o qual hey de firmar cõ o sangue q̄  
50 por vos derramarey. Dous pactos  
fez Deos cõ os homês: hũ na ley ve  
lha, q̄ se chamaua testamêto velho,  
no qual Deos prometia que se fos  
sem bõs lhes daria bês temporais: o  
55 qual pacto se confirmaua cõ teste  
munhas, & cõ sangue de animais,  
como Moyses fez por mãdado de  
Deos. O qual descendo do môte  
cõ a ley que Deos lhe dera, q̄ era o  
60 pacto que Deos fazia com o pouo,  
lendoa perante todos, & aceitãdo  
a elles, & promettendo de a guar  
dar, mãdou fazer sacrificios, & par  
te do sangue dos animais mortos  
65 derramou sobre o altar: *Ille vero sum  
ptum sanguinem respersit in populũ, & ait:  
Hic est sanguis saederis, quod pepigit Domi  
nus vobiscum super cunctis sermonibus his:*  
& a outra parte espalhou por cima  
70 do pouo, dizendo que aquelle san  
gue era o com que firmou o cõ  
certo, que com elles fazia, conuem  
a saber, q̄ se fossem bons, & guar  
dassem aquella ley, que da parte de  
75 Deos lhe lera, se lhes darião gran  
des bens temporais. E já d'antes  
era costume confirmarem os ho  
men? os pactos que fazião entre si  
com sangue de animais; como fe  
80 zerão Iacob, & seu sogro Labão,  
como diz o texto: *Iurauit ergo ei Ia  
cob per timorẽ patris sui Isaac: immolatis  
que victimis in môte vocauit fratres suos, vt  
ederent panẽ.* Ao lugar do Exodo allu  
85 dio Isaias, quando fallando do Mes  
sias diz: *iste asperget gentes multas:* que  
rendo dizer, que com o sangue que  
derramaria por nós, & sobre nos  
sas almas, as purificaria: do q̄ erão  
90 figuras as aspersões, que na ley ve  
lha se fazião. E este foy o segundo  
pacto, & nouo que Deos fez na ley  
da Graça, que se chama testamen  
to nouo, promettendonos bens  
95 spirituais: o qual consummou com  
seu proprio sangue: *in meo sanguine.*

Exod.24

Gene.31.

Isa. 52.

I. Co.11

D. T.in  
Paulum.

[107v]

Como se dissera, assi como o pacto antigo, em que se prometiaõ bens temporais, se confirmaua com sangue de animais, parte do  
 5 qual se laçaua no altar, & parte sobre o pouo: assi eu àmenham farei com vosco hũ pacto nouo, & eterno, em que vos prometterei o Ceo, o qual confirmarei com meu san-  
 10 gue, o qual hoje por meyo d'este sacrificio derramo sobre vossas almas, dandouolo a beber, antes que àmenhã o derrame em preço vosso no altar da Cruz, para com elle  
 15 derramado firmar o pacto de vossa saluação, que com o mundo dettermino fazer. Este argumento prosequete S. Paulo, escreuendo aos Hebreos, aludindo ao lugar do Exo-  
 20 do acima explicado, quando diz que se Moyses, sendo homem teue ordem de Deos para com o pouo fazer pacto de bens tẽporais, & este firmado cõ sangue de brutos, o  
 25 qual tinha tãta autoridade ã lançado sobre homens, daua firmeza às promessas: cõ quanta mais razão a Christo, que era Pontífice vindo do Ceo a fazer comnosco pacto de  
 30 bens eternos, deuiamos dar mais credito, & ter nelle melhores, & mais firmes esperanças: pois firmoua suas promessas cõ o seu proprio sangue. Seja, diz S. Paulo, Moyses  
 35 medianeiro de pacto antigo que se firmoua com sangue de animais para bens temporais: mas Christo seja medianeiro do nouo pacto, firmado com sangue diuino para bẽs  
 40 espirituales, & eternos. *Vnde nec primũ quidem sine sanguine dedicatum est. Lecto enim omni mandato legis a Moysẽ vniverso populo, accipiẽs sãguine vittulorũ, & hirco tũ cũ aqua, & lama coccinea, & bybopo, ipsũ*  
 45 *quoque librũ, & omnem populum aspersit dicẽs: Hic sanguis testamenti, quod mandauit ad vos Deus, &c. Necessẽ est ergo exẽplaria quidem caellestium his mundari: ipsa autem*

*caellestia melioribus hostijs, quã istis.* Moy-  
 50 ses parte do sangue dos bezerros laçaua no altar, parte sobre o pouo en confirmação dos bens tẽporais que só erã sombras dos do Ceo: Christo dá hoje a beber seu pro-  
 55 prio sangue que amenham derramará no altar da Cruz, em confirmação do pacto nouo dos bẽs verdadeiros, & cellestiais. A isto alludio S. Cypriano, quando disse: *ipse*  
 60 *christus pincerna por rexit hoc pot[us]. Julum, & docuit vt non tantũ exterius hoc sanguine lintremur sed & interius aspercione omnipotenti anima muniremur, & c.* Aquelle  
 cordeiro antigo peq̃no era, pois  
 65 era irracional, nẽ sabia o que d'elle fazião, quando o querião matttar: mas Christo foy cordeiro grãde polla deliberação, alvoroço, gosto ã hoje mostra: *sciens quia venit ho-*  
 70 *ra eius*, que sabendo o que d'aqui a poucas horas lhe ha de acontecer, festeja as vesporas d'hoje cõ mostras de amor mais feruoroso que nunca, dandose a comer, lauando  
 75 pés. Tanto que estando para fazer o dia d'amenham hum sacrificio de si na Cruz, nas vésperas d'hoje fez outro de si mesmo em manjar, ou fez o mesmo sacrificio hoje que  
 80 auia de fazer àmenham, inda que d'outra maneira, como quem ao dia d'amenham, como a dia de sua festa, & Paschoa, & a dia do desposorio com nosco, daua hoje  
 85 hum banquette de si mesmo, para com elle festejar o dia d'amenhã. Depois que Salamão se desposou com a filha de Pharao, & sahio com toda a pompa, & ocom-  
 90 panhamento real a dar mostras de si, leuando comsigo na liteira, ã cõ estranho artificio mandara fazer, a sua esposa, como se faz menção no  
 3. cap. dos Cãtares, no cap. quinto se faz tambem menção de hum cõ-  
 95 uite que o mesmo Salamão fez á

Cypr.de  
 Can.  
 Dom.

[108r]

Nissen.  
Orat.10.  
in Cant.  
Matt.26.

honra das vodas, ao qual chamou,  
& conuidou os seus priuados, & a-  
migos, dizendo: *Comedite, & bibite, &*  
*inebriamini carissimi*, das quais pala-  
5 uras diz S. Gregorio Nysseno, que  
forão figura das que Christo disse  
a seus discípulos, quando os comũ  
gou: *accipite, & comedite: Hoc est corpus*  
*meum: Bibite ex hoc omnes &* que o con-  
10 uite, & a causa d' elle fôrão prophe-  
cias de como o verdadeiro Sala-  
mão da ley da Graça nos auia de  
dar a comer a si mesmo, & a occa-  
sião auia de ser para cõ este bãque-  
15 te festejar os desposorios princi-  
piados pella Encarnação, & acaba-  
dos de cõsummar na Cruz. E este  
cõvite por ser das vésperas da mor-  
te foy tanto mais festejado, que os  
20 demais; que sendo as graças dos  
outros conuites rezadas, as d' este  
dia forão cãtadas, para assi mor-  
rer cantando, & mostrar o gosto,  
com que morria, pois assi festeja-  
25 ua as vespuras da morte, como se  
o forão da vida. E fazer hoje de s†[.]  
sacrificio no santíssimo Sacrame†[.]  
to, o qual he hum memorial do sa-  
crificio da Cruz d' amenham, foy

30 querer Christo ter desd' agora diã-  
te dos olhos o que àmenham a-  
uia de fazer de si, para que ja que  
nos o auiamos de ver morto, & cru-  
cificado, & elle se visse tambẽ cru-  
35 cificado no Sacramento, como em  
representatiuo da morte, & Cruz:  
& hoje viuo se esteuesse reuêdo em  
si crucificado. Custumais mandar  
uos retratar para vos estardes ven-  
40 do, se não que ninguem se manda  
retratar: não digo eu já morto, mas  
nem velho, nem doente, mas quã-  
do mais moço, mais fermoso, & na  
melhor disposição, para que vòs  
45 quando velho, doente, & acabado  
vos estejais vêdo na flor, & melhor  
da vossa idade. Só Christo estando  
viuo se manda retrattar morto, &  
crucificado: & estando saõ, fermo-  
50 so, & cõ todas as suas forças faz hũ  
retrato de si, quando todo chaga-  
do, ferido, & tal qual o representa  
Isaias. *Non est species ei, neque de cor:*  
& *vidimus eum, & nõ erat aspectus, & de-*  
*sidērauimus eum: Despectum, & nouissimũ*  
*virorum, virum dolorum, & scientem infir-*  
*mitatem: & quasi absconditus vultus eius*  
& *despectus, vnde nec reputamus eum.*

Isa.53.

60

DISCURSO SEGUNDO.  
*Sciens quia venit hora eius.*

65

Do dia d'hoje, & d' estas ves-  
peras da morte se diz, *sciens*,  
que sabendo quanto lhe ti-  
70 nha custado o amarnos tão fora  
esteue de parar em nos amar, que  
antes refinou mais o amor Fino he  
o ladraõ que sabendo o hão d' en-  
forçar àmenham, lhe não peza ho-  
75 je de auer furtado. Fino he o amã-  
te, que sabendo o querem mat-

tar porque ama, não deixa de que-  
80 rer bem: antes nas vespuras da  
morte faz mayores finezas de a-  
mor, & estremos de affeição. Muy-  
tas principiarão amores, promet-  
tendo se nelles grandes gostos, &  
85 commodidades, que se cuidarão o  
contrario, não os começarão. Estes  
quando vẽ riscos, & perigos tornão  
para traz; & se confessão amizade,

[108v]

he até não terê contradição algũa:  
antes o tormento os faz negar a-  
mor. Christo Senhor nosso cõfes-  
sase por amante nosso até morrer,  
5 & foy amigo a mattar, & para mor-  
rer se fez homẽ sabendo muy bẽ  
o que lhe auíamos de custar, e que  
se auia de desposar cõ nosco à cus-  
ta de seu sangue como S. Agustinho  
10 diz: *Sed adhoc descendit Christus in vterũ*  
*virginis, vt exinde acciperet membra, quae*  
*traderet cruci, & mortẽ induceret antiquo*  
*draconi.* Se Deos se fez homem foy  
para que das entranhas da Virgem  
15 May sua tomasse huãs mãos, & hũs  
pês que lhe pregassem na Cruz,  
hum lado que lhe atrauessassem,  
hũa cabeça ã lhe coroassem de es-  
pinhas, hum corpo que lhe açou-  
20 tassem. Quando o Anjo quis mat-  
tar a Moysés, indo para Egypto cõ  
a embaxada de Deos, ou porque  
hia embaraçado com molher, & fi-  
lhos, ou porque sendo legislador,  
25 não tinha inda circunsidado hum  
filho que leuaua: o meyo por on-  
de escapou, foy circuncidar lo-  
go Sephora sua molher ao filho  
com muyta pressa, dizendolhe:  
30 *Spõsus sanguinũ tu mihi es,* como se lhe  
dissera que o não podera liurar da  
morte sem sangue; ou que naquel-  
le dia se tornara a desposar cõ elle  
a poder do sangue de seu filho, cõ  
35 o qual lhe comprara a vida: porã  
sem duvida algũa o Anjo o mattara,  
se ella não circuncidara seu filho  
Eleazaro: assi como costumais a  
dizer a hum homem ã escapou de  
40 algum grãde perigo: Senhor hoje  
nacestes, assi foy como se dissera  
Sephora a Moyses: hoje vos despo-  
sastes comigo, & posso dizer que  
me custastes o sangue de meu filho  
45 com o qual vos liurei da morte. A-  
chou Sephora que era grande en-  
carcencimento liurar da morte a seu  
marido cõ sangue alheo, & ã fora

Augu.to  
10 ser in  
10 de Na  
tui. Chri  
sti.

Exod.4.

aquillo nacer de nouo, & de nouo  
50 se desposar: cõ quanta mais razão  
podemos dizer de Christo, que foy  
esposo nosso a mattar, pois a poder  
do proprio sãgue seu nos deu vida:  
& no dia d'amenham nacemos to  
55 dos. E inda que já na Circunsição  
se começou a desposar a custa de  
seu sangue: no dia d'amenham se  
torna a desposar, ou para melhor  
dizer acabou de consummar seus  
60 desposorios cõ nosco, como Santo  
Agustinho diz: *Firmauit ascendendo*  
*coniugium.* O encarnar Deos foy  
desposarse com nosco, o morrer  
foy cõsummar o matrimonio espi-  
65 ritual, que tinha contrahido com  
nossas almas. Foy Sephora esposa,  
& amiga de Moyses até ferir hum  
filho, & o circunsidar: Christo ti-  
nha sido amigo nosso até se cir-  
70 cunsidar a si, hoje o foy até morrer.  
Entrou Isaac em Geraris com sua  
molher Rebecca, negãdo ser casa-  
do com ella, & dizendo ser sua ir-  
mã, o que fez receoso de que por  
75 amor da fermosura de Rebecca o  
mattassem: & perguntando el Rey  
Abimellech a causa porque negara  
ser sua molher, respondeo: *Timui ne*  
*morerer propter eam:* temi que por ma  
80 tomarem, me tirassem a vida. E  
Clemẽte Alexandrino ponderãdo  
o lugar do Genesis, quãdo diz: *Vidit*  
*eum tocantem cum Rebecca vxore sua,* ã  
Abimellech vio a Isaac estar rindo,  
85 & zombando com Rebecca, per-  
gunta a causa d'este riso, & alegria,  
& dando a razão diz: *Risit autem ille*  
*a morte solutus Iudens, & exultans cum*  
*sponsa.* A materia do riso, & da ale-  
90 gria era o escapar Isaac da morte,  
por meyo da negação de Rebecca,  
como se disserão entre si, quam  
bem fizemos, quam bem anda-  
mos, que bom conselho tomamos,  
95 que boa traça foy o negarmo-  
nos, para que nem a vós roubas-

Gen.26.

Cle.Ale.  
Lib.1.Pae  
dag.ca.5.

[109r]

sem, nem a mym mattassem. Christo para morrer por nós se desposou cõ nosco; & se se deixou pregar na Cruz, foy para nella derramar  
 5 sangue, com que firmasse estes desposorios p[...].ja sempre; & sobre certeza que por nos querer bem lhe auião de tirar a vida nos amou. E por tanto as vespervas d'hoje podẽ  
 10 competir com o dia d'amenham: porque inda que âmenham se celebre o beneficio da redempção, hoje festejamos o amor, com que se obrou.

15 E quãto ao que toca a chamar S. Ioão hora ao tempo da morte, & Paxão de Christo, bẽ me está, que sem embargo de parecerem aos  
 20 homens as horas dos trabalhos hũas eternidades, & o tempo, & horas de gosto breuissimas, por compridas ã sejão, a Christo parecesse breve o tẽpo da Paxão, & morte, pois  
 25 o era de seu gosto, & amor, o qual tem mão para adoçar trabalhos, & abreuiar a duração d'elles, de maneira, que pareça breuissima, sendo comprida, & vagarosa. Cõ tudo se saõ dias de ausencia, & horas  
 30 de apartamento, com que licença lhes chama o Euangelhista hora? ã parece desfaz no amor de Christo. Principalmente que nunca este Senhor à sua morte, & Paxão  
 35 chamou morte, mas apartamento, *vt transeat, vado ad Deũ, Nemo ex vobis interrogat me quo vadis.* explicando a morte pelo que mais sentia nella, que era o apartarse de nós, & pelas  
 40 saudades que dos seus leuaua. Ao que respondo, que como Christo nos amaua para bem nosso, & não seu, ao tempo de se absentar de nós pella morte teue per hora  
 45 breue, porque nella trattaua mais de nos merecer o Ceos, que de nos possuir, & conuersar na terra. O merecer padecendo, & morrendo

por nós era bem nosso, o conuersarnos era gosto seu: era tempo em  
 50 que ou auia de merecer para nos, indose de nos, ou logrnos ficãdo com nosco: quis antes irse para nos merecer, ã ficar para nos posuir. De Iacob conta a Escritura,  
 55 que sette annos seruiu a Labão por Raquel, & estes assaz custosos, *Die noctuq; aestu vrebar, & gelu fugiebatq; sõ nus ab oculis meis:* & no meyo de tãta  
 60 dilação, & trabalho, o amor que a Raquel tinha, fazia com que sette annos parecessem poucos dias, *Videbãtur illi dies pauci prae amoris magnitudine.* No que noto hũa cousa não  
 65 vulgar. Iacob que consequencia tẽ dizerse de vós que o grande amor, que tinheis a Rachel, fazia com ã os muytos annos, que por ella seruiẽis vos parecessem poucos dias.  
 70 Não daueis boa cõta deusso amor porque o contrario ouuera de ser que as horas vos ouuerã de parecer dias, os dias somanas, as somanas meses, os meses annos, & cada  
 75 anno milhares d'elles. Sabeis porque a Iacob os annos, em que se dilataua a posse de Rachel, pareçião breues dias, deuẽdo de lhe parecerẽ os dias annos? porque erão  
 80 annos trabalhosos, & Iacob não tanto trataua de possuir Rachel, quanto de a merecer, não de lograr mas de agradar, & como tinha grãde  
 85 muyto mais merecia fazerse por ella: & assi quanto mais se dilatava a posse, mais contente viuia, por quanto trabalhando mais merecia  
 90 mais: & para cõ elle muyto mais pã deraua o tẽpo do merecer, do que lhe daua de pena a dilação do posuir. E esta era a razão porque lhe  
 95 trabalhaua, nem lhe pareçião cõ prididos annos, os em que se lhe di-

[109v]

lataua o possuila. A Christo Senhor nosso o tempo que padece, & está morto pollos homês, & sem os ver, & conuersar, lhe parece hora, sendo assi que por ser tempo de apartamêto, & de ausêcias, & saudades lhe ouuera de parecer cumprido, por quanto era tempo em que pretendia mais merecermos, q̃  
 10 possuirmos, mais grangearnos o Ceo, que trattarnos na terra, como verdadeiro amigo, trattãdo do bẽ nosso â custa do gosto que teria de nos ver, & conuersar sempre, se  
 15 podera ser.

Chamou S. Ioão ao tempo da Paxão †[.]ra de Christo, porque era hora de seu desejo, polla qual andava suspirãdo, para nella colher o  
 20 premio de seu amor, que era morrer por nós, & o fruito de sua morte, qual era nosso saluação. Nas palavras dos Cãtares, *messui mirrhã meã cum aromattibus meis*, em sentido espi-  
 25 ritual entendidas, se compara o Esposo de nossas almas Christo a hum lavrador, o qual todo o anno trabalha, para no fim d'elle colher a nouidade, & a melhor hora q̃ tem  
 30 he a da sega, que inda que o tempo seja calmoso, nelle colhe esse lavrador o fruito de seus trabalhos. E o Espirito S. pello Propheta Isaias querêdo encarecer o gosto q̃ terião  
 35 os da ley de Graça, vendose alumia- dos pello Messias, & libertados do cativo do demonio, & dos peccados, comparao com o do lavrador no tempo da sega, em que re-  
 40 colhe o fruito da lauoura: *laetabũtur coram te: sicut qui laetãtur in messe*, como se dissera o Esposo: a hora do meu gosto, & descanso he o tempo da sega, & vendima. Que vendima-  
 45 stes, & segastes? Seguei mirrha, que he symbolo da morte, & dos trabalhos: porque morre, & trabalhos semei, para estes colher por

Cantic.5.

Isaias.9.

meo das pregações, milagres, bo-  
 50 as obras que fiz, & para que por estas me tirasse a vida a malicia humana: & toda a minha vida cancei por vir a descansar morrendo, & a morte me ficar por premio de  
 55 meus trabalhos, & paga de meu amor. Assi lhe chama S. Ambrosio, quando diz: *Haec magni est corona certaminis, hoc praellarum munus spõsaliũ Christi, sanguis eius & passio*. Teue Chri-  
 60 sto por bastantissimo premio dos trabalhos, que padeceo por nós, o tirarêlhe a vida para remedio nosso. O dote, & as arras, com que se contentou, quando se desposou cõ  
 65 nosco foy o sangue com todo o seu preço que derramou por nós. *Cum aromatibus meis*. Tambem semei desejos da saluação dos homês, & orações feitas por elles, as quais  
 70 dão gosto, & suaue cheiro a Deos: & esta saluação quero que seja o fruito de minha morte, esta o premio de meu amor. Assi o affirma Santo Ambrosio, dizendo: *Hoc*  
 75 *excelentissimũ indicat praemiũ a suae mortis, quo peccator absolvitur*. Dasse Christo por honradissima, & bastantissimamente pago de sua morte cõ o fruito de nossa saluação. E bem  
 80 se deixa ver esta verdade no Apostolo S. Paulo o qual fallando do premio que se deu a Christo por morrer por nós, diz que foy o officio, & nome de Saluador nosso.  
 85 *Humiliauit semetipsum factus obediẽs vsque ad mortem, mortem autem crucis. Propter quod & Deus exalauis illum, & donauit illi nomẽ, quod est super omne nomen: vt in nomine Iesu omne genuflectatur, & c.* Nas  
 90 quais palauras o que noto he q̃ nos não obrigou Deos menos no premio, que deu a seu Filho por nos saluar, q̃ na mesma saluação q̃ nos cõcedeo: pois lhe deu por premio  
 95 de nos saluar, o titulo, & nome de Saluador, para que lhe ficasse por

Amb.lib.  
de Isacae  
cap.4.

Amb.lib.  
2. de pae  
nit cap.7.

Filip.2

[110r]

officio, & obrigação o saluarnos,  
 já que se lhe dera o nome, & titulo  
 em paga da mesma obra da salua-  
 ção. E inda que este nome se lhe deu  
 5 na Circunsição, com tudo diz Saõ  
 Paulo que se lhe deu por amor da  
 morte da Cruz, & com atenção, &  
 olho nella: como quem lhe propu-  
 nha primeiro o premio, para que  
 10 se animasse ao merecer perfeita-  
 mente, morrendo por nós, & o no-  
 me, & officio promett†[...]de salua-  
 dor o animasse a nos salvar, morrẽ-  
 do, & nossa saluação ficasse sendo  
 15 o fruto de sua morte, & o premio  
 de seu amor.

Chamase tambem hora sua por  
 que nella auia de sair enfeitado, &  
 de gala como em dia de seus des-  
 20 posorios aos confirmar, & cõsun-  
 mar na Cruz. O lugar dos Canta-  
 res *egredimini filiae Sion, & vidette regem  
 Salomonem in diademate, quo coronauit  
 eum matter sua, in die desponsationis suae, &*  
 25 *in die laetitiae cordis fuis:* falla à letra do  
 acompanhamento com que Sala-  
 mão sahio no dia dos seus desposo-  
 rios com a fi†[...]a de Pharaõ: & cõ-  
 forme a S. Bernardo, S. Gregório,  
 30 São Agustinho, S. Ambrosio, foy  
 prophecia da saida que âmenham  
 fez ao Caluario a se desposar com  
 nosco, indo vestido de festa, &  
 de gala com coroa de espinhos na  
 35 cabeça, leuando às costas por cetro  
 a Cruz. O qual dia foy o de alegria  
 de seu coração, inda que de triste-  
 za para a carne, como ponderou o  
 cõmentario dos tres Padres, onde  
 40 se diz: *laetatus est spiritu, licet carnis cru-*  
*ciatibus vexaretur.* A gala de ã sahio  
 vestido na Cruz, foy o sangue que  
 por nos derramou, o qual lhe não  
 tirou ficar fermoso. O lugar do Ge-  
 45 nesis, *lauabit in vino vestem suam, & in*  
*sanguine vvae indumentum suũ,* inda que  
 a letra fosse prometter, & preno-  
 sticar Iacob a seu filho Iudas, que

*Cantic.3  
 Bern ser.  
 I.de Epi  
 phan.&  
 ser.I omi  
 niũ sanct.  
 Teod. In  
 Hũc locũ  
 Ricar. de  
 S. Vict.p.  
 2 ca.13.  
 Amb.lib.  
 de Isaac.  
 Grego.in  
 hũc locũ.*

*Cõm. triũ  
 patrum  
 Nyssen.  
 Maximi  
 Nilli.  
 Gen.49.*

a terra que lhe cahia per forte se-  
 50 ria fertilissima, & daria de tudo  
 grandes nouidades, principalmẽte  
 de vinho, o qual seria tâto que po-  
 deria ter o vso da agoa, a qual he la  
 varẽse nella os vestidos, por ser de  
 55 ordinario muyta em abundancia,  
 cõ tudo foy prophecia de Christo,  
 & promessa ã o Padre Eterno fez  
 a seu Filho de hũa grãde nouidade  
 de sangue, significado pello vinho,  
 60 com o qual sangue como com pur-  
 pura de Rey, auia de sair enfeita-  
 do, & com coroa de espinhos na  
 cabeça & Cruz às costas. *Exiuit ergo  
 Iesus portãs spineam coronam, & purpureũ*  
 65 *vestimentum. Et baiulans sibi crucẽ, exiuit*  
*in eum, qui dicitur Caluariae, locum, He-*  
*braice autem Golgota.* O que ponde-  
 rando Clemẽte Alexandrino diz: *dicit*  
*in spiritu suo se ornaturum corpus verbi.* O  
 70 dizer Iacob em espirito que o Mes-  
 sias seria senhor de hũa grande no-  
 vidade de sangue, & tanto que nel-  
 le poderia banhar os vestidos, &  
 purificalos, foy dizer que esse san-  
 75 que lhe faria hum trajo galante, &  
 bem feito, & acabado, & bem guar-  
 necido, com o qual poderia muy  
 bem apparecer. *Hoc est gloria Dei*  
*caro & Cruz,* diz Teophil. E tanto  
 80 este sangue, & morte de Cruz, foy  
 a gala de Christo, que o mandar  
 Deos ao Santo Patriarca Abra-  
 hão, *tole filium tuum vnigenitum, quẽ di-*  
*ligis Isaac, & vade in terram visionis, atque*  
 85 *ibi offeres eum in holocaustum,* que lhe  
 sacrificasse seu filho Isaac, cousa ã  
 elle despois auia de fazer ao seu  
 proprio Filho por nos, foy querer o  
 Pay Eterno ver em Abrahão o co-  
 90 mo lhe estaria esta obra despois, &  
 foy querer o Filho de Deos na le-  
 nha posta às costas de Isaac ver o  
 como lhe estaria a Cruz, quando a  
 leuasse às costas até o Caluario, &  
 95 como dizia nelle o sacrificio, para  
 despois se trajard' elle, & opor per

Ioan.19.

*Cle.Ale.  
 lib.I.Pae  
 dag.ca.6.*

*Teop.in  
 ca.Luc.  
 17.  
 Gen.22.*

[110v]

obra: tomada a semelhança de hũ  
 capitão ã manda fazer hũas armas  
 fortes & lustrosas, para com ellas  
 dar mostras de si; & ellas feitas, &  
 5 acabadas, mãdaas vestir às escõdi-  
 das a hum criado seu, para nele ver  
 o como dizem, & lhe estaraõ a el-  
 le, quãdo despois as vestir. E se lhe  
 cõtentão mandaas despir logo, nẽ  
 10 consente ã outrem as vse, até elle  
 sair em publico com ellas a primei-  
 ra vez, & as estrear primeiro. Não  
 d'outra maneira, mandar Deos a  
 Abrahão, que em hum lugar escõ-  
 15 dido, & apartado prouasse este sa-  
 crificio, & Isaac na lenha às costas  
 prouasse a Cruz, & indo para dego-  
 lar a Issac irlhe à mão, dizendo: *Nõ*  
*Gen.22. extendas manum tuam super puerum, neque*  
 20 *facias illi quidquã,* foy parecerlhe o  
 sacrificio, & trajo tambem, que  
 guardou, & poupou o lanço para  
 si. Abrahão isso basta, não vades

por diante, o mais fique para mim  
 25 quando no Caluario entregar meu  
 Filho à morte de Cruz por amor  
 dos homens (como Nazianzeno  
 diz fallando com Christo: *at ipsa te*  
*Patris benignitas cecidit:* ) nem quero ã  
 30 Isaac seja morto, nem sacrificado,  
 nem o seu sangue se derrame, por-  
 que guardo isso para meu Filho sa-  
 ir de gala na Cruz. O que ponde-  
 rando Clemẽte Alexandrino diz:  
 35 *Iure Issac non passus est, qui primas passio-*  
*nis partes verbo cessit.* O não padecer  
 Isaac, foy respeito que se guardou  
 a Christo, & sedeu Isaac de seu di-  
 reito por o dar ao Messias, para que  
 40 fosse o primeiro que se vestisse d'este  
 trajo, & o estreasse. Fez Christo hõ  
 ra de morrer por nõs, para nos sal-  
 uar; façamos nõs honra de o amar-  
 mos & seruirmos & de nos deixar-  
 45 mos salvar, por meyo da sua mor-  
 te & Cruz.

*Nazian.in*  
*Tragedia*  
*Christus*  
*Passus.*

*Cle. Ale.*  
*Lib.I.pae*  
*Dag.c.5.*

TRATTADO SEGUNDO  
 DA MESMA QUINTA  
 FEIRA DO MANDATO.  
 DISCURSO PRIMERIO.

50

*Cum dilexisset suos, qui erant in mũdo, in finẽ dillexit eos.*  
*Ioannis. 13.*

55

**O**V por estes, a que  
 Christo chama se-  
 us, se ajão d'en-  
 tender todos os  
 60 homens, ou em  
 particular seus dis-  
 cipulos, o que ne-  
 stas palauras noto he, chamar São  
 Ioão a quanto Christo tinha feito  
 65 pollos homẽs amor: *cum dilexisset,*  
 & ao que hoje, & àmenham fez

mayor amor: *in finem dilixit eos.* E cõ  
 70 razã, porque o formal do benefi-  
 cio he o amor, com que se faz; tã-  
 to, que se quãtas merces fez Deos  
 ao mundo despois que o creou, &  
 quantas fez despois de se fazer ho-  
 75 mem até morrer, fora possiuel fa-  
 zelas Deos contra sua võtade, cha-  
 marãose todas dadiuas, mas não  
 forão beneficios, pois lhes faltaua  
 o amor que lhes dá o ser, & a for-

[111r]

malidade. Esta he a razão porque celebrando nós àmenham o beneficio da redenção, hoje festejamos o amor com Christo, o obrou. E em materia de fazer beneficios, & recebelos andamos tão errados, q̃ nẽ fallar sabemos. Custumais a dizer: fulano me deu este officio, & ouue este Bispado, esta hõra, este di-  
 10 nheiro deuolhe muitos beneficios não sabeis fallar, que nada disso he beneficio, materia do beneficio sim Porque se algũas d'estas cousas forão beneficios, como seião tẽporais  
 15 & caducos, q̃ depẽdẽ do tempo, & da fortuna, perdendoas, perderá o beneficio quem volo fez, & vós ficareis desobrigado: o que tão fora esta de ser assi, que sempre fica o  
 20 beneficio, por mais que se parta o beneficio d'elle. Libertastes ao amigo dos ladrões catiuarãono ou tros: perdestes o beneficio, ou elle ficou desobrigado? Não, q̃ quando  
 25 muyto foy priuarẽno do vso do beneficio, não da obrigação delle. Li urastes do incẽdio, ou do naufragio ao amigo, ao qual despois leou a doença, & a morte, nem por isso o  
 30 beneficio se perde pois estã em pé a boa vontade com que se vos fez esse bem; o qual não foy mais que ministro, & materia do beneficio, pello qual a boa võtade se declara.  
 35 D'onde se infere, que quem vos não dá a cousa com gosto, nẽ com vontade, nada vos obriga, & nenhũ beneficio vos faz. No liuro do Genesis temos, que duas vezes a-  
 40 Gen.27. &28. bendiçoou Isaac seu filho Iacob, hũa no capitulo vinte & sette quando cuidou q̃ abendiçoaua a Esau, e outra no capitulo vinte & oito, onde se diz: *Vocauitq; Isaac, Iacob, & benedi*  
 45 *xit eũ:* & a razão de o abẽdiçoar segũda vez, foy para na segunda bẽção lhe dar a vontade q̃ na primeira tinha faltado, quando cuidou que a

bendiçoara a Esaú, & não a Iacob:  
 50 q̃ inda q̃ da primeira vez lhe deu benção, não lhe fez beneficio, pois lhe faltou o formal d'elle qual he o amor: verdade he que o abẽdiçoou mas não o obrigou, porem da segũ-  
 55 da vez ratificando a benção primeira, & passada lhe deu a vontade, que tinha faltado, para que a benção ficasse beneficio, & Iacob obrigado. Esta he a razão por amor  
 60 da qual nas merces que Deos nos faz, a primeira cousa que vay diante he o amor, para que os beneficios fiquem grandes, não sô em si, mas por razão do grande amor cõ  
 65 que se fazem. Porque hũa boa võtade dá grande preço, & valia a pouquidades: & grãdezas sem esta valem pouco, ou nada. E d'aqui nadem o que temos ditto, que se  
 70 todos os bens, quantos Deos nos tem feito, fora possiuel fazelos sem amor, & contra sua vontade, ou por qualquer outro respeito, que não fora affeição, forão dadiuas,  
 75 mas não forão beneficios; porque o dar toma todo o ser do respeito, porque se dá. Se dais por força, he medo: se para que vos dem, he interesse, se por ostentação, he vaidade, & soberba: se por amor, he beneficio. Esta foy a razão porque S. Ioão aos bens que Deos nos fez  
 80 poz nome d'amor.

Mas o que muyto encarece o amor d'hoje, he que agradecendo  
 85 nôs tão mal o *cum dillexisset suos*, quero dizer as mercês passadas, acrescentasse Christo, o *in finem dillexit*, os beneficios do dia d'hoje, & os do  
 90 dia d'amenham. O encarecimento do amor que Daudid tinha a Saul, & a Israel, esteue em que quando o tinhão lançado de si, & desagradecido os seruiços honrosos,  
 95 que lhe tinha feito, & elle se tinha acolhido para Achis assi persegui-

I.Re.17

[IIIv]

guido, & desterrado, andasse conquistando terras ao ingrato Saul, & Israel, & lhes fizesse novos serviços, sem embargo de serem mal a-

5 gradecidos os passados. *Et ascendit Daud, & viri eius, & agebant praedas de Gessuri, & Gerzi, & de Amalechitis.*

Christo então faz maiores merces, quando nós mais indignos d'ellas,

10 & quando de nós tinha experimentado mayores ingratidões; tanto que mais indigno estaua o mundo da redenção de Christo quando elle morreo para a cosummar, q̃ quã-

15 do naceo para lhe dar principio. Porque inda que quando Deos veo ao mundo ouuesse muytos peccados, faltauão ainda as offensas feitas à pessoa de Christo, as quais

20 erão mais graues que todas, tirando as cõmettidas contra Deos immediatamente, & com as quais se encherão as medidas dos peccados. Estaua hoje Christo em vesperas de receber os maiores agrauos que nunca, quando faz mayores merces do que tè então fezera. E com tantas offensas, tão fora de se diminuir o amor, que antes cre-

30 cião as mostras d'elle. Querendo o Espírito sãto encarecer a força do amor, diz, que não auerá trabalhos, que o possaõ acanhar. *Aquae multae non posuerunt extinguere charitatem, nec*

35 *flumina obruēt illam.* Tinha comparado o amor com o fogo, & agora diz, que inda que agoa preualeça contra o fogo, & o apague, com tudo se o amor he verdadeiro, não ha

40 trabalhos, nem contradicções, por muytas que sejam, significadas pelas agoas, & pellos rios d'ellas, que o possaõ vencer, antes elle a tudo vence, & contra tudo preualece.

45 Mas não chegou o Espírito Santo a dizer que o amor creceria com essas cõtradicções; que isto tinha o

*Cantic.8*  
*Sot. Mai.*

o Espírito santo guardado para o dizer de Christo por S. João. *In finem dillexit eos.* Foy o amor na despedida tão grande, que com os agrauos crecião as mostras d'elle, nem as offensas chegauão ao amor para via de o poderẽ diminuir. Se as cheas

55 saõ grandes, & as agoas viuas, & o mar sae da madre, cobre edificios altos, soberbos, sumptuosos; cheas ouue de ingratidões, & de peccados & offensas feitas à pessoa de Christo, mas nenhũas poderão subir tão

60 to, que encobrissem as mostras do amor d'este Senhor. O Verbo de Daud, *In dilúvio aquarum multarũ ad eunt non approximabunt, idest, in maximis*

65 *aerũnis, & calamitatibus seruabitur diuinitas homo pius, & iustus, ne ab illis laedatur,* falla da segurança do justo no meyo das contradicções que o mundo lhe faz, para não ser santo, & diz q̃

70 por mais que o mundo se conjure contra elle, todo este mundo junto & apostado lhe não estrouará o amor que tem a Deos. Isto em primeiro lugar compete ao justo dos

75 justos Christo Senhor nosso, de cujo amor, & graça participarão todos os justos a fortaleza dos seus amores, contra o qual nenhũas offensas preualecerão; que inda que

80 as agoas das tribulações, & da morte, & Cruz afogarão a vida, como elle confessa, *intrauerunt aquae vsque ad animam meam,* cõ tudo não afogarão ao amor, antes passou a nado

85 este diuino amor pello mar de nossas ingratidões, sem se afogar nelas. *Quia torentem pertransit anima diligentis,* diz S. Ambrosio. Este Senhor a poder do fogo de seu amor

90 passou a nado o mar de nossas ingratidões, & as cheas dos males, & das contradicções, q̃ se chegaraõ a vida, não chegarão ao amor, como S. Ambrosio diz: *sunt ergo fastigia pie-*

*Psal.36.*  
*Geneb.*

*Psal.36.*

*Amb.lib.*  
*de Iac. &*  
*vitta beata*  
*cap.7.*

[112r]

Amb. In  
Psal.118.se  
rm.19.

*tatis, sunt culmina charitatis.* Tem o amor do Ceo seus cumes tão altos, que não lhe podem chegar todas

as agoas, & cheas do mundo todo, para via de lhe fazerem danno algum.

## DISCURSO PRIMEIRO

*In finem dillexit eos.*

10

D. Tom.  
Opus 61.  
De Dilect.  
Dei et pro  
ximi, de  
10. grad.  
amors in  
9 gradu.

**S**anto Thomas nosso padre diz que assi como no fogo material, conforme Aristoteles no primeiro liuro da Metaphisica, podemos cõsiderar três graos: calor, fervor, ardor: principio, meyo, & fim; & então se dà fogo perfeito, quando ha ardor, porque então se dà forma de fogo: assi no amor, & fogo espiritual podemos cõsiderar estas tres diversidades, calor, feruor, ardor; principio, meyo, & fim. *Calent incipientes, fervent prophicientes, ardent perfecti.* Nos principiantes que começam seruir a Deos, tẽ o amor razão de calor, nos que continuão & uão aproueitãdo na virtude; he o amor fervor, mas nos perfeitos, he ardor. Entre os principantes, cujo amor he calor, saõ numerados aquelles corações, diz S. Thomas nosso padre, dos quais se entende o verso de Daud: *Concaluit cor meum intra me*: dos feruorosos se há d'entẽ der o lugar de S. Paulo, escreuendo aos Romanos, *spiritu seruentes*: dos perfeitos, & ardentes se a de entender a outra parte do verso acima ditto, & *in meditatione mea exardescet ignis, idest exarfut zelus, qui est qui dà ignis, & fervor in interioribus meis prae cupiditate loquendi*: d'estes foy a Santa Magdalena, da qual diz S. Gregorio Papa assi: *disce quo dolore ardet, quae fieri inter epulas non erubescit*. E acrecẽta o Doutor Angelico: *pauci calentes, pauciores seruentes, paucissimi ardẽtes*. Os calorosos saõ os mais, inda que poucos, os seruentes menos, os ar-

Psal.38.

Rom.12.  
Psal. 38.  
Genebr.

Gre. Pap.  
ho.33.in  
Evang.

50

dentes raríssimos. Esta diuersidade podemos cõsiderar no amor de Deos para com nosco. Quando Deos no principio do mundo se contentaua com hum Abel, cõ hũ Noe, com hum Abrahão, era seu amor calor, nas mostras entendo: quando despois escolheo pouo, ao qual deu ley, ceremonias, prophetas: mandou edificar templo, para ser honrado nelle, podemos considerar amor de Deos já crecido, & tornado fervor: mas quando na ley da Graça se fez homem, & crescerão as mostras da affeição, ficou parecendo ardor, & ardia Christo em amor, & ardia não em pena, mas em gloria. E se toda a vida de Christo em comparação do tẽpo passado, antes de ser homem, foy ardor, o dia d'hoje, & d'amen†[...].m em comparação das obras de toda a vida passada, que seria? Digo que foy como se toda o esphera do fogo descera, & caira sobre nõs para tudo abrasar, & que desandãdo todas as rodas do amor, Choveo fogo, & choveo amor, cahio o Ceo com fogo, & com amor. Quando Deos quiz destruir o mundo com o diluuiio de agoa, diz o texto: *rupti sunt fontes abyssi magne, & catharatae caeli apertae sunt, & facta est pluuiia super terram*. Desentranhouse o Ceo, & a terra, & fallarãose para destruir o mundo: lançou o Ceo a agoa que tinha em si, & a terra á sua, & tomaraõ o mundo no meyo para o allagarem. Não d'outra maneira

Gen.7.

[112v]

para Deos allagar o mūdo cō misericordia, & o abrasar com fogo d'amor, se desentranhou o Ceo, & a terra, o amor diuino, & humano, 5 & ambas as vontades: rompeose o peito de Christo, & lançou agoa, & sangue, com cuja infinidade se purificou o mundo todo. Assi o diz o Propheta Daud em pessoa 10 de Christo: *Sicut aqua effusus sū, & dispersa sunt omnia oſa me., Factum est cor meum tanquã cera liquescēs in medio ventris mei.* Derrameyme todo sobre vòs diz Christo, & espalhey sobre 15 vòs meus ossos, derramei meu sangue, derreti meu coração espalhei as entranhas de minha misericordia. Grãde deuia de ser o fogo do amor, ã tanto derreteo. Vio Daniel 20 ao Filho de Deos assêtado em figura de hũ homẽ velho, & ancião vestido de brãco, e a cabeça toda chea de cãs. *Tronus eius sicut flammae ignis: rotae eius ignis accēsus. Fluvius ignens, rapidasq egrediebatur a facie eius.* A cadeira em ã estaua assêtado era de fogo e de fogo estaua cercado por todas as partes, & por diãte delle passaua hũ rio de fogo. Bẽ sey que falla o Pro- 25 p†[...]a do aparato com que Christo virá a julgar: mas quem tem, & tras tanto fogo para castigar cousa que he obra alhea de sua cõdiçãõ; quanto mais fogo, tera para amar, 35 & fazer bem, obra que he mais de sua inclinação, quãto á manifestação. Que não fará quem tem tãto fogo dentro de si? Que nos resta se não esmorecermos com tanto 40 amor? O primeiro diluuiu foy d'agoa, para acabar, & esfriar o mundo, este segundo foy d'amor, para o abrasar, & conuerter a si. S. Ieronymo explica do mysterio da Redempção o lugar do Propheta Joel 45 que diz: *Et erit in illa distillabũnt montes dulcedinem, & celles fluent, lacte, & per omnes riuos Iuda ibunt aquae, & sons*

Psal.21.

Dan.7.

Hyer. In  
c. Joel.3.

*de domo Domini egredietur, & irrigabit* 50 *torrentem spinarum.* Naquelle tẽpo os montes, & os outeiros distillarão doçura, & serão huns lugares taõ ferteis, & fartos, que darão o preço de nossa redempção. O monte 55 Oliuete estará cheo do sangue que suou, o Caluario do que derramou das chagas, o pretorio do sangue dos açoutes, & das espinhas, cõ ã o coroarão, as ruas do sangue que 60 d'elle hia correndo: o torrente das espinhas tambem foy regado, qual foy: ou a casa onde o coroarão, ou os mesmos que lhas poserão na cabeça. Esta diuina fonte, que he a 65 mesma, de ã falla Zacharias, quando diz: *Erit sons patens domui Iacob,* aos mesmos inimigos regou, pedindo para elles perdaõ ao Pay, até regar a Iudas, dandoselhe a comer, Era 70 tãto grande o fogo, que até as espinhas conuerteria em si, abrasaua as agoas, & fazia d'ellas materia de maiores mostras d'amor. D'este fogo do amor diuino abrasador, foi 75 figura aquelle fogo que veo do Ceo sobre o sacrificio de Elias, o qual de doze pedras em nome dos doze Tribus fez hum altar com hũ cano de agoa ao derredor, & hũa coua 80 no meyo: cõcertou a lenha, e sobre ella poz hum boy em quartos, & sobre tudo mãdou lançar por tres vezes agoa, quatro quartas de cada vez, & começou a orar até que veo 85 fogo de Ceo. *Cecidit autem ignis Domini, & vorauit holocaustũ, & ligna, & lapides, pulverem quoque, & aquam, quae erat in aquaeductu lambens.* Veo taõ grande fogo de Ceo, que não sô abrasou, 90 & consumio o sacrificio, & a lenha, & as pedras, & o pó, mas até a mesma agoa conuerteo em si. Figura do diuino amor d'hoje o qual até o torrẽte das espinhas, & abra- 95 sou com merces: não só aos justos, e aos seus mimosos fez merces, mas

3.Re.18.

inda aos proprios inimigos: & quã  
to mais contradição auia da parte  
dos homens, mais se refinauam as  
mostras do amor, que podemos di-  
5 zer que até as agoas abrasou, &  
conuerteo em sy, & fez materia de  
affeição. Paquemos a este Senhor  
parte do muyto ã nos merece em  
ser elle todo o nosso bem por von-  
10 tade, pois o he em que nos muyto  
pez. Ia que o amor de Deos nos da  
licença para que fallando a nosso  
modo podermos dizer que somos  
todos o seu bem, seja elle todo o bẽ  
15 nosso. *Quam pulcra es, & quã decora cha-  
rissima, in delicijs, diz o Esposo diuino  
a alma Sãta, id est, sic pulcra est, & suavis:  
ut nullare magis, quam charitate, & amore  
tuo delleret: atque pro magnis delicijs habeã*  
20 *amorem tuum mutuum, quo te prosequor, vi-  
cissinque tu me prosequeris.* As minhas  
delicias, o meu gosto, alma santa,  
he este amor mutuo, & reciproco ã  
ha entre nos, & o quererdesme  
25 vos bem a mym, & eu bem a vos:  
serdes vos meu bem, & eu ser o bẽ  
vosso. Naõ diz que a alma he a sua  
delicia, mas as suas delicias, por  
quãto he delicia para Deos amar-  
30 nos, & he tambẽ para elle delicia  
amarmolonos, *Hoc est omniũ maximum  
Christum amatum simul, & amattorem ha-  
bere,* diz S. Ioão Chrysostomo. Se  
no mundo se tem por grande feli-  
35 cidade encontrar com hum bom  
amigo, que seja agradecido, & vos  
responda com amor, & ã vos quei-  
ra assi como vos lhe quereis, que  
dita sera ter a Deos por amante, &  
40 amado, quererlhe bem, & querer-

Cant.7.  
Sot.Mai.

Chry.ho.  
64.ad po  
pul.

uolo elle a vos? D'isto se gabaua a  
mesma esposa, quando dizia que a  
maior bemaumentança que tinha,  
era ter por Esposo a hum Senhor,  
45 com o qual se pagaua muy bẽ no  
amor. *Dillectus meus mihi, & ego illi. Ego  
dillecto meo, & dillectus meus mihi. Ego dile-  
cto meo, & ad me conuersio eius, id est ego  
tota, quota sum propensa sum ad solum dile-  
ctum meum, & ille vicissim totus ad me so-  
lum propẽsus est. Ego tota spondi mei sum, &  
ille vicissim totus meus est, & ex aequo mihi  
in amore respondet.* Somos tambem ca-  
sados eu, & meu esposo, que eu to-  
55 da camanha sou não sey gostar, nẽ  
querer bem se não a elle, nem el-  
le camanho he tem coração para  
amar, nem querer bem mais que a  
mym, & pagamonos muyto bem,  
60 no amor. Isto conuem muyto bem,  
diz, o Commentario dos tres Pa-  
dres, ao amar que há entre Deos &  
as almas santas, nem pode auer ma-  
ior dita para hũa alma, que ter a  
65 Deos por seu amado, & por seu a-  
mante, ser Deos todo o seu bẽ, pa-  
ra que ella seja todo o bẽ de Deos:  
entregarse, & dedicarse toda a seu  
Esposo diuino, & não dar hũ passo  
70 sem elle, para que esse Senhor affei-  
çoado condescenda com ella, & se  
humane, & humilhe para a tratar  
de maneira, que de inuisiuel se faça  
visiuel, & trattauel, de impassiuo  
75 mortal, de eterno tẽporal, de mã-  
jar dos Anjos mantimento dos ho-  
mens, de adorado dos Espiritos ce-  
lestiais posto de giolhos diãte dos  
homens, para lhes lauar os pês.

Cantic. 2  
&6.  
Cant.7.  
Sot. Ma.

Cont. triũ  
Patrum.

[113v]

## DISCURSO TERCEIRO

*Et caena facta, &c. surgit a caena, & ponit vestimēta sua: & cum accepisset linteum praecinxit se, deinde misit aquam in peluim, & caepit lauare pedes, &c.*

5

**T**Res ceas celebrou Christo hoje, a legal, a cõmum, & a Sacramental. Na primeira comeo o cordeiro Paschoal com seus discipulos. D'esta cea se passou ao lauar dos pês a seus discipulos, para a qual desprio suas vestiduras, & se cingio com hũa toalha, lãçou agoa em hũa bacia, & começou a lauar os pês dos discipulos, & acabou o lauatorio se assentou â mesa com elles, onde lhes praticou a cerca do q̃ tinha feito, & celebrou a cea commũ, estãdo assentado cõ seus discipulos, na qual juntamente fez o incruento sacrificio, & o admirauel conuite de sy mesmo. O que bem se infere dos Euangelistas, dos quais São Matthaus diz, *Vespere autem facto discumbebat cum duodecim discipulis suis, & S. Marcos affirmama, & discumbentibus eis, & manducantibus, & S. Lucas diz: & cum facta eſet hora, discubuit, & duodecim Apostoli cū eo.* O que se deue d'entender da cea commũ, pollo qual disse Christo, *Qui intingit mecũ manum in paropside, hic me tradet:* porque como o metter Iudas a mão no prato com Christo fosse estando todos comẽdo assentados com Christo, hase d'entender da cea, & manjar commum, ao que acrecentou Christo a cea Sacramental, & o manjar de seu corpo. E o lauarlhe os pês primeiro q̃ se lhes desse a comer, foy insinarnos a pureza das obras, & dos pensamentos, que este Sacramento auia mister para se receber fructuosa, & diuidamente.

Exod.12

Matt.26

Marc.14

Luc.22

E particularizando os segredos d'esta profunda humildade digo, q̃ quando Deos quiz crear o mundo foy com poder, & magestade, mas hoje que o quiz acabar de o reformar de nouo, foy cõ baixeza, & humildade. Este he o argumento do Psalmo que começa, *Dominus regnavit decorem indutus est: indutus est Dominus fortitudinem, & praecinxit se:* onde falla Daudid do Reyno, & Imperio que Deos tem no mundo, & de como o creou, & reformou. E isso como? *Decorem indutus est: indutus est Dominus fortitudinẽ, et praecinxit se.* vestindose de fermosura, & poder, creou Deos o mundo de nada. *Induere aliquid est copiose possidere,* conforme ao lugar de S. Paulo, *indutmini Dominũ Iesum Christum.* Nas quais palauras S. Paulo nos aconselha que nos vistamos de Christo, quer dizer que tememos d'lle posse, & nos trãsfornemos nelle, imitandoo nas obras: porque assi como quem veste hum vestido, o enche, & se senhorea, & toma d'elle posse, & o encorpora em si, não d'outra maneira, o vestirse hũa alma de Christo, he retratalo, & encorporalo todo. E o dizer Daudid que Deos na criação, & reformaçã do mũdo se vestira de formosura, & de poder, & fortaleza, foy como se dissera: *Ad creandum, & renouandum mundum induit se multo decore, & maxima fortitudine.* Cõ tudo esta grãde formosura, & fortaleza na creaçã foy diferente da formosura, & fortaleza da reformaçã: porque o de que se vestio

Psal. 92.  
Geneb.

Rom.13.

[114r]

para crear o mundo, foy magestade, poder, & formosura, mas a fortaleza de que se vestio para o reformar, foy fraqueza, baixeza, & humildade. *Cum accepisset linteum, praecinxit se.* Na creação cingiose de poder na reformação de fraqueza. *Etenim firmavit orbem terrae, qui non cōmovebitur.* No Hebreo. *Etenim correxit orbem terrae qui non cōmovebitur.* Cõ magestade fez o mũdo de dura, cõ humildade o reformou. E com razão porq̃ para crear hũ mundo, q̃ d'antes, nenhum ser tinha, auia mister poder: mas para reformar hũ mũdo que se tinha leuãtado, & ensoberbecido com esse ser, que lhe tinhamo dado, era necessaria humildade, para com ella se amezinhar essa soberba. Ouuese Deos como medico perito, que cura hum contrario com outro, como Santo Agustinho ponderou, dizendo: *Sapientia Dei de more medici periti vsa est in curandis hominibus. Et quemadmodum medici cum aligant vulnera, non in composite, sed apte id faciunt, vt vinculi vtilitatem quaedam pulcrito consequatur: sic medicina sapientiae per ominis susceptionem ac cõmodata est vulneribus, de quibusdam contrariis curans, & de quibusdam similibus.* Asy como o cirurgiãno no curar, & atar das feridas não só applica as mezinhas necessarias, curando hũ contrario com outro, o frio com o quente, & o quente com o frio, & o humido com o seco, mas as vezes com cousas semelhantes, porque a ferida comprida applica hũ pano comprido, a ferida redonda, hum pano redondo, a quadrada quadrado, & juntamente ao atar das feridas poem as ataduras com ordem, & concerto, não sem elle, para que alem do proueito principal que se †[.]etende, qual he a saude pareça o official concertado, & atillado no curar, & a mezinha não

só seja vtil de dentro, mas lustrosa de fora: assi a diuina Sabiduria nos curou com hũas cousas semelhantes, & com outras contrárias, seruindonos o mesmo Filho de Deos de medico, & de mezinha. Adoecemos de soberba, *humilitatem adhibuit ad sanandum*, diz o Santo. Fomos enganados em Eua cõ astucia da serpente, sarounos Deos com a humildade do Euangelho, quanto ao parecer do mundo, sendo assi que era elle a Sabiduria do Ceo. Vsamos mal da immortalidade, q̃ em Adão se nos começaua a conceder, d'onde naceo morrermos, vem Deos a terra faz se homẽ mortal, para q̃ vsando bem d'essa mortalidade, com ella nos merecesse a vida. *Exemplo virtutum eius vitia nostra curantur.* Com suas virtudes sarou os nossos vicios contrarios a ellas. Nem menos nos curou com remedios semelhantes, hũa morte sarou com outra, a nossa carne com a sua: hũa mulher foy causa de nossa perdição, por meyo d'outra nos reparou. E este era o melhor remedio para reformar hum mundo soberbo, applicandolhe mezinha tão humilde, como era lauar pês.

Postrado Christo de giolhos diante de seus Discipulos, começarão aquellas diuinas mãs a lauar os baixos, & humildes pês, & a reformar, & purificar o homem, começando pello mais infimo d'el le. Querendo S. Paulo encarecer aos de Galacia o amor, com que lhes escreuia, & o desejo, que tinha de lhes persuadir, que era acabada a Circuncisão diz: *Videte qualibus literis scripsi vobis mea manu.* O que ponderando São Crysostomo diz que o encarecimento esteue em que escreuendo Saõ Paulo aos outros pouos por mãõ alhea,

*Idem.**Idem.**Galat. 6.**Chrys. in hũc locũ. to. 4.**Ioann. 13.**Aug. Li. 1 de Doctr. Christ. & ser. 3. de Annunt. to. 10*

[114v]

& assinandose somente ao pê das  
 cartas, como consta da que escre-  
 veo aos Romanos, onde diz, *saluto*  
*vos ego Tertius, qui scripsi epistolam in*  
 5 *Domino*, com tudo aos de Galacia es-  
 creueo toda a carta por sua propria  
 mão. E a razão foy porque como  
 leuantauão a S. Paulo que era lu-  
 deo na realidade, mas que fingia  
 10 não o ser, quiz por sua propria mão  
 escrever cõtra a Circuncisaõ, pa-  
 ra que entre elles ficasse hum teste  
 munho de sua letra, como essa  
 Circuncisaõ era acabada. Pois se  
 15 S. Paulo encareceo a materia em  
 que escriuia, em escrever sobre el-  
 la cõ sua propria mão, quaõ gran-  
 de encarecimento assi de humil-  
 dade, como da importãcia de nos-  
 20 sa saluação foy lauar Deos pêa  
 homens com suas proprias mãs.  
 Se na differença d'escrueer mo-  
 strou São Paulo a diferença do  
 amor, & quanto mais a amaua aos  
 25 de Galacia, que aos outros, quaõ  
 grande foy o amor que mostrou a  
 seus discipulos em lhes lauar os pêa  
 com suas proprias mãs? Tanto  
 maior foy este amor, quanta diffe-  
 30 rença hia de escrever cartas, a la-  
 uar pêa & de Paulo que escriuia, a  
 Christo que lauaua. E acrecenta  
 São Chrysostowo, que o mãdar S.  
 Paulo advertir para as letras da  
 35 carta, dizendo *videte qualibus litteris*,  
 não foy mandar olhar para a bon-  
 dade & grãdeza das letras mas pa-  
 ra a ruindade d'ellas, porque escre-  
 uendo São Paulo mal, & fazendo  
 40 ruim letra, por amor do qual escre-  
 uia por mão alhea, fazẽdo somẽte  
 o seu sinal, com tudo assi a neces-  
 sidade da materia, como o amor q  
 tinha aos Galatas o obrigara a es-  
 45 creuer aquella carta por sua mão.  
 Amaua S. Paulo a quem escreuia,  
 mas não podia nelle o amor fazer

cõ que escreuesse boa letra, & inda  
 que as cousas eraõ boas, não tinha  
 50 boa mão para escrever bem: mas o  
 amor em Christo tinha boa mão  
 para lauar pêa. Como os trataria,  
 & lauaria bem: quaõ bem laua-  
 dos ficariaõ com mãs, que tão bo  
 55 as letras fazião, & tambem sabião  
 lauar. S. Anselmo diz que o man-  
 dar São Paulo que advertissem na  
 carta, & nas Letras, & palauras d'el-  
 la, foy lembrarlhes a importan-  
 60 cia da materia em q̃ lhas escreuia.  
*Vt confiderent, & inteligant quam profun-*  
*da Sacramenta, & quam rationabilia, vel*  
*vtilia monita contineantur in litteris huius*  
*epistolae.* Como se dissera: *videte quali*  
 65 *epistola, quam spirituali, quam vera, quam*  
*rationabili scripsi vobis correctionem, ma-*  
*nu propria.* Peçouos, & encomendo-  
 uos muyto que cõsidereis os my-  
 sterios, & segredos que uão encer-  
 70 rados nesta carta, & quaõ prouei-  
 tosos, & cheos de razão saõ estes  
 conselhos, que nella vos dou: &  
 pello conseguinte com quaõ espi-  
 ritual, & verdadeira, & racionauel  
 75 carta tratto de reprehẽder os vicios  
 que achey em vós. Esta aduertten-  
 cia pedio Christo a seus discipulos  
 da humildade, & dos segredos, &  
 mysterios d'este lauatorio nas pa-  
 80 lavras q̃ disse: *Scitis quid fecerim vobis?*  
*si ergo ego laui pedes vestros Dominus, &*  
*Magister: & vos debitis alter alterius lauare*  
*pedes. Exemplum enim dedi vobis, vt quem-*  
*admodum ego feci, ita vt vos faciatis.* Esta  
 85 obra está chea de exemplos, auisos,  
 & advertencias diuinas, de Santos  
 segredos, mysterios sagrados, pro-  
 ueitosos conselhos, racionauéis  
 amoestações: o que tudo nos está  
 90 pedindo hum grande agradeçi-  
 mẽto. Nesta obra nos esta insinãdo  
 este Señor o amor, & a caridade, do  
 qual hũs cõ os outros deuemos vsar.  
 Esta humildade está condẽnando

*Ansel. in*  
*cap. 6.*  
*ad Gala.*

*Chy. Ibi.*

*Ioan. 13.*

nossa soberba, sua mansidão nossa aspereza, seu sofrimento nossa impaciencia.

Que lagrimas derramaria Christo sobre os pés dos discipulos, as quais seruirião tambem de agoa para os lauar. O lagrimas diuinas sobre pés humanos, & em obsequio d'elles empregadas. Querêdo São Ioaõ encarecer o mimo, com que os Santos seriaõ trattados em entrando no Ceo, diz que lhes enxugaria Deos as lagrimas dos olhos: achando q̃ era grãde encarecimento de amor, ennobrecer Deos tanto lagrimas de homens, que as tomasse nas mãos: mas agora vemos tudo trocado, que dantes viamos lagrimas de homens nas maõs de

Apoc.21.

20 Deos, hoje vemos lagrimas diuinas derramadas sobre pés dos homens. Dariaõ estas lagrimas não so nos pés, mas nos corações dos bons discipulos, & os enterneceria de maneira, que tambem derramarião muytas, que acõpanhassem as de Christo, & as ajudassem a lauar. As de Iudas faltarão, o qual tão duro estaua como sempre. E 30 imagino a este Senhor posto de giolhos diante d'elle, beijandolhe os pés, que tinha em suas mãos, & olhando para elle dizerlhe, que já que o demonio tinha tomado posse de hũ coração, que para bem ouuera de ser seu, se quer aquelles pés lhe desse para os lauar & beijar.

#### DISCURSO QUARTO

40 *Caenantibus autem eis, accepit Iesus panem, & benedixit, ac fregit, deditque discipulis suis, & ait: Accipite, & comedite. Hoc est corpus meum. Matth. cap. 26.*

45 **A**Pos o lauatorio dos pés se se guio a cea commum, como já dissemos, & como se colige das palauras, *Caenantibus autem eis*, na qual instituyo Christo a cea de seu corpo & sangue debaixo das especies de pão & de vinho que na mesma auia, do que se aproueitou para a instituição d'este Sacramêto santissimo de seu corpo. E pareceo-me bem seguindo a concordia dos 55 Euangelistas a pontar as palauras na quais se contê a a instituição da Santissima Eucharistia, por quãto della em particular não faz menção o Euangelista S. Ioaõ, saluo se 60 dissermos que fallou nella quando trattou do amor de Christo como de effei†[...]m sua causa quando disse: *in †[...]em dillexit eos*. As quais palauras, & em particular a palaura, 65 *in finen*, como signifique vittoria, ou

triũfo, & seja muyto vsada nos titulos dos Psalmos, em particular naq̃lles, q̃ cõtê algũa abalisada vittoria, que por beneficio de Deos se alcãçasse, ou fosse de inimigos spirituais, ou corporais, ou trabalhos como se pode ver nos Psalmos de Daud, o *diligere in finem*, significa o 75 triũpho, q̃ o amor de Christo alcãçou da mesma morte. Porq̃ inda q̃ a morte vêceo a Chrsito, & lhe tirou a vida, com tudo a morte foy vencida do amor d'este Senhor: o 80 qual ordenou hum Sacramêto, no qual elle mesmo, morrendo, ficasse viuo, & inteiro, para d'elle nos lograrmos, & o posuirmos de feição, que inda que a morte pozesse 85 termo a vida, o não pozesse ao amor.

Receou Christo que morrendo elle, morressem em nôs todas as

[115v]

lembranças das obrigaçoens em  
que lhes estauamos, & nos persua-  
dissemos, que em elle morrer se  
acabaua toda a dependencia, que  
5 d' elle tinhamos, nem nos podia já  
ser bom: acode este Senhor com  
este sacrificio, como se dissera que  
não temessem, por mais que o vis-  
sem morrer, que inteiro & viuo  
10 ficaua, nem perdiaõ seruo, nem a-  
migo. He este pensamêto de Guer-  
rico Abbade quando diz: *Ne verearis*  
*ex morte serui damna seruitij eius pati, etiã*  
*comestus, & bibitus manebo tibi integer, &*  
15 *uiuus, seruiamque vt prius. Si in captiuitatẽ*  
*ductus aut venundatus es ecce vende me, te-*  
*que precio mei, vel me ipso precio redime*  
*&c. Si infirmaris, & mori times ego mo-*  
*riar pro te, vt de sanguine meo tibi conficias*  
20 *medicamenta vitae.* Não temais em  
me ver morrer, porque nada per-  
deis comigo morto de quanto in-  
teressaeis, quando me tinheis vi-  
vo, porque taõ bom vos hey de ser  
25 despois de morto, como quando  
viuia entre vos: porque inda que  
morto, & quero que no Sacramẽ-  
to me comais, nelle com tudo fico  
viuo, & inteiro para que vos sir-  
30 uais de mym, & vos aproueiteis  
como d' antes. Se vos prenderem,  
ou cattuarẽ, ou pozerem em pre-  
gão, hay fico para preço de vosso  
resgate. Se adocerdes, & recear-  
35 des a morte, neste Sacramento  
fico para d' elle tirardes mezinhas  
de vida. Se teuerdes fome, hay me  
deixo por manjar vosso: não ima-  
gineis que porque morro, deixo  
40 de prestar para vos servir: que in-  
da que o mundo me estime em tão  
pouco, que contratte sobre mym  
para me vender, & cõprar como a  
escrauo, sempre daraõ por mym  
45 trinta dinheiros, com os quais se  
compre hum campo para sepultu-  
ra vossa: para que entendays, que  
por mais que morra, não morro

Guerric.  
Abb. ser.  
I. dera  
mis pal.

para vós, antes fico viuo para vos  
50 aproueitar. Ioseph quando morreo  
mandou que o enterrassem em E-  
gypto, não para que morto fizesse  
nouveis bens aos Egypcios, que mal  
os poderia fazer tal em estado:  
55 mas para que os mesmos Egypcios  
a seu corpo morto, & a os seus os-  
sos agradecessem as merces rece-  
bidas, fazêdo por amor d' elle bem  
aos Hebreos: & por mais que fez  
60 não se pode deixar viuo no Eryp-  
to, mas morto: porem Christo  
morrendo, deixase no mundo mor-  
to, & mais viuo: morto no sepul-  
cro, viuo no Sacramento: naõ pa-  
65 ra que os homẽs lhe fação bem mas  
para que elle faça bem a esses ho-  
mens.

Gen.50.

Chama Hubertino a este sacri-  
ficio: *Memoriale suae seruidae charitatis.*  
70 Conforme á pessa, que quem mor-  
re vos deixa, entendeis o quanto  
em vida vos amaua: a pessa que  
Christo morrêdo nos deixou foy  
a si mesmo, em lembrança da fer-  
75 vorosa caridade, com que nos a-  
maua. E S. Vrbano Papa encare-  
cendo esta liberalidade, de q̃ Chri-  
sto com nosco vsou, diz: *Liberalitas*  
*singularis vbi donator venit in donum.* Ad-  
80 mirauel, & singular liberalidade ja  
mais vista foy a deste Senhor o  
qual até de sy fez dadiua para nós.  
E a quem se deu? aquem de deixou?  
Aos Christãos, aos quais São Cy-  
85 priano chama os herdeiros do Cru-  
cificado, *Crucifixi haeredes.* E Matthe-  
us Bispo Vvermacense os nomes  
q̃ põe a este santissimo Sacramẽ  
to, saõ *Redemptionis memoriale, dulcissi-*  
90 *mum dignus haereditatis aeternae, future io-*  
*cunditatis amabile praeludium arrha spõsae,*  
*iocale diuinũ caeltus ei donatũ, Ecclesiae mi-*  
*litãtis cũ triũfãte suaue glutinum, & vnio*  
*fraterna: dum cadẽ dulcedinem, quã illa frui-*  
95 *tur sine velamẽto, ista habet sub sacramẽto.*  
*Veritas ibi reuelata, hic paliata. Et si illa Ie-*

Hubert.  
apud  
Guerric.  
de Euch.

Urb. Pa.  
Ibid.

Cypri de  
Cae. Do.

[116r]

*rusalem caelestis habet Deum suum iocūdius  
ista militans in terra habet eum mirabilius.*

He este Sacramento hum memo-  
rial de nossa redemção, penhor da  
5 herança da gloria, huns ensayos da  
bemaumenturança. Ensayanos Deos  
nesta vida comendoo, para lâ o  
lograrmos vendoo, & conhescen-  
doo. He mais este Sacramêto hūas  
10 arrhas que Christo deu a Igreja es-  
posa sua. A diferença que há entre  
o penhor, & a arrha he ã o penhor  
tornaylo a dar, quando vos tornão  
a dar o porq̃ vos estaua empenha-  
15 do: mas a arrha he parte do dote,  
& sempre fica sem se tornar a quẽ  
a deu. Este Sacramento he parte  
do dote do Ceo, & da gloria, que  
Deos tem quardado â sua Igreja  
20 militãte, para lho dar quando for  
triumphãte. He hūa pessa diuina,  
que o Esposo deixou a sua esposa pa-  
ra se entreter com ella, & lhe ser-  
uir de remedio das saudades. He o  
25 com que se vnem a Igreja militan-  
te com a triumphante: porque o  
mesmo Deos, que lograõ os Santos  
no Ceo, comemos nos cá na ter-  
ra encuberto neste Sacramento:  
30 lâ sem uelame. No Ceo possuem  
os bemaumenturados esta verdade  
clara, nos cá na terra debaixo das  
especies Sacramentais. A Igreja  
triumphante possui a Deos com  
35 mais abundancia de gosto, pois o  
vê descoberto: a militante o logra  
de hum modo mais espantoso de-  
baixo das especies de pão & vinho.  
E Drogo Bispo Hostiense diz, que  
40 nos ficou este Sacramento para  
augmento, & perfeição de nossa  
affeição, & para remedio das sau-  
dades que as ausencias de Deos  
nos causassem. *Ecce sublatus es: amplius*  
45 *se non videbit tuus Elizaeus: remansit tamen*  
*ei pali†[.]m tuum in memoriã tui, vt praesen-*  
*tia †[.]entiae tuae dolorem eius semper augẽdo*  
*le†[.]&, leuendo augeat: palium tuũ caro*

*Drogo E  
pisc. Hos.  
apud Gua-  
retium de  
Euchar.*

*est.* Chama este Doutor nestas pa-  
50 lauras a Christo o nosso Elias, que  
se ausentou de nos, & a nos o Eliseo  
de Cristo, a quem deixou este Sa-  
cramento, assi como Elias deixou  
a sua capa a Eliseo, & fallando cõ  
55 Christo diz: ausentastes uos Senhor  
do mundo com outro Elias, para  
que vos não visse mais o vosso Eli-  
seo, que he a vossa Igreja: com tu-  
do deixastelhes vossa carne & san-  
60 que em Sacramento, para que ten-  
doo comsigo se não esquecesse  
nunca de vós antes no meyo de  
tanta ausencia vos teuesse sem-  
pre presente: & assi como a capa  
65 que a Eliseo ficou remedeaua hūas  
saudades causando outras assi a as-  
sistencia vossa neste Sacramento,  
ficando vos presente às almas, &  
ausente aos olhos, aleuiãsse as sau-  
70 dades de vos não verem os olhos,  
causando outras maiores nas al-  
mas de vos irem ver ao Ceo: & a  
vossa presença de tal maneira nos  
consolasse que também nos affligis-  
75 se, inquietasse com o desejo de vos  
ver: & esta inquietação de desejo  
juntamête nos consolasse & aquie-  
tasse por ser por respeito vosso: por  
que so aquellas almas deuem de vi-  
80 uer quietas, que se inquietaõ por  
ver Deos. Este memorial nos està  
lembrando de continuo as merces  
de Deos & nossas obrigaçoẽs: este  
Sacramento nos lembra que so-  
85 mos feitores de Deos, não senho-  
res do mundo, & nos ensina o que  
nos releva crer, & obrar. Com este  
milagre ficão todos os mais criueis  
& faceis. Lembranos a humildade  
90 de Christo, o qual todo se poz em  
hūa pequena hostia, & juntamête  
a caridade de Deos, que nunca ne-  
ste Sacramêto se nega por pecca-  
dores ã sejamos: estanos arguindo  
95 do pouco ã o amamos, & mostramos  
sua liberalidade & nossa escaceza.

[116v]

Vemos finalmente neste Sacramẽto o continuo desejo, que Deos tẽ de nos purificar, & fazer Santos.

E concludo esta materia dizen-  
5 do, que he Sacramento de amor,  
assi do que Christo nos mostrou a  
nos, como do que he bem que lhe  
nos tenhamos a elle, por quanto o  
instituiu, para com elle, como com  
10 hum bocado, nos affeiçoar a sy.

Osee.11. Este he tambem o sentido das pala-  
uras do Propheta Oseas, *In funiculis*  
*Adam traham eos, in vinculis charitatis*: as  
quais diz o Propheta no capitulo

15 vndecimo, o qual inda que se en-  
tenda da liberdade do pouo quan-  
do Deos o libertou do Egypto, cõ  
tudo S. Mattheus o entende tam-  
bem da liberdade espiritual dada

Matt.2.

20 por Christo aos da ley da Graça  
quando entende as palauras *Ex Egy-  
pto vocavi filium meum*, da estada do  
minino Jesu em Egypto, para onde  
o S. Ioseph o leou com sua bendi-  
25 tissima May per ordem, & auiso  
do Ceo, do qual Egypto foy outra  
vez leuado para a terra de Israel  
por mandado de hum Anjo, que  
tornou apparecer ao S. Ioseph des-  
30 pois de morto Herodes: & assim  
explica São Mattheus o lugar do  
Propheta, *Ex Egypto vocavi filium meum*,  
quasi se aja d'entender de quando  
o minino foy tirado do Egypto.

Osee.11.

35 para a terra de Israel. E fallando  
Deos pello mesmo Propheta Oseas  
de quão differẽtemẽte seriaõ trat-  
tados os da ley da Graça, que os  
da ley velha, sem embargo que a  
40 estes trattaua elle como se fora  
seu Ayo, & pedagogo, & elles mini-  
nos & crianças de colo, & quão  
differentemẽte os da ley noua res-  
ponderião as suas obrigações, & se  
45 deixarião prender, & rẽder d'ellas,  
sendo assi que o pouo d'entaõ nem  
o nome sabia às obrigaçoens, nem  
estimauão a cura, que nelles fezera

liurandoos das idolatrias, acrecẽ-  
ta: *In funiculis Adã traham eos, in vincu-  
lis charitatis*. Onde o nosso vulgar diz  
Adã, Symmacho, & Aquila lẽ *hominũ*:

Symach.  
Aquill.

55 porq̃ no Hebreo, Adão he o mes-  
mo que homem. Como se dissera  
Deos: trarey os homẽs a mym cõ-  
as cordas dos homens, & afeiço-  
loshey cõ as ataduras da caridade.  
60 Per homens se entendem os Etni-  
cos, & Gẽtios entre os quais os Is-  
raelitas esteuerão catiuos, & dos  
quais aprenderaõ não só idolatrias  
mas feitiçarias, & supertições: en  
65 tre as quais hũa d'ellas era, q̃ quan-  
do queriaõ acabar com que hũa  
pessoa quizesse bem a outra toma-  
uão certos cordeis de seda, ou de  
lam, & estes de varias cores, & com  
70 elles cercauão o altar do Idolo, &  
andando ao derredor com elles, os  
hião atando hũs com o outros, di-  
zendo certas palauras, para que assi  
se vnissem os animos como os  
75 cordeis se atauão, os quais se cha-  
mauão as ataduras de Venus. O  
qual costume auia tambem entre  
os Romanos, & d'elle faz menção  
Virgilio nas suas Eglogas quando  
80 diz.

*Terna tibi haec primũ triplici diversa colore*  
*Lycia circumdo, terque haec altaria circum*  
*Effigiem duco, numero Deus impare gaudet.*  
*Necte tribus nodis termos Amarili colores.*  
85 *Neste amarili modo, & veneris, dic vincula*  
*necto.*

Eglog.8.

E por ventura q̃ a este costume  
alludio Origenes, quando fallãdo  
dos amigos de Iob, os louua dos  
90 meyos, que tomarão para o conso-  
larem, que foraõ boas palauras, &  
razoẽs, naõ supertições, nem fei-  
tiçarias, dizendo: *nom quaerentes male-  
ficia, neque auguria, neque diuinationes, ne-  
que phylacteria, neque lamellas, neque incã-  
tationes dãnabiles*: onde a palaura *phy-  
lacteria*, he nome Grego, & na lingua  
Latina he o mesmo que *conseruato-*

Orig. lib.  
3. in Iob.

[117r]

rium, que quer dizer tudo aquilo  
que conserua algũa cousa. E d'a-  
qui vem que os pergaminhos, ou  
taboas em que os Phariseos tra-  
5 ziaõ a ley escrita se chamaõ Phylacteria *id est conseruatoria*: porõ con-  
seruaõ a ley: & os cordeis com õ  
estes purgaminhos estauõ atados  
ou na cabeça, ou nos braços, se cha-  
10 mauõ tambem Phylacteria, como  
tambem todas os beberagens que  
se tomãõ para conseruar a saude,  
ou preseruar da doença: que a pa-  
laura Philacteriũ nada d'isto signi-  
15 fica de si, mas tudo aquilo cõ õ  
algũa cousa se cõserua: & Genebrar-  
do, que foy o que acrescentou as o-  
bras de Origenes, explicando que  
queira dizer Philacteria naquelle  
20 lugar de Origenes, diz: *Phylacteria  
erant ligaturae maleficiorum*, que Phyla-  
cteria erãõ certos cordeis com que  
se faziãõ feitiços. Diz pois Deos  
per Oseas alludindo a este custu-  
25 me: assi como liurey o meo pouo  
do catiueiro do Egypto, assi liura-  
rei os homẽs do catiueiro dos pec-  
cados por meyo de meu Filho, que  
tambem irã a Egypto, & d'elle o mã  
30 darey tornar à terra de Israel, para  
nella obrar a redemçãõ: & não te-  
raõ comparaçãõ os mimos que fiz  
ao meu pouo no deserto com os õ  
farey aos homẽs na ley da Graça:  
35 porque se então vsaua com elles de  
prouidencia de Ayo, mãdando vir  
Mãna do Ceo: na ley noua eu serey  
o seu Manna, & o seu mantimẽto.

*Et ero eis quase exaltans iugun super maxil  
Osee.11. 40 las eorum: & declinaui ad eum, vt vesceretur  
id est declinaui ad eũ cibos*, como adver-  
te Symmacho, & S. Ieronymo diz:  
*dedi eis escam*. Assi como ao boy quã-  
do querem que trabalhe lhe poem  
45 o jugo, & o barbilho: assi aos ho-  
mẽs ¶[.]rei hum jugo, com o qual os  
o¶[.]igarei a serem bõs: o qual sera  
que me farei homem, & me acom-

modarey a sua necessidade de ma-  
50 neira, õ me farey seu proprio mã-  
jar, para que me comãõ: ou, assi co-  
mo o laurador, que ao seu boy trat-  
ta com amor, & não quer que sem-  
pre trabalhe, mas que de quando  
55 em quando descance, lhe tira o ju-  
go do pescoço, & o barbilho do ro-  
sto, assi tirarey o jugo ao meu po-  
uo, & o barbilho com que o senho-  
reuaõ as outras naçoẽs, & lhe offe-  
60 recerey o mantimento, assi como  
o laurador faz ao boy despois de  
tirado o jugo, que serey eu mesmo.  
*In funiculis hominum traham eos, in vincu-  
lis charitatis*. Estas seraõ as cordas, &  
65 as inuençoẽs com que affeioarey  
os homens a mym, naõ cõ feitiça-  
rias, & supertiçoẽs, de õ os Gẽtios  
vsauaõ para affeioarem hũas pes-  
soas a outras: mas vsarei de hũa in-  
70 uençãõ melhor, com a qual os en-  
feitiçarei de maneira que me quei-  
rãõ bẽ. *Et declinaui ad eũ, vt vesceretur  
id est, excantabo eos vi cibi, quem illis prae-  
bebo qui linguam eorum fraenaturus est*.  
75 Desencantarey os homens para os  
affeioar a mym com hum bocado  
que lhes darey: tomada a semelhã-  
ça do vosso modo de fallar quãdo  
dizeys que certa pessoa deu hum  
80 bocado a outra para lhe querer bẽ.  
O bocado õ eu der, diz Deos, te-  
ra força para refrear os homẽs de  
todos os males, & em particular da  
gula, em õ nosso primeiro pay ca-  
85 hio como Teophilato explica, di-  
zendo em pessoa de Deos: *Et declina-  
ui ad eum deferens caelum, vt cum eis habita-  
rem: & assumpta hominis forma dedi eis escã  
corporis mei*. Da mesma maneira ex-  
90 plica Roperto Abbade este lugar  
do diuinissimo Sacramento cha-  
mando a Deos feito homẽ, & man-  
jar nosso, cordas, & ataduras de a-  
mor, para assi comsigo mesmo, fei-  
95 to bocado nosso, remedear, & re-  
frear todos os vicios, & nos obri-

*Teofi.  
apud. Gl.  
Ordin. in  
cap.11.  
Osee.  
Ruper.  
Abb. in  
Oseam.*

[117v]

gar que o amassemos pois o comia  
mos conforme ao lugar de S. Ioaõ.

*Ego sum panis viuus qui de caelo descendi.*

Nem he inconueniente que o Es-

5 piritito Santo alluda a hum custu-  
me mau & superticioso, pois ve-

mos que nos Cantares vsa o mes-  
mo Espirito Santo da mesma allu-  
são, quando fallando a Esposa com

*Cantic.8* 10 o seu Esposo diz: & *dabo tibi poculum*  
*Sot.* *ex vino condito, & mustum malorum grana-*  
*Matt.* *torum meorum.* Nas quais palauras al-

lude a Esposa ao costume dos amã  
tes prophanos, os quais para conci

15 liarem os animos das pessoas, a que  
querẽ bẽ, lhes dão beberagens, tẽdo

para sy que cõ isto cõciliaõ amor:

e vsaõ de feitiços para affeiçoarẽ

as vontades: não que a Esposa de-

20 terminasse, nem desejasse de vsar  
de semelhantes inuenções para af-

feiçoar a si o seu Esposo, mas foy en

carecimento no qual quiz dizer, al

ludindo ao costume prophano, q se

25 vira o seu Esposo feito homem lhe  
ouuera de fazer tantos mimos, fa-

uores, & seruiços, q a poder d'elles o

ouuera de enfeitiçar, & fazer com q̃

30 lhe quizesse muyto. Do mesmo mo

do de fallar vsa Deos por Oseas,

quãdo diz: *Propter hoc ecce ego lactabo*

*eam, idest decipiam blanditis ad me alicien*

*do.* E se ouermos de explicar as pa

35 lauras & *dabo tibo poculũ &c* dos amo

res d'alma com Deos, ou da Igreja

com Christo, querẽ dizer, que a po-

der de virtudes, & boas obras, auia

de enfeitiçar, & affeiçoar assi o seu

40 Esposo, & o seu Deos, & obrigalo

cõ seruiços a que lhe teuesse muy

to amor: por quanto para Deos os

melhores feitiços, & beberagẽs saõ

as santas virtudes, como Dionysio

45 Areopagita diz. O q̃ tudo disse em

confirmação do lugar de Oseas se

auer d'entẽder da promessa do Sa-

cramento do altar, o qual foy hum

bocado que Deos nos deu para nos

50 affeiçoar a si. A nossa cõta, & obriga

çãõ fica recebermos a este Senhor

cõ tanta pureza, & aparelho de vir

tudes, & boas obras que se dê este

Senhor por enfeitiçado de nos, &

55 obrigado a nos amar

*Osee.2.**Dionis.*  
*Areopa.*  
*epist. ad*  
*Titum.*

TRATTADO PRIMEIRO  
DA SESTA FEIRA DA  
PAIXAM DO DESCENDI-  
60 mento da cruz.  
DISCURSO PRIMEIRO.

*Cum ergo accepisset Iesus acetum, dixit: Cunsummatum est:*

*Et inclinato capite tradidit spiritum. Ioan 19.*

65

**E**Ra antiquamente

tambem aualiado

o gouerno dos La-

cedemonios, que

70 certa nação dese-

josa de se gouer-

narem pollas suas leys, lhes man-

daraõ hum Embaixador pedindo-

75 lhes por merce lhas quizessem mã-

dar mostrar, para se gouernarẽ por

ellas tambem. Tornando o Embai-

xador com a resposta, foy recebido

com o aluoroço que a materia†[.]

80 dia, & ao dia de se publicarẽ as leys

[118r]

se armou hum theatro, ajuntouse o Senado com todo o pouo esperando todos o por onde começaria no propor das leys, com que palauras 5 & encarecimentos trattaria da importancia, & preço d'ellas. Quando mais d'elle pendião os olhos, os desejos, & as esperanças, lançou no meyo do theatro hum cutelo, hũas 10 cordas, & hũs azorragues, & sã fallar palaura se sahio. Perguntando depois que nouidade, & termo fora aquelle de que vsara: respondeo que aquellas eraõ as leys dos Lace- 15 demonios, & que lhe parecera melhor mostralas aos olhos, que praticalas, & encarecelas: porque praticadas podiaõ esquecer, mas não vistas. Este conselho dà S. Chryso- 20 stomo aos pregadores, que são hũs Embaixadores do Ceo, explicãdo, & ponderando a determinação, q̃ a enueja nos Pontifices, & Phari- seos tomou, que Christo morresse, 25 porque fazia milagres: *Fletus iam tēpus est, & lacrymarū, & lamentationum.* Em dia de tão injusta sentença dada pella enueja, subão os pregadores ao pulpito, chorem, não fallem. 30 E se soa sentença taõ injusta merece tanto sentimento, a execução d'ella que hoje celebramos, quantas lagrimas merecera? He dia este de os pregadores subirẽ ao pulpito, & não a fallarẽ, mas a apontarem para Christo crucificado, & morto, & mostrarem suas chagas, & crauos aos olhos, & começarẽ a chorar, & a saluçar, & aprãtear no 40 mais. Se a sentença merece lagrimas, a execução d'ella merece prãtos. Quanto he para sentir ver que tão injusta sentença não teue appellação, nẽ agrauo, nem foy possiuel retratar-se: por quãto a justiça 45 da te†[..]a estava apaixonada contra C†[..]isto, & a do Ceo tinha entregue a nossas sem razões, para que

Chry.ho.  
63.in  
Ioan.

pagasse pellas culpas de todo o mũ 50 do. Bẽ merece este dia que calem as linguas, & fallẽ os olhos derramando lagrimas. *Viae Sion lugent eo quod non sint qui veniant ad solemnitatem,* diz Ieremias, fallando da destruição de Ierusalem, onde representa aos caminhos, que hião dar em Ierusalem, chorosos por quanto, destruyda Ierusalem, não auia quẽ por elles caminhasse como d'antes 60 a cellebrar as festas. Como se disse- ra fallãdo metaphorica, & hyperbolicamente: dous officios tem os olhos, ver, & chorar: & negando a natureza às pedras das ruas olhos 65 para verẽ, concedeu-lhos para chorarem. Pois se na destruição de hũa cidade as ruas estão tão sós, & mal asombradas, que parece estão chorando: & na morte de Christo os 70 sepulcros se abrẽ, as pedras se quebrãdo, a terra treme, o Sol se escurece, & todas as creaturas fazem demonstraçoẽs de sentimento: nossas almas, porque não desabafarãdo 75 com lagrimas. Veo o Sol a ver a Christo crucificado, & não o podẽdo ver eclipsouse. E pois o eclipse não foy por odem da natureza, o eclipsarse parece que foy hũa nuuem de lagrimas, que cobrio hum Sol, que era hũ dos olhos do mundo. Desfazemse as creaturas em pedaços, & em prantos: como se compadece olharmos com olhos 85 enxutos para hum Christo crucificado, o qual he a ley de nossa alma, o remedio de nossa vida.

Tren.I.

Ao sentimento dos mysterios d'este dia nos obriga, o fazernos 90 Deos Christaõs, eternos dado luz do Ceo para nos descontentarmos das leys da carne, & sangue: & desejarmos outras se melhores Lacedemonios, quais são as do Ceo para nos governarmos por ellas. Estas são as deshonoras, afrontas, cha-

[118v]

gas, crauos, & cruz de Christo, as  
 quais assi são ley de nossa alma, ã  
 tambem são mezinha de nossa vi-  
 da & quem de verdade estimar a  
 5 cura, que estas afrontas tem feito  
 em nos, infaliuamente viuera co-  
 mo ellas nos estaõ merecendo. Por  
 que as vistas d'aquellas chagas, &  
 crauos são brados viuos, que este  
 10 diuino Legislador, & medico nos-  
 so deu da cadeira da Cruz, que assi  
 lhe chama S. Augustinho, *catedra Ma-*  
*gistri docentis*, & inda hoje brada  
 nos coraçõs do seus escolhidos, &  
 15 mais pregou em breue espaço com  
 as cinco chagas, que em tres annos:  
 nem auerá olhos, que em paz se le-  
 uantem a uelo, que tornando sobre  
 si não façãõ hũa grande mudança  
 20 na vida. E quem mais vir, & pene-  
 trar, mais mudanças farà: & quem  
 nenhũa mudança fizer em si, faça  
 conta que nada vio. Os Serafins  
 que Isayas vio diãte do throno do  
 25 Senhor bradauão muyto, dizêdo:  
*Sanctus, Sanctus, Sanctus*, porque viaõ  
 muyto. que quem de Deos mais  
 vê, mais brada, mais ama, & mais se  
 espanta. E quem teuer muyto do  
 30 espirito do Senhor não trocará as  
 vistas de suas afrõtas, pollas de sua  
 gloria: porque inda que as appa-  
 rencias d'esta arguão nelle mayor  
 magestade, as vistas das afrontas  
 35 são para nos de maior misericor-  
 dia, & cõsolação. E ainda que com  
 a gloria de Christo se enchaõ as  
 medidas de nossas esperanças, cõ  
 as suas injurias se enxugãõ nossas  
 40 lagrimas, & aleuiãõ nossas penas:  
 por quanto nas de Christo estã a  
 fonte de toda a consolação. E co-  
 mo não viueremos nos cõsolados,  
 vendo que temos hum Deos, que  
 45 trocou sua gloria polla cõfusão de  
 hũa Cruz, que lhe merecerãõ nos-  
 sos peccados. Com esta troca de re-  
 forma minha alma, lendo eu ao

Augu. tra  
 ctat. 119  
 in Ioan.

Isac.6.

meu coração a ley de minha vida,  
 50 & a mezinha d'ella Christo, Cha-  
 ma S. Leão Papa a Christo morto  
 ley, & mezinha nossa, dizendo: *le-*  
*gem ergo viuendi nobis remedia nostra san-*  
*xerunt, & inde data est moribus forma, vnde*  
 55 *mortuis est impensa medicina*. Donde  
 nos naceo a mezinha de doença,  
 dahi nos procedeu a regra, & a ley  
 da vida. E este pacto fez o reme-  
 dio, ã Christo nos deu, com a nossa  
 60 necessidade, que se quizessemos ã  
 elle fosse saude nossa, auia de ser  
 tambem ley nossa. Porque mal se  
 poderà aproueitar da saude, que na  
 Cruz nos mereceo, quẽ se não su-  
 65 jeitar o todas as condiçoẽs. E ca-  
 pitulaçoẽs, que esta saude nos estã  
 pedindo & merecendo.

E inda que Christo, em pondo  
 os pês no mundo, logo come-  
 70 çou a entêder nesta saude, & liber-  
 dade nossa por meyo do preço de  
 suas obras, nunca esta saluação pa-  
 receo mais arriscada ao Iuizo hu-  
 mano, que hoje ã começou a arear -  
 75 com ella para a cõcluir: & a noite  
 passada, & amenham d'hoje foy o  
 tempo, em que o mundo para bem  
 ouuera d'estar nas maiores ago-  
 nias que nunca, pollo grande ca-  
 80 bedal que o demonio meteo, para  
 que Christo não morresse, como  
 ponderou S. Ignacio na carta que  
 escreueo aos Philippêses, onde diz,  
 ã tanto fez o demonio porã Chri-  
 85 sto não morresse despois que o vio  
 com o pé no estribo para a Cruz,  
 quanto dantes tinha feito por o  
 chegar aquelle estado. *Nam & ante-*  
*quã eßet crux, festinabat facere hoc, & ope-*  
 90 *rari in filijs dissidentiae: operatus est autẽ in*  
*vidia in Pharisaeis, in Saducaeis, in senioribus*  
*in inuenibus, & in sacerdotibus. Cum autem*  
*properaret, vt fieret, cõturbabatur, & postea*  
*desperationem immisit proditori, & laqueũ*  
 95 *ostendit, & suspendium cum docuit. †[...]*  
*lieri immisit timorem in somno ipso, contur-*

Leo Pap.  
 ser.7.de  
 Epip.

D.Igna.  
 ad Fil.  
 epist.

[119r]

*bans, & compescere tentans patibulū crucis.*  
 O demonio que d'antes persuadio  
 aos Pontifices, & Phariseos, & aos  
 Saduceos, & as turbas que mattas-  
 5 sem a Christo hoje fez todo o possi-  
 uel porque não morresse: porque  
 no fragante em que se aparelhaua  
 a Cruz para ser crucificado, anda-  
 va o mesmo demonio afadigado,  
 10 & fazendo alteraçõs, & bandorias  
 a fim d'estrouar a morte de Chri-  
 sto, receando que naquella Cruz  
 esteuesse a sua total perdição. Esta  
 foy a razão porque persuadio a Iu-  
 15 das q̄ se arrependesse publicamen-  
 te da venda, & tornasse o dinheiro  
 aos Pontifices, & finalmente se en-  
 forçasse, para que assi os inimigos  
 de Christo desistissem de o mattar.  
 20 Esta foy a razão porque inquietou  
 por sonhos a mulher de Pilatos, & a  
 meteo por adherencia a seu marido  
 para que não condemnasse Christo  
 à morte: o que tudo fez temêdo q̄  
 25 este Senhor triumphasse d'elle na  
 Cruz. O mesmo affirma S. Athana-  
 sio, dizendo: *Metuebat enim ne concen-*  
*dens altitudinem crucis, captiuam duceret*  
*captiuitatem, & dona caperet in hominibus:*  
 30 & mais abaixo diz: *Metuebat sibi diabo-*  
*lus, ne funditus interiret, & omnibus excu-*  
*teretur.* O fazer o demonio com que  
 os Iudeos promettessem a Christo  
 que crerião nelle, se descesse da  
 35 Cruz, & estes tratassẽ de metter  
 em desconfiança a este Senhor de  
 pouco poderoso pois podia dar vi-  
 da aos outros, & não a assi, foraõ  
 temores, que teue de que Christo  
 40 na Cruz lhe tirasse das maõs toda  
 a pressa, que tê então tinha ganha-  
 do, & ficasse de todo destruido.

Assi que como dizia á menham  
 de hoje, & a noite passada foy o tê  
 45 po, em que o mundo conforme ao  
 parecer humano podera estar re-  
 c†[....]de seu remedio, pollo muyto  
 f†[...],io, que o demonio fez para que

Christo não morresse: mas já ago-  
 50 ra vêdo nós a Christo pregado, &  
 morto na Cruz, estejam seguras nos  
 sas esperanças, & tenham por certo  
 o seu remedio, por quãto cõ Chri-  
 sto pregado na Cruz está arrecada  
 55 da nossa saluação, & feito tudo quã-  
 to he necessario para sufficientemẽ-  
 te a placar a Deos. Isto querem di-  
 zer as palauras *consummattum est*, as  
 quais montão tanto como se disse-  
 60 ra Christo que estaua tudo perfei-  
 to, & acabado quanto era necessa-  
 rio para aplacar ao Padre Eterno,  
 & o fazer propicio a nós por meyo  
 do sacrificio que elle como Sacer-  
 65 dote summo fezera de si morrêdo  
 no altar da Cruz: como se dissera:  
 homens estay descãados, & dayuos  
 por seguros, pois tenho feito tudo  
 quanto era necessario para aplacar  
 70 a meu Pay, & nesta Cruz como em  
 altar do mundo todo, fazendo eu o  
 officio de summo Sacerdote cõfor-  
 me a ordem de Melchisedech não  
 só me sacrificuey, mas morrendo  
 75 safisfarey por vos de rigor de justi-  
 ça. Isto declarou S. Paulo, quando  
 escreuendo aos Hebreos: diz assi:  
*Qui in diebus carnis suae preces, supplicatio-*  
*nesque ad eum, qui possit illum saluum face-*  
 80 *re a morte, cum clamore valido, & lacrymis*  
*offerens exauditus est pro sua reverencia.*  
 Nas quais palauras, como tambem  
 no capitulo nono, & decimo da mes-  
 ma carta mostra o Apostolo como  
 85 Christo cõ suas lagrimas, oração,  
 sangue, & morte, fazêdo sacrificio  
 de sy aplacou a Deos melhor do q̄  
 Aron fazia pollos filhos de Israel,  
 & cõ differente sacrificio dos que  
 90 se fazião, não sô no tempo da ley  
 de Moyses, mas muyto d'antes, co-  
 mo foy o sacrificio de Abel, o qual  
 aplacou a Deos, & alcançou d'elle  
 o que desejava, que foy aplacarse  
 95 Deos da ira cõcebida cõtra Adão  
 conforme o que diz Aquila, como

*Atan. de  
 pass. Do.  
 mini.*

*Heb.5.*

[119v]

colige das palauras, *respexit Dominus ad Abel, & ad munera eius*: ou como lê Teodocion: *inflammauit Dominus super Abellem, & munera eius*: o que não acõ-  
 5 teceo a Cain, o qual inda que sacrificou não aplacou a Deos, o q̃ elle bem entêdeo vendo que o fogo do Ceo abrasara o sacrificio de Abel em sinal de aceitação, & não ao  
 10 seu: o qual fogo era o sinal de Deos aceitar o sacrificios: tanto que já andaua em prouerbio que o fogo abrasando a cousa offerecida era sinal de Deos conceder o que lhe  
 15 pedião, conforme ao lugar de terceiro liuro dos Reys quando Elias disse aos cultores de Baal: *inuocate nomina Deorum vestrorum, & ego inuocabo nomen Domini mei, & Deus qui exaudierit*  
 20 *per ignem, ipse sit nobis Deus*: inuocayuos aos uossos deoses, & eu bradarey pollo meu, & aquelle, que mandando fogo abrasar o sacrificio offerecido, & mostrar que o aceita quei-  
 25 mandoo, seja adorado de todos por Deos. E que Deos por meyo do fogo mostrasse que aceitaua os sacrificios consta por muytos lugares da Escritura, por ora baste o do Le  
 30 uitico, que diz: *Egressus ignis a Domino deuorauit holocaustum, & o dos Iuizes, ascenditque ignis de petra, & carnes, azy- mosque panes consumpsit*. Pois se paës, carnes, & sangue de animais offere-  
 35 cidos de coração por Aron puro homẽ, & outros sacerdotes como elle podião tanto cõ Deos q̃ mereciã fogo vindo do Ceo em sinal de aceitação, os trabalhos, as lagri-  
 40 mas, a morte, & sangue de Christo Deos, & homem abrasado no fogo do amor dos homẽs quanto mais

mereceriaõ a aceitação do Pay em ordem à reconciliação nossa de ri-  
 45 gor de justiça. O qual argumento faz S. Paulo escreuendo aos Hebr. quando diz: *Si enim sanguis hircorum & taurorum, & cinis visulae aspersus sanctificat ad emundationem carnis: quãto magis san-*  
 50 *guis Christi, qui per Spiritũ sanctum semetipsum obtulit immaculatum Deo emundabit conscẽtiam nostram ab operibus nostris ad seruiendum Deo viuenti?* E por tâto não fica lugar aos hereges de ladrarem  
 55 dizendo que basta a Paixão de Christo para nos saluar, sem nos pormos da nossa parte algũa cousa mais que a confiança de nos saluarmos, sem applicarmos a nos es-  
 60 sa Paixão por meyo das virtudes obradas por virtude da diuina graça, & aproueitandonos dos Sacramentos, que são os instrumentos por onde se nos applicão os me-  
 65 recimentos de Christo, os quais Sacramentos lhe sairão do lado. Nem tambem lhes fica lugar de dizerem que pois Christo sacrificou por nós na Cruz não há para que  
 70 mais se sacrifique, por quãto Christo na Cruz nos saluou sufficientemente, & para esta sufficiencia ter efficacia em nos he necessario que nos aproueitemos d'ella obrando  
 75 bem mediante o diuino fauor, & a applicuemos a nós, por quãto seus merecimentos estão prompts & prestos para quãdo d'elles nos qui sermos aproueitar, rssi como a me-  
 80 zinha virtude tem para sarar, mas he necessario que se applique á cha ga & ferida, para que consigua o effeito que se pretende.

Hebr.9.

[120r]

## DISCURSO SEGUNDO

*Vnus militum lancea latus eius aperuit, & continuo  
exiuit sanguis, & aqua.*

*Bar.to.1  
Ann.n.  
132.  
Ber.serm  
de fer.4.  
hebd.pae  
nosa.*

5 **S**imão Metaphrastes, como o refe-  
re o Cardeal Baronio affirma  
que a Virgem Senhora nossa ao  
pé da Cruz com as outras santas  
molheres estauão recolhêdo o san-  
10 que & agoa que do lado cahia &  
lhes era possiuel. E acrecêta S. Ber-  
nardo que o dizer Christo *Consũma  
tum est*, primeiro que abaixasse a  
cabeça, & espirasse: foy darnos es-  
15 cusa, & razão porque morria. *Nihil  
restat implendum: iam nos est quod expe-  
ctem*. Morro porque não resta que  
fazer mais por vos em vida. A  
mesma razão da S. Agust. para Chri-  
20 sto dizer, *Consumattũ est* quando diz  
*deinde quia nihil remanserat: quod antequã  
moreretur fieri oporteret*. Como se dis-  
sera: se mais ouuera que fazer em  
vida mais viuera, mas acabo a vi-  
25 da, porque morto tenho que fazer  
por vós depois da morte: que te-  
nho inda que lâçar d'este lado frio  
sangue em preço, & agoa em Sa-  
cramento: para que uejais, q̃ inda  
30 q̃ este corpo esteja sem vida, não  
estara sem amor: antes correndo  
a par a vida & o amor, parou a vida  
não parou o amor. E tâto sera isto  
assi que a este meu corpo morto não  
35 faltara que dar, & mostrara que in-  
da vos tem affeição, como ponde-  
rou S. Ambrosio dizendo: *Vt aduer-  
tamus quia licet corporis eius fuerit natura  
mortalis, licet qualitas similis, dissimilis*  
40 *tamem gratia. Nam vtique post mortem san-  
quis in nostris corporibus congellascit. Ex  
illo autem, incorrupto licet corpore, sed de-  
functo, omnium vita manabat*. Chama o  
san†[...] ao corpo de Christo, corpo  
45 morto, mas incorruptiuel, não só

*Aug.lib.  
9. tract.  
119.in  
Ioan.c.  
16.*

*Amb.li.  
10.Luc.  
Cap.23.*

porque se não desfez no sepulcro,  
mas porque nelle estaua a Diuin-  
dade, & estauaõ inda as paredes  
50 quentes da affeição & o diuino  
amor fazia com que d'aquelle lado  
manassem os Sacramêtos, & a gra-  
ça, que he a vida de nossa alma. Era  
corpo morto na vida, viuo no a-  
55 mor: morreo a vida, mas de nouo  
naceo amor. O sangue que nos  
outros corpos mortos se congela  
com a falta da vida, no de Christo  
o derretia o amor, o fazia cor-  
60 rer. Morre o Filho de Deos para  
que depois de morto lhe atrauesẽ  
com hũa lança o seu lado, & vejão  
os homens que não morre, para dei-  
xar de amar, mas para dar maio-  
65 res sinais, & mostras d'amor, & pa-  
ra que vejamos, que se naquelle la-  
do viuiamos, quando elle tinha vi-  
da, não viuiamos menos, quando  
sem ella, pois está este lado aberto  
70 para nós: & entendamos que quẽ  
assi morre, nace para mais amar.

E por tanto he dia este que nos  
está pedindo extremos de alegria,  
& extremos de tristeza. He dia d'e-  
75 stremos, & estes differentes, pois  
Deos os fez por nos. Mutyo he pa-  
ra nos consolar vermos que temos  
hum Deos, que tanto nos quiz, &  
tanto fez por nós: materia he de  
80 grande confusaõ, vermos que tal  
Deos como este poserão nossos  
peccados neste estado em q̃ hoje  
se nos representa. E assi aquelles  
brados, que Daud dá em pessoa  
85 de Christo, quando diz, *Deus Deus  
meus respice in me, quare me dereliquisti?*  
diz São Ambrosio que não foraõ

*Psal.11.  
Ambr.  
ser.3.*

Matt.27. queixa mas deprecação que Christo auia de fazer na Cruz, quando dissesse, *Deus Deus meus, vt quid dereliquisti me.* Como se dissera: Deus meu,  
 5 & Pay meu peçouos que alumieis aos homens, para que entendão o porq̃ me deseparastes, & para que saibão que elles tem a culpa do que padeço, & do estado em que  
 10 estou, & seus peccados vos obrigaõ a me não perdoardes a vida, antes me deixardes mattar. *Haec autem dixit ut manifestaret propter nos se esse derelictũ,*  
 4. Reg.3. Vatab. 15 diz o Santo. Quãdo o Rey de Iuda, & o de Israel, & o de Edom se conserarão contra o Rey dos Moabitas, fezerãono retirar a hũa cidade bem murada, & nella lhe pozerão tão grãde cerco, & o apertarão de maneira, que apertado,  
 20 & desesperado, se poz no alto do muro, & à vista de todos sacrificou & mattou a seu proprio filho. *Arripiensque filium suum, primogenitum, qui*  
 25 *regnaturus erat pro eo, obtulit holocaustum super murum. & facta est indignatio magna in Israel: statimque recesserunt ab eo.* O matar o Rey de Moab a seu proprio filho foy dizer por obra o q̃ poderia dizer de palavra: vejamos se se dão meus inimigos por satisfeitos em me apertarem tanto, que me obrigassem a mattar hum filho primogenito, & herdeiro do meu  
 35 Reyno. Indignaraõse os de Israel tanto cõtra sy mesmos de auerem sido tão importunos, & pertinazes no certo, que obrigassem a hũ Rey a mattar seu filho, que logo se forão, & desistirão de o cercarẽ mais. Estes fomos para Deos, pondo de cerco a esse Ceo, & a Deos & a seu amor com nossos peccados, obrigandoo a sacrificar seu Filho no al  
 45 to da Cruz, como o mesmo Deos affirma pello propheta Isaias: *Propter scaelus populi mey percussi eum:* & pois  
 Isa.53. que fomos taõ pertinazes em insi-

stir, & continuar com o cerco dos  
 50 peccados, morto já o Filho de Deos pollo amor que elle, & Pay nos tinha sejamos faceis em leuantar esse cerco de nossas culpas, como os de Israel fezerão, vendo morto  
 55 o filho de hum Rey homẽ. Iã que nossas offẽsas o pozeraõ na Cruz, entendamos que se elle consentio pregaremno nella, foy para mattar nossos peccados. Tão grande  
 60 foy o odio q̃ Sansaõ teue aos Philisteos, que não duuidou morrer a troco de os inimigos ficarem sem vida: & estando em hũa sala, a qual se sustẽtaua em duas colũnas diã-  
 65 te dos Principes dos Philisteos, & grande multidão do pouo, assi homens como molheres, dos quais estaua a casa chea, elle tomando hũa columna com a mão direita, &  
 70 a outra com a esquerda, as aballou & tirou de seu lugar, dizendo: *Moriatur anima mea cum Philistiius:* morra eu com tanto que morrãõ meos inimigos: & caindo a casa o matou a elle, & a elles. Isto fez hoje Christo, encostase a columna da Cruz, & deixase pregar nella dizendo: Pay meu morra eu cõ tanto que morrãõ os peccados inimigos vossos & meos. Christãos morre Deos, morrãõ com elle os peccados, que o mattaraõ, não fiquem viuos.

O q̃ tomara de vos he q̃ já q̃ Deos  
 85 por nossa causa, & peccados padece, & morre, não perdesse cõ nosco por assi morrer: antes quanto mais teuer de ferido, chagado, afrontado, & despedaçado,  
 90 mais o veneremos, & amemos: pois por nossa causa está nesse estado. Pozerão os Philisteos a Arca do Senhor, que catiudaraõ, no tẽplo junto ao idolo Dagon, o qual  
 95 cahio no chãõ, & leuantandoo, & pôdoõ segunda vez jũto da Arca,

cahio outra vez, & se fez em peda-  
 ços, ficando a cabeça a hũa parte,  
 os pês, & mãos a outra, o corpo,  
 & tronco a outra: cõ tudo ao ido-  
 5 lo assi despedaçado, & mal tratta-  
 do venerarão tanto, que nem os as  
 cerdotes punhão os pês onde ti-  
 nhão estado os pedaços. Gabo o  
 zelo, não o effeito. Verdade he  
 10 que errauão, mas suposto o tinham  
 por seu deos, bem fazião em o a-  
 dorarem por mais despedaçados, &  
 afrontado que esteuesse. Nos já  
 que acertamos tanto em adorar a  
 15 este Senhor por Deos estime-  
 molo, se quer como os Philisteos  
 ao seu Dragão. Vemolo morto,  
 crucificado, não perca com nosco,  
 por tal, já que nossos peccados, q̃  
 20 são os nossos idolos, & aos quais  
 pomos hombro com hombro com  
 elle, & poserão naquella Cruz.  
 Seja hoje assi morto na nossa esti-  
 ma, & affeição ( se pode ser) mais  
 25 Deos nosso, que nunca: ponha-  
 mos a boca onde elle pos os pês, ja  
 que o vemos todo abrasado em a-  
 mor, & dor de dentro, & de afrõn-  
 tas de fora por nossa causa. Re-  
 30 presenta Ieremias a Ierusalem de-  
 struida, & posta por terra por seus  
 peccados, como se fallara com os  
 que passassem por ella, & lhes pe-  
 disse advertência do estado em que  
 35 estaua, & consideração das dores  
 que padecia, tomada a semelhança  
 de hũa molher viuva, que vendose  
 d'antes em prosperidade, riqua,  
 honrada, seruida, se visse no oposto  
 40 de tudo isto, & no extremo de to-  
 da a miseria, & esteuesse dizendo:  
*O uos omnes qui transitis per viã attendite,*  
*& vidette si est dolor sicut dolor meus: quo-*  
*niã vindimiauĩ me, vt locutus est Dõs, in*  
 45 *die irae furores sui.* Ora falla de Ierusa-  
 lem debaxo da metapora de hũa  
 molher viuva, ora de hũa vinha ven-  
 d†[...]ada, dizendo, & pedindo a to-

*Ieremiae.*  
*Tren.I.*

dos os que a virão florente, & de  
 50 presente a vião destruida, & vendi-  
 mada de todo o bem, que attentas-  
 sem se auia dores semellantes as  
 que padecia, por quanto o Senhor  
 assi a priuara de todos os bens, que  
 55 se parecia com hũa vinha bem ṽe-  
 dimada, sem lhe ficar hum cacho,  
 em que por os olhos: & que fora ṽe-  
 dimada esta, que Deos nella feze-  
 ra, no dia da ira do seu furor. Tem  
 60 Deos iras de amor para amigos,  
 que tambem os amigos se indinão  
 contra os amigos, quando lhes im-  
 porta: & tem iras de furor para ini-  
 migos, das quais vsou no castigo  
 65 que de a Ierusalem polla morte  
 injusta, que dera a Christo. Estas  
 palauras attribuẽ os Santos a Chri-  
 sto morto, & crucificado na Cruz,  
 & vindimado da vida, & do alen-  
 70 to, & d'alma, & da honra, vsando o  
 Pay do Ceo com elle da ira do seu  
 furor deuido a nossos peccados: &  
 com estas palauras, & outras d'e-  
 sta sorte, com que Ieremias chora a  
 75 destruição de Ierusalem, celebra a  
 Igreja as exequias da morte, & Pa-  
 xão de Christo, que foy a causa de  
 serem destruidos os Iudeos: querẽ  
 do que no mesmo tempo se chore  
 80 a destruição do pouo Iudaico, & a  
 Paxão de Christo, como se Christo  
 morto na Cruz esteuesse dizendo:  
 homens atentai bem, & vede se  
 ouue dores, & afrontas semelhan-  
 85 tes as que por uos padeci: conside-  
 rai se ouue amor igual ao que uos  
 tive, & mostrei.

Pondera S. Antonio de Padua q̃  
 em Christo crucificado não auia  
 90 mais q̃ ver que de dentro dor, & a-  
 mor, & de fora feridas, & afrontas.  
*Duc in christo consirerãda sunt ad lacry-*  
*mas moventia, amor in corde, dolor in cor-*  
*pore. Vnde dixit consummattum est, idest nõ*  
 95 *restat in corpore meo membrum puniendum.*  
 Está Christo na Cruz todo escrit-

*D. Anto.*  
*de Padua*  
*ser. in Cae*  
*na Dom.*

to de dentro, & de fora: de dentro  
 escrito de dores, & amores, & de fo  
 ra escrito de chagas & afrôtas: &  
 o dizer Christo que tudo estaua cõ  
 5 summado, foy dizer aos homens, q̃  
 olhassem bem para elle, & que ve  
 rião como nelle não auia cousa  
 sam, antes tudo estaua chagado, &  
 ferido, e todo escrito de dores, &  
 10 de feridas, & chagas, sem auer lu  
 gar onde se podesse escreuer mais,  
 nem caber hũa ferida, pois a cabe  
 ça, o lado, pés, & maõs, & todo o  
 mais corpo estaua martyrizado  
 15 por nosso remedio. Neste sentido  
 explica São Chrysostomo as pala  
 uras de S. Paulo escritas aos de Ga  
 lacia, quando reprehendendoos de  
 se apartarem da Fê de Christo cru  
 20 cificado, lhes lembrava o tempo  
 passado em que assi estauão entei  
 rados nos tormentos que este Se  
 nhor por elles padecera em Ieru  
 salem, como se com os olhos o vi  
 25 rão morrer, & tão presentes esta  
 uão nas suas dores, & chagas, & a  
 frontas, & amores, como se os vi  
 raõ em Christo escritos, & pinta  
 dos. *O insensati Galatae quiz uos fascina  
 30 vitt? quibus ante oculus Iesus Chistus prae  
 scriptus est, & in uobis crucifixus.* E o mes  
 mo Santo lê tambem, *ante oculos prius  
 depictus erat.* E com razão porque as  
 feridas, & chagas de fora & o lado  
 35 aberto erão hũa pintura, & escrit  
 tura pella qual se lia o amor, & a  
 dor que dentro estauão, como São  
 Bernardo diz: *Patent mihi viscera per  
 vulnera: pellas chagas de fora estou  
 40 vendo as dores de dentro, & o a  
 mor que as fez padecer. Escre  
 vase de fora no lado hũa lança  
 da, para que por ella se veja a  
 caridade, que dà sangue em pre  
 45 ço, & agoa em Sacramento.*  
 E assi o sangue, que do corpo de  
 Christo pregado estaua manando

*Chrys. in  
 Epistol. ad  
 Gal.c.3.*

*Bern. ser.  
 in cant.*

forão tambem lagrimas, inda que  
 de sangue, que aquellas chagas cho  
 50 raraõ por nõs: o derramar sangue  
 foy chorar até pollos mesmos que  
 o poserão na Cruz, querêdose elles  
 aproueitar d'esse remedio. Neste  
 sentido lê, & esplica S. Ambrosio  
 55 as palauras dos Cantares, *Nardus  
 Cypri consobrinus meus in vineis Engaddi.*  
 Engaddi quer dizer tentação, & era  
 hum posto, no qual auia muytas  
 aruores, das quais o balsamo nace,  
 60 & em as pugindo, & ferindo lan  
 çauão de sy hũas gottas de balsa  
 mo ao modo de lagrimas: ao qual  
 alludia a esposa quando conside  
 rando a seu esposo Christo na Cruz  
 65 que foy o lugar da tentação, q̃ lhe fe  
 zerão nossas culpas, & engratidoês  
 o comparaua a aruore, que ferida  
 daua suauissimo balsamo. *Nardus  
 Cypri consobrinus meus im vineis Engaddi.*  
 70 D'esta maneira uos ouuestes com  
 nosco o amado Esposo, porque po  
 sto, & pregado na Cruz, & ferido,  
 & chagado nella derramastes o  
 balsamo de uosso precioso sangue  
 75 em preço, & resgate até dos que  
 uos crucificaraõ. *Sic Christus in illo ten  
 tacionis ligno crucifixus illacrymabat po  
 pulum, vt peccata nostra dilveret, & de  
 visceribus misericordiae suae sundebat vn  
 80 quentum, dicens: Pater dimite illis, quia  
 nesciunt, quid faciunt.* Na Cruz estauão  
 em Cristo chorando, não só os  
 olhos, mas as maõs, & o lado, & os  
 pès: as lagrimas erão o sangue, que  
 85 choraua sobre nossos peccados para  
 os apagar: & como quer que hoje o  
 derramar do sangue foy em tanta  
 copia, as lagrimas ficarão sendo em  
 mayor abudancia, & por isso se  
 90 abrirão não sò os poros para suarê  
 sangue, como no horto, mas fontes  
 & rios: quais forão as chagas, para  
 que d'ellas manassem arroyos de la  
 grimas de sangue.

*Ambr. in  
 c.1. cant.*

Luc.23.

Esta foy a escritura de fora:  
 qual fosse a de dentro encareceo  
 S. Lucas, regulandoa pello odio, &  
 mà vontade dos Iudeos em o ator  
 5 mentarem, à qual Pilatos entregou  
 a Christo, quando diz: *Iesum vero tra-*  
*didit uoluntati eorum:* nas quais pala-  
 uras encareceo São Lucas mais a  
 Paixão de Christo, que nenhũ ou-  
 10 tro Euangelista. E se não dizeime  
 que julgador ouue nunca tão in-  
 justo, nem tão apaixonado, que en-  
 entregasse o delinquente a seus pro-  
 prios inimigos, senão Pilatos, o  
 15 qual entregou Christo aos mesmos  
 accusadores, para que teuessẽ lu-  
 gar de executarem nelle todo o o-  
 dio, que lhe tinhão, ao qual S. Lu-  
 cas chamou odio, & má vontade  
 20 dos mesmos Iudeos. Por onde o  
 levar Christo a Cruz ás costas, não  
 foy execução de sentença, (confor-  
 me ao costume q̃ auia de o cõdena-  
 do levar as costas a cruz em que o  
 25 huião de crucificar, como refere  
 Iusto Lypsio) mas tambem do odio  
 que a Christo tinhão. Da mesma  
 maneira os cinco mil, & tantos a-  
 çoytes foy odio que passou os limi-  
 30 tes da condẽnação, quanto diz de  
 quarenta açoutes menos hum ate  
 passarem de cinco mil. O Iuiz ta-  
 xa a pena ao culpado, & a execu-  
 ção d'ella cõmette ao algoz: mas  
 35 Pilatos quis que os proprios ini-  
 migos taixassem o castigo, & elles  
 por meyo das gentes o executas-  
 sem, & fossem as partes, & os algo-  
 zes. S. Ieronymo affirma ser custu-  
 40 me dos Iudeos açoutarem primei-  
 ro os que auião de padecer, dan-  
 dolhes quarenta açoutes menos  
 hum, mas isto se fazia despois de  
 dada a sentença de morte, mas Chri-  
 45 sto foy açoutado antes por manda-  
 do de Pilatos, para ver se com isso  
 podia aquietar os Iudeos, quando  
 não ficaria ja açoutado, & appare-

*Hyero. in*  
*Cap. 27.*  
*Matt.*

lhado para morrer. Açoutarãono  
 50 os soldados, & estes incitados, &  
 peitados dos Phariseos, & por vem-  
 tura a instancia d'estes, & sem ordẽ  
 de Pilatos foy o Senhor coroado  
 de espinhos pellos mesmos solda-  
 55 dos. E isto foy o entregar a Presidẽ  
 te a Chrsito despois de açoutado a  
 uontade de seus inimigos para que  
 fizessem delle & mandassem fazer  
 quanto quizessem: donde naceo  
 60 ordenarẽ que os açoutes de Chri-  
 sto fossem em tanto exceto, & lhe  
 pozessem coroa na cabeça, & Cruz  
 ás costas, cousa que se não custuma  
 ua. E por aqui se podem coligir  
 65 quaes serião as dores, que de den-  
 tro estauão escritas.

Foraõ tão grandes, & extraordi-  
 narias que só Christo podera com  
 ellas, como S. Chrysost. Diz: *vt quãta*  
 70 *eβet patiētia singularitas, tanta esset singu-*  
*laritas paβionis.* Ouue por bê o amor  
 que Christo nos tinha, que as dores  
 q̃ padecesse, fosse tão grandes, q̃ re-  
 spondessem ao cabedal que a natu-  
 75 reza humana em quanto vnida â  
 pessoa diuina, tinha para as pade-  
 cer: & tantas quiz sofrer quantas el-  
 le sò podera soportar. Cõtudo sen-  
 do isto assy, atreuome a dizer, q̃ se  
 80 compararmos todos os tormẽtos  
 de Cristo cõ seu amor inda que  
 muyto lhe deuamos por tudo quã-  
 to padeceo por nós, muyto mais  
 lhe ficamos obrigados ãnos amar  
 85 de maneira, que tomasse essa Cruz,  
 e morte por aliuio de amor, q̃ nos  
 tinnha, como se diz no Cõmentario  
 dos tres Padres, *Laetatus est spiritu, licet*  
*canis cruciatibus vexaretur.* Mais ale-  
 90 graua a alma de Christo o gosto de  
 padecer por nós, do que o intriste-  
 cia a dor, que lhe procedia dos tor-  
 mentos. Porque se Christo somen-  
 te prettendera socorrer â nossa ne-  
 95 cessidade, bastara qualquer das  
 cousas, que obrou por nós: mas o q̃

*Chrys.to.*  
*3. serm.4*  
*de Caena*  
*Dom.*

*Côm. triũ*  
*Patrũ a*  
*puđ Teo*  
*dor. in c.*  
*Cantic.*

[122v]

bastara para nosso remedio, não ba-  
stava para seu amor: nẽ o q̃ nos re-  
medeara a nos, satisfizera a elle, nẽ  
ficara satisfeito em quãto lhe ficas-  
5 se gotta de sangue por derramar  
em resgate nosso. Cõsiderai a Chri-  
sto na Cruz, na qual despois de pre-  
gado mais viuia do que padecia, q̃  
da vida que possuia, pollo grande  
10 gosto cõ que penava. E se me per-  
guntardes como era possiuel, que  
Christo despois de tantos tormen-  
tos esteuesse horas viuo na Cruz sẽ  
morrer, respondo q̃ estaua Christo  
15 na Cruz viuendo de suas penas, &  
naõ auẽdo ja forças, nas quais a vi-  
da se conseruasse, se sustentaua na  
pena d'ella. Viuia estãdo na Cruz,  
naõ por que desejasse mais longa  
20 vida, mas prolongaua a morte pa-  
ra que se naõ acabasse taõ depressa  
a dor, & a pena d'ella: viuia a vida,  
por naõ acabar a dor.

Attentemos para este senhor, &  
25 veloemos na quella Cruz tam es-  
quecido de sy, & de suas dores, &  
tam lembrado de seus amados que  
eramos nos, que aquelle inclinar a  
cabeça antes de espirar, foy diz S.  
30 Bernardo, *vt oscula daret suis dillectis*, a-  
baixarse quãto põde para na despi-  
dida dar sinal de paz, & amor aos  
seus. Naõ pode abaixarse mais, por  
estar pregado, mas os homens lhe  
35 faltaraõ em te chegar elle, q̃ quan-  
to da sua parte fez o que pode, a-  
baixandose o mais que lhe foy pos-  
siuel. Tão esquecido estaua de sy,  
& de suas dores, & taõ lẽbrado dos  
40 que lhas causauão, para lhes pro-  
curar o perdaõ de suas culpas, que  
diz S. Bernardo que na Cruz em  
Christo andauaõ em cõpetencia  
as dores, & as misericordias. *Hinc*  
45 *multae miseriae corporis, hinc multae miseri-*  
*cordiae cordis. Hinc dolores, hinc miseratio-*  
*nes. Misericordiae Domini multae, sed & mi-*  
*seriae Domini multae. Vincent ne miseriae mi-*

*Bern.ser.*  
*in ser.4.*  
*Hebad. pae*  
*nosa.*

*sericordias na misericordiae miseriae supera-*  
50 *bunt: vincant misericordiae tuae antiquae Do-*  
*mine, vincat sapientia malitiam. Anda-*  
uaõ em Christo em demanda as  
dores, & as misericordias: as dores  
queriam fazer a Deos seu, o amor  
55 querião fazer nosso: as dores a doe-  
rem, as misericordias a se compa-  
decem: mas vẽceo o amor á dor,  
as misericordias preuelleceraõ con-  
tra as miseriae, a bondade venceo  
60 a malicia: & mais pode o amor pa-  
ra se lembrar de nós, que a dor pa-  
ra tratar de sy. E S. Pedro Chryso-  
logo represẽta a Christo pregado na  
Cruz, facilitar aos homẽs suas  
65 dores, & penas para q̃ naõ cudassẽ q̃  
a Cruz, crauos, espinhos, lança,  
chagas estoruauão, ou deminuyaõ  
amor, antes o segurauaõ, & acrecẽ-  
tauaõ, dizendo: *Crux haec non meus, sed*  
70 *mortis est aculeus. Clauis isti non mihi insigunt*  
*dolorem, sed vestram mihi insigunt altius*  
*caritatem. Vulnera haec non educunt gemi-*  
*tus meos, sed magis vos meis visceribus intro-*  
*ducunt. extensio corporis mei vos dillatat in*  
75 *gremium, non meam crescit in paenam: san-*  
*guis meus non mihi deperit, sed vestrum pro*  
*rogatur in precium.* Esta Cruz não tã-  
to me matta a mym, quãto he mat-  
tadora da vossa morte. Estes crauos  
80 naõ tãto me ferem, & lastimaõ,  
quanto pregaõ, & seguraõ em  
mym vosso amor. Estas chagas se  
se abriraõ, naõ foy para gemer com  
ellas, mas para q̃ por ellas entrasseis  
85 en minhas entranhas. Este esten-  
deremme os braços para me encra-  
uarem, não me dà pena, antes me  
faz mais capas de caberdes em  
mym. Este sangue que derramo,  
90 não o tenho por perdido, mas nũ  
qua melhor empregado, q̃ quando  
derramado em preço, & resgate  
vosso.

*Chrysolo*  
*ser.108.*

Hũa so queixa tenho neste dia  
95 por parte do amor d'este Senhor,  
& he q̃ jã q̃ o pregauão, não ouue

ra de ser cõ crauos de ferro, mas de  
ouro, que he o symbolo da carida-  
de em sinal que o amor era o que  
o tinha pregado na Cruz. Porque  
5 não tanto o tinhão encrauoado os  
crauos de ferro, quãto os do amor  
significado pello ouro. O verso de  
*Psal. 149*  
*Geneb.* Dauíd, *Ad faciendã vindictã in nationi-*  
*bus, increpationes in populis. Ad aligandos*  
10 *reges eorum in compedibus, & nobilles eorũ*  
*in manicis ferreis,* ou falla conforme a  
Genebrardo dos castigos, que se da  
rão aos peccadores no dia de luy-  
zo, ou elles se jão de baxa, ou d'alta  
15 sorte, quando os santos assisterem  
com Christo a julgar, ou conforme  
a S. Chrysost. se entẽde da vittoria  
que Christo alcançaria do demo-  
nio, & dos peccados, & dos Iudeos,  
20 & das gentes, cujos principes ren-  
d†[.]ia com grilhões nos pès, & alge-  
mas nas mãs, quer dizer, com o te

*Psal. 149*  
*Geneb.*

*Chrysost.*  
*apud Genebr.*

45

TRATTADO SEGUNDO  
DA MESMA SESTA FEIRA  
DA PAIXAM DO DESCENDI-  
mento da Cruz.

50

## DISCURSO PRIMEIRO.

*Post haec autem rogauit Pilatum Ioseph ab Arimattaea, vt*  
*tolleret corpus Iesus. Et promisit Pilatus. Venit*  
*ergo, & tulit corpus Iesu. Ioan. 19.*

55 **S**imeão Metapharas  
tes, como refere o  
Cardeal Baronio,  
tem para sy que Io  
seph sem embargo  
60 de ser discipulo o  
culto de Christo por amor do me-  
do dos Iudeos, cõ tudo por confe-  
lho, & persuasão da Virgem em-

*Simeon*  
*Metafr.*  
*apud Bar.*  
*to. 1. nu.*  
132

mor, & ameaças dos castigos, leuã  
do por mal aos q̃ se não rendessem  
25 por bem. O que ponderãdo S. Agu-  
stinho espantase de se trattarem, &  
prenderem cõ ferros os Reys, &  
nobres, aos quais se custuma dar  
menajem: mas responde que para  
30 com Deos o amor he o que dá os  
foros, não a nobreza do mundo.  
*Ferrea vincula sunt, quandiu timent, ament,*  
*& aurea erunt.* Quem serue, & pade-  
ce por temor, & por mais não po-  
35 der, esteja preso com cadeas de fer-  
ro, e se se quizer melhorar as cadeas  
de ouro, & a prisoês hõradas, ame.  
D'onde infiro que pois Christo pa-  
deceo por amor, que se elle quize-  
40 ra nunca morrera, ouuera de ser  
encrauoado não cõ ferro, mas cõ ou-  
ro, pello qual fosse significado o a-  
mor, com que morreo por nós.

*Aug. to. 8*  
*In Psalm.*  
149.

*Efrẽ de*  
*lam. Vir.*

65 predeo hũa obra tão ardua, & he  
roica, como foy pedir a Pilatos o  
corpo de Christo para o tirar da  
Cruz, & o sepultar. E Santo Ephrẽ  
representa dizer, & pedir a Virgẽ  
70 á Cruz que se abaxase para lhe  
ser possiuel fazer mimos às cha-  
gas de seu Filho. *Recumbe crux sanctis-*  
*sima, lignum benedictum, vt plagas filij mei,*

[123v]

Metaf.  
apud Bar.  
ibid. nu.  
eod.

& *Dei mei deoscular*. E o mesmo Metaphrastes affirma que a Virgẽ cõ suas proprias mãos ajudou a Iosef, & a Nicodemos para tirarem  
5 a Christo da Cruz, & recolhia, & guardaua no seu feo os crauos, que das mãos, & dos pès se tirauão. Bẽ creio que o amor de Christo soffera mal despregaremno da Cruz,  
10 inda despois de morto, se não fora ter que fazer por nõs, como era ser sepultado para com sua sepultura curar, sarar, & honrar a nossa, como Nazianzeno diz: *Sepultura ad-*  
15 *versus illum in terram reditum*. E imagino estar o amor d'este Senhor dizẽdo aos homens que nunca cõsen tira que d'esta Cruz o tirassem, antes nella esteuera sempre, se nos  
20 não relleuara sepultaremno para resurgir: e assi entendessemos q̃ tãto nos era de honra, & proueito despois de morto, como quando estaua viuo, & que se consentia q̃ fosse  
25 enterrado em hũa horta, & jardim era em quanto figura do Paraiso, que em Adão perdemos, & d'outro melhor o do Ceo, q̃ na Cruz nos merecera, o qual morto nos estaua  
30 quardando. E assy pedindo os Iudeos a Christo, q̃ descesse da Cruz viuo, & que crerião nelle, não quiz descerse não morto. Porẽ ao decer este concerto fez seu amor cõ no-  
35 sa necessidade, & foy que já q̃ nos importaua apartarẽno da sua Cruz & crauos, & espinhos, se quer com estes instrumentos de sua Paxão o enterrassem para consolação de  
40 seu amor, querendo que o enterrassem com as insignias, que o tinhamo armado em Saluador nosso. Quando morre hum caualeiro, enterrailo com o habito de Christo,  
45 ou de Santiago, ou de S. Bento, cõ esporas calçadas, & cõ traçado na cinta, se não que estas saõ insignias de honra: mas Christo quiz ser en-

Nazian.  
apol.10.

terrado com instrumentos afrento  
50 sos, crauos, & coroa, & com nossas ingratições para cõsolação de seu amor, como notou o Cardeal Baronio, cõforme a tradição dos Rabbinos que dizem ser costume em  
55 terraremse os condemnados cõ todos os instrumentos com que fó rão mortos: & por esta razão sepultarão a Christo com os martyrios que na cova cabião, tirãdo a Cruz,  
60 que por ser grande, & não caber na cova, a enterrarão em outra junto â de Christo.

Bar. Car.  
to.1. An.  
nal.num.  
136.

Hũa só consolação, & descançaõ quiz ter aq̃lle corpo morto entre  
65 a Cruz & a sepultura, q̃ foy parar no regaço d'a Virgem, á qual o entregarão os Santos Ioseph, & Nicodemos, dos quais hum despre-  
70 gou ao Senhor, & o outro tinha mão no corpo para que não caisse em quanto o despregauão como affirma S. Bernardo. Agasalhouo a Senhora no seu regaço cõ aquelle sentimento, & lagrimas q̃ tal Fi-  
75 lho merecia a tal May. *Flebet dicendo Fili mi, fili mi: vae mihi, vae mihi. Quis dabit vt ego moriar pro te fili mi? Trahe me ad te ipsum, vt & ego moriar tecum. Male solus moreris. Sine matre noli morere*: Diz  
80 São Bernardo, que assy dizia a Virgem Senhora nossa. Muytas cousas diz o santo hia a Senhora para fallar e dizer aquelle corpo morto  
*Verba domabat amor*, mas o amor, & a  
85 dor não deixaua fallar, mas chora rão? Aly fez a Senhora a primeira obra de piedade como foy cõpor & fechar aquelles olhos defuntos: porque assy como diz Plinio nas  
90 cousas viuentes & animadas com o grao sensitiuo a derradeira cousa que nace saõ os olhos, assy a derradeira cousa que morre, & falta saõ esses mesmos: & a primeira cere-  
95 monia de piedade que a hum defunto se faz he cõporlhe os olhos

Ber. in.li  
mẽt. vir.

[124r]

Gen.46. mortos. Isto foy o que Deos prometteo a Iacob, quando indo para Egypto, chamado de Pharao, e de seu filho Ioseph, parou no poço  
 5 do juramento até saber se era Deos seruido d'aquella jornada, & o Senhor lhe disse que fosse, que elle o acompanharia. *Ioseph quoque ponet manus suas super oculos tuos*: como se dis-  
 10 sera: no Egypto morrereis nos braços de vosso filho Ioseph, & elle cõ suas proprias mãos vos cõpor os olhos defuntos. O ã assy acõteceo como a Escritura diz, fallando da  
 15 morte de Iacob. *Quod cernens Ioseph ruit super faciem patris stens, & deosculans eum*. O mesmo aconteceo a S. Agustinho na morte de sua may santa Monica, como elle affirma nas suas  
 20 confissões: *Praemebam oculos eius, & cõ stuebat em praecordia mea maestitudo ingens & transfuebat in lacrymas*. Não morreo Christo nos braços da Virgem mas da Cruz, os quais como não  
 25 seruião para mais que para fazerẽ penar, o fechar, & cõpor os olhos ficou para as mãos da Virgem, & para isto pedio esta Senhora a Iosef & a Nicodemos lhe largassem  
 30 o corpo morto de seu filho, como S. Bernardo diz: *Expectans corpus depõni plorabat dicens: reddite vel saltem nunc maestissimae matri extinctum filium*. Esta-  
 35 ua a Senhora com os olhos longos esperando, que desencrauassem da Cruz o corpo de Christo morto para pedir que se quer defunto lho dessem.  
 40 Quam grande fosse o desemparo da Virgem, & quam penosas fossem as saudades, que de seu filho tinha, podemos infirir das ã Noemi tinha de dous filhos ã lhe morrerão. A qual entrando em Bethlẽ  
 45 d'onde era natural, & da qual se saira com seu marido Elimelech, & dous filhos Mahalon, & Cheliõ, os moradores vendoa tornar sem

Gene. 50  
 Aug li. 9  
 Cõs.c.12

Ber. ibid.  
 ut supra

Rut.1.

marido, & sem filhos & sò com as  
 50 noras, dizião: *haec est illa Noemi*. Esta he Noemi antigua, que d'aquy se foy ha tanto tempo: aos quais ella respondia: *Ne uocetis me Noemi ( idest pulcrum) Sed uocare me Mara ( idest amarum) quia amaritudine valde repleuit me omnipotens. Egressa sum plena, & vacuam reduxit me Dominus. Cur ergo uocatis me Noemi, qua Dominus humiliavit & afflixit amnipotens*. Ninguem  
 60 chame Noemi, que quer dizer fermosa, mas Mara que significa amargosa, a hũa molher como eu, a qual Deos foy seruido dar tantos desgostos, despois que d'esta terra  
 65 se sahio marido leuaua, quãdo de aquy me aparteí, chea de filhos hia, agora torno sem filhos, & sã marido. Não merece nome de fermosa hũa molher tão mosina como eu, a  
 70 qual Deos com todo o seu poder humilhou, & afligio tanto. Que tinha de ver a perda de Noemi com a da Virgem Senhora nossa? Que semelhança tinha hum desemparo  
 75 como outro? que tinhão de ver o marido & filhos de Noemi com o vnigenito Filho de Deos & da Virgem. Diferentes deuião de ser as cõmodidades de hum Filho Deos,  
 80 das de hum marido, & filhos homens: pois de Noemi achaua que não merecia nome de fermosa, mas de mosina em perder filhos homens, & que fora grande persegui-  
 85 ção, & desemparo o tornar a Bethelẽ sem o marido, & sã os filhos ã d'ella leuara: acharse a Virgẽ sem hũ Filho Deos, que de seu tinha, & que era todo seu bem, & emparo,  
 90 quantas saudades & lagrimas merecia? E se Anna may de Samuel, antes de o gerar, tâto sãtia não ter hũ filho que dizia de sy: *mulier infelix ego sum*: ou como lè Philo, *mulier dies dura ego sum*: achando que era a mais desditosa molher, que auia no mũ-

I. Re.I  
 Fil. Lib.  
 de Tema  
 lent.

[124v]

do, & lhe seria a vida intoleravel, pois carecia de hũ filho, que desejaua: quanto para sentir seria perder a Virgem hũ que tinha, o qual

5 era mais para estimar que todos, & com o qual todos os filhos juntos de todas as outras mães não tinham comparação.

10

## DISCVRSO SEGVNDO

*Venit autem & Nicodemus ferens mixturam myrrhae, & aloes quase libras centum: Acceperunt ergo corpus Iesu, & ligauerunt illud in linteis cum aromattibus sicut mos est Iudeis sepelire.*

15

AS ceremonias de que os Hebreos vsauão no enterrar dos seus defuntos forão tomadas dos Egypcios desdo tempo que Iosef os gouernou, conforme ao lugar do Genesis, onde se diz: *Praecipitque seruuis medicis, vt aromattibus cõdarent patrem.* Por medicos se entendem certos homẽs, que tinham por officio aparelharẽ os corpos mortos, para serem sepultados. E auia nisso tal ordem, que os homens aparelhauão os corpos dos homẽs, & as molheres os das molheres A primeira bẽfeitória, que se lhes fazia era, comporlhes os olhos, & a boca conforme ao lugar do Genesis, quando Deos a Iacob disse: *ponetque manum super oculos tuos.* A pos isto lauauão os corpos, paraq̃ limpos fossem a sepultura. D'aqui veo, que Socrates estando condemnado à morte, antes de beber a peçonha, pedio lincença para ir ao banho a se lavar, para que depois de morto não fosse necessario lauarẽno. Attauõolhe tambẽ os pés, & as mãos com hũas fitas, ou faxas, & o rosto cobrião com hum lenço, conforme ao que se diz de Lazaro: *ligatus pedes, & manus institis: facies illius sudario erat ligata.* Alem d'isto trusquiãuõolhe os cabellos da cabeça, em proua do qual conta Sozome-

Gene. 50

Ioan. II.

no que d'esta maneira foy achado o corpo de Zacharias com a cabeça trusquiada no tempo de Honorio Emperador. E á este custume alludio Vergilio, quando disse no liuro quarto dos Aeneidos que Dido não acabara de morrer, até que a Deosa Luno lhe não mandou cortar os cabelos pella Deosa Iris.

A qual cerimonia se fazia não só em final de tristeza polla vida perdida, mas como hua protestaçaõ da resurreiçaõ futura. Porque assy como os cabelos se cortão para nacerẽ outra vez, inda que†[.]ãõ nos mortos, †[.]ssy nos morremos, para resurgirmos. Porque assy com†[.]a Aguia deixa a pena velha para se renouar tomando outra melhor, assy cortar os cabelos, de tal maneira he sinal de tristeza, que tambem se cortão com esperança certa de nacerem outros: & nos mortos, cujos cabelos se trusquiãuão, era hũa confiança da resurreiçaõ. Esta cerimonia se não fez em Christo como adverte Baronio por não ser custume cortaremse os cabellos aos que morrião condemnados por justiça.

A outra cousa que se fazia aos corpos mortos era perfumarmos com cousas cheirosas, para que não cheirassem mal, antes bem &

Sozom.  
Lib. 9.ca.  
Ult.

Aenei.4.

Bar.tom  
10. Ann.  
136.

[125r]

após isto os vntauão com mirrha  
& aloes por espaço de quarenta  
dias, para que durassem muyto  
tempo, sem se corromperem, co  
5 mo affirma Brixiano. Aloe he hũa  
*Brix. in* erva amargosissima, a qual tem  
*c. Ge.50.* virtude para resistir aos bichos, &  
à podridão. O mesmo effeito faz  
a mirrha, & de hũa & de outra  
10 trouxe Nicodemos grande canti-  
*Bar. ibid.* dade para vngir o corpo de Chri-  
*Nu. 136.* sto. E advirtio Baronio, que entre  
os Iudeos chegou a auer tantas de-  
masias nos gastos, que se fazião nas  
15 sepulturas, assi nas especies aro-  
maticas, que se gastauão, como  
nos trajos que leuauão, que muy-  
tos deixauão os corpos mortos por  
sepultar, & se hião por não poderẽ  
20 fazer tantos gastos. E no mesmo  
sepulcro de Zacharias se achou o  
*Ibid. nu.* corpo de filho do Rey Ioas com  
*135.* coroa na cabeça, & calçado d'ouro  
nos pés, & com purpura de Rey.  
25 E durarão estas demasias até, que  
Gamaliel, pella muyta autoridade,  
que tinha no pouo, as moderou,  
mandando, que da ly por diante  
niguem, inda que fosse Rey, pas-  
30 sasse de se enterrar em hum lëçol,  
quando muyto: & elle d'esta ma-

neira se mandou sepultar. O que  
despois se quardou inuiolauelmen-  
te. Esta foy a razão, porque Chri-  
35 sto despois de ser vngido com vn-  
quentos preciosos, foy enuolto em  
hum lençol. Em ordem a este cu-  
stume de se vngirem, & perfuma-  
rem muytas vezes os corpos mor-  
40 tos forão as Marias ao sepulcro cõ  
os seus vngentos preciosos, & de  
Christo vngindo explica Origenes  
o lugar dos Cantares: *Dum esset rex in*  
*accubitu suo, nardus mea dedit odorem*  
45 *suum, idest cum esset sponsus meus in sepul-*  
*cro, vnguentum, quo vnxi eum, dedit odorem*  
*suum.* Como se dissera: estou vendo  
hum tempo no qual estará o meu  
esposo no sepulcro, & eu o vngi-  
50 rei com hum vnguêto precioso, &  
cheiroso. *Fasciculus mirrhæ dillectus meus*  
*mihî, inter vbera mea commorabitur.* Fica-  
rá o corpo do meu amado tão recẽ  
dête, q̃ mais parecerã hũ ramalhe-  
55 te leue, & cheiroso, q̃ corpo morto.  
E acrecenta Origenes, que assy o  
lençol, como o sudario, & attadu-  
ras, com as quais attarão, & amor-  
talharão a Christo, forão os cor-  
60 deis, com que se attou este rama-  
lhete de myrrha, para que se não  
perdesse, nem desfizesse.

*Orig. lib.*  
*duar. ho.*  
*homil. 1.*  
&2.

*Orig. ibi.*

65

## DISCURSO TERCEIRO

*Erat autem in loco, vbi crucifixus est, hortus: & in horto*  
*Monumentum nouuum, in quo nondum quisquam*  
*positus fuerat.*

70

*Bar. ibi.*  
*Nu. 134.*

**N**Otta Baronio ser tradição  
dos Rabbins q̃ os corpos  
dos q̃ morrião condênados  
se não podião enterrar nas sepultu-  
75 ras cõmũs, onde os outros se enter-

80

rauão, mas em particulares & afas-  
tadas: & esta foy a razão, porq̃ se-  
pultarão a Christo em sepulcro no  
uo, & apartado. Alem d'isto era  
85 custume dos Iudeos abrirem as se-

[125v]

pulturas em pedras, & d'esta maneira era a do Senhor. S. Ambrosio compara este sepulcro com o ventre da Virgem, no qual andou  
 5 encerrado, & diz que hũ & outro guardarão o corpo de Christo: as entranhas o guardarão puro, a sepultura incorruptiuel, & ambos forão puros, & Virgês. E acrescenta  
 10 ta o santo que o sepulcro foy hũas entranhas das quais sahio Christo viuo, como das da May quando naceo: & d'ambos sahio a pregar: se não que mais gloriosa foy a nacen-  
 15 ça d'hoje, que a d'então: porque a d'hoje gerou Christo immortal, & a primeira o deu ao mundo passiuel. Depois da primeira nacença foy Christo inda ao limbo, mas  
 20 depois d'esta segũda subio ao Ceo. O ventre purissimo da Virgem tardou noue meses em dar ao mundo a sua esperança, Christo: a sepultura d'hoje foy tão apressada  
 25 nos dar remedio, que em tres dias no lo entregou resucitado. E acrescenta o santo que não menos deue ser comparado a S. Ioseph, que sepultou a Christo com a Virgem,  
 30 que o gerou. Porque se a Senhora concebeo a Deus em seu ventre, Ioseph fez o mesmo no seu coração. A virgem enuolveo a Christo em cueiros, quando naceo, Ioseph em  
 35 hum lençol, quãdo morreo. Se não que a Virgẽ para conceber a Deos foy auisada por hum Anjo, mas Ioseph sò da compaxão foy persuadido ao sepultar.  
 40 Conuenientissima cousa foy ser a sepultura alhea, não propria, porque assy como os peccados, por q̃ padecia, não erão proprios, mas alheos: assy era razão, que a sepul-  
 45 tura o fosse. E juntamente era conueniẽte que o sepulcro fosse nouo, & a primeira vez, que se estreasse,

Amb.lib.  
3.de vir.

fosse com o corpo de Christo, para que se não dissesse, que outrem, &  
 50 não Christo d'elle resurgira. Sepulcro cõ razão nouo, pois fazia tâtas nouidades, que abria outros sepulcros, & daua vida aos mortos, q̃ tinhamo dẽtro em sy. Acõselhanos neste dia S.Greg. Naziãzeno, que já q̃  
 55 corporalmente, não podemos despregar a Christo da Cruz, se quer espiritualmente cellebremos este descendimento com o amor, & cõ  
 60 paxão, & o agasalhemos em nossos corações. *Crucem alacres ascendamus.* Subão nossas almas com a consideração à Cruz, que inda hoje não faltão a Christo cruces, quais são  
 65 as consciencias cheas de culpas, & etão d'estas cruces o despregamos quando com ellas acabarmos, que Deus não seja offendido. Então decentemente o sepultaremos,  
 70 quando em lugar de vicios, succederem as santas virtudes, que são as especies aromaticas, cõ as quais Deos se conserua em nossas almas, & fica sendo de dura nellas. *Si Ioseph*  
 75 *ab Arimattaea es, ab eo, qui in Crucem sustulit, corpus pete: tuum fiat mundi piaculum. Si Nicodemus es, nocturnus ille Dei cultor, fu*  
 80 *nebribus vnquentis illum vnge.* Se ha em nos aquelle amor, & respeito a Christo que auia no coração de Ioseph peçamos para nós o seu corpo morto, como elle fez. Se somos amigos de Christo escondidos de-  
 85 apaxonados. vnjamos ao Senhor com os santos vnguentos da contemplação, & choremos com as deuotas Marias. O lençol nouo seja a consciencia pura, o sepulcro  
 90 nouo o sejão nossos corações. *Fasciculus myrihae dillectus meus mihi, intervhera mea commorabitur,* dizia a esposa do seu diuino Esposo: o que alegorizando Origenes, & Theodorero

Amb.de.  
Incarn.  
Dom.

Naz. Ora  
tion.2.  
in Pasch.

Idem.

Cantic.I.  
Orig.ibi.  
ut supra  
Teod.inc  
a.I.Can.

[126r]

por ramalhetta de myrrha entendê  
a Christo & sepultado, & vngido  
com myrrha, & mais vngentos:  
como se dissera a esposa, que lhe pa  
5 recia seu esposo assi vngido com  
hum ramalhetta de myrrha, o qual  
determinaua enterrar no seu cora-  
ção. *Inter vhera mea commorabitur.* E hũ  
corpo morto enterrase ã coração?  
10 Sy que he corpo de hũ Deos, que  
morreo por mym, & a sepultura,  
em que o hey d'enterrar, ha de ser  
esta alma, para que tendoo nella  
sepultado, não tenha coração para  
15 mais o offender. *Certum est quia vbi  
mors Christi animo circumsertur, nom potest  
reganare peccatum. Est enim tantauis Crucis  
Christi, vt si ante oculos ponatur, & in mente  
fideliter retineatur, ita vt in ipsum mortem  
20 Christi intentis oculus mentis inspiciatur,  
nula cõcupiscẽtia, nula libido, nulus furor,  
nula superare possit inuidia, sed continuo  
ad eius praesentiam totus ille peccati, & car-  
nis fugatur exercitus,* diz Orige. Estes  
25 saõ os interesses de sepultarmos a  
Deos em nõs. E bem nos merece  
este Senhor habilitarmonos para  
que se consigua em nõs o fruto de  
seu sepultura.

30 De Codro Rey dos Atenienses  
conta Iustino historico, que fazen-  
do os Darienses querra aos seus  
Atenienses, & tendo reposta do  
Oraculo, que sairião vencedores  
35 se Codro naõ fosse morto na bata-  
lha, mandarão ter grande vigia  
sobre o Rey dos inimigos, não a  
certassẽ de o mattar por erro. Com  
tudo foy Codro tão bom Senhor,  
40 & desejoso de ficarẽ os seus vence-  
dores, que mudou o trajo real, & se  
vestio do vestido de hũ laurador  
rustico, & com hũa foice na mão,  
& fexe de lenha ás costas, se foy ao  
45 arrayal dos inimigos, & trauando  
briga com hum soldado, fez com  
que o mattassem, para assi liber-

*Orige.in.  
c.6.epis.  
ad Rom.*

*Iust. Hist.  
Lib.2.*

tar os seus. Ao que os Atheniẽses  
não acharão outro genero de agra-  
50 decimento maior, que dar, se não  
ordenarem que não teuessem já  
mais outro Rey, mas Codro fosse  
o vltimo: que pois não podia auer  
quem chegasse a mostrar semelhã-  
55 te amor á patria, não auia quem  
enchesse aquelle lugar, & o mere-  
cesse. Isto fez Deos por nõs em  
materia de mais importancia: porq̃  
estãdo nõs não em risco de sermos  
60 vencidos, mas já cattiuos do de-  
monio, & de nossos peccados dos  
quais naõ podiamos ser libertados,  
suposto a detterminaçã diuina, sem  
Deos morrer por nos, este Senhor  
65 se disfarçou mudando o trajo, &  
fazendose homem, & vestindose  
de nossa natureza, para que o po-  
dessem mattar. A nossa obrigação  
he que pois sera impossuiel achar-  
70 mos quem nos tenha tão grande  
amor, qual foy o de Christo, lhe  
paguemos com ser elle sò o nosso  
Deos, & todo o nosso bem para  
q̃ ninguẽ occupe nossos coraçõens  
75 senão hum Senhor, q̃ morreo para  
lhes dar vida. Os Romanos ao ci-  
dadão, que liuraua a outro da  
morte honrauão, como rephere Pli-  
nio Iunior, com hũa coroa, que  
80 chamauão Ciuilis, tecida de flores,  
& folhas de carvalhos: & a razão  
era, porque antes que se achasse o  
trigo, os homẽs viuião, & se susten-  
tauãdo do fruto d'esta aruore mo-  
85 strando, que pois esta aruore anti-  
guamente daua vida aos homens  
era bem que com ella se honrasse o  
cidadão, que daua vida a outro. O  
Filho de Deos Christo perdendo  
90 a vida a deu não a hum só homem,  
mas ao mundo todo: a coroa ciuel  
sejamos nos mesmos: sejão nossos  
coraçõens reformados, que nesta  
conta tinha S. Paulo aos que con-

*Pli. Iun.  
de viris  
illust. de  
P. Decio  
patre*

[126v]

Fil.4.

uertia, & trazia ao conhecimento  
da verdade, quando escreuendo  
aos Philippenses dizia: *Itaque fratres*  
*mei carissimi, & desideratissimi, gaudiū*  
5 *meum, & corona mea: sic state in Domino,*  
*charissimi.* Pedelhes S. Paulo como  
a irmãos charissimos, que perseve-  
rem no que lhes tinha ensinado,  
& lembralhes que a sua emmenda  
10 he o fruto, & o premio de seus tra-

balhos, & a coroa de seu Reinado:  
& que na hora, que pejourauão na  
Fê, & na vida não permanecendo  
na sua doutrina, com que os tinha  
15 informado, não perdia menos, do  
q̃ se lhe tirarão da cabeça a coroa.  
Coroemos a Deos com a refor-  
mação de nossas almas, a qual ha  
de fazer em nós a diuina graça.

[127r]

TRATTADO PRIMEIRO  
DO SANTO DIA DA  
PASCHOA DA RESURREIÇAM.  
DISCURSO PRIMEIRO

5 *Maria Magdalene, & Maria Iacobi, & Salome, emerunt  
aromatta: vt venientes vngerent Iesum. Marc. 16.*

*Psal.117.  
Genebr.*

O Psalmo, que come-  
ça: *Confitemini Domi-*  
10 *no, quoniam bonus,* tem  
por argumêto dar  
Dauid em nome  
da Igreja graças ao  
Senhor da vittoria, que daria aos  
15 fieis na ley da Graça de todos seus  
inimigos, mundo, demonio, carne  
& vicios, ordenando que em que  
pez aos Iudeos edificadores, saise  
Christo pedra angular, para que  
20 nelle se fundasse o edificio da Igre-  
ja. Isto quer dizer, *Lapidem quem re-*  
*probauerunt aedificantes, hic factus est in ca-*  
*put anguli.* Assi como a pedra angu-  
lar vne, & ajunta os dous cantos  
25 do edificio, assi Christo resurgin-  
do, vnio os dous pouos Iudaico, &  
Gentilico em hum corpo, & tornã  
do da morte â vida ficou cabeça  
da Igreja, & reynou nos coraçoes  
30 dos fieis. *A Domino factum est istud, &*  
*est mirabile in oculis nostris.* Foy mara-  
uilha esta, que excedia a todos os  
nossos desejos, & pensamentos, &  
foy merce, que só Deos no la po-  
35 dera fazer. Porque mal podera a  
força humana a hum crucificado  
entre dous ladrões como culpado,  
& malfeitor, levantar tanto, q̃ fos-  
se de todos adorado por Salua-  
40 dor, & que a tragedia da Cruz, &  
paixão parasse na gloria da Resur-  
reição, & o seu Reyno d'hoje por

diante tiuesse tal propriedade, que  
45 tanto mais crecesse, quanto mais  
encontrado fosse: tanto que se lhe  
tirassem a vida a hum seu vassalo, a  
morte de hum só fundada nos me-  
recimentos de sua Cruz fructifi-  
50 casse muytos, como Tertulliano  
diz: *Sanguis Martyrum semen est Christia-*  
*norum.* O sangue dos Martyres he  
semente de Christãos: & de cada  
gotta de sangue, que hum Martyr  
55 derrama, nacẽ muitos fieis de no-  
uo conuertidos. Isto mesmo enca-  
receo S. Leão Papa dizendo: *Nec*  
*ulo crudelitatis genere destrui potist Sacra-*  
*mento Crucis Christi fundata religio. Non*  
60 *minuitur persecutionibus Ecclesia, sed auge-*  
*tur: & semper Dominicus ager segette ditio-*  
*ri vestitur, dum grana, quae singula cadunt,*  
*multiplicata nascuntur.* Contra Reyno  
fundado na Cruz de Christo, &  
65 estabelecido com sua Resurreição  
não há traças, nem inuenções, nem  
tyranias, q̃ preualeção, antes essas  
o fortalecem mais, & fazem mais  
permanente, & com que o campo  
70 da Igreja flo†[.]ça, & fertilize em  
mayor abundancia, & de cada graõ,  
que cae morto, naçaõ muytos  
mais.

*Tertuli. Apo-*  
*log. consta.*  
*Gens.*

*Leo.Pap.*  
*Ser.1.de*  
*Petro &*  
*Paulo*

*Haec dies, quam fecit Dominus.* Naõ  
75 teue o mundo, nem terá dia taõ  
ditoso, & alegre, como este em que  
Christo refurgio glorioso, & triũ-  
phante de seus inimigos. E tal dia

[127v]

sò Deos o podera fazer para no dar, pois foy dia de perfeita saluação, como S. Agostinho diz: *in quo mihi salutem dedit*. De tres dias nota-  
 5 ueis se faz menção na escritura: o primeiro foy natural, que Deos como autor da natureza fez, quando creou o mundo, & foy o primeiro dia de todos os dias, no qual se cre-  
 10 ou a luz cõmum a bõs, & maos. O segundo dia foy o do peccado, o qual não fez Deos, mas o homem comendo o pomo prohibido, & foy para si autor da culpa, & da pena:  
 15 dia ao qual a maldiçoou o S. Iob, dizendo: *Pereat dies, in quae natus sum, & nox, in quae dictum est: conceptus est homo*. Nas quais palauras o S. Iob amaldiçoou o dia em que foy conce-  
 20 bido, & naceo: não tanto polla nacença, & conceição, quanto polla culpa em que fora concebido, a qual se diriuou deste dia segundo, que Adaõ pecando, fez. O tercei-  
 25 ro dia foy o da graça, & da gloria, digno de ser de todos festejado, & a bendiçoado, o qual Deos fez não com a palaura, & com o querer somente, como o primeiro, mas a po-  
 30 der de muytos trabalhos, & com sangue, & morte de Cruz.

E S. Ioaõ Chrysostomo diz, que pello dia, que o Senhor fez, se não entende a duração do tempo, nem  
 35 o curso do Sol, mas as marauilhas & milagres, q̃ neste dia obrou: as quais fizerão este dia formoso, & resplandecente, como foraõ recõ-ciliarnos com Deos, acabarse a  
 40 querra campal dos vicios, & de cada dia, a terra tornarse Ceo, os homens indignos desta vida mortal ficarem mercedores da eterna, acabaremse as forças da morte, de  
 45 monio, inferno, & peccado. E assi chama o mesmo Santo a este dia, *Pacis argumentum, reconciliationis causa hostium internitio, mortis dissolutio, diaboli*

*calamitas, totius mundi piaculum*. E acre-  
 50 centa o Santo, que neste dia, *Diaboli tyrannis eversa est, inferni victoria ab sorta, mortis vincula soluta*. E não somente ficou a morte destruida, mas até o nome de morte perdeo, porque  
 55 d'hoje por diante se não chama se não sonno. Antes deste dia, se chamaua a morte, & o apartamento da vida inferno, conforme ao lugar de Genesis, quando Iacob aos  
 60 filhos deu por razão, para lhes não largar Benjamin, o temer, que lhe acontecesse algum desastre, & elle morresse de tristeza, & desconso-  
 65 lação, dizendolhes: *si quid ei adversitatis acciderit in terra, ad quam pergitis, deducetis canos meos cum dolore ad inferos, & na tresladação Tigurina esta: Deduceretis senium meum cum dolore in foveam, id est, efficeretis, vt ego senex maerore,*  
 70 *& tristitia morerer*. Nas quais palauras Iacob chama à morte inferno. E este he o mesmo sentido do verso de Daud: *Et vita mea inferno appropinquauit, id est, morti, quasi dicat: sepulcrum uel vti digito setigi, & quase pedem alterum habui in sepulcro*; Mas no dia da Resurreição de Christo se acabaraõ os nomes de morte, & inferno. *Novam, & externam politiam in*  
 80 *vitam induxit*, diz mais Saõ Chrysostomo. Christo resurgido introduzio no mundo hũa noua politica, & hum nouo modo de fallar: do morrer fez adormecer, à mor-  
 85 te chamou sonno, como aconteceu na morte de Lazaro, quando disse: *Lazarus amicus noster dormit, sed vado, vt a sonno excitem eum*. O qual no me merecia já a morte de Lazaro  
 90 em virtude da Resurreição de Christo, figurada na sua, a qual o Senhor em Lazaro obrara em ordẽ a facilitar a crença, & Fé de sua propria Resurreição, como os San-  
 95 tos dizem, para que vendo os homẽs, que elle resucitava hũ morto

August.in  
Psal.117.

Iob.3.

Chrysos.  
to.1.in  
psal.117.

Genes.42

Tegurina  
Vatabl.Psal.87.  
Genebr.Chysost.  
Ibid.

Ioan.15.

[128r]

de quatro dias, tiuessem por possiuel poder resucitar hum morto de tres, & esses naõ perfeitos, o qual auia de ser elle mesmo.

5 *Exultemus, & laetemur in ea, acrecenta* Dauid, fallando deste dia: no qual lhe razaõ se alegrem as almas, & o festejem os corpos, pois he festa para corpos, & para almas.

10 He dia de se alegrar a terra, & o Ceo, diz Saõ Ioão Damasceno, pois a alegria dos moradores dessa terra, & d'esse Ceo, *ad vitam reddijt* estando morta tornou a viuer estando

15 sepultada resucitou. *Agunt in caelestibus haec Paschalia gaudia ipsi Angelici spiritus, & resurgentis Domini gloriam admirantur, laetãtur, est dellectantur in eo, quod forma, serui reversa sit in formam*

20 *Dei, & exinanitio humiliatis ad depositae altitudinis redierit dignitatem,* Diz S. Cypriano. Se os Anjos no Ceo tanto se alegraraõ com as nossas Paschoas, festejaraõ a nossa melhoria, 25 & não cabiaõ em sy de prazer, vendo, que a nossa baixaza em Chrsito se veste de gloria diuina, & que aquella diuidade, que vinda do Ceo se vestio, & encobrio com nos

30 sa humanidade, no dia d'hoje se pareceo mais comsigo, que cõ nos co, q̃ chegaraõ a apparecer as Marias, & a os discipulos na manham d'hoje vestidos de festa, & de bran-

35 co para mostrarẽ, diz S. Ioão Chrysostomo, que vinham do Ceo à terra anos ajudarem a festejar & celebrar esta solemnidade; nós, cujas almas, & corpos saõ taõ interessa-

40 dos neste bem, porque o naõ festejaremos com todo o bom, & melhor d'alma, & do corpo. E acrecẽta S. Gregorio Nysseno, que mandarmos Deos alegrar, *opus non est gra-*

45 *ve, nec difficile effectu,* nos naõ manda algũa cousa ardua, nem difficil-tosa, mas facil, & bem asombrada, como he, *Exultemus, & laetemur in ea.*

Damasc.de  
Resurrectio.  
ne

Cyprian.de  
Resurrectio  
ne Christi

Chrysostom  
Ibid..

Nyssen. Orat  
de Sancto &  
Salutari festo  
Paschae

*O mandata praeclara, ô dulcem constitutionem. Quis sine mora, atque procrastinatione talibus praeceptis non obtemperabit? Immo quiz non in damno ponet uel exiguam inssorum dillationem? Delleuit enim, & erat omnem penitus memoriam contra nos fa-*

55 *ctae condemnationis.* Quem se não aluoroçará para comprir tambẽ asombrada obediencia? Quẽ deixara de comprir à risca taõ hõrados & proueitosos mandamentos? Quem se 60 naõ tera por ditoso em se ver de posse de hũ dia de vida, & de gloria, no qual se perdeo até o nome ao castigo, & â condennaçaõ?

Porem há se de advirtir, q̃ ainda que o alegrarmonos neste dia se ja facil, com tudo he cousa muito difficultosa ter razaõ, & fundamento de alegria: por quanto sò aquelles tem razaõ de viuerem contentes, que para o mũdo forem tristes, & se inhabilitarem para todos os gostos desordenados da vida. Porque os que hoje ouerem de resurgir com Christo, tem obrigaçaõ de 75 viuerem d'aqui por diante crucificados, como elle morreo. Morreo Christo na Cruz, diz Guerrico Abbade, *vt redemptionis sacramentum iustificationis fieret exemplum,* para q̃

80 entendamos, que ninguem poderá ser participante da Resurreiçaõ, que por meyo da Cruz mereceo, se se naõ determinar a viuer crucificado, como elle morreo. E 85 esta foy a razaõ, porque o Anjo q̃ hoje appareceo às Santas Marias, em dia de tanta gloria de Christo, o naõ nomeou, se não pello Crucificado, *Iesum quaeritis crucifixum?* por 90 quanto não há alcançar gloria, sem Cruz, nem Resurreiçaõ sem morte, nem tem direito a gloria presente, se não que se conformou com a paixãõ passada, & a quem 95 pareceo bem Christo crucificado, como diz S. Cypriano: *vt qui glo-*

Guerric. Abb.  
ser.2.de Ra  
mis palm.

Cyprian. De  
Resurrectio  
ne.

*riati sunt in cruce, cum Crucifixo regnantes beatae fierent peremnitatis participes.* Este argumento prosegue Nazianze-

Naziã.  
Ora.1.  
de pasc.

5 *crucem agebar, suffigebar, hodie simul glorificor: heri commoriebar, hodie simul viui ficor: heri consepeliebar, hodie simul refurgo.* Senhor, aquelles somente tem direiro & auçaõ a serem viuifica-  
10 dos, glorificados, & resurgirem cõ vosco, que em uossa cõpanhia foraõ crucificados, mortos, & sepultados, quando menos per amor, & compaixão. Este direito a gloria do  
15 dia d'hoje allega por sy em nome dos justos S. Ioaõ Damasceno, dizendo: *Heri, ò Christo, tecum inhumabar, hodie te advittam redeunte, simul resurgo: heri in crucem ferebar, tu me in regno tuo*  
20 *tecum gloria affice:* Senhor, se aquelles tem auçaõ a vida immortal, & gloriosa, a que hoje resurgistes, que com vosco foraõ crucificados, & sepultados: lembreuos o como cõ  
25 o animo & compaixão vos acompanhe, para me dardes a gloria ã uos mereço.

Damasc.de  
Resurrectio  
ne.

Este dia se chama dia do Senhor, *dies Dominica*, sem embargo de todo  
30 o proueito ser nosso, & elle não ter necessidade de morrer, nem de resurgir, por quanto a honra de taõ heroica obra, como era destruyr o peccado, a morte, & o demonio,  
35 autor della, a elle se auia de refirir, dandotelhe as graças de tamanha merce a nós feita, por razaõ da qual, como S. Agostinho diz, ouue  
40 monios se lamẽtaraõ, & deraõ por destruidos, & perdidos. E que os principais interesses deste dia se- jão nossos, bem se deixa ver, pois torna a viuer hum amigo, que mor  
45 reo por nós: & nem a morte nos priuou de tal amigo, matandoo. O amigo naõ pode chegar a mais, ã a morrer por vós: & pouco vay nos

amigos do mundo, que o saõ até  
50 morrerem elles, ou morrerdes vos: mas Christo morreo por nós: & tornou a viuer para nós: & foy amigo, ainda depois de morto. Porque o ser sepultado em hũa horta  
55 figura do Parayso do Ceo, foy mostrar, diz S. Gregorio Nysseno, que morto no lo estaua guardando. *Sane enim ipse verus, & immotalis agricola paradisi erat en horto monumenti, sicut in*  
60 *paradiso mulierem, quae Adamum primum hortulanum per encredulitatem deceperat, lapsam corrigens, atque emendas.* Isto diz o Santo a proposito da Magdalena, á qual Chrsito appareceo em figu-  
65 ra de hortelão: por quanto o querer este Senhor ser sepultado em hũa horta foy querer aly fazer o officio de agricultor de nossas almas, & as beneficiar de maneira, ã  
70 fossem capazes desse transplantarẽ no jardim do Ceo.

Nyssen.ora.  
tione.2. de  
resurrectio  
ne Christi.

Nós somos taõ ditosos, que temos por amigo a hum Senhor, ao qual nosso amor mattou, & por a-  
75 mor de nos viue, como Saõ Paulo diz: *Mortuus est propter delicta nostra, resurrexit propter iustificationem nostram.* Morreo, & resurgio, quando mais nos releuaua a nos: morto, & viuo  
80 he nosso, & para nos. Morreo para nos liurar dos males, padecẽdoos, resurgio para nos communicar bens, aceitandoos como Saõ Maximo diz: *Omnium revixit saluti, qui pro*  
85 *omnium peccatis addictus est morti.* Nossos males o pregarã em hũa Cruz, nossos bens o resuscitaraõ. E sendo nos obrigados a ou viuos, ou mortos sermos de Deos, & para  
90 Deos, como Saõ Paulo diz, *Sine ergo viuimus, sine morimur, Domini sumus:* tomou elle tambem esta obrigaçaõ sobre sy, & morto, & viuo foy nos-  
95 so, & para nos. Bastenos Deos morto, para que morraõ em nos os peccados: bastenos Deos viuo,

Rom.4.

D. Maxim.  
hom.3.de  
Resurrect.

Rom.14.

[129r]

para que viuão em nos as virtudes. Se nos bastar Deos, tudo nos sobejará, & nelle teremos hua vara de condaõ, para quanto nos for  
 5 necessario: a nossa morte, nelle terra vida, a nossa tristeza, nelle acharà consolaçaõ, nossa baixeza, nelle interessara gloria. Quando a Iacob deraõ nouas, que seu filho  
 10 Ioseph era viuo, & que reynaua no Egypto, respondeo: *Sussit mihi, si filius meus vinit: no Hebreo lê Caetaõ, Multum est, id est, abunde sufficit mihi pro longi maeroris mei consolatione,*  
 15 & *gaudium maius non cupio.* Sê nouas de hum filho viuo, que nunca morreo, alegraõ tanto, que as alegrias d'alma tresbordaõ, & se dà hum coraçãõ naõ so por bastante, mas  
 20 sobejamente contente, nouas, & certezas de seruo hũ amigo Deos, que por nós morreo, porque naõ seraõ bastantes a alegrar nossas almas de maneira, que não tornem  
 25 ja mais a serem tristes polla culpa? Temos obrigaçaõ todos a dizer, como affirma Guerrico Abbade: *Sufficit mihi, si Iesus viuuit. O vocem fidelẽ, & plane dignam amicis Iesus, õ castissimum*  
 30 *affectum, qui sic loquitur: sufficit mihi, si Iesus viuuit. Si viuuit, viuo, cum de ipso pendeat anima mea, immo ipse sit vita mea, ipse sufficientia mea. Quid enim mihi de esse poterit, si Iesus viuuit? Immo defint omnia alia,*  
 35 *nihil interest mea, dum modo Iesus viuat. Ipse ego si placet ei, desim mihi: sufficit mihi, dummodo viuat ipse vel sibi.* Deuem nossas almas amar a este Senhor taõ pura, & desinteressadamente,  
 40 que tenhaõ por bastante premio de seu amor, a vida do seu amado, & amigo Jesu. Porque a alma, que mereceo seruido, & amado, assi deve depender delle na vida, honra,  
 45 gosto, & no interesse, que so este Senhor de tudo isto lhe sirva: & assi entaõ viuua, quando elle viuue entaõ morra, quando elle morre: en-

Gen.4.  
Caetan.Guerric.  
ser.1.de  
Resurr.

tão seja afrontada, ou honrada, quando elle o for: entaõ se tenha por rica, & abastada, quando o teuer por fazenda sua: de maneira que nada lhe falte, por mais que perca em quanto o não perder: finalmente  
 55 antes se falte a sy, que faltar a Deos.

E pois este Senhor para nós morreo, & para nos viuueo, a nossa conta fica viuermos, como quem tem  
 60 hum Deos naõ morto, mas resurgido, & viuo, & que nos vê. Entre os poços, que Abrahaõ de seu teue, foy hum, que estaua no deserto, & caminho, que hia dar em Sur,  
 65 ao qual Agar fez mais celebre com o nome que lhe poz, indo ter a elle da primeira vez, quando fugio de sua senhora, & Anjo lhe appareceo, como foy, *puteum viuientis, & videntis me,* poço de hum Deos, que viuue, & que me vê. No caminho deste poço, & junto d'elle andaua Isaac meditando quando vio vir Rebecca. E depois da morte de Abra  
 75 haõ diz o texto: *Benedixitque Deus Isaac filio eius, qui habitabat iuxta puteõ nomine viuientis & videntis,* que a ben-diçoou Deos a seu filho Isaac, o qual fez sua habitaçaõ junto do  
 80 poço, q̃ se intitulaua por de Deos, que viuua, & que uia. E com razãõ, porque a melhor paragem, que aquella alma justa podia escolher, para fazer sua viuenda, era aquel-  
 85 la, que de continuo lhe lembrasse, que tinha hum Deos não morto, mas viuo naõ cego, mas que via: porque esta persuasaõ he o melhor meyo, que há para se viuer pella  
 90 regra & medida que Deos viuueo, quer, & ordena: por quanto viuue, & vê para nos pedir residencia do contrario disto. Que quem d'outra maneira procede, por obra mo-  
 95 stra cuydar, q̃ tem hum Deos morto, que naõ sabe o que passa, nem

Genes. 24.

Genes.25.

[129v]

ve, nem ouue o que vay no mûdo.  
 E então aquelles parece que viuê  
 persuadidos de que Deos viuio os  
 vê, quando se resolvem a viuer de  
 5 maneira, que pareçãõ o gente, que tẽ  
 sua morada na paragem dos olhos  
 diuinos. E d'aqui como de mere-  
 cimento proceçerãõ todas as mer-  
 ces, que Deos fez a Isaac: porque  
 10 não sò viuia este Patriarcha jun-  
 to ao poço do vidente, & viutente,  
 quanto na lembrança das obriga-  
 ções em q̃ taõ bom Senhorio, & vi-  
 zinho tinhaõ posto: & esta memo-  
 15 ria o fazia viuer demaneira, que fi-  
 zesse boa vizinhança a Deos, cujo  
 o poço principalmente era.

E assi hũa das cousas q̃ nas San-  
 tas Marias he muyto para louuar,  
 20 & agradecer, he, q̃ taõ viuio estaua  
 nellas o amor a Cristo, & a lem-  
 brança das merces recebidas, & de  
 todas as obrigaçoens, quando elle  
 morto, como quando viuio, como  
 25 Saõ Gregorio Papa notou: *Ei, quem*  
*viuentem dillexerant, & mortuo studio pie-*  
*tatis obsequunur.* Taõ viuio estaua pa-  
 ra estas santas molheres Christo  
 quando sem vida, como quando  
 30 com ella. O amor, que lhe mostra-  
 uaõ na vida, lhe mostraraõ na mor-  
 te: porque se quando viuio o seguiaõ,  
 & ministravaõ o necessario de suas  
 fazendas, na Cruz lhe assistiraõ,  
 35 na morte o chorarãõ, seguiraõ ao  
 sepulcro, & se fallaraõ para com-  
 prarem vnguentos para o vngirẽ,  
 como na verdade comprarãõ: &  
 se não chegaraõ ao vngir, não foy  
 40 por ficar por ellas, mas por acha-  
 rem a Christo resurgido. Tanto  
 foy este Senhor pedra de ceuar pa-  
 ra as levar apõs sy, quando mor-  
 to, como quando viuio. Não me-  
 45 nos bem cheirou as Santas Marias  
 sua morte, & sepultura, para que  
 mouidas desta suavidade corressẽ  
 apõs Christo morto, do que lhe

*D. Greg.Pa.*  
*hom.21. in*  
*Evang.*

cheirauãõ os milagres, que fazia  
 50 para o seguirem, quando viuio. Ex-  
 plicãõdo Origenes as palauras dos  
 Cantares ditas pella esposa a seu  
 diuino Esposo: *Oleum effussum nomem*  
*tuum, ideo adolescentulae dillexerunt te ini-*  
 55 *mis*; pello nome do esposo, compa-  
 rado com o vnguento derramado,  
 entende a fama, que Christo alcã-  
 çou naõ somente polla doutrina,  
 & milagres, que fez, mas polla mor-  
 60 te & Cruz que padeceo: quasi que  
 tanto, ou mais cheirosas, & suaues  
 fossem as afrontas, que por amor  
 de nos padeceo, que os milagres, q̃  
 por nos obrou: & tanto rendessem  
 65 & lauassem as almas apõs si as bai-  
 xezas de Christo, que as suas glo-  
 rias. Como se dissera: Senhor, as  
 almas, que quando vós viuio, se  
 rendiaõ com a vista de vossas ma-  
 70 rauilhas, & com as nouas dellas  
 naõ se deixauãõ levar menos de  
 verem, ou ouirem dizer, que mor-  
 reris por seu amor. *Trahe me post te,*  
*curremus,* dizia mais a esposa. *Id est,*  
 75 *nuncam à tua praesentia diuellar, sive salias*  
*in montibus, sive transilias colles.* Senhor,  
 leuayme a mym a põs vos, que mi-  
 nhas companheiras me seguiraõ,  
 & todas correremos apõs vos, quer  
 80 vades pello altos dos mõtes, quer  
 caminheis pello baixo dos valles:  
 & tanto nos parecereis bem, & pa-  
 ra ser seguido, quando vos virmos  
 abatido, despresado, morto, cruci-  
 85 ficado, & sepultado, como quan-  
 do glorioso, honrado, & resuscita-  
 do. Theodoreto explica as pala-  
 uras da mesma esposa: *Fasciculus*  
*myrrhae dillectus meus mihi, inter vhera mea*  
 90 *commorabitur,* de Christo sepultado,  
 & vngido com myrrha. Como se  
 dissera a alma Santa a este Senhor,  
 que tanto lhe queria morto, co-  
 mo quando viuio; & que tam bem  
 95 lhe cheiraua sem vida, como com  
 ella: & que o coraçãõ, em que

*Orig.lib.*  
*4.hom.in*  
*Cant.ho.*  
*1.Cant.1.*

*Cantic.1.*  
*Sot. Ma.*

*Teodor.in*  
*Cap.1.Cant.*

[130r]

D. Gregor.  
Nyssen. ho.  
3.in Cant.

quando viuo o agasalhaua, estaua  
prestes para o receber morto. E a-  
crecenta Saõ Gregorio Nyssen, que  
foy alusaõ ao trajar das don-  
5 zellas, as quais, se saõ coriosas em  
se enfeitar, naõ sãõ trattaõ de ves-  
tidos ricos, mas cheirosos: tra-  
zendo por debaixo delles depen-  
duradas ao pescoço cousas de chei-  
10 ro: quase dissesse a esposa, que o cõ  
que se enfeitaua, & as cousas chei-  
rosas, com que pretẽdia fazer que  
25

os vestidos recendessem, para assi  
se fazer querida, & amada de to-  
15 dos, era Christo morto por seu a-  
mor, & feito hum ramalhetete de  
myrrha: porque se naõ presaua me-  
nos delle morto que viuo, como  
verdadeira esposa, & amiga. Por-  
20 que como diz o Sabio, *Omni tempore  
diliget qui amicus est*, o verdadeiro ami-  
go em todo o tempo o he, assi na  
adversidade, como na prosperi-  
dade,

## DISCURSO SEGUNDO

*Et valde mane una Sabbatorum veniunt ad monu-  
mentum, orto iam Sole.*

30

PARA que saibamos o tempo  
em que as Santas Marias fo-  
raõ ao sepulcro, onde acha-  
raõ as nouas de como Christo re-  
35 surgira, digamos breuemente em  
concordia dos sagrados Euange-  
lhistas assi. Espirou Christo, vida  
nossa por nossos peccados na Cruz  
á hora nona, que era as tres ho-  
40 ras depois do meyo dia, fallando  
do dia natural, que começaua,  
quando o Sol sahia, & tantas eraõ  
as horas de dia, quantas auia de  
Sol saido: foy tirado da Cruz, &  
45 sepultado antes de começar o Sab-  
bado, que era dia de festa, & o vlti-  
mo da semana, para que nelle não  
ficasse Christo na Cruz pregado,  
parecendo aos do gouerno, que  
50 ficaria a festa desayrosa, & pouco  
solemnizada, ficando nella os cru-  
cificados. E por ventura que ne-  
ste tempo, antes do Sabbado co-  
meçar, mercaraõ as santas mo-  
55 lheres parte do vnquento, & par-  
te depois de passado o dia Santo,  
ou todo entãõ, como alguns di-

60 zem, o qual depois leuaraõ ao  
sepulcro, onde na sexta feira à tar-  
de acompanharaõ a Christo até o  
verem enterrar, & em particular  
Maria Magdalena, & outra Ma-  
65 ria, notaraõ o lugar em que o po-  
seraõ, & vindas do sepulcro se fal-  
laraõ, & concertaraõ para depois  
do Sabbado passado tornarem ao  
vngir, & em todo o dia Santo pa-  
70 raraõ sem fazerem algum obse-  
quio, nem seruiço ao corpo de Chri-  
sto por razão do dia, no qual todo  
o trabalho era prohibido.

Passado o dia Santo mercaraõ  
75 mais vngentos, por não serem  
bastantes, os que tinham compra-  
do, como ja dissemos, & os apare-  
lharão, & determinarão o tem-  
po, & a hora em que juntas auião  
80 de ir, que foy passada a mea noi-  
te, muyto de madrugada. E se de  
Bethania forão ao sepulcro, como  
tem para sy São Boaventura, so-  
mente eraõ duas legoas, & por  
85 mais que madrugarão, & forão de  
pressa, não poderão chegar se não

D. Bonavent.  
Lib. de me-  
ditat. Vittae  
christi.

[130v]

despois do Sol saydo. Se de Ierusalem partiraõ, & madrugando não chegarão, se não despois de saydo o Sol, digamos, que a causa seria, 5 irem as Santas Marias correndo todos os passos, & lugares, por onde Christo no tempo da paixão andou, meditando, & considerando ellas cada qual por sy, & em cada hum chorando muytas lagrimas, dando muytos suspiros, com os quais se lhe dobrauão as saudades, que se seu Mestre tinham. Porque se a consideração destes mysterios nas almas, que os não virão, mas somente imaginauão, causaua tanta deuação, como o S. Ieronymo affirma de Santa Paula, que faria nestas Santas, que auia tão pouco 20 tinham visto tudo, o que na paixão acontecera? Não há que espantar de se deterem tanto nestes santos lugares. Da deuação, com que S. Paula corria estas estancias sagradas diz S. Ieronymo assi: *Et cuncta loca tanto ardore, & studio circumiuit, vt nisi ad reliqua sestinaret, aprimis non posset abduci, prostrataque ante crucem, quasi pendentem Dominum cerneret, adorabat.* 30 *Ingressa sepulcrum resurrectionis osculabatur lapidem, quem ab ostio monumenti amoverat Angelus, & ipsum corporis locum, in quo Dominus iacuerat. quasi sitiens desideratas a quas fidiore lambebat. Quid ibi lacrymarum, quantum gemituum, quid doloris esffuderis, testis est cuncta Ierosoly- ma, testis ipse Dominus, quem regabat.* Nas quais palauras encarece S. Ieronymo o espirito, & feruor, com q̃ 40 esta Santa corria os lugares da sagrada paixão. & o desejo, com que os buscaua, cõpara a hũa sede grãde, porque assi se arrojava a adorarlos, & beijalos, como quando hũ 45 homem todo morto de sede arremette a agoa para a beber. As lagrimas, os suspiros, as dores forão tantas, que sò Deos, por quẽ ella cho-

D. Hier.  
ad. Euch.  
episc.27.

raua, & os que a virão chorar, podemos dar disso testemnuho. Cõ tanto feruor, & espirito adorou o lugar da Cruz, como se com seus olhos estiuera vendo a Christo crucificado nella: tanto se detinha em 55 cada lugar destes, como se cada qual delles somente buscara: & de cada hum delles se não apartara, se não ouuera outros, que buscar, & visitar també. Nesta Santa estaõ 60 representadas as Santas molheres d'hoje, & a causa de tardarem, deuia de ser o deteremse pellas estancias, q̃ o Senhor correo. Aqui se detinhaõ, aly gemiaõ, acola se prostrauão, n'outra parte derramauão lagrimas, considerando o q̃ Christo em cada qual d'estas partes padecera, onde ajoelhara, a paragem onde o Simão Cyreneo o começara a 70 ajudar a levar a Cruz, o lugar onde aquella piedosa molher lhe sayra ao encontro, a lhe a limpar aquelle benditissimo rosto, banhado em sangue, que da coroa de espinhos 75 corria, o Santo Monte Caluario, onde se aperfeiçoou a redemção: & de cada qual destas partes se não apartaraõ, se não fora o sagrado sepulcro, para onde principalmente 80 caminhauão.

Não falta quem tenha para sy, q̃ a causa de deterem, & tardarem foy, que indo ao sepulcro, no caminho ouuirão o terremoto, & cheas 85 de medo pararão, & se esconderão & não tornarão em sy, se não elle acabado, despois do qual, assi medrosas começaraõ a caminhar, & por isso madrugando taõ cedo, 90 chegaraõ tarde, que era o Sol saydo não perfeita, mas imperfeitamente. nem se encontraõ os Euangelistas, em dizer S. Marcos, q̃ vieraõ, *orto iam Sole, & São Ioaõ, que chegaraõ cum adhuc tenebrae essent:* por quãto por Sol nacido se entendem cõ

Marc.16  
Ioann.20.

[131r]

Theophilato, os rayos, que esse Sol na madrugada, & no crepusculado da manhã lança de sy, ainda quando para nós esta escondido. E Eutimio por *valde mane*, entêde o principio da madrugada que então propriamente nace o Sol, ainda que nos não appareça: por quanto neste tempo anda ainda nas partes remotas, & extremas do Oriente. Ainda que Saõ Pedro Chrysologo vay por outra via, & diz, que as Marias chegarão ao sepulcro sendo ainda treuas per respeito a nacença natural do Sol, o qual se nacerá, quando o curso da natureza o pedia, inda fora tempo de as auer: mas que chegaraõ nacido já o Sol per respeito a acceleraçãõ sobre natural d'esse Sol, o qual naquelle dia se apresssou a nacer, para que Christo mais de pressa resurgisse, sem se diminuir na verdade dos tres dias, & tres noites do sepulcro, resurgindo ao terceiro dia, como he Fé Catholica, que resurgio. E acrecêta o Santo, q̃ como na morte de Christo mingou o dia as tres horas, que o ecllipse durou, & outras tanas acreceraõ â noite, era conueniente, que no dia da Resurreiçãõ se abreuiasse a noite, & crecesse o dia, & a este se fizesse restituiaçãõ do tempo, que a noite lhe roubara. E d'este dia diz Sam Ambrosio, que nelle appareceo o Sol mais claro, & resplandecête. *In Resurrectione Domini omnia ellementa gloriantur: Solem arbitror in hoc die solito clariorem: necesse est enim vt sol in eius resurrectione gaudeat, in cuius passione conduluit.* Conueniente cousa foy, que os ellementos, q̃ na paixãõ de Christo se perturbarão, com a sua gloria, & Resurreiçãõ se glóriassem: & em particular o Sol, que pois na morte do Senhor se anojou, & vestio de luto, razão era q̃ no dia de seu triũ-

*Chrysolog.  
ser.82.*

*Ambros.ser  
52.*

pho se vestisse de hũa noua luz. E clipsarse o Sol, foy negar a claridade a maldade tamanha, como foy crucificar a Christo, & vingarse a poder de treuas dos Iudeos, para q̃ estiuessem cegos de fora, como o estauão de dêtro: nẽ tiuesse luz do Ceo, quẽ extinguirá a luz de sua alma. E o esclarecer este dia foy festejar tão grãde bẽ, para q̃ de todos fosse visto, & estimado.

60 E tornãdo às Marias, em chegãdo ellas ao sepulcro, viraõ a pedra tirada delle para hũa parte: o que vendo a Magdalena, como mais solcita de Christo, imaginou ser o corpo do Senhor furtado, & deixãdo as duas companheiras no sepulcro, foy ter com S. Pedro, & com S. Ioaõ, dizendo, que o corpo do Senhor era roubado, & que nem ella, 70 nem as duas companheiras sabiaõ delle parte. Em quanto a Magdalena veo dar estas nouas, às duas; q̃ ficaraõ, appareceo o Anjo assentado sobre a pedra, como conta São. 75 Mattheos, o qual lhes disse que não temessem, porque o Crucificado que buscauaõ, resurgira, & que já não estaua no sepulcro, que podião ver, se quisessem, o lugar 80 onde fora sepultado: & que fossem logo dar nouas aos discipulos, do que virão: & como o Senhor os hia esperar a Galilea. Entãõ entraraõ as Marias no sepulcro, como conta Sam Marcos, & viraõ estar assentado hum Anjo na parte direita, vestido de branco que tambẽ lhes disse o mesmo, que o primeiro. E 90 estar o Anjo assentado, foy argumẽto da Resurreiçãõ, porque estar o seruo assentado era evidente sinal de não estar ja aly o Senhor. Saindo as Marias do sepulcro cheas de medo, & vindose já, toparaõ com 95 Saõ Pedro, & Saõ Ioaõ, & com a Magdalena, que vinhaõ corrêdo:

[131v]

aos quais de temor não poderaõ  
 dizer nada, do que viraõ. E tornan-  
 do todos, nada acharaõ, tirando o  
 lançol, & o sudario: os dous disci-  
 5 pulos se tornaraõ logo com medo  
 dos Iudeos: no qual tempo ficaraõ  
 as duas Marias hum pouco a afa-  
 stadas do sepulcro, cheas de me-  
 do, & sò a Magdalena ficou junto  
 10 delle, onde lhe appareceraõ os An-  
 jos, os quais não vira, por quanto  
 fora dar nouas aos dous discipu-  
 los, onde lhe appareceo Christo  
 em figura de hortelaõ, & foy a pri-  
 15 meira que o vio, & conhecendo,  
 tornou dar nouas aos discipulos:  
 & as duas, que ficaraõ cheas de me-

20 do, appareceraõ dous Anjos, di-  
 zêdolhes, q̃ para que buscaão en-  
 tre os mortos hum Senhor que era  
 viuo: nê tinhão para q̃ buscar em  
 sepulcro quẽ já resurgira, como el-  
 25 le lhes tinha ditto estando em Ga-  
 lilea. E acrecenta o Euangelista,  
 que então se lembrarão das pala-  
 uras do Senhor. E tornando em  
 parte medrosas, & em parte ale-  
 30 gres, a dar nouas aos de mais com-  
 panheiros, no caminho lhes appa-  
 receo Christo. Com tudo os disci-  
 pulos assi as nouas das duas Ma-  
 rias, como as da Magdalena teue-  
 35 raõ por despropositos

Ioan.I.

## DISCVRSO TERTEIRO.

40

*Et dicebant ad inuicem: Quis reuoluet nobis lapidem  
 ab ostio monumenti.*

40 NÃo ha de duvidar, Se não,  
 que a primeira, que isto di-  
 45 ria, deuia de ser a Santa  
 Magdalena, a qual entre todas era  
 a principal, & a primeira no amor,  
 & no feruor, & como tal chamou  
 as de mais: & leuada do amor deste  
 50 Senhor, foy a pedra de ceuar, que  
 leuou apòs sy as outras. *Trahe uia post  
 te, curremus.* Senhor, leuayme apòs  
 vos, & dayme virtude para leuar a-  
 pòs mĩ as companheiras, que eu  
 55 uos prometo, que nenhũa fique  
 atraz sem uos seguir. Da pedra de  
 ceuar diz Platão, que não somen-  
 te a natureza lhe deu virtude para  
 trazer a sy hũ anel, ou manilha de  
 60 ferro, mas leuandoos apòs sy, lhes  
 dá virtude, para q̃ tragão tambem  
 outros aneis, & manilhas apòs sy, a  
 té se fazer hũa cadea grande de a-  
 neis, & manilhas, hũas pegadas nas  
 65 outras. E no Euangelho temos

*Plato.lib.de  
 10.vel de  
 furore poe-  
 tico*

exemplos semelhantes, os quais  
 São Ioaõ refere, conuem a saber,  
 quando S. Andre alumiado de Chri-  
 70 sto, & trazido a elle, como por pe-  
 dra de ceuar, trouxe a S. Pedro ao  
 mesmo conhecimẽto, & S. Philip-  
 pe trazido â Christo trouxe a Na-  
 tanael. E assi esposa, quando dizia  
 75 *traheme*, tambem lhe prometia, *o  
 post te curremus*, que dãdo lhe elle seu  
 fauor, & ajuda seria pedra de ceuar  
 das companheiras. E nesta jornada,  
 & romaria d'hoje disto seruiu a Sã-  
 80 ta Magdalena às outras Marias:  
 ella chamou Ma ria Iacobi, a ambas  
 se ajuntou Maria Salome: a todas  
 tres se ajuntarão outras, & se não  
 foy desta vez, foy d'outra.  
 85 Mas nestas santas molheres he  
 mais para louuar o animo, o va-  
 lor, o esforço, que mostra porque  
 quando os discipulos estauão escõ-  
 didos, & fechados com medo Iu-

deos, & os ho†[...]s tornados molheres,  
 as molheres estauaõ tornadas ho-  
 mões na fortaleza, & magnanimida-  
 de, não temendo, nem receando o  
 5 irem de noite estando o sepulcro  
 fechado, & sellado com o sello de  
 Pilatos, & quebralo era crime gra-  
 vissimo; avendo gente de guarda,  
 que o estaua defendendo, estando  
 10 de por meyo as a meaçãs, que os Iu-  
 deos tinhaõ feito a quem de Chri-  
 sto tratasse, as excomunhões ful-  
 minadas, hũ corpo morto de sy hor-  
 rendo, & que na ley se prohibia o  
 15 tocalo: cõ tudo sò duvidaõ da pe-  
 dra, que per fracas não podião leuã-  
 tar, & este lhe parecia o maior in-  
 cõueniente, que era o menor para  
 o seu amor, & o mayor para as suas  
 20 forças. E o amor do Senhor, que  
 nellas ardia, lhes fazia tudo facil,  
 & tinha convertido em sy todas as  
 demais paixões, como saõ medo,  
 receo, covardia, fraqueza: o que he  
 25 propriedade do amor, como Saõ  
 Agostinho diz: *Amor vbiveneris, caette*  
*ros in se omnes traducit, & captiuat affectus.*  
 O amor onde chega, faz o ã quer,  
 & cattiuat todos os mais affectos,  
 30 & paixões, & as conuerte em sy:  
 do temor faz ousadia, do receo  
 magnanimidade, a fraqueza con-  
 verte em constãcia, a covardia  
 muda em valor, & tudo faz em or-  
 35 dem a amar melhor, sem auer cou-  
 sa, que o estorue. Molher era a es-  
 posa, & por natureza fraca, & co-  
 varde, & para pouco, o contudo  
 o amor, que a seu esposo tinha, da  
 40 fraqueza tirou forças, & acabou  
 com ella que se leuantesse do leito,  
 de noite corresse toda a cidade,  
 até o achar. De Cleopatra Raynha  
 do Egypto conta Plutarco, que de  
 Plutarc. in  
 Vitta Marci. 45 noite em trajos de escraua seguia a  
 Marco Antonio, a quẽ amaua: mas  
 como nella o amor era prophano,  
 todas essas valentias naciaõ de fra-

Aug. in  
 Manua.

Cantic.3.

Plutarc. in  
 Vitta Marci.  
 Anton.

queza, & o eraõ: & sò as que pro-  
 50 cedem do amor diuino, & casto me-  
 recem nome de esforços: & não há  
 ninguem, por fraco, & molher, que  
 seja, a quem este amor diuino não  
 inflame, se nelle se accende, co-  
 55 mo Plataõ affirma: *nec quisquã ad*  
*eo ignanus est, quem amor non inflamet,*  
*& ad virtutem diuinum reddat, vt viuo for-*  
*tissimo par auadat.* E o mesmo Plataõ  
 affirma, que este nome, amor, no  
 60 Grego se tomou do nome fortale-  
 za, ou vehemẽcia, pondo se lhe o no-  
 me conforme aos effeitos, que faz nos  
 corações fazendo os fortes, & vehe-  
 mentes.  
 65 Por onde o sepulcro fecha-  
 do, & selado os soldados postos em  
 guarda, as ameaças dos Phariseos  
 eraõ de pouca consideraçaõ para as  
 Santas Marias cheas do amor de  
 70 Christo. Porque como diz Cicero,  
*nihil difficile amãti.* E de os Phariseos  
 tinhaõ posto ley, que ninguem tra-  
 tasse de Christo, o amor tinha po-  
 sta outra ley mais forçosa a estas  
 75 molheres, que obuscassem. Quiz *legen-*  
*dat amantibus? Maior lex amor est sibi,* dis-  
 se Boetio. Todas as leys tem repli-  
 ca, & resposta, a replica que tem as  
 leys do amor, saõ obedecerlhe sem  
 80 ella. E Euripides ao amor cha-  
 mou *tyrannum virorum*, tyranno dos  
 corações dos homões: porque faz  
 delles o que quer. Os outros tyran-  
 nos saõ no dos corpos: o amor he  
 85 o das uontades. E Nazianzeno lhe  
 chamou tyranno suaue, por quando  
 sem uos dar pena, antes gosto, faz  
 de uos quanto quer. E Plauto di-  
 zia, que antes lutaria com a serpen-  
 90 te, que se chama Hydra, ou Exce-  
 tra, a qual fingiaõ os antigos ser de  
 sette cabeças, ou cõ Antheo, de quẽ  
 se affirma, que entãõ podia mais,  
 quando dauãõ com elle no chaõ,  
 95 porque entãõ cobraua maiores for-  
 ças, ã com o amor: *Cum Excetra, cum*

Plato in  
 Simpos..

Platus in  
 Phaedro..

Boetiu. Lib.  
 2. Met. 12.

Euripid. in  
 Hyppolito.

Plauto in  
 Pers..

*Anteo luctari malim, quam cum Amore.*  
E se o amor mundano he este, que  
fara o diuino nos coraçoens onde  
entrar? De molheres fracas, & co-

5 uardes por natureza fara homens  
no valor, & na constancia a poder  
de graça.

10

## DISCURSO QVARTO.

*Et respicientes viderunt reuolutum lapidem.*

**A** Quem faz o que está em sy,  
& na sua mão supre Deos o  
15 mais, & manda tirar a pedra  
por hum Anjo. E quem estima, &  
ama tanto a Deos morto, que se  
não presa delle nesse estado me-  
nos, que quando viuo; para esse  
20 tal não podera esse Senhor estar  
muyto tempo morto sem que lhe  
mande dar sinais, & nouas, que he  
resurgido: & se lhe mostre glorio-  
so, & resplandecente, como a estas  
25 Santas Molheres aconteceo pol-  
la pressa, piedade, & deuaçaõ, com  
que morto o buscáraõ. E assi co-  
mo os pastores na noite da nacen-  
ça deste Senhor com a sua vigilã-  
30 cia, & simplicidade alcançaraõ se-  
rem os primeiros, que o vissem na-  
cido, assi estas com a sua deuota,  
& piadosa pressa o serem as pri-  
meiras, que o vissem resucitado.  
35 E a conueniencia que para isto ou-  
ue, foy para que assi como a mo-  
lher fora ao homem autora da cul-  
pa, assi fosse a primeira, que lhe  
desse nouas do remedio della, co-  
40 mo São Ambrosio ponderou, fal-  
lando da Magdalena em particu-  
lar: *Sicut enim in principio mulier au-*  
*ctor culpae viro fuit, vir executor erroris:*  
*ita nunc quae mortem prior gustauerat, re-*  
45 *surrectionem prior vidit, culpae ordine, re-*  
*medio prior. Et ne perpetui reatus apud vi-*  
*ros approbrium sustineret, quae culpam viro*  
*transfuderat, transfudit, & gratiam vette-*  
*risque lapsus compensat arumnam resurre-*

*Ambrs.lib.*  
*10.luc.24.*

50 *ctionis indicio.* E mais abaixo, *vt plu-*  
*ribus suadeat, quae vnum ante decepera.,*  
Conveniente cousa foy, que na  
ley da graça se guardasse a mesma  
ordem, ã no estado da culpa: ã assi  
55 como a molher foy a primeira no  
peccado, o fosse em encontrar com  
o remedio delle: & já ã a principio  
persuadindo a Adaõ, que comesse,  
foy autora da morte, & o homem  
60 executor della: na Ley da graça  
fosse a primeira, ã desse as nouas da  
vida, & com ellas recompensasse a  
occasiaõ que dera da perdiçaõ, pa-  
ra que não fosse sempre tida na cõta,  
65 que a principio merecera, antes fi-  
zesse da culpa passada hũa restitui-  
ção taõ abundante, que instruisse  
a muytos da Fé da Resurreiçaõ,  
por hũ sò a ã persuadio, ã comen-  
70 do peccasse. Este mesmo pensamen-  
to foy o de Chrysologo, quando  
diz: *Quae de paradiso perfifiam sumpse-*  
*rat, festinat fidem sumere de sepulcro: com*  
*tendit rapere de morte vitam, quae de vita*  
75 *rapuerat at mortem.* E mais abaixo: *vt quã*  
*deceperat arboris visus, visus repararet sepul-*  
*cri.* Ganhouse no sepulcro a mo-  
lher, que no Parayso se perdeo: ti-  
rou vida da morte, auendo d'antes  
80 tirado morte da vida. Alumiou a  
hum sepulcro triste, escuro, & mal  
asombrado, avendoa dantes cega-  
do hũa aruore fresca, & formosa.  
Apparecem Anjos, a quem dantes  
85 apparecera hũa serpente.

*Chrysost.*  
*ser.74.*

*Nazian.*  
*orat. I.*  
*de Pasc.*

E acreceta S. Gregorio Nazian-

[133r]

Nicetas in  
Nazianz.

zeno: *Si Maria quaedam sis, si alia Maria, si Salome, si Ioanna dilluculo lacrymas profunde. Fac pri ma sublatum lapidem, Angelos etiam fortasse, atque adeo Ie-*  
 5 *sum ipsum videas, &c. Novitt enim à quibus primùm conspiciendus sit. Resurrectionis encanium cellebra eua succurre primae lapsae, prima Christum salutans, ac discipulis indicans.* Quer dizer, como explica Nicetas: Se vos parecerdes com a Magdalena, & com ella uos virdes liure dos peccados todos por virtude da pregaçãõ Euangelica, & fordes semelhante a ella na  
 10 contemplaçãõ; se com Christo fordes aparentado, naõ no sangue, mas pella obseruancia dos mandamentos, como a Virgem foy, (tem Nycetas para sy ser opiniaõ  
 20 de Nazianzeno, que a Virgem foy com a Magdalena da primeira vez ao sepulcro a fazer se certa da Resurreiçãõ, mas menos bem, por quanto a Virgem estaua certissima de seu filho auer de resurgir)  
 25 se fordes dado à vida actiua, & contemplatiua, significadas pellas outras duas Marias; se vossa alma viuer quieta, & pacifica de todas as perturbaçoens, & inquietaçoens, que os peccados custumaõ causar; se estiuer em vós a carne sojeita ao espirito, para que este sem impedimento se possa occupar na consideração das cousas celestiaes, parendouos nisto com Salome, que significa paz: se vos parecerdes com a Santa Ioanna, que quer dizer pomba, pella qual  
 40 he significada a alma pura, & limpa de todo o vicio, & fecunda para todas as virtudes, se chorardes, & derramardes hũas lagrimas de votas, & apressadas, com as quais  
 45 pessais ao Senhor, que vos insine o que conuem à vossa saluaçãõ; vereis Anjos, hum posto a cabeceira

do sepulcro, que vos instrua na Diuidade de Christo, significada  
 50 pella cabeça, outro ao pé do sepulcro, que vos insine o que conuem à sua humanidade, significada pellos pés, & os movimentos de vossa alma, significados pellos Anjos,  
 55 que em vos para todo o bem estaõ mortos, appareceraõ de nouo, & mostraraõ auer em uos os effeitos de Christo resurgido: finalmente vereis ao mesmo Senhor,  
 60 não em figuras, nem em sombras, mas claramente para comprir à risca todos os vossos desejos. Quando isto fezerdes, emendareis, & remedeareis os erros de Eua, curando hum contrario com outro, para que assi como ella deu nouas a Adão do engano do demonio, & Maria aos Apostolos fez sabedores da saluaçãõ, vos façais o officio de Maria, insinando aos ignorantes, & não o de Eua, peruertendo sabios.

Quando dizemos, que a Magdalena foy a primeira, que vio a  
 75 Cristo, sempre fica exceituada a Virgem Mãy sua, a qual foy a que primeiro o vio glorioso, como affirma Saõ Ambrosio dizendo: *Vidit ergo Maria resurrectionem Do-*  
 80 *mini, & prima vidit, & credidit. Vidit & Maria Magdalene, quamuis nutaret.* E acrecenta Saõ Bernardo, que o vio a Senhora não para crer, o que d'antes não cria, que de auer de  
 85 resurgir estaua certa, mas para sua consolaçãõ, *Ideo & prima Dominum vidit in forma gloriosa, & non ad confirmationẽ dubij, sed as consolationẽ gau-*  
 90 *dij: vnde & Euangelista cam non recenset.* E acrecenta o Santo a razão, porque os Euangelistas não fezeraõ mênção da aparição feita à Senhora, conuem a saber, porque o intento d'elles foy escreuerem somente

Ambr. lib. 3  
de virginib.

[133v]

aquellas, q̃ seruirão de confirmar a Fê, & como este effeito se não pretendesse na apparição feita à Virgem, se não fez della menção. O

5 mesmo tem para sy Saõ Anselmo, affirmando, que o mesmo ouvira dizer a outro Padre mais antigo, o qual perguntado por elle lhe disera, que a razão fora, porque co

10 mo na escritura se não ponha cou sa algũa se naõ com muyto fundamento, se se dissera que Christo apparecera a sua Mãy, & que a instruíra em Fê de sua Resurreiçãõ

15 cuydarase, que tinha tanta necessidade de Fê, como tinhaõ os de mais, aos quais appareceo: & em se não dizer, se mostra que a razão de lhe apparecer, fora differête da

20 razão que ouuera para apparecer aos outros, aos quais se reuelou para nelles causar Fê: mas a Mãy para lhe dar gosto. O mesmo tem para sy Saõ Vicente Ferreira, o qual

25 affirma, que a S. Gregorio fora reuelado, como Christo pello Anjo Saõ Gabriel, mandara as nouas de ser resurgido a sua Mãy, & a após o Anjo fora o mesmo Senhor a lhe

30 apparecer. Esta mesma opimião tẽ Nycephoro Callixto dizendo: *Primum quidem à matre, & reliquis conspectum est mulieribus.* E nas reuelações de S. Brisida, se conta hũa em que a Vir

35 gem lhe appareceo dizendo: *Multi etiã in Ierusalem sancti mortui resurrexerunt, quos vidimus, quorum animea ascenderunt cum filio meo, sed corpora expectant cum alijs inditium, & resurrectio-*

40 *nem. Mihi vero quae sum mater Dei, cum post mortem eius incomprehensibili dolore maests essem, apparuit idem filius meus priusquam alijs: & palpabilem se ostendit mihi, consolans me, & commemorans se in*

45 *caelum visibiliter ascensurum. Et quamvis hoc non est scriptum propter humilitatem meam, tamen ista rei veritas est, quod fi-*

Ansel. Lib. de  
excel. virg.

B. Vinc.  
Ferr. Ser.  
1. in die  
Paschae.

Niceph. Lib.  
1. schol. hi  
Cap. 32.

B. Brigi.  
da lib. 6.  
Cap. 94.

*lius meus resurgens primo mihi apparuit, quã alicui alij.*

50 Algũas razoens há para isto ser assi, que ajudaõ a autoridade dos Santos, que affirmaõ ser a Virgem a primeira, que vio a Christo glorioso. Primeiramente, se

55 Deos apparece a quem tem nelle Fê, & o não tenta, como se diz no liuro da Sabiduria, & se manifesta, & insina aos que o amão, como por S. Ioaõ affirma dizendo: *Qui*

60 *diliget me, diligetur à Patre meo: & ego diligam eum, & manifestabo ei me ipsum:* & aos que por elle choraõ, & saõ affligidos, assiste para os consolar, pois a Virgem teue maior Fê,

65 que todos, & essa excelente ( que como alguns Padres tem para sy, sò nella ficou a Fê explicita da Resurreiçãõ) & amou a Christo mais que todos, & as dores de o ver crucificado forão tão grande, que cõ

70 elle estaua crucificada na Cruz per compaixão, razão era que já que appareceo aos que de tudo isto teveraõ menos, apparecesse a quem

75 de tudo teue mais, & melhor. Alẽ d'isto era conueniente, diz Simão de Cassia, que já que a Senhora foy a propria que vio, & adorou a Christo nacido, fosse a primeira,

80 que o visse renacido, & resucitado. Confirmase isto em com vir a Christo em razão de Filho, que hõ rase, & consolasse taõ honrada Mãy, & lhe mostrasse particulares

85 finais d'amor, com os quais crescessem nella a Fê, a Esperança, & Caridade. Acrecenta se a isto, que se Christo não apparecera primeiro a sua Santissima Mãy, quando o

90 Anjo disse às Marias, que dessem nouas do que virão a São Pedro, & aos discipulos, tambem lhes mandara, que dessem nouas à Virgem: mas escusou auisalas disso, porquã-

Sapiae. 1.

Ioann. 14.

Cassia libr.  
14 de Re.  
surr.

[134r]

to sabia, q̃ jã lhe tinha Christo ap-  
parecido. Com tudo não se faz di-  
sto menção no Euangelho, por quã  
to sò se faz menção d'aquellas ap-  
5 parições feitas às pessoas, que auiaõ  
de seruir de testemunhas da Resur

reição, da qual a Virgem não con-  
uinha testemunhar por ser Mãy,  
porque o tal testemunho ficaua sos  
10 peitoso por ser acerca de filho. Ap-  
pareceolhe logo para a honrar, &  
lhe mostrar amor.

15

TRATTADO SEGVNDO.  
DO MESMO SANTO DIA  
DA PASCHOA DA RESVRREIÇAM.  
DISCVRSO PRIMEIRO.

*Iesum quaeritis Nazaraenum, Crucifixum: surrexit  
non est hic. Marc. 16.*

20

Celebra hoje a Igre-  
ja o principal arti-  
25 guo de nossa Fé, a  
Resurreição de  
Christo a qual co-  
mo diffine S. Tho-  
mas N. P. foy causa de nossa resur-  
30 reição quando despois d'estar sua  
diuinissima alma apartada do cor-  
po em o lymbo, & esse corpo no se-  
pulcro por espaço de tres noites &  
tres dias, naõ inteiros, mas parte  
35 d'elles, na madrugada do Domin-  
go, acordou do sonno da morte re-  
surgido, & glorioso, despois q̃ do la-  
do lhe saio a Igreja Esposa sua, &  
delle manáraõ os Sacramentos, assi  
40 como da costa de Adão ( estando  
dormindo) foy formada Eua. Saio  
o Senhor viuo, & inteiro da morte,  
sepulcro, & inferno, como outro  
Jonas do ventre da balea: & como  
45 outro Daniel do lago dos Leõens,  
pera ser adorado dos homẽs, como  
o Propheta o foy dos Chaldeos. So-  
lino cõta, q̃ em Egypto ha hũa fon-  
te, onde as candeas, q̃ nella semetẽ

*Solinus. cap  
13.*

50 acesas, se apagaõ, & as apagadas saẽ  
acesas. Que homem viuo esteuera  
tres dias em hũ sepulcro, q̃ não sai-  
ra morto delle? Christo entrou na  
sepultura morto, & sae viuo: & do  
55 lugar d'onde o viuo saíra morto, o  
morto saio viuo. A vara de Moy-  
ses sendo seca, & não avendo tẽpo  
para reuerdecer floreceo. Christo  
floreceo, & tornou com vida do se-  
60 pulcro, sendo lançado nelle sem el-  
la. Mas com tudo, foy o Senhor se-  
pultado sobre certeza de florecer,  
como o Espirito Sãto diz, pello Pro-  
pheta Daud, em nome do Mes-  
65 sias: *Benedicam Dominum, qui tribuit mi-  
hi intellectum, insuper & caro mea requies-  
cet in spe: resurrectionis, & glorificationis  
scilicet. Quoniam non dereliques animam  
meam in inferno, nec dabis sanctũ tuũ videre*  
70 *corruptionẽ.* Não era razaõ, diz o  
Messias, fallando cõ o Padre Eter-  
no, que võs Senhor uos descuidas  
seis d'hũa alma vnida â Diuin-  
dade, & a deixasseis estar mais tem  
75 po no limbo: nem era bem, que cõ  
sentisseis que hum cor po, que vos

*Psal. 15.*

[134v]

santificastes, se corrompesse: mas quando muyto visse o sepulcro, & esteuesse nelle quanto bastasse para mostrar, que verdadeiramente  
 5 morrera, & no inferno entrasse, *vt victor, non vt debitor*, naõ como culpado, & deuedor, mas como vëcedor, & senhor, & d'elle saisse triũphante. E em sinal de vittoria appare-  
 10 cesse hum Anjo vestido de branco, o qual trajo era de gloria, & semelhante ao em que Christo appareceo na trãsfiguraçãõ & vsado dos Romanos, entre os quais os que  
 15 triumphauãõ, hiaõ vestidos de brãco, & o caualo em que hiaõ, & os animais que offereciaõ eraõ da mesma cor, como faz mençãõ Virgilio, no liuro segundo das suas  
 20 Georgicas.  
 E no Apocalypse, dos que triũpharem com Christo, se diz, que seraõ vestidos de vestiduras brancas. *Sed habes pauca nomina in Sardis, qui non inquinauerunt vestimenta sua: & ambulabũt mecum in albis quia digni sunt. Qui vicerit, sic vestietur vestimentis albis.* O vestido branco ao Anjo foy trajo, que significaua o triumpho,  
 30 que Christo alcançara da morte, inferno, demonio, peccado, & dos Iudeos. Entre os Romanos auia hũa ley, que ninguem fosse admitido a triumpho sem vencer cinco  
 35 batalhas, & nellas mattar ao derredor de cinco mil homes, ficando salua a mayor parte do seu ezercito, & sem sojeitar primeiro ao Imperio Romano algũa grande provincia. E na conta das vittorias  
 40 não entrauãõ as ciuis pollas quais se não daua triumpho. Não faltaraõ ao triumpho d'hoje semelhantes vittorias, antes mais afamadas,  
 45 ficãdo saluo, & melhorado tudo aquilo com que aos inimigos venceo, conuem a saber, a Diuidade, a alma, o corpo, as virtudes, & gra-

Virgi.lib.2  
Georg.

Apoc.3.

ças com que sojigou a seu Imperio, não se hũa provincia, mas to-  
 50 do o mundo: & isto cõ nouo modo de pelleja sem sangue, nem morte alhea, mas propria: repartindo por nós todos os despojos da vittoria, contra o costume do mundo,  
 55 que os custuma repartir parte cõ a Republica, parte com os soldados, parte com o mesmo Emperador. Não faltaraõ a este triumpho cattiuos, quais foraõ as almas dos Padres, que do limbo tirou, & os que com elle resurgiraõ, para com elle sobirem ao Ceo. Porque se na paixão esteue Christo taõ liberal, que  
 65 saluo hum ladraõ estando encravado, preso, & vencido: quãdo vittorioso, como naõ libertaria aos seus amigos, & servos, como S. Ambrosio diz: *largior ad praestandum solet esse laeta victoria, quam adicta captiuitas.* A vittória alegre, he mutyo mais liberal sem comparação, que o cattieiro triste, & forçado.

E neste sentido explica Santo Agostinho as palauras do Prophe-  
 75 ta Oseas: *Ero mors sua omors: morsus tuus ô inferne:* quasi nellas se propheziasse o como Christo estando no limbo depois de morto ameaçaria a morte, & inferno dizendo:  
 80 *Ero morsus tuus, ô inferne, qui sublatis meis in parte retransfigo. Ero mors tua ô mors: quia in ellectis meis te fundit perimo.* Quẽ morde, tira hum bocado, & deixa  
 85 outro, mordeo pois Christo a morte, fazendo cõ que os justos a não temessem, pois auiaõ de resurgir como elle: & com que a mesma morte perdesse as forças mattan-  
 90 doo, conforme ao lugar que S. Paulo rephere: *Absorta est mors em victoria, id est, vires ami sit,* como Saõ Cyrilo explica. O que considerando S. Athanasio diz: *Non enim morte superari potuit, sed potius aculeum suu amisit.* E  
 95 mais abaixo: *in deglutione mors fuit, post*

August.  
137.Atanas. de  
passione &  
cruce.

[135r]

quam inualeurat. O morder Christo a morte esteue, diz S. Athanasio, em que tão fora ficou a morte de ser vencedora, porque Christo mor-  
 5 reo, que pollo mesmo caso ficou vên-  
 cida, morrendo o Senhor para re-  
 surgir, & sendo vencido por pouco  
 tempo, para ficar para sempre ven-  
 cedor, & como outro Sansaõ, o  
 10 qual morto vëceo & mattou muy-  
 tos mais, que quando viu. S. Hila-  
 rio Arelatense refere a fabula de  
 Antheo, do qual fingem os anti-  
 guos, que no peleijar tinha tal vir-  
 15 tude, que quando lutaua, então sa-  
 hia vencedor, quando o inimigo  
 daua com elle no chão até tocar na  
 terra, porque então se abraçaua cõ  
 ella, da qual como mãy sua, tomaua  
 20 nouas forças, com que preualecia,  
 nem tinha outro remedio para ser  
 vencedor, se não cair. *Ac si deiectio  
 postrati occasio fiebat triumphi. Dabat enim  
 quodammodo infirmitas fortitudinen, lap-*  
 25 *sus, palmam ruina victoriam.* O cair na  
 terra era occasião da vittoria: porq̃  
 parece que a fraqueza daua forças,  
 a morte daua triumpho, a queda  
 daua vencimento. O que tudo ve  
 30 mos na verdade comprido no diui-  
 no Antheo da ley da graça Christo.  
 E tornãdo ao lugar de S. Agoti-  
 nho, digo, q̃ mordeo Christo ao in-  
 ferno, por quãto lhe tirou todos a-  
 35 quelles, q̃ cõ sua morte se auião de  
 saluar. E representa o Santo auer  
 grandes prantos no inferno, & os  
 demonios se lamêtarẽ de se verem  
 roubados, & cõ tanta presa de me-  
 40 nos, & virẽse todos ter com o seu  
 Principe dizendo: *Illas tuas diuitias,  
 quas acquisieras per paradisi amissio-  
 rem, nunc perdidisti per crucem.* Christo cru-  
 cificado, foy a destruição do vosso  
 45 Imperio, ouereis de ver primeiro  
 a quẽ mataueis: porq̃ hoje perdes-  
 tes na Cruz quãto com o peccado  
 de Adão cometido no Paraiso ga-

Hilar. Are  
 Lat. ho. 6. de  
 Paschae

August.  
 ibid.

nhastes, *attenderes causam, requireres cul-*  
 50 *pam.* Ouereis de atentar a causa, q̃  
 auia para crucificar, & a quẽ, a cul-  
 pa q̃ auia para tirar a vida: porq̃ em  
 entrar no inferno hũ liure, & inno-  
 cente, se deu liberdade a muitos ca-  
 55 tiuos. Fallãdo a escritura do como  
 Ionas saio do ventre da balea diz:  
*& dixit Dominus pisci, & euomit lonã in  
 aridam.* Mandou Deos ao peixe, que  
 vomitasse a Ionas, & logo o vom-  
 60 tou. O q̃ pôderando S. Ieronymo  
 diz, q̃ da propria maneira mandou  
 Deos ao inferno, q̃ desse ao mũdo  
 o seu Saluador, o qual resucitado  
 trouxe cõsigo muytos. O q̃ o Sãto  
 65 explica cõ a cõparação do q̃ come  
 algũ manjar, o qual lhe descõcerta  
 o estamago, & o faz enjoar de ma-  
 neira, q̃ lança quanto no estamago  
 tinha: não sò o q̃ ao presente come  
 70 ra, mas o que tinha comido. Assi  
 Christo, diz o santo, foy bocado, q̃  
 o inferno pella morte comeo, & cõ  
 o qual se descõcertou, & enjoou de  
 maneira, q̃ o lançou fora de sy, & cõ  
 75 elle todas as almas dos Santos Pa-  
 dres, q̃ auia muyto esperauão esta  
 vinda do Senhor. E isto foy o q̃ o Es-  
 piritto Sãto quiz dizer por S. Pedro,  
 como refere S. Lucas nos Actos dos  
 80 Apostolos, quando fallando da Re-  
 surreição de Christo diz: quem *Deus  
 suscitauit solutis doloribus inferni.* Aonde  
 chama dores do inferno às vascas,  
 e enjoamentos, q̃ fallando meta  
 85 foricamente o inferno teue, quan-  
 do d' elle Christo saio: tomada a se-  
 melhança das vascas, & enojamen-  
 tos, q̃ costumão ter, os q̃ vomitão.  
*Euomit autem non in mare iterum, non iterum*  
 90 *passurum: sed in terra in aridam vltra flu-*  
*ctus passionum, & immortalitatis,* diz o  
 mesmo S. Ieronymo. Foy Ionas fi-  
 gura de Christo, não somente no  
 sair da balea, mas no lugar onde  
 95 caio, *In aridam.* Saio, não no mar, nẽ  
 nas ondas, & tormentas d' elle,

Iona.2.

Hierony in  
 Cap.2.Iona

Actu.2.

Hieron.  
 Ibid.

[135v]

mas na praya, & na terra seca, onde não auia mares, nem tempestades: para nos mostrar, qual seria a Resurreição de Christo, & quão gloriosa: & que não tornaria a viuer para outra vez morrer, nem menos para ficar sujeito ás miserias, & penalidades antigas, & tormẽtas passadas.

Aug. *ibi.* 10 *Ascende Domine Iesu cum spoliato inferno, redde iam laetitiam mundo.* Para bẽ vos seja Senhor vossa gloria, & a victoria, com que alegrastes o mũdo, ditosa a presa, que trouxestes, bem 15 auenturados os que libertastes, para com vosso resurgirẽ, diz mais S. Agostinho. Com tudo ha duas opiniões acerca da resurreição destes Santos, se resurgirão para mais 20 não morrerem, & não ficarem sujeitos ás miserias d'antes, ou se forão resucitados para outra vez morrerem, & ficarẽ sujeitos às necessidades primeiras. Na qual mais 25 teria hũa cousa temos por cerca, & he, que esta differença ouue entre os mortos, que Elias, & Eliseo resucitarão, & os tres, q̃ Christo resucitou, de hũa parte, & entre Christo 30 resucitado da outra, que os outros, como diz nosso Padre S. Thomas, resurgirão para morrerem outra vez, & ficarão sojeitos ás miserias da vida: o que bẽ se vio na resurreição de Lazaro, cujo sepulcro 35 se abriu primeiro, & ficou aberto, como q̃ a sepultura esperaua outra vez por elle, & saio atado de pés, & de mãos, & cõ o rosto cuber 40 to cõ o sudario, para mostrar, que resurgia atado & sujeito às mesmas penalidades que dantes. E a esta resurreição chama nosso Padre S. Thomas imperfeita, por quã 45 to inda que por então ficassem, os assy resucitados, liures da morte actual, não ficauão isentos das necessidades da vida, nem impossibi-

D. Thom. 3.  
p. q. 53. art. 3

litados para morrer outra vez. †[.]  
50 rẽ a Resurreição de Christo foy perfeita, pois resurgio a hũa vida immortal, & gloriosa ficando impossibilitado para mais padecer, nem morrer, como S. Paulo diz: *Rom. 6.*  
55 *Christus resurgens ex mortuis, iam non moritur: mors illi vltra non dominabitur.* O q̃ bẽ mostrou em resurgir, ficando o sepulcro fechado (inda q̃ despois o Anjo o abriu) para mostrar que 60 o sepulcro não esperaua por elle mais. Alẽ disto em deixar Christo, diz S. Gregorio Nysseno, o sudario e o lençol, & as ataduras na coua, mostrou, que resurgia para não ter 65 mais necessidade de vestido, nem do mais que he necessario para o vso da vida, pois estaua vestido de gloria. *Caeterum quod nudus Iesus absq̃ linteaminibus resurrexit, significat eum*  
70 *nequaquam post haec potus, cibiue, aut indumentorum gestaminis, atque operimento egentem in carne cognitum iri.* O que tudo Christo confirmou em não cõuersar, comer, beber, vestir, como 75 dantes. E nisto consistia o ser este Senhor as primicias dos mortos, conuem a saber, em resurgir para não morrer mais, nem viuer como dantes.  
80 Porem fallando dos que com Christo resurgirão, que tambẽ forão a materia do triũpho, que alcãçou do inferno, & da morte, parece opinião mais cõueniente á razão, 85 a que tẽ para sy nosso Padre S. Thomas, que resurgirão para não morrerem mais: & como tambem tem para sy S. Ieronymo no sermão da Assumpção da Virgẽ Senhora nos 90 sa, ou S. Sophronio se o sermão he seu. Aonde o Santo diz ser opinião esta de alguns Doutores. E a razão que daua era, que d'outra maneira não forão bastanes testemunhas 95 da Resurreição de Christo, q̃ foy o intento para que resurgirão, por-

D. Greg.  
crõe. 2.  
Resurr.  
Christi.

D. To. in  
4. dis. 43.  
& in ad  
dit. q. 77.  
a. i. &  
3. p. q. 33  
a. 3  
D. Hie  
Sine Sofronio  
ser in  
assum  
9.

[136r]

que se outra vez morrerão, cuyda-  
 r†[.]e, ã tambem Christo resurgira  
 para outra vez morrer. Acresen-  
 tase a isto ã se resurgirão para ou-  
 5 tra vez padecer, & morrer, não fora  
 a resurreição beneficio, mas pena,  
 †[.] castigo. Da mesma opinião he o  
 Cardeal Caetano, dâdo por razaõ,  
 ã como o homẽ seja animal so-  
 10 ciauel, & como tal folge com com-

Caet.incap.  
27. Matt.

panhia de outros homens, era cõ-  
 ueniente, que Christo leuasse com  
 sigo alguns Santos ao Ceo, com  
 os quais em quanto homem con-  
 15 versasse, para que assi â bemauen-  
 turança de Christo nada faltasse.  
 Isto quanto ao que toca ao trium-  
 pho, & vittoria, que hoje Christo  
 alcançou do mûdo, demonio, mor-  
 20 te, & inferno.

## DISCURSO SEGUNDO.

*Surrexit, non est hic.*

QVatro cousas podemos con-  
 25 siderar, alem da moral, que  
 concorreraõ na Resurreição  
 de Christo, final, material, formal,  
 & efficiente. E começando por esta  
 vltima, toda a Santissima Trinda-  
 30 de, foy a que efficientemente con-  
 correo para Christo resurgir: por  
 quanto as acçoẽs diuinas exterior-  
 es se attribuẽ a todas as tres pes-  
 soas. Foy Christo resucitado do  
 35 Pay, conforme ao lugar dos Actos  
 dos Apostolos onde se diz: *Quẽ Deus  
 suscitauit solutis doloribus inferni*: foy  
 resucitado em quanto homem por  
 sy mesmo em quanto Deos con-  
 40 forme ao lugar do Psalmo: *Ego dor-  
 miui, & soporatus sum, & exurrexi*: o qual  
 conforme a S. Agostinho & Iusti-  
 no Martyr, & Arnobio se entende  
 da Resurreição de Christo, cuja fi-  
 45 gura faz Daud, naquelle Psalmo.  
 Foy resucitado do Espirito Santo  
 conforme ao lugar de S. Paulo, es-  
 creuendo aos Romanos: *Si Spiritus  
 eius, qui suscitauit Iesũ à mortuis, & c.* E se  
 50 Deos algũa ora cõmunicou a algũs  
 Sãtos, virtude para resucitarem al-  
 guẽ, não foy dandolhes poder para  
 tocarẽ o effeito da resurreição, que  
 para isso he necessaria virtude in-

Psal.4.Aug.  
Iustin. Ar  
nob apud  
Genebr.

55 finita, a qual sã a Deos compete:  
 mas orando elles, & pedindo a re-  
 surreição de algũs, Deos ouuia sua  
 oraçaõ, & via a confiança cõ ã pi-  
 60 dião, ã tambẽ viera do Ceo, & en-  
 tão o mesmo Deos resucitaua.  
 A esta Resurreição d'hoje con-  
 correo os Anjos, como ministros  
 d'algũas cousas accidentaria, & ex  
 65 trinsecas, & subsequẽtes a ella, co-  
 mo foy fazendo o terremoto, tiran-  
 do a pedra do sepulcro, fazẽdo me-  
 do, & pondo terror & espanto aos  
 soldados que o quardauão, dando  
 70 nouas às Marias, de como o Senhor  
 resurgira, mostrãdo o lugar vasio,  
 despondo os coraçõs, para a per-  
 feita Fê da Resurreiçaõ. Alguns tẽ  
 para sy, que assi como os Anjos  
 75 ministraraõ na resurreição vlti-  
 ma, & vniuersal, chamando os ho-  
 mẽs, como com som de trõbeta ao  
 juizo, & ajuntando as cinzas dos  
 mortos, conforme ao lugar da Saõ  
 80 Paulo escreuẽdo aos Thesalonicẽ-  
 ses: *Quoniam ipse Dominus iniussu, & in-  
 voce Archangeli, & in tuba Dei descendet  
 de caelo*, assi os Anjos ministrarão na  
 Resur†[.]eiçaõ de Christo, ajûtãdo o  
 85 sangue †[.]rramado, & as mais cou-  
 sas, que pertenciaõ, para que o Senhor

1.Tessalon.4

[136v]

resurgisse inteiro & perfeito. O q̃  
ainda, que bem se pode dizer sem  
temeridade, com tudo a melhor, &  
mais graue opinião he, q̃ tudo isto  
5 fez, & obrou a mesma alma de Chri-  
sto com sua virtude.

A causa meritoria d'esta Resur-  
reição, foy o mesmo Christo em  
quanto homem, o qual com sua hu-  
10 mildade, & obediencia a mereceo,  
conforme ao que S. Paulo diz es-  
*Filipp.2.* creuendo aos Philippenses: *Humi-*  
*liauit semetipsum factus obediens vsque ad*  
*mortem: mortem autem crucis. Propter quod*  
15 *& Deus exaltauit illum, & c.* A qual Re-  
surreição pedio Christo a seu Pay,  
fundado nos merecimētos da obe-  
diencia & humildade, que mostrou  
na morte da Cruz conforme ao lu-  
*Psal.41.* 20 gar do Psalmo, *Tu autem Domine mi-*  
*serere mei, resucita me, & retribuam eis.* O  
*August.* qual lugar Santo Agostinho expli-  
*Apud Ge-* ca da oraçaõ, que Christo fez, pe-  
*nebr.in* dindo ao Pay q̃ o resucitasse. E tã-  
*Psal.41.* 25 bẽ os Santos concorreraõ nesta  
Resurreiçaõ, pedindoa, inda q̃ naõ  
merecendoa; assi, & da maneira q̃  
concorreraõ na encarnaçaõ, a qual  
somente pediraõ, & desejarãõ: porq̃  
30 a predestinação della não excluya  
as boas obras, os feruosos dese-  
jos, & deuotas oraçoens dos na-  
tiguos Padres. E de crer he, que as  
almas dos Santos, que no Limbo  
35 estauão acõpanhando a de Christo,  
em todo aquelle tempo lhe pedi-  
rião, que resucitasse aquelle corpo,  
q̃ fora o instrumento da vittoria,  
que dos demonios, peccados, & Iu-  
40 deos alcançara para que resucita-  
do, recebesse a gloria deuida, &  
merecida por Filho tão humilde,  
& obediente, para que della par-  
ticipasse tambem o corpo, que fora  
45 companheiro nos trabalhos. Foy  
Chrsito ouuido do Pay, c†[.]mo era  
razão, & os desejos, & o†[.]ções dos  
Sãtos não forão frustradas, an†[.]es

a alma d'este Senhor, q̃ estaua v†[...]  
50 da â Diuidade, se vnio ao corpo  
cõ a mesma Diuidade vnido, to-  
mando tanta copia de sangue, quã-  
ta era necessaria para a deuida pro-  
porçaõ, & formosura de hũ corpo  
55 glorioso: ao qual a alma communi-  
cou toda a gloria, de que elle era  
capaz, cõ todos os dotes de corpo  
glorioso, & ficou o corpo de Chri-  
sto perspicuo, & claro, como chry-  
60 stal, semelhante hũa nuuem em  
que dando o Sol, fica resplandecẽ-  
te, como se o fora) & juntamente  
corado, para poder terminar a vi-  
sta, & lançar especies visiuas de sy,  
65 quando quizesse.

Tres dotes há d'alma, & quatro  
do corpo: os d'alma saõ visaõ, cõ-  
prehensaõ, & gozo. A visaõ respõ-  
de à Fê, a comprehensaõ à Espe-  
70 rança, o gozo a Caridade:& estes  
tres dotes se não distinguem da bê-  
aumenturança, se não pella obra do  
entendimento, o qual, tendo fun-  
damento na realidade, concebe ca-  
75 da dote d'estes distinto dos outros.  
Os dotes do corpo saõ quatro, im-  
passibilidade, sutileza, agilidade,  
& claridade: os quais dotes respõ-  
dem as quatro virtudes cardeaes.  
80 A impassibilidade responde à ju-  
stiça, da qual como seja proprio  
conseruar a Republica em paz, dã-  
do a cada hum o seu, merece titu-  
lo de immortal. A temperança res-  
85 ponde à sutileza, por quãto he pro-  
prio da tẽperança a tenuous o cor-  
po. A fortaleza responde a agili-  
dade, & a prudência à claridade. E  
chamãose dotes, por quãto saõ hũs  
90 doês, q̃ Deos dá aos justos, que en-  
traõ no Ceo a se desposarem com  
elle perfeitamente, tomado o no-  
me, & semelhança do dote, que se  
dá a esposa, quando se casa, & rece-  
95 be. Por onde a graça, Fê, Esperan-  
ça, & Caridade, nesta vida naõ saõ

[137r]

dotes, inda que se dem às almas desposadas nesta vida com Deos, pella graça: por quanto dote diz perpetuidade, & perseverança, o ã  
 5 estas virtudes não incluem em sy, em quanto viemos, pois podemos descair da graça de Deos, & soltar se pella culpa, o vinculo dos desposorios espirituais. Com estes  
 10 dotes enriquece Deos os justos, ã entraõ no Ceo a se desposar com elle, não para com elles se aleuiarẽ algũs encargos, que na gloria aja, que nenhuns há, bem assi nos ma-  
 15 trimonios da terra: mas porque assi convem ao estado, & decência da gloria, na qual os corpos gloriosos não tem necessidade de mais perfei-  
 20 ções, & inda que estas qualidades, impassibilidade, sutileza, agilidade, & claridade se achẽ nos Anjos, não tem nelles razaõ, nem nome de dotes, por quanto os Anjos não são esposas de Christo, porque não  
 25 são da mesma natureza que elle: & entre o esposo, & esposa he necessario auer semelhança nas naturezas.

O effeito que nos corpos causa  
 30 o dote da impassibilidade, he, que não possaõ padecer força algũa de nenhũa gête natural, saluo se Deos lhe negasse o seu concurso. Este dote mostrou Christo de passagẽ,  
 35 quando querendoo os Iudeos apedrejar, & outra vez lançalo de hũ lugar alto, o Senhor se fez inuisiuel, & se sayo por entre elles. Chamasse este dote impassibilidade,  
 40 não immortalidade, por quanto nesta conuem os corpos dos condemnados cõ os corpos gloriosos. A sutileza faz cõ que o corpo penetre tudo sem perder a quanti-  
 45 dade, nem se tornar indiuisiuel, nẽ se fazer mais raro, antes faz com ã as operações do corpo fiquẽ sogeitas â alma, para que penetre os cor-

pos, assi como o azeite penetra o  
 50 vaso em ã está. Este dote mostrou Christo, quãdo no parto penetrou as entranhas da Mãy sem as corrõ per, & a campa da sepultura sem a quebrar, & quando às portas fecha-  
 55 das entrou onde os discipulos estão fechados, & cheos de medo. A agilidade he hũa qualidade, mediante a qual o corpo está sojeito â alma, quanto ao movimento, para  
 60 que esteja onde essa alma quizer: & movendose em tempo, seja isso imperceptiuamente, & o movimento, querendo, o bêaumentado, não seja organico, mas todas as partes  
 65 sejam movidas d'alma juntamente. A qual agilidade serue de tirar ao corpo toda a grauidade, & pezo desnecessario, & superfluo, & o impedimento de todas as juntas, &  
 70 membros. Esta mostrou Christo andando sobre as agoas, & depois de resurgido, apparecendo ora a sua Mãy em Ierusalẽ, ora à Magdalena estando chorando no sepul-  
 75 cro, ora aos de Emaus, ora a todos em Galilea. A claridade de hum dote mediante o qual o bemaumentado se pode esconder a nós, se quizer, como o Senõr fez aos dous  
 80 discipulos, que hião para Emaus: o que não podem fazer hũs bemaumentados aos outros. Esta claridade he hũa qualidade interior, & perfektissima, a qual faz aos corpos  
 85 formosos, transparentes, lucidos, & diaphanos em toda a sua profundidade, na carne, nos ossos, & em todos os mais mēbros, para que todos se possaõ ver, & penetrar, co-  
 90 mo S, Gregorio diz: *Patebit corporalibus oculis ipsa etiam corporis harmonia. Sicut vnusquisque erit conspicabilis alteri, sicut nunc esse nõ porest conspicabilis sibi.*  
 O mesmo tem para sy S. Agostinho  
 95 dizendo: *quia omnes illi, qui nunc latent harmoniae corporalis numeri, tunc non la-*

Greg. Lib.  
 18. Mor.  
 Cap.

[137v]

*rebunt intrinsecus, & extrinsecus.**D. To.3.  
p.q.54.art.1.*

A materia da Resurreiçãõ foy o mesmo corpo de Cristo morto, o qual resurgio viuo, & vnido â alma  
 5 immortal, como S. Thomas nosso Padre deffine. Porque d'outra maneira não fora verdadeira Resurreiçãõ de Christo, por quanto, como diz Saõ Ioaõ Damasceno, alle-  
 10 gado pello mesmo Doutor Angelico, *Illud resurgere dicitur, quod cecidit*, aquilo se diz com verdade, que resurgio, que foy o q̃ pella morte cayo: porq̃ o cair o corpo pella morte,  
 15 he a partarse d'elle hũa alma, que he toda a sua perfeiçãõ: & para verdadeiramente resurgir, he necessario vnirse esse corpo outra vez â alma, da qual se apartou. E inda q̃  
 20 isto seja impossuiel per respeito à virtude creada, & finita; não o he per respeito ao poder infinito, & diuino, que nesta Resurreiçãõ não faltou. E em Christo resurgir o mes-  
 25 mo, ficamos nós certos de resurgir mos tambem na mesma carne, em que morremos. Porq̃ não era razão, que merecendo nós, & padecendo em hũa carne, em outra fossemos  
 30 glorificados: & peccando em hum corpo, n'outro fossemos castigados. Esta verdade confessou Euthices, tendoa negado d'antes. O qual tomando com hũa mão a pelle do  
 35 outro braço, & leuantãdoa, disse: *Exemplo capitis nostri Iesu Christi, qui verã carnis mortem accepit, tertiaque die propria virtute suscitatus a sepulcro resurrexit, confitemur ver a fide resurrectionem carnis*  
 40 *omnium mortuorum, nec in aerem, uel qualibet alia carne, vt quidã delirant, resurrecturos nos credimus, sed in ista, qua viuimus, consistimus, & movemur.*

*In concil.  
Tol.11.  
In praefat.*

A causa formal, & exemplar da  
 45 Resurreiçãõ do Senhor, não foy algũa forma creada, para a qual Deos olhasse, & a imitasse, qua†[...]o resucitava seu Filho, mas a sua mesma

idea, & exemplar, q̃ tinha dentro em  
 50 sy, com a qual creou o mundo, & ordenou todos os mysterios da redemçãõ, que se auiaõ de obrar na carne de seu Filho, feito homem, a qual se auia de pregar na Cruz, pa-  
 55 ra ser glorificada pella Resurreiçãõ, & leuantada ao Ceo pella Ascensãõ: por quanto detterminaua resucitar seu Filho a hũa vida immortal, & ornalo dos quatro dotes  
 60 de corpo glorioso, & isto permanentemente, já que na vida os não mostrara se não de passajẽ. Da nossa resurreiçãõ he causa principal a diuina justiça, & a secundaria, & instrumental a Resurreiçãõ de Christo, como instrumento da Diuidade: & juntamente causa exem-  
 65 plar em quanto he hũa Resurreiçãõ perfektissima, & como tal he o modelo, & o exemplar da nossa, q̃ não he tão perfeita. Não, porque Deos que resucita, tenha necessidade de exemplar para a obra, que faz, mas he necessario da parte dos resuci-  
 75 tados, aos quais releua conformarẽse, & a semelharemse à Resurreiçãõ perfektissima de Christo, conforme ao que São Paulo diz: *Reformabit corpus humilitatis nostrae con-*  
 80 *figuratum corpori claritatis suae.* E inda q̃ a efficacia da Resurreiçãõ de Christo se estenda a resurreiçãõ dos bõs, & dos maos, com tudo a razão q̃ tem de exẽplar não abrange se não  
 85 aos bons somente: porque sò estes saõ conformes na vida â imagem do Filho de Deos, como S. Thomas nosso Padre affirma.

*D. Tom.  
3.p.q.56  
Art.1.*

A causa final, & proxima de Christo resurgir, foy, hõrar Deus muyto hum Filho, q̃ lhe fora tão obediente, q̃ chegara até morrer em hũa Cruz. E pertencia diz N. P. S. Thomas, ao credito da diuina justiça, q̃ se leuantasse quẽ por amor de Deos se tinha hmilhado, con

*D. Tom.  
3.p.q.53.A.  
I.in corp.*

[138r]

Psal. 138.2  
Glossa.

forme ao lugar do Psalmo, *Tu cognouisti sessionem meam, & resurrectionem meam, idest, mortem, & glorificationem*, como explica a Glossa. E era razão, 5  
 5 ã se tornassem outra vez a vnir em hum todo a alma, & o corpo, que apartandose, deixaraõ de ser Christo, em quãto a alma esteue no limbo, & o corpo na sepultura. Nem 10  
 10 era bem se corrompesse hũ corpo tão puro, ã nem quando foy cõcebido tomara cousa algũa de Adão quãto á culpa, & tinha sido intrumẽto da Diuidade, para mediã- 15  
 15 te elle fazer milagres, & padecer afrontas. Alem d'isto redundaua em credito dos Anjos resurgir hũ Senhor, a quem tinhaõ dado obediencia, vendoo feito homem, & 20  
 20 seruido, & ministrado: não se dissesse d'elles, que sendo Anjos tinhaõ dado obediencia a hum homẽ, que não passaua de ser mortal. Despois d'isto era razão satis- 25  
 25 fazer se aos desejos, & esperanças dos Padres, que desejauã ver em Christo o fruto de sua saluaçaõ: & principalmente aos desejos, que a Virgem tinha de ver a seu Filho 30  
 30 resurgido. Acrecentase a isto ser necessario animaremse com esta Resurreiçaõ hũs discipulos, ã com a paixã ficaraõ escandalizados & fracos: que d'outra maneira fica- 35  
 35 raõ baldados os milagres de Christo, suas obras heroicas, exemplos raros, & suas diuinissimas pregaçoens: & o Principe dos demonios com todos os seus ministros, que 40  
 40 foraõ causa de sua morte, por meyo dos Iudeos, ficaraõ por vencer, & confundir.

Da nossa parte foy ordenada por Deos a Resurreiçaõ de seu Filho 45  
 45 para nos confirmar na Fê, melhorar nossa Espernaça, segurar nosso amor. E quanto ao primeiro, pella Resurreiçaõ ficamos certificados

de ser Christo verdadeiro Deos, & 50  
 50 acabamos de entender as escrittu-  
 ras, as quais atiraraõ a este dia: por quanto foy artigoo este em que ou-  
 ue mais duvidas, que em nenhum outro. E primeiramente os Sadu- 55  
 55 ceos, como consta dos Actos dos  
 Apostolos, negauaõ a resurreiçaõ, & Anjos, & almas: & despois Hy-  
 meneo, & Phileto no tempo de S. Paulo, como elle faz mençaõ, es- 60  
 60 creuendo a Timotheo. O qual erro  
 teue tambem Simaõ Mago, como affirma S. Agostinho. E fallando Tertuliano d'este erro no liuro, 65  
 65 tor delle foy Balides, & despois  
 Carpocrates, & Valentino. E o hereje Apelles disse, ã Christo resur-  
 gira sem carne: & sem ella sobira ao Ceo. O que o Senhor muyto dan- 70  
 70 tes confutou dizendo, como S. Lu-  
 cas refere: *Palpate, & videte, quoniam spiritus carnem, & ossa non habet: sicut me videtis habere*. E em confirmação d'a-  
 uer resurgido na propria carne, lhe 75  
 75 ficaraõ os sinais das chagas em te-  
 stemunho, & confirmação de ser o mesmo, que resurgira. E o herege Corinto negaua ser a Resurreiçaõ  
 de Christo já passada, & affirmaua 80  
 80 estar por vir. E quãto grande desa-  
 tino fosse affirmar isto, consta das escrituras claramente: nem con-  
 uinha que Christo dilatasse sua Resurreiçaõ mais dos tres dias, & 85  
 85 tres noites, como elle mesmo tinha  
 dito por S. Mattheus: *Et tertia die resurget..* O que já tambem estaua pro-  
 fetizado por Oseas, quando disse: *uiuificabit nos post duos dies, & in tertia* 90  
 90 *suscitabit nos, & viuemus in conspectu eius*.  
 As quais palauras Saõ Ieronymo neste lugar, & Galatino no liuro oitauo contra os Iudeos, & Tertu-  
 liano contra os Iudeos, & Orige-  
 nes na homilia quinta sobre o Exodo, & S. Agostinho, no liuro desoito

Actus.23

2.Timot.2.

Aug.to.  
6.in Catal.  
haeres.nu.1.  
Tertull.lib.  
de  
haerisibus.

Luc.24.

Osee.6.

Hieronym.  
Galatin.  
Tertull.  
Cyprian.  
Origen.  
August.

[138v]

Dorote.  
Anselm.  
Bernard.  
D.To.

da Cidade de Deos no capitolo  
vinte & oito, Doroteo Martyr na  
sua Synopsi, S. Anselmo, S. Bernar-  
do, & nosso Padre Santo Thomas,  
5 explicão da Resurreiçãõ de Chri-  
sto, feita ao terceiro dia. E acrecẽ-  
ta S. Dorotheo, que a este lugar al-  
lude S. Paulo, quando escreuendo  
aos de Corinto, diz: *Et quia resur-*  
10 *rexit tertia die secundum scripturas.* E pel-  
lo primeiro dia, de que falla Oseas,  
se pode entender aquelle, em que  
orou no horto, & suou sangue, &  
despois foy preso: no qual dia co-  
15 meçou o mysterio de nosas salua-  
çãõ. E o segundo foy a sexta feira,  
em que Christo foy crucificado, &  
espirou: ao qual dia atribue o Pro-  
pheta a nossa justificaçãõ, a q̃ Oseas  
20 chama viuificaçãõ em quanto a  
paixãõ de Christo foy causa meri-  
toria, & efficiente instrumental de  
nossa justificaçãõ, & resurreiçãõ: &  
a mesma paixãõ de Christo, em  
25 quanto tem razãõ de causa exem-  
plar, he destruidora da nossa mor-  
te, & do peccado, como S. Thomas  
N. P. diz. E dizer o Propheta, que  
o Messias com sua Resurreiçãõ, q̃  
30 foy ao terceiro dia, nos resucitaria  
a nós, fundouse em ser a Resurrei-  
çãõ de Christo causa efficiente, &  
instrumental da nosas, & exemplar  
em quanto foy primeira, que ella  
35 no tempo, & dignidade: por quãto  
aquilo, que no seu genero he per-  
feitissimo he causa exemplar do  
mais, que há no mesmo genero. E  
esta he a razaõ, porq̃ Saõ Paulo nos  
40 chama com resucitados com Chri-  
sto. E S. Ambrosio disse: *Resurgente*  
*Christo omnia necessario cum eo sua viscera*  
*surrexerunt.* E por esta causa relleuou  
que Christo, como primicias, que  
45 era dos dormientes, & o primoge-  
nito dos mortos, não dilatasse sua  
Resurreiçãõ, como o impio hereje  
Corito affirmaua: antes †[.]osse pri-

D. To.  
3.p.q.56.ar.1

Ambro.ser.  
53.

meiro em resurgir, assi no tempo,  
50 como na dignidade. Porque d'ou-  
tra maneira perecera nossa Fé, &  
Esperança, parendonos que tar-  
daua Christo em resurgir: & nesta  
tardança triumpharaõ os demo-  
55 nios, & os Iudeos. E como os tres  
dias bastauão para confirmarem  
ser verdadeira morte a do Senhor,  
& para que o Pay se desse por re-  
conciliado, não auia para que di-  
60 latar mais o resurgir. Principalmẽ-  
te, que a Resurreiçãõ de Christo  
auia de seruir de testemunho de  
nos auermos de sarar perfeitamẽte  
& se elle tardara, que restaua se não  
65 darmonos por doentes, como dan-  
tes, & diminuirse em nos a Fê ca-  
da vez mais.

Alem disto resurgio Christo,  
diz nosso Padre S. Thomas, para q̃  
70 insinadonos que ha outra melhor,  
que esta, tirassemos as nossas espe-  
ranças da terra, & as melhorasse-  
mos pondoas no Ceo, como S. Pe-  
dro diz: *Regenerauit nos in spem vium*  
75 *per resurrectionem Iesu Christi ex mortuis.*  
O que explicando nosso Padre Sã-  
to Thomas diz assi: *Regenerauit nos*  
*ad vitam spiritualem redimendo, qui prius*  
*genuit ad vitam naturalem creando.* Assi  
80 como Deos pella creaçãõ nos deu  
ser para possuirmos hũa vida natu-  
ral: naõ d'outra maneira pella re-  
demçãõ nos regenerou para viuer-  
mos hũa vida espiritual. E isto diz  
85 mais o Santo, *In spem viuam, id est, vt*  
*speuiua speraremus habere vittam aeternam.*  
Para que teussemos hũa esperan-  
ça viua de alcãçarmos a vida eter-  
na. E chamase esta esperançã viua  
90 à differença da esperançã mal fun-  
dada, & soberba, & chea de presun-  
çãõ, naõ de boas obras, que saõ o  
fundamento de bem esperar. E cha-  
mase mais esperançã viua à diffe-  
95 rença da esperançã morta, qual he  
a d'aquelles, que esperaõ cousas ca-

I.Pet.I.

D.To.  
in hunc  
Locum.

[139r]

Sapient. 1.

ducas, & transitorias, conforme ao que diz o Sabio: *vacua est spes illorum*. Mas esta esperança viua alcança-

5 *se, Per resurrectionem, id est, per fidem resurrectionis, quae dat nobis firmam spem, quod resurgemus*, pella Fé da Resurreiçã de Christo, a qual causa em nós hũa esparança certissima, que aue-

Glossa.apud D. To.ibi

10 *gio, como diz a Glossa: mortuus est, ne moreremur: resurrexit, vt resurrectionem speraremus*. Morreo, para ã não mor-

15 *ressemos: resurgio, para que esperassemos de resurgir. In haereditatem incorruptibilem, & incontaminatam, & im-*

Greg. Apud D. Tom.

20 *marssibilem conseruatam in caelis*. Continua Saõ Paulo em declarar qual seja o fim da esperança causada pela Fé da resurreiçã, & diz que he

25 *hũa herança, não temporal, nem transitoria, mas perpetua, que já-mais se há de acabar*. Herança ã nos vê do pay do Ceo a nós filhos seus: a qual não vem, diz nosso Pa-

Bernar. Apud D. To. ibi

30 *dre S. Thomas, não diuidida, mas inteira*. Desta diz S. Gregorio Papa assi: *Haereditas illa est omnibus vma, & singulis tota*. A herança do Ceo assi he para todos, como se fora para hũ

35 *sò: porque não cabe menos a cada hum por mais, que sejam muytos, os que tem direito a ella*. E Saõ Bernardo acrecenta dizendo: *O praeclara haereditas non decessu patrum, & successu*

40 *filiorum abtinenda. Non inter fratres, & fauores diuidenda: non angustior multitudine haeredum: quia participatio eius in edipsum non insufficiens, sed omnibus bonis repleta*. He esta herança honrada, noua, &

45 *extraordinaria, a qual se alcança não morrendo o Pay do Ceo, mas morrendo os filhos na terra, porã então uão lograr a Deos na gloria*. Nesta herança não entraõ â parti-

50 *stumaõ: mas os parentados na virtude, & obseruancia da ley*. Nem por serem muytos os pretendentes cabe menos a cada hum delles, por quanto he hum bem a que nada falta, & a quem tudo sobeja. In-

55 *corruptibilem*. He herança, que não enuelhece, nem adoece, nem esta sujeita a desconto algum. *Et incontaminatam*. He herança, que ninguem pode contaminar, nem prophanar:

60 *por quanto na gloria não pode entrar algũa cousa immunda. Et immarcebilem*. He bem, que nunca se há de murchar, nem secar, nẽ quanto ao gosto, nem quanto à estima:

65 *o que não tem os bẽs da terra, que logo enfadaõ, & enfatiaõ. Conseruatam in caelis*. He hũa herança, que se nos não dá logo, mas esta certa, & guardada, para se nos dar, quando

70 *mais convem*. Estes saõ os bens à que se termina a esperança nacida da Fé da Resurreiçã, a qual nos insina, & certifica, que aue-

75 *mos de resurgir assi como vemos, ã Christo resurgio, seguindoo nos a elle como Saõ Paulo argumenta escreuendo aos de Corinto: Si autem*

I. Cor. 15.

80 *resurrectio mortuorum non est? Si autem resurrexio a mortuorũ non est neque Christus resurrexit*. Em materia de resurgir, diz S. Paulo, quiz Deos que corres-

85 *semos parelha com seu Filho: & quanto â verdade, & substancia da resurreiçã fossemos taõ bons como elle, & elle não fosse melhor, ã nós: de feiçã que tanta verdade fosse ser Christo resurgido, como*

90 *aueremos nós de resurgir: & ã quem negasse a nossa resurreiçã, negasse tambem a sua: & quem esta concedesse de força admitisse a nossa*.

95 *Acrecentase a isto outro inter-esse grande, que se seguio de Christo resurgir, qual foy causarse em*

[139v]

nós o amor do Ceo, & o já creado augmentarse mais, vendo nós o premio, que se daua no outro mundo a quem morria, & padecia neste.

5 O que visto não restaua, se não emendar a vida, reformar os costumes, & levantar os corações ao Ceo, pois sabiamos, que há outra vida a fora esta, na qual há castigo

10 para maos, & premio para bõs, & os bês são de dura, o que esta vida, & os bês della não tẽ. Porq̃ auendo

isto em nós, aueria tambem fugirmos aos vicios, & seguir as virtudes, q̃ saõ a vida noua, a q̃ nos obriga Christo resurgido, & com que

Deos fica honrado, como S. Paulo diz escreuendo aos Romanos: *vt*

*Rom.6.* *quomodo Christus surrexit à mortuis per gloriam Patris, ita & nos in niuitate vitae ambulemus.*

20 *Assi como o pay do Ceo ficou honrado com a Resurreiçaõ de seu Filho: assi o com que nós honramos mais a Deos, he melho-*

25 *rando, & innouando a vida, & resurgindo dos peccados, como explica Primasio. E mais abaixo acrescenta S. Paulo: Scientes quia Christus*

*Primass. in Paul.*

30 *resurgens ex mortuis, tã non moritur, mors illi vltra non dominabitur, & c. Ita & vos existimate, uos mortuos quidem esse Peccato: viuentes autem Deo in Christo Iesu.*

Faça diz o Apostolo em nos a resurreiçaõ o effeito, quanto aos costumes, que em Christo fez, quanto à morte, pois resurgio para mais

naõ morrer, nem inda a morte primeira: nós resucitemos de maneira dos peccados, que não encorramos mais na morte segunda da

40 culpa. Morreo Christo para tornar a viuir, & viueo para não morrer mais, nós morramos aos peccados, para viuermos ás virtudes:

45 nestas permaneçamos de maneira, que naõ tornemos a morrer outra vez pella culpa.

Pareçase a nossa resurreiçaõ cõ

a de Christo em ser verdadeira, não fantastica: & entaõ sera semelhante a d'este Senhor, quando preceder em nos o terremoto da contriçaõ, que ponha medo aos demõnios, que saõ os que estaõ em

55 *quar* da de nossos peccados, & dos peccadores, q̃ naõ se conuertãõ. Christo, depois de resurgir, fez obras de viuo, & resurgido, apparecendo a seus discipulos, comẽdo com

60 *elles*, deixando-se a palpar delles: nos assi deuemos de resurgir com tantas evidencias, & demonstraçoens de resurgidos, que seja a nossa resurreiçaõ palpauel. O Senhor re

65 *surgio* cedo, & depressa, insinuando nos nisto, que naõ sejamos vagarosos em nos conuerter a elle. A Resurreiçaõ de Christo foy inteira, naõ ouue nelle cousa, que naõ re

70 *surgisse*, carne, ossos, & tudo o mais, para nos amoestar, que a nossa conversaõ seja inteira, & perfeita naõ de meas: & nos conuertamos ao Senhor de todo o coraçãõ.

75 *Aja* em nós resurreiçaõ de carne, pella qual carne se entende a desconfiança propria, pois somos taõ fracos: & aja em nos resurreiçaõ de ossos, pellos quais he significa

80 *da* a confiança em Deos: & assi vivamos como homens, q̃ fiaõ muyto pouco em sy, & confiaõ muyto em Deos. Este Senhor resurgio à hũa vida immortal para mais naõ

85 *tornar* à vida passiuel, nos conuertamonos demaneira, que nem com a obra, nem com o coraçãõ tornemos ao Egypto da culpa. Alẽ d'isto este Senhor naõ resurgio sò,

90 *mas* acompanhado de muytos, para nos amoestar, que a nossa resurreiçaõ deue ser exemplar, para que traga muytos após sy a Deos, como já dissemos, que Daud pro

95 *mettia* ao mesmo Senhor, dizẽdo: *Docebo iniquos vias tuas, & impij ad te*

*Psal.5.*

[140r]

*convertentur.* Resurgio Christo com os quatro dotes, nos deuemos de resurgir com propriedades de corpo glorioso: com claridade, para 5 conhecermos as obrigações em q̄ a Deos estamos & nos conhecermos a nos mesmos: com impassibilidade, para que não demos, nem recebamos escandalo algum, & n̄ 10 as cousas prosperas nos ensoberbeçaõ, nem as adversas nos acanhem:

com sutileza, para penetrarmos os diuinos mysterios com o entendimento, & o†[...]rmos em execu- 15 çãõ pella obra, & juntamente a divina palaura nos penetre a alma, & o coração em ordem a deuida execuçaõ della: com agilidade, para que compressa fujamos os vi- 20 cios, & com diligencia sigamos as virtudes.

## DISCVRSO TERCEIRO.

*Surrexit, non est hic.*

25

O Modo com que Christo re-†[...]gio, & o como aquella gloriosissima alma entrou no 30 corpo morto. E o animou, & ornou dos dotes gloriosos, passou pela pedra, he cousa a nós escondida: querendo Deos que não soubessemos mais, se não que resurgira, & 35 que estas cousas aconteceraõ na realidade: porem o modo reseruu para sy. O mesmo vemos na encarnação de Deos nas purissimas em- tranhas da Virgem, de cujo modo, 40 nem o Archanjo soube dar razaõ, perguntandolhe a Senhora, o como aquilo auia de ser. Ao que respondeo dizendo: *Spiritus Sanctus superueniet inte, & virtus altissimi obum bra* 45 *bit tibi.* O mesmo ponderou S. Pedro escrecendo a São Clemente acerca da†[...]do mundo dizẽdo, que as escrituras nos insinãõ, que Deos creou o mũdo, mas não 50 o modo, que teue em o crear: por quanto nos não releuaua sabelo, pois não estaua a nossa conta crear algum mundo de nouo. E assi a incomprehensibilidade do modo, q̄ 55 teue em resurgir foy a causa entre outras, porque não quiz, que ne-

*Ad. Clement.  
li.3. recognit.*

nhum discipulo seu se achasse presente a sua Resurreiçaõ, para mostrar que era taõ incomprehensiu- 60 uel, que nem amigos a podiaõ ver, nem Anjos a sabiaõ explicar, n̄ podião dizer mais se não que resurgia, & que já não estaua aly, 65 mostrando o lugar vazio, & quando muyto hum lençol, hum sudario, hũas ataduras.

Outras razoens ouue para nenhum dos discipulos assistirem no 70 sepulcro ate a Resurreiçaõ, hũa dellas foy, que nem as guardas os consentirião, como tambem por não fazerem suspeitosa a Resurreiçaõ & senaõ dissesse, que não re- 75 surgira mas, que fora o corpo roubado. Porque, se não se achando os discipulos presentes, antes fugindo todos, & estando escondidos, & fechados de medo, se disse d'elles, 80 que tinhaõ furtado o corpo do Senhor, que fora se esteueraõ sempre presentes? Acrecentase a isto que se assistiraõ no sepulcro cõ os guardas, lhes acontecera, que vendo tirar a pedra, & ouuindo o terremoto, teriaõ grande pavor, & ficariaõ como mortos, quais ficaraõ os sol-

[140v]

dados. E o que tambem foy muy-  
to para ponderar, he a modestia  
grande de Christo: porque con-  
sentindo, que amigos, & inimigos,  
5 & estes segundos innumeraueis, o  
vissem padecer, & morrer, não quiz  
que se achassem presentes à gloria  
da Resurreiçãõ.

Resurgio pois o Senhor immor-  
10 tal, & glorioso o qual com os qua-  
tro dotes, de que já trattamos, &  
cercado de gloria, & vencedor se  
poz sobre o sepulcro, & se deixou  
ver, & adorar dos Santos, que com  
15 elle resucitaraõ. E como he pia cõ-  
sideraçãõ d'alguns acompanhado  
dos Santos Padres foy christo vi-  
sitar logo a sua Cruz, & se abraçou  
com ella, mostrando, ao modo do  
20 vencedor, o lugar, as armas com ã  
vencera aos demonios, seus inimi-  
gos capitais, & obrara a nossa salua-  
çãõ: insinandonos nisto a venera-  
çãõ, que deuemos à Santa Cruz.  
25 E d'aqui mandou dar nouas a Vir-  
gem de sua Resurreiçãõ pello mes-  
mo embaixador, pello qual man-

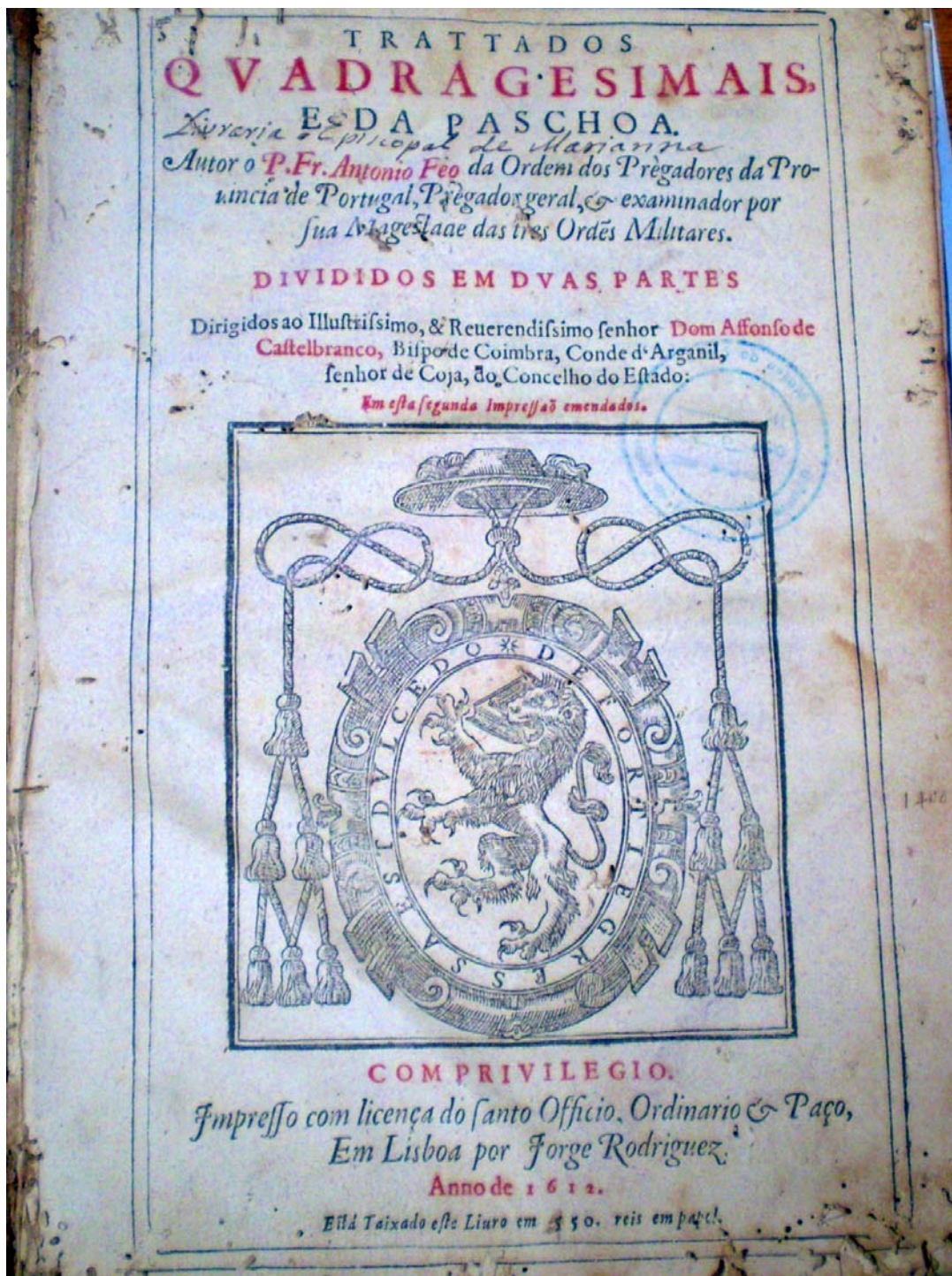
dou trattar com ella o Mysterio da  
Encarnaçãõ: ã foy o Anjo S. Ga-  
30 briel. E após elle foy a lhe appa-  
recer, & mandou outros Anjos, que  
fossem dar as nouas às Santas Ma-  
rias. Isto me pareceo bem trattar  
deste mysterio da Resurreiçãõ, ao  
35 qual Nazianzeno chama recapitu-  
laçãõ de todas as mais merces. Por  
que se Deos naceo, morreo, & se  
nos deu a sy mesmo em mãjar, foy,  
para ã podessemos resurgir. *Tale est*  
40 *festum, quod hodierno die agitas, talibus epu-*  
*lis, tum natalitijs, tum funeribus te pascit,*  
*qui tua causa, & passus, & natus est,* diz o  
Santo. He festa tão grãde esta, que  
naõ escusaua menores aparelhos, ã  
45 nacer, & morrer Deos em quanto  
homem: & taõ grande solennida-  
de naõ escusaua banquette menos  
realengo, & diuino, que o do San-  
tissimo Sacramento do Altar. E as-  
50 sy podemos dizer, ã nos leua Deos  
a este dia a poder de sua nacença,  
morte, & de seu corpo, feito nos-  
so manjar, para assi da terra nos le-  
uar ao Ceo.

*Nazianz.  
Orat. 2. de  
Pasc.*

## Anexo A – Folha de rosto da edição A (1609)



## Anexo B – Folha de rosto da edição B (1612)



## Anexo C – Folha de rosto da edição C (1613)

TRATTADOS  
**QUADRAGESIMAIS,**  
 DA PASCHOA.

Auto: o P. Fr. Antonio Feo da Ordem dos Pregadores da  
 Provincia de Portugal, Pregador geral, e examinador  
 por sua Magestade das tres Ordens  
 Militares.

Ann. 29, 7, 32.

DIVIDIDOS EM DVAS PARTES.

Dirigidos ao Illustrissimo, & Reverendissimo senhor Dom Affonso de  
 Castelbranco, Bispo de Coimbra, Conde d'Arganil,  
 senhor de Coja, do Concelho do Estado.

E. Segunda Impressão emendados.



1613.

de Coimbra



Año

de Coimbra

CON LICENCIA DEL ORDINARIO.

Impresso en Lerida, por Luys Manescal.

Acosta de Miguel Manescal, mercader de libros.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AZEVEDO FILHO, Leodegário A. de. *Iniciação em crítica textual*. Rio de Janeiro/São Paulo: Presença/Edusp, 1987.
- BELL, Aubrey Fitz Gerald. Gil Vicente's "Auto da Alma". *Modern Language Review*, v. 13, n. 1, pp. 58-77, jan. 1918.
- BELL, Aubrey Fitz Gerald. *Portuguese literature*. Oxford: Clarendon, 1922.
- BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2003.
- BÍBLIA Sagrada Juxta Vulgatam Clementinam. Madrid: La Editorial Católica, 1982.
- BUSTAMANTE Y URRUTIA, José María de. *Catalogos de la biblioteca universitaria*. Santiago de Compostela: Universidade, 1944-1967.
- CÁCEGAS, Luís de. *Historia de S. Domingos particular do reino e conquistas de Portugal*. Lisboa : Typ. do Panorama, 1866.
- CAMBRAIA, César Nardelli. *Introdução à crítica textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- CAMPS, Miquel Àngel Casanovas. *Biblioteques, llibres i lectors: la cultura a Menorca entre la Contrareforma i el Barroc*. Barcelona: Publicacions de l'Abadia de Montserrat, 2001.
- CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológico nova fronteira da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.
- DALGADO, Sebastião Rodolfo & PIEL, Josef M. *Glossário luso-asiático*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1919-1921. {Reimpr. por Buske Verlag, 1982}
- DENIS, Ferdinand. *Résumé de l'histoire littéraire du Portugal, suivi du Résumé de l'histoire littéraire du Brésil*. Paris: Lecointe et Durey, 1826.
- ENCARNAÇÃO, Antônio da. *Primeira[-quarta] parte da historia de S. Domingos, particular do reino e conquistas de Portugal*. 3. ed. Lisboa. 1866. Vol. V.
- FAJARDO, José del Rey. *Entre el deseo y la esperanza: los jesuitas en la Caracas Colonial*. Caracas: Universidad Católica "Andrés Bello", Instituto de Investigaciones Históricas, 2004.
- FEO, Antônio Fr.. *Tratados quadregesimais e da paschoa*. Lisboa: Jorge Rodrigues, 1609.
- FEO, Antônio Fr.. *Tratados quadregesimais e da paschoa*. Lisboa: Jorge Rodrigues, 1612.
- FEO, Antônio Fr.. *Tratados quadregesimais e da paschoa*. Lerida: Luys Manescal, 1613.
- FEO, Antônio Fr.. *Tratados Quadragesimales y de la Pascua*. Valladolid: Joan de la Rueda, 1614.
- FERREIRA, José Ribeiro. *A Grécia antiga: sociedade e política*. 2. ed. Lisboa: Edições 70, 2004.
- FIGUEIREDO, Fidelino de. *Literatura Portuguesa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Acadêmica., 1955.
- GRÄSSE, Johann Georg Theodor. *Lehrbuch einer allgemeinen Literärgeschichte aller bekannten Völker der Welt*. Dresden/Leipzig: Arnoldische Buchhandlung, 1859.
- HAMMAN, Adalbert G. *Para ler os padres da Igreja*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 1997.
- LISBOA, Eugenio. (Coord.) *Dicionário cronológico de autores portugueses*. Mem Martins: Europa-America, 1985.
- MAGALHÃES, Isabel Alegro de. Século XVII. *História e Antologia da Literatura Portuguesa*, Lisboa, n. 33, set. 2005.

- MASSINI, M. Um importante corpo documentário para a reconstrução da história da cultura no Brasil colonial: os acervos da oratória sagrada. *Memorandum*, Belo Horizonte, n. 10, p. 45-64, 2006. [Disponível em <http://www.fafich.ufmg.br/~memorandum/a10/massimi04.htm>; acesso em em 16 / 07 / 2008]
- MATOS, Ricardo Pinto de. (Coord.) *Manual bibliográfico português de livros raros, classicos e curiosos*. Porto: Livraria Portuense, 1878.
- OLIVEIRA, Antônio Carlos de. *Vivendo a Semana Santa: o Mistério Pascal celebrado no Brasil*. Aparecida, SP: Santuário, 1996.
- MONIZ, José Antônio. *Catalogue de la bibliothèque de M. Fernando Palha*. Lisboa: Libanio da Silva, 1896. 2. vols.
- PARREIRA, Fernando Augusto Andrade. *Fr. António Feo: contribuição para o estudo do homem e da obra*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 1999. (Dissertação de mestrado)
- PIRES, Maria Lúcia Gonçalves. Os sermões do Padre Francisco de Mendonça e de Frei Pedro Calvo. In: REIS, Carlos. *História Crítica de Literatura Portuguesa*. Lisboa: Verbo, 2001. Vol. III.
- RAMOS, Feliciano. *História da literatura portuguesa: desde o século XII aos meados do século XX*. 7. ed. Braga: Cruz, 1963.
- REMEDIOS, Mendes dos. *História da literatura portuguesa: desde as origens até a atualidade*. 5 ed. Lisboa: Lumen, 1921.
- SARAIVA, Antônio José & LOPES, Oscar. *História da literatura portuguesa*. 8. ed.. Porto: Porto Editora, 1975.
- SERRÃO, Joaquim Veríssimo. *História de Portugal*. 2. ed. Lisboa: Verbo, 1978.
- SILVA, Innocencio Francisco da. *Diccionario bibliographico portuguez*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1858-1870.
- SPINELLI, Miguel. *Helenização e recriação de sentidos: a filosofia na época da expansão do cristianismo – séculos II, III e IV*. Porto Alegre: Edipucrs, 2002.
- SOAVE, Valeriano. *II fondo antico spagnolo dela biblioteca estense di Modena*. Modena: Biblioteca Estense, 1985.
- SOUZA, Sabrina Lima de. *O Estado Nacional e a língua: o século XVII em Portugal através da peça O Fidalgo Aprendiz*. *Voz das Letras*, Concórdia, n. 7, p. 1-12, 2º. sem. 2007. [Disponível em <http://www.nead.uncnet.br/2009/revistas/letras/7/74.pdf>].
- SPINA, Segismundo. *Introdução à edótica: crítica textual*. 2. ed. rev. e atual. São Paulo: Ars Poética/Edusp, 1994.
- TORRENT-LENZEN, Aina. *Miscel.lània Germà Colón*. Barcelona: Publicacions de l'Abadia de Montserrat, 1995.
- VIRGIL, Ramón Martínez. *La orden de predicadores: sus glorias en Santidad, Apostolado, Ciencias*. Madrid: Libreria de Gregório del Amo, 1884.